



UMA PROPOSTA INUSITADA.
UMA CONEXÃO INEXPLICÁVEL.
UMA PAIXÃO PROIBIDA

POR UM
Sonho

JULIANA DANTAS



Por um sonho

Juliana Dantas

Copyright © 2018 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Título Original: Por um sonho

Capa: Jéssica Gomes

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Epílogo

*Nos sonhos, eu ando com você.
Nos sonhos eu falo com você.
Nos sonhos você é minha o tempo todo.
Estamos juntos nos sonhos, nos sonhos.*

In dreams – Roy Orbison

Prólogo

Tão sutil como o vento muda de rumo, sinto a mudança no ar a nossa volta.

A mudança de ar entre nós.

Eu simplesmente não consigo desgrudar os olhos. A respiração fica presa na minha garganta e meu coração parece parar de bater por um momento infinito.

E sinto seu toque.

É quente. É íntimo.

É... necessário.

Atravessa a fina camada de tecido da minha blusa e penetra em minha pele. Penetra em minha alma e deixa uma marca nela.

Deixa uma marca em mim.

E então, o tempo que tinha parado, volta a correr.

Mas está tudo mudado agora.

Capítulo 1

Gabriel

O que deu errado na minha vida?

É a pergunta que eu faço pela milésima vez a mim mesmo, enquanto dirijo sem rumo pelas ruas escorregadias de Seattle nesta manhã. E, como todas as outras vezes em que me fiz esta indagação, a resposta é a mesma.

Eu não sei.

Uma antiga canção de Roy Orbison que fala sobre sonhos impossíveis toca no rádio, embalando minha dor. As gotas de chuva que escorrem sobre o vidro do carro me lembram lágrimas. O céu está chorando.

Como minha alma.

Com um suspiro cansado, deixo meus olhos vagarem. O sinal vermelho me obriga a parar para a montoeira de pessoas que espera para atravessar a rua.

É quando eu a vejo.

Longos cabelos castanhos emoldurando um rosto pálido e um sorriso no rosto que diz: “eu sou feliz”.

E algo naquela felicidade me entristece ainda mais. Sua felicidade é quase ofensiva para alguém como eu. Mas não consigo desviar o olhar de sua figura radiante, enquanto ela atravessa a rua levando seu sorriso e várias sacolas pelas mãos. E subitamente, ela escorrega, indo ao chão.

Sem pensar no que estou fazendo, saio do carro e me ajoelho ao lado da garota caída.

— Ei, tudo bem? Está machucada?

Ela abre os olhos e me encara confusa e assustada.

— Eu não sei... Oh meu Deus, que desastrada! — Ela parece mortificada, como se tivesse odiado ter caído.

— Pode sentar? Está doendo alguma coisa?

— Sim, estou bem... Acho. — Estendo a mão para ajudá-la a se levantar e a meço rapidamente. Ela veste um casaco volumoso, propício para

o frio matinal que ainda persiste naquele começo de primavera. Arregalo os olhos quando o mesmo se abre, revelando um ventre dilatado.

A moça está grávida.

— Você está grávida. — Exclamo com assombro, enquanto ela passa a mão na barriga.

— É o que parece — sorri, mas visualizo um pouco de medo em seu olhar.

— Tem certeza que está bem? Um tombo numa situação como a sua... — aponto para sua barriga. — Acho que deveria tomar cuidado.

Ela revira os olhos.

— Foi só um tombo, não?

— Acho que deveria ir a um hospital e se certificar de que realmente está tudo bem.

— Eu não sei... — ainda hesita, indecisa.

— Venha, eu posso levá-la a um hospital.

— Não, não precisa...

Eu já seguro seu braço levando-a até meu carro, as pessoas que pararam a nossa volta abrem caminho com murmúrios curiosos.

— Eu realmente acho que não precisa... — a moça continua balbuciando quando fecho a porta do passageiro, dando a volta e sentando no banco do motorista.

— Não será trabalho algum — insisto, dando partida no carro.

Saímos pela avenida movimentada e viro a esquina, em direção ao Swedish Medical Center, o hospital mais próximo. Relanceio os olhos para a moça quando paramos num semáforo vermelho. O semblante antes feliz, agora está cheio de preocupação enquanto ela acaricia a barriga. Ela parece jovem demais para estar grávida e de repente me sinto curioso sobre sua história. O que é tremendamente ridículo. Eu não a conheço, nem ao menos sei seu nome.

— Meu pai curte essa música — ela murmura e só então percebo que ainda está tocando Roy Orbison.

Eu não falo nada voltando a atenção para o trânsito.

— Me desculpe de novo — continua, com a voz lamentosa. — Devo estar atrapalhando você. Olha, se quiser, pode me deixar aqui mesmo. Posso pegar um táxi.

— Já disse que está tudo bem. Em cinco minutos estaremos no hospital.

— Tem certeza?

— Sim, eu tenho.

Ela fica em silêncio novamente e cantarola a música no rádio baixinho até que eu estaciono em frente ao hospital. Dou a volta no carro e estendo a mão para ajudá-la a sair, pegando-a no colo.

— Não precisa fazer isto, eu posso andar. — Ela parece mortificada, o que me faz sorrir, enquanto bato a porta e a levo para dentro.

— Moça, não seja absurda.

— Eu devo estar bem pesada — diz envergonhada e, quando a encaro, está vermelha e olha para todos os lados menos para mim.

— Eu posso segurar você — garanto.

Nós passamos pelas portas de vidro, imediatamente uma senhora de branco se aproxima com uma cadeira de rodas.

— Olá, precisam disto?

— Sim — afirmo, contrastando com o não que escapa dos lábios da moça grávida quando a coloco na cadeira.

— O que aconteceu? — A senhora indaga. — Sentiu-se mal?

— Ela caiu. Escorregou na rua molhada.

— Hum, então vamos levá-la para fazer alguns exames. — A mulher se encarrega de empurrar a cadeira de rodas. — Enquanto isso, o senhor pode ir à recepção fazer a ficha.

Antes que eu responda que não posso fazer a ficha dela pelo simples motivo que nem sei seu nome, a enfermeira já desapareceu corredor afora.

Fico no saguão, perdido, até que decido voltar ao carro e, como imaginei, junto às duas sacolas que ela segurava, também tinha uma pequena bolsa. Eu a abro, me sentindo meio culpado e localizo uma carteira de identidade.

Amelia Edwards.

Este é seu nome.

Voltando à recepção, entrego o documento à recepcionista que sorri solícita, fazendo perguntas do tipo “qual o endereço?” Que eu tenho vontade de responder “como é que posso saber?”. Eu estou com a pequena bolsa preta em minhas mãos, mas reluto em abrir e fuçar nas coisas de Amelia Edwards.

Então, para evitar especulações desnecessárias, informo meu próprio endereço e telefone, até que a recepcionista termina a ficha e aponta para o corredor.

— Sua esposa está na sala cinco, ela irá fazer uma ultrassonografia.

— Ela não é... — Começo a dizer, porém deixo pra lá.

Caminho pelo corredor indicado pela recepcionista e, como informado, Amelia Edwards está ali com um médico calvo de meia idade que passa um aparelho esquisito sobre sua barriga nua.

Ela sorri ao me ver. Aquele sorriso feliz de antes.

Que me faz sentir miserável.

— Ainda está aqui.

Coloco sua bolsa sobre uma cadeira.

— Me pediram que fizesse sua ficha.

— Oh, não queria te atrapalhar ainda mais.

— Não tem problema. Só tive que ir pegar sua bolsa para localizar o documento, espero que não se importe.

— Claro que não. No entanto, acho que foi desnecessário eu ter vindo, o médico disse que está tudo bem com meu bebê.

— Fico feliz.

O médico me encara por cima dos seus óculos redondos.

— Sim, o senhor pode ficar tranquilo, o bebê de vocês está bem.

— Não, eu... não sou o pai — gaguejo embaraçado e Amelia sorri divertida.

— Ele me trouxe depois de me ver caindo na rua. — Ela olha para mim como se tivesse se lembrado de algo de repente. — E nem sei seu nome.

— Gabriel Collins.

— Amelia, pode se vestir. Vou apenas pedir algumas radiografias, pelo exame preliminar, não teve nenhum ferimento grave.

Meu celular vibra no bolso no instante em que a enfermeira que levou Amelia aparece para ajudá-la e, murmurando desculpas, saio da sala.

Meu humor sombrio retorna com força total quando vejo a mensagem de texto, me lembrando de que a vida não é um lugar feliz para mim nesse momento. Eu tinha me esquecido dos problemas naqueles breves instantes desde que resolvi ajudar Amelia Edwards. A moça grávida que irradiava felicidade.

Nós definitivamente não poderíamos ser mais diferentes.

Irritado, praticamente agrido as teclas do telefone, enquanto arrasto meus passos cansados para fora do hospital.

Eu poderia ir embora. Na verdade, acho que deveria.

Voltar à minha vida sem sentido e sem rumo.

Em vez disso, eu me sento sobre o banco de cimento, apreciando o sol que começa a surgir, me lembrando de como Seattle tem o clima mais louco do mundo.

Ainda demora quase uma hora até que ela apareça.

Amelia Edwards caminha em minha direção com um olhar surpreso. Agora ela carrega seu casaco nas mãos e, se não fosse a barriga proeminente, passaria muito bem por uma universitária de jeans e suéter branco.

Eu ainda me assombro com sua luminosidade.

— Você ainda está aqui. — Ela senta ao meu lado.

— Queria ter certeza de que está bem.

Ela coloca a mão sobre a barriga.

— Você ouviu o médico. Meu bebê está ótimo e não foi afetado pela terrível descoordenação da mãe.

— Eu queria saber se você estava bem também.

— Ah. — Ela parece desconcertada por um momento. — Sim, estou bem. Possivelmente terei algum hematoma despontando e algum desconforto. Obrigada mais uma vez. Não precisava ter se dado a todo esse trabalho e me trazido aqui, deve ter compromissos.

— Não se preocupe... vejo que está mais tranquila.

— Nem imagina o quanto. — Ela sorri para mim com seus olhos de madona e de novo sou atingido por aquela felicidade estranha.

Estranha para mim.

— Você parece muito jovem para estar grávida. — Não consigo deixar de comentar.

Ela abre um sorriso.

— Tenho quase vinte e um.

— Ainda muito jovem.

— Você também parece bem jovem... E é casado, não é? — Ela aponta para minha aliança.

— Sim, eu sou casado. Você é? — Eu noto a falta de aliança em seu

dedo. Mas antes que ela consiga responder alguém chama seu nome.

— Milly?

Ela sorri para alguém atrás de mim e eu me viro, vendo um homem jovem e moreno se aproximando.

— Josh!

Ela se levanta e vai em sua direção parando a sua frente, de costas pra mim.

— O que aconteceu? Quase me matou de susto...

— Eu caí, está tudo bem.

— Caiu? Como assim?

— Sabe como eu sou. Escorreguei na rua molhada, já fiz todos os exames e está tudo bem.

De repente o olhar do homem se prende em mim, interrogador.

— E quem é ele?

Amelia vira a cabeça e sorri para mim.

— Este é meu herói. Gabriel Collins. — Ela segura o braço do rapaz e o arrasta em minha direção, eu me levanto.

— Gabriel, este é meu marido, Joshua Davies. Josh, Gabriel foi quem me socorreu e me trouxe ao hospital.

— Devo agradecer então — O homem diz.

— Não foi trabalho nenhum.

— Milly, precisamos ir — ele a apressa.

— Claro, vamos.

Amelia se volta pra mim.

— Mais uma vez obrigada, Gabriel. Você foi um verdadeiro anjo hoje, nunca vou esquecer.

Eu apenas aceno.

— Adeus, Amelia.

Ela acena de volta e o marido a leva pela alameda florida. Eu os observo enquanto se afastam, até que Amelia se vira brevemente sorrindo pra mim uma última vez. E depois se engancha nos braços fortes do marido, que passa esses mesmos braços a sua volta, até desaparecerem de vista.

Provavelmente nunca mais verei Amelia Edwards e sua felicidade estranha, penso, enquanto volto para o carro. E como se toda a luz estivesse

só ao redor dela, o sol desaparece atrás de nuvens escuras.

Minha vida volta a escurecer.

Eu só noto as sacolas no chão quando chego em frente ao edifício Collins. Amelia esqueceu suas compras.

Eu abro os pacotes e algumas roupinhas de bebê saltam aos olhos. Sorrio comigo mesmo imaginando um bebê usando-as.

E de repente eu sei o que quero.

Eu quero aquela felicidade de Amelia Edwards.

Eu quero um filho.

Sim, eu pensei que nunca mais veria Amelia Edwards novamente.

Porém, estava completamente enganado.

Capítulo 2

Gabriel

Um ano depois

Seattle continua impossível com seu tempo inconstante e eu me pergunto por que estacionei o carro tão longe, quando saio do restaurante e uma chuva fina me recebe na rua apinhada de gente.

— Inferno! — Praguejo pegando o celular e digitando uma mensagem para minha secretária, informando que irei me atrasar para a reunião da tarde.

Na verdade, não estou com o menor humor para reunião ou para o que quer que seja hoje. Não depois do almoço difícil que eu tive.

Passo a mão por meus cabelos molhados, olhando o céu escuro, e me perguntando para onde vou, quando de repente uma sombra preta se coloca sobre minha cabeça.

Um guarda-chuva.

E uma risada.

Eu me viro e me deparo com Amelia Edwards.

— Sabia que era você — ela diz.

— Amelia! — exclamo surpreso por vê-la de novo. Já faz um ano que ela caiu na minha frente e a levei para o hospital.

Meu olhar curioso recai quase automaticamente para sua barriga. Obviamente que ela não está mais grávida.

— Milly — corrige suavemente — Me chama de Milly. Não gosto que me chamem de Amelia. Era o nome da minha avó e sempre acho que estão se referindo a ela e não a mim, Gabriel Collins.

Ela se lembra do meu nome.

— Estou chocado de vê-la de novo.

— Pelo menos eu não caí dessa vez.

É minha vez de sorrir.

— Sim, não caiu. E nem está mais grávida.

De repente seu sorriso se desfaz como quando o sol se esconde atrás das nuvens.

— Não, não estou — murmura, desviando o olhar.

Eu franzo a testa.

A chuva aumenta e percebo que ela ainda segura o guarda-chuva sobre nossas cabeças, com seu braço bem levantado já que eu sou bem mais alto que ela.

— Por que não entra comigo? Podemos tomar um café, a chuva está piorando.

Ela hesita, mordendo os lábios.

— Claro, por que não?

Eu pego o guarda-chuva de sua mão e constato que ela usa aliança, diferentemente de um ano atrás. Ela percebe meu olhar, enquanto entramos no restaurante.

— Meus dedos estavam inchados naquela época. Por isso eu não a usava — explica.

O maitre nos leva até uma mesa de canto, de onde dá para ver a rua pelas paredes de vidro.

— Um café? — Pergunto e ela assente.

Eu faço nossos pedidos e quando o garçom se afasta, a encaro.

Há algo diferente nela.

Aquela felicidade luminosa sumiu.

Ainda é uma moça bonita, ainda parece incrivelmente jovem, mesmo usando agora uma roupa mais formal. Seus cabelos continuam os mesmos, longos e castanhos. Mas seus olhos escuros parecem carregar uma tristeza que não estava ali há um ano.

— Como está seu bebê? — Indago e ela olha para as próprias mãos sobre a mesa, soltando um suspiro. Quando volta a me encarar, há um sorriso triste em seu rosto.

— Eu o perdi.

Eu sinto um baque de choque.

— Sério?... Nossa, eu sinto muito.

— Tudo bem, já faz... algum tempo.

— Mesmo assim... Você parecia... Tão feliz. — Eu lamento por ela.

Por aquela moça que irradiava contentamento.

— Eu estava feliz sim. Mas acho que não era pra ser.

— O que houve?

— Aconteceu dois dias depois daquele tombo.

— Foi por causa daquele tombo? Você fez os exames. Eles disseram que estava tudo bem.

— Aparentemente estava. Segundo os médicos, estas coisas acontecem o tempo todo. Tudo parece bem e, de repente... — sua voz se alquebra um pouco.

— Eu sinto muito, Milly — minha mão atravessa o espaço vazio até a sua, apertando-a. — Sinto mesmo.

Ela esboça com um sorriso triste.

— Obrigada, está tudo bem agora.

O garçom nos interrompe trazendo nosso café e eu solto sua mão.

Por um momento, nenhum de nós fala nada, ela mantém os olhos distantes, presos na rua chuvosa lá fora.

E eu não sei o que dizer.

Ainda é um tanto surreal estar com ela de novo. Justamente hoje. Parece que Amelia Edwards tem o dom de aparecer sempre em momentos cruciais da minha vida.

De repente ela me encara e sorri.

E eu fico confuso por ver de novo lampejos daquela felicidade de outrora. Como se aquele momento triste em que ela me contou sobre a perda do seu bebê não tivesse existido.

Com certeza esta garota é única.

— E você? Não me lembro se me contou que tinha filhos.

— Eu não tenho... na verdade eu e minha esposa estamos tentando.

Ela arregala os olhos.

— Mesmo?

Eu respiro fundo, passando os dedos pelos cabelos. Sentindo toda a frustração dos últimos tempos encher minha mente.

Quando me dou conta estou contando tudo para Amelia Edwards.

— Está difícil. Já faz quase um ano que estamos tentando.

— Oh... Você parece frustrado.

— Como eu disse, faz um tempo que estamos esperando que dê certo.

— Não há motivos para ficar tão ansioso — ela sorri — Você ainda é tão jovem.

— Não sou tão jovem. Tenho vinte e nove.

— Nossa, fala como se fosse um velho! — ela revira os olhos, divertida. — É superjovem, não tem motivos para ficar tão desesperado. Aposto que sua esposa é jovem como você.

— Sim, temos a mesma idade.

— Então não há problema. Vocês têm muito tempo pela frente. Não há pressa.

— Isto vindo da pessoa que planejou ter filhos aos vinte e um anos — ironizo.

— Eu não planejei...

— Não?

Ela morde os lábios, meio encabulada.

— Foi um acidente.

— Você já era casada?

— Não, nada disso. — Ela sacode a cabeça negativamente — Eu conheço Josh a minha vida inteira. Éramos amigos antes de sermos namorados. E eu estava na faculdade quando aconteceu. Foi... quase desesperador.

— E resolveram se casar.

— Sim, ou meu pai me matava — ela ri — infelizmente tive que largar a faculdade e nos mudamos para Seattle.

— Não é de Seattle?

— Não, sou de Olympia. Fica a uma hora daqui. Embora tenha morado uns anos em Vancouver, depois que minha mãe se separou do meu pai, quando eu era adolescente.

— Onde estudava?

— Yale.

— Uau. Isso é grande.

Ela fica ligeiramente vermelha.

— Eu tinha uma bolsa que perdi quando decidi trancar a matrícula.

— Por que não continuou na faculdade?

Ela se remexe incomodada.

— Me desculpe, estou sendo invasivo.

— Não, tudo bem. Eu larguei a faculdade porque quis ficar com Josh e o bebê. Eu fiz a minha escolha.

E agora não havia mais bebê, é o que fica subentendido e eu mais uma vez lamento por ela. Era tão jovem, tão cheia de vida e parecia mesmo uma garota inteligente.

Uma garota inteligente que fez algumas escolhas erradas. A começar por engravidar de um cara e depois assumir a responsabilidade de um casamento e maternidade quando deveria estar estudando para ter uma carreira.

Como posso culpá-la?

Eu também tenho minha cota de escolhas erradas.

E estou pagando por elas.

— O que você estudava?

— Literatura Inglesa.

— Pretendia seguir a carreira acadêmica?

— Pretendia.

— E agora? Vai voltar para a faculdade?

Ela suspira pesadamente.

— Não posso. Eu perdi a bolsa. Não teria como pagar. E Josh tem seu trabalho aqui.

— O que ele faz?

— Ele conserta carros.

— Isso não parece pagar muito. — Eu me arrependo de minhas palavras no mesmo instante. — Me desculpe, não quis parecer esnobe.

Ela sorri.

— Não, tudo bem. Tem razão, não paga muito mesmo. Por isso estou procurando emprego também.

— Devia voltar para a faculdade, Milly.

— Quem sabe um dia? Nesse momento as coisas estão difíceis pra nós. Não foi um ano fácil.

— Eu imagino.

— Às vezes eu acho que... A perda do bebê foi providencial sabe? — ela diz baixinho, quase uma confissão. — Não acredito que estivéssemos preparados.

— Eu nunca vi alguém mais preparada para ser mãe do que você.

— Eu continuo querendo ser mãe algum dia.

— Ainda quer ter filhos então?

— Claro que sim. Só... acho que tudo tem o momento certo. Meu momento vai chegar, não era a hora.

— Eu acho que o meu momento é agora. Eu quero ter um filho.

— Você vai ter. Claro que vai. — Sua convicção me comove e de novo me vejo fazendo confissões.

— Há alguns meses nós procuramos um médico, depois de tanto tempo tentando, sem nada acontecer...

— Existe algum problema?

— Minha esposa não pode engravidar.

— Oh... eu sinto muito. — É sua vez de segurar a minha mão e eu a aperto antes de soltá-la passando os dedos por meus cabelos.

— Nós estamos pensando em utilizar uma barriga de aluguel.

Ela arregala os olhos.

— Sério?

— Estamos pensando em todas as possibilidades. Mas acredito que minha única opção para ser pai é essa.

— E sua esposa... concordaria com algo assim?

— Ainda estamos conversando.

— É algo muito sério.

— Sim, eu sei.

— Desejam mais alguma coisa? — O garçom aparece de novo e eu olho para Milly.

— Quer pedir algo?

— Não. — Ela olha o relógio. — Na verdade eu preciso ir. Tenho uma entrevista de emprego em meia hora.

Eu peço a conta e nós nos levantamos.

Na rua, nos encaramos em silêncio.

Seria a última vez que eu a veria? Ou o destino a jogaria no meu caminho de novo em breve? Eu não sei o porquê, porém eu gostaria da segunda opção.

— Foi bom conversar com você — ela diz com seu sorriso perfeito.

— Eu digo o mesmo.

— Espero que consiga realizar seus sonhos.

— Idem — repito e nós rimos.

— Bem, eu preciso achar um táxi.

— Eu posso te dar uma carona, meu carro não está muito longe.

— Não, não precisa. Não vou tirar você do seu caminho outra vez!

— Tem certeza? — insisto, ela já se adianta até o meio fio e dá sinal a um táxi que para ao seu lado.

Eu me aproximo e tiro um cartão da carteira, lhe estendendo.

— Fique com o meu cartão. Me ligue se essa sua entrevista não der certo. Eu posso conseguir algo para você.

Ela pega o cartão e o guarda no bolso sem dar atenção e eu me pergunto se irá descartá-lo na primeira lixeira que encontrar.

— Gabriel Collins, sempre bancando meu anjo da guarda — ela sorri ao entrar no táxi, acenando enquanto o carro se afasta.

Milly

Algumas vezes na vida sentimos como se estivéssemos num sonho, algo tão surreal e fora da realidade que nos faz pensar que estamos dormindo e vamos acordar e voltar à vida real em algum momento.

Eu me sinto assim pela segunda vez na vida ao reencontrar Gabriel Collins.

Me viro por um momento e vejo sua figura diminuindo enquanto o táxi se afasta.

— Qual o endereço, senhorita?

Eu me viro com a voz impaciente do motorista e passo o endereço do local da minha entrevista. Mais uma entrevista que eu espero que dê certo. Não posso mais me dar ao luxo de ficar sem trabalho.

E é assim que eu volto rapidinho para realidade.

Eu preciso de um emprego. Urgente.

O trabalho de Josh não paga muito e mal dá para cobrir as despesas de nosso pequeno apartamento. Porém, se eu pretendo voltar para a faculdade, preciso guardar dinheiro.

Me encosto no banco suspirando pesadamente, fecho os olhos me perguntando como seria minha vida se eu não tivesse perdido o bebê.

Será que estaria melhor?

Eu quero imaginar que sim, enquanto meu senso prático diz que não. Tudo estaria bem pior. Como é que eu conseguiria trabalhar e cuidar de um bebê? Provavelmente nós teríamos que voltar para Olympia, para a casa do meu pai ou dos pais de Josh.

Mas pelo menos eu teria meu bebê.

Minha mente se volta para um ano atrás. Eu estava feliz. O desespero e o medo que senti quando descobri minha gravidez tinha passado ao sentir o primeiro chute do bebê na minha barriga. Depois veio o som de seu coração. A incerteza quanto ao futuro, a mágoa de ter que largar a faculdade, a dificuldade dos primeiros meses de casamento com Josh, tudo desapareceu. Nada era mais importante do que aquele ser crescendo dentro de mim. Era como se a vida de repente começasse a fazer sentido. E eu estava feliz e queria que todos a minha volta também sentissem aquela felicidade. Até

mesmo aquele cara bonito e triste que me ajudou a levantar na rua.

Gabriel Collins.

Eu ainda podia me lembrar do medo que senti ao escorregar e me ver no chão naquela manhã chuvosa.

Então, ele apareceu.

No meu atordoamento, eu me perguntei por alguns segundos se seria um anjo. Um anjo de cabelos claros e beleza surreal. Ele usava um terno caríssimo e me ajudou a levantar, insistindo que eu entrasse naquele carro que nem sabia o nome, mas suspeitava ser muito caro, e me levar a um hospital. Eu queria recusar, porém estava com medo pelo bebê.

Talvez ele fosse mesmo um anjo, que surgiu naquele momento para me ajudar. Mesmo agora, muito tempo depois, ainda me lembrava daquele estranho quando escutava “*In dreams*”, a música que tocava no seu carro.

E, um ano depois, eu o encontrei novamente.

Ele estava de costas para mim, um estranho alto de cabelos num bonito tom de loiro escuro. Eu sabia que era ele.

Gabriel Collins. O anjo de um ano atrás.

E eu ainda me surpreendia com seu olhar triste.

Por que era tão triste?

Mesmo naquela época, irradiando felicidade como eu estava, percebi sua dor. E no jardim do hospital, enquanto tivemos aquela breve conversa, quis descobrir o porquê. Então Josh apareceu e Gabriel Collins e sua tristeza inexplicável ficou para trás.

Dias depois eu me encheria de tristeza também, quando meu bebê se foi.

— Pensei que estava tudo bem — eu balbuciava sem parar, com Joshua segurando minha mão tentando me acalmar, enquanto o médico tentava me explicar o inexplicável.

— Essas coisas acontecem. Toda gravidez tem seu risco. A boa notícia é que em poucos meses poderá engravidar novamente. Ainda pode ter muitos filhos.

Eu chorei pensando que aquela dor nunca mais fosse passar.

Mas o tempo passa e as feridas cicatrizam, embora o vazio ainda persista.

— Nós vamos ter outro bebê, Milly — Josh dissera ao me abraçar,

quando eu voltei para casa.

Não falei nada. Não sentia nada.

Depois, a medida que ia me conformando, aquela sensatez que regia minha vida e que eu achei ter perdido na noite em que me embabedei e transei com Josh, sem pensar nas consequências nas minhas primeiras férias de verão em casa, voltou com força.

Numa conversa com Josh, falei que não íamos mais ter um filho até que nossa vida estivesse nos trilhos.

— Está arrependida de ter se casado comigo agora que não tem mais bebê? — Ele indagou magoado.

— Não foi o que disse, Josh. Porém você sabe que não estaríamos casados se eu não tivesse engravidado.

— Eu sempre soube que íamos ficar juntos para sempre.

Eu sorri tristemente e segurei sua mão.

— Eu também. — E era verdade. Josh esteve na minha vida desde que eu podia me lembrar. Um amigo querido na infância que se tornou meu namorado quando eu tinha dezessete anos.

E desde então éramos inseparáveis. Até a minha ida pra Yale.

Mesmo assim, mantivemos o namoro à distância, com a promessa de que ficaríamos juntos para sempre depois que eu me formasse. Então o para sempre foi adiantado com minha gravidez.

Que agora não existia mais.

E Josh concordou comigo que nós devíamos construir nossa vida primeiro. Depois haveria tempo para bebês.

Isso aconteceu há um ano. E eu achei que tudo melhoraria com o tempo. No entanto as coisas só pioravam. Eu arranjei apenas empregos temporários que não pagavam bem e, se continuasse nesse ritmo, nunca voltaria a frequentar uma universidade. E se não conseguisse me formar e arranjar um trabalho decente, como poderia ter outro bebê?

Não que houvesse pressa, eu tinha apenas vinte e dois anos e a vida inteira pela frente. Às vezes, eu achava que o tempo estava passando rápido demais. Eu até podia entender a urgência de Gabriel Collins. Ele disse que queria ter um bebê. Queria tanto que estava disposto a se submeter a um método tão radical como uma mãe de aluguel.

Sinto pena de sua esposa. Eu perdi meu bebê, mas pelo menos ainda

podia engravidar quando quisesse. E ela tinha um homem como Gabriel Collins que, obviamente, podia lhe dar tudo e ela não era capaz de dar a única coisa que ele parecia querer demais: um filho.

A vida era realmente injusta.

— Senhorita, chegamos — o taxista resmunga me tirando do devaneio e eu pago e saio do carro rapidamente.

Respiro fundo ao entrar no prédio, torcendo para que dessa vez, eu seja bem-sucedida.

Quando entro no meu apartamento naquele fim de tarde, carrego a decepção comigo. Mais uma vez eu não havia conseguido um emprego.

Retiro minhas botas e as chuto para longe.

Tudo o que eu tenho vontade neste momento é de me deitar e dormir por toda eternidade, porém está quase anoitecendo, Josh deve chegar em pouco mais de uma hora e preciso pensar no que fazer para o jantar.

Ao tirar o casaco, sinto o cartão no bolso.

Eu o retiro e finalmente o leio com atenção. E arregalo os olhos ao ver o que está escrito.

Collins Investments.

Gabriel Collins — Presidente.

Meu queixo cai.

Era óbvio para mim, pelo seu carro caro e sua aparência, que ele era rico, só não imaginava que ele era tão poderoso.

E ele só tinha vinte e nove anos!

Será que era um negócio herdado de família?

O telefone toca e eu coloco o cartão sobre o aparador para atender.

— Milly, querida! — Sorrio ao escutar a voz de minha mãe.

— Oi mãe, tudo bem?

— Sim, estou ótima e você como está? Liguei pra saber como foi sua entrevista.

Eu me sento sobre o sofá.

— Não foi desta vez.

— Ah querida, que pena! Eu estava tão esperançosa!

— Eu também, mas terei que continuar procurando. — Eu olho para o cartão de Gabriel.

Será?

— Milly, você sabe que pode contar comigo, não é? Eu e Peter estamos viajando direto por causa dos shows, mas pode vir ficar com a gente, se precisar.

— Mãe, não comece! — Após alguns anos de separação minha mãe começou a namorar um músico de meia idade e ela adorava bancar a *roadie* dele.

— Ei, eu só quero ajudar.

— Eu e Josh não precisamos de ajuda. Somos adultos e sabemos nos virar.

Ela suspira.

— Bem, sabe minha opinião. Nunca deveria ter largado a faculdade para casar.

— Eu estava grávida, mãe. — Lá íamos nós de novo para a mesma discussão. Stephanie podia me apoiar, mas sempre deixava claro seu descontentamento com minhas escolhas.

— E daí? Seu pai foi muito ridículo exigindo que você se casasse!

— Eu me casei porque quis, quantas vezes preciso dizer?

— Eu sei que gosta do Joshua, mas casar? Devia era ter pensado direito e usado camisinha e...

— Mãe, chega! Já tivemos essa discussão milhões de vezes e nem faz mais sentido agora.

— Sim, tem razão. Eu só acho que ainda está em tempo de desistir de tudo. Venha ficar comigo e Peter, se quiser. Eu tenho um dinheirinho guardado, podemos tentar um empréstimo e aí você volta para Yale.

— Mãe, não seja ridícula. Não vou largar o Joshua!

— Se Joshua te amasse de verdade, ia querer o mesmo que eu!

— Ele me ama e quer que eu termine meus estudos sim! Nós só temos que nos ajeitar financeiramente e...

— E daqui a vinte anos você volta?

— Não seja irônica, mãe — reclamo, embora as palavras de Stephanie pareçam a voz da minha consciência. Dos meus medos mais profundos.

— Tudo bem, tudo bem. Você é adulta e por mais que tenha dado um passo em falso, ainda confio em você. Sei que vai fazer a coisa certa.

— Obrigada. Agora tenho que desligar.

— Tudo bem. Me ligue se tiver alguma novidade.

— Claro, mãe.

Eu desligo e pego de novo o cartão.

Será que eu podia mesmo ligar para Gabriel? Eu queria ligar?

Gabriel ainda parecia um cara saído da minha imaginação. Um ser mitológico que eu tinha inventado em minha cabeça. Não alguém de carne e osso que poderia vir a ser meu chefe.

E talvez ele nem tenha falado sério.

— Ei, Milly?

Quando Joshua chega, percebo que ainda estou encolhida no sofá.

Ele se aproxima e beija minha testa.

— E aí, como foi?

— Não deu certo.

Ele solta um palavrão e parece realmente nervoso.

— Eu não gosto disto...

— Josh. — Eu me mexo no sofá, sabendo aonde iria a discussão.

— Eu deveria ser capaz de te sustentar e você não precisaria aceitar esses empregos sem futuro!

— Não fala assim como se estivéssemos no século passado, sabe que eu não gosto — resmungo, me levantando e indo para a cozinha. — Por que não vai tomar um banho? Está sujando tudo de graxa!

— Achei que íamos conversar.

— Conversar sobre o quê? — Rebato cansada, abrindo a geladeira.

— Sobre tudo. Sobre nós, sobre o futuro... Sobre como parece que tudo está dando errado!

Eu bato a porta da geladeira e o encaro.

— Acha que está tudo errado?

— E o que está certo? Você não conseguir um emprego? Nunca conseguirmos juntar dinheiro pra nada? Seu pai me pressionando o tempo

inteiro pra que eu te sustente direito, ou sua mãe, que acharia melhor você me largar e voltar pra faculdade?

— Eu nunca vou te largar, por que está dizendo isto?

— Estou esperando que aconteça desde o dia em que perdeu o bebê.

Eu sinto um baque no peito.

— Estamos nos distanciando, Milly. Você está se distanciando de mim.

— Não é verdade.

— Sim, é. Achei que fosse por causa do bebê. Mas já faz um ano. E nada parece ser como antes.

— É diferente agora! Estamos casados, não tem como ser quando éramos jovens e não tínhamos contas pra pagar. Trata-se da vida real, Joshua.

— E essa é a vida que você quer viver? — ele pergunta com amargor.

— Eu te faço a mesma pergunta — devolvo.

— Eu quero viver com você. Sempre quis.

Eu me aproximo e o abraço.

— Eu também quero. Você sempre foi importante pra mim, Josh. Sabe muito bem. Não tem como ser diferente.

Ele me abraça de volta e por um momento nenhum de nós fala nada.

A discussão parece terminada. Lá no fundo eu sei que haverá muitas outras. E rezo para que sempre termine com nós dois constatando que queremos ficar juntos.

Como sempre foi.

Eu não conheço outro tipo de vida a não ser essa, com Josh do meu lado. Meu melhor amigo.

Passou-se mais um mês antes que finalmente ligasse para Gabriel Collins. Eu continuei a procurar emprego nos classificados dos jornais, sempre hesitando em pedir-lhe ajuda, porém nada aconteceu. Eu ainda estava desempregada e a situação começava a ficar preocupante.

Assim, numa tarde depois de chegar de mais uma entrevista malsucedida, pego o cartão e disco os números.

Sinto-me nervosa enquanto o telefone chama.

— Collins Investments, escritório da presidência — a voz feminina me saúda e eu respiro fundo.

— Oi, eu gostaria de falar com o Gabriel, quer dizer — gaguejo — Senhor Collins.

— Quem gostaria?

— É Milly, quer dizer, Amelia Edwards.

— Amelia Edwards de onde?

— É... particular.

— Um momento. — A voz da moça desaparece e no lugar surge uma musica clássica.

Cinco minutos depois, ainda estou pensando se devo desligar, quando escuto uma voz conhecida.

— Milly?

Ele parece incrédulo e surpreso.

— Oi — respondo baixinho.

— Não achei que fosse me ligar.

— Nem eu.

— E se me ligou devo deduzir que continua precisando de ajuda para conseguir um emprego.

— Exatamente — concordo rapidamente ficando vermelha de constrangimento, embora ele não possa me ver. — Claro que vou entender se não puder me ajudar e...

— Milly, não seja absurda — ele diz com a voz divertida. — É claro que eu falei sério. Por que não vem ao meu escritório amanhã?

— Amanhã?

— Sim, que tal às dez horas, pode ser?

— Tudo bem — concordo meio zozila com a rapidez da resposta.

— Então está marcado.

Eu desligo e fico olhando para o aparelho por alguns minutos, me perguntando se está realmente acontecendo.

Eu liguei para aquele cara que dirigia um carrão, que pensei que nunca mais ia ver na vida e ele vai me conseguir um emprego.

Mais surreal impossível.

Depois, enquanto preparo o jantar esperando Joshua chegar, caio na real. Provavelmente serei recebida por algum funcionário do RH da tal Collins Investments que me colocará para atender telefone no subsolo ou talvez servir café. E nem toparei com Gabriel de novo.

Bom, que seja.

O importante era eu ter um emprego.

— Milly, está aí?

— Na cozinha — respondo a Joshua e ele aparece todo sorridente.

Eu sorrio de volta.

No último mês estava sendo difícil estarmos de bom humor depois daquela discussão. E, embora não tivéssemos discutido novamente, as coisas andavam estremecidas.

— Tenho uma novidade pra te contar.

— Novidade?

— Sim, arranjei um trabalho fora da cidade.

Eu franzo a testa.

— Como assim?

— Lembra que eu te falei daquele cara que coleciona carros antigos?

— O que mora em Tacoma?

— Exatamente. Ele quer que eu passe um tempo por lá para arrumar todos os carros dele.

— Uau, que ótimo — exclamo.

— Nós teremos que passar pelo menos uns dois meses por lá e...

— Espera... Nós?

— Claro! Ele disse que tem uma casa de hóspedes e podemos ficar lá.

— De novo: nós?

— Não se preocupe, eu falei que sou casado e que você teria que ir comigo.

— O que eu iria fazer lá? — Penso na oportunidade de emprego que terei na empresa de Gabriel Collins amanhã.

— O salário é bom, Milly. Claro que não vai durar pra sempre, porém vai nos aliviar por uns meses e, se ele gostar do meu trabalho, pode me contratar de vez e aí poderemos até nos mudar pra lá...

— Eu não sei...

— O que foi? Acha que não devo aceitar? Pensei que ficaria empolgada!

— Fiquei sim! Mas é um emprego seu e não meu.

— Você é minha esposa!

— Lá vem você de novo com esta conversa machista! — Reviro os olhos.

— Não é nada disso! Você nem está trabalhando, o que tem a perder em ir comigo?

— Acontece que amanhã tenho uma entrevista de emprego e se der certo?

— Não me contou que ia numa entrevista.

— Eles me ligaram hoje — minto. — E irei lá amanhã às dez. Acho que vai dar certo desta vez, Josh.

— Bom, se der certo, eu terei que ir sozinho?

— O que quer que eu faça? Que desista do emprego pra te acompanhar?

Ele não responde, mas tenho certeza que é isso que ele quer.

Eu respiro fundo.

— Josh, vamos fazer assim: Eu não sei se vai dar certo amanhã. Tem razão, se não der em nada posso ir com você, se eu conseguir um trabalho, ficarei. São só dois meses, não é?

— Tudo bem, Milly. Amanhã nós veremos.

Demoro para escolher uma roupa na manhã seguinte. Não que eu tenha várias opções de roupas formais, claro. Primeiro que nem é meu estilo e segundo que custam caro. Mesmo assim, fico em dúvida ao me vestir. Que tipo de trabalho irão me oferecer, afinal?

Acabo optando por um vestido preto que o namorado da minha mãe me deu no natal. Não tinha nada a ver com algo que eu escolheria para mim mesma e até minha mãe riu de Peter, dizendo que da próxima vez, ela que iria escolher, como se ela tivesse o mesmo gosto que eu. Todos os presentes da minha mãe tinham algo de artesanal ou hippie eu seja lá de qual seita ela

estivesse participando no momento.

Me olho no espelho insegura. O vestido de mangas compridas e decote canoa é justo, sem ser muito marcante e vai até o joelho.

Pareço formal pelo menos.

Opto por prender o cabelo num coque baixo e uso até maquiagem. É melhor eu pecar pelo exagero do que por relaxamento. Seria vergonhoso que eu perdesse a chance de um bom emprego por estar inadequada.

O endereço da Collins Investments fica a uns vinte minutos da minha casa e pego um uber com medo de me atrasar ou me perder nas linhas de metrô. Embora more em Seattle há mais de um ano, ainda sou uma garota do interior.

— Chegamos — o taxista diz e eu saio do carro olhando para cima. O prédio de vidro cinza é magnífico e intimidador.

Respiro fundo e entro no saguão elegante. Uma recepcionista loira me encara com um olhar profissional.

— Olá, eu tenho um encontro, quer dizer... — limpo a garganta. — Uma entrevista com... com... Gabriel Collins.

Ela franze a testa e me mede agora com interesse.

Como se perguntando “*quem diabos é essa*”?

— Qual seu nome?

— Amelia Edwards.

Ela pega o telefone e outra garota também loira senta ao seu lado.

— Precisa de ajuda?

— Eu já fui atendida, obrigada.

Todas as recepcionistas são loiras ali? Se eu for contratada para ser uma delas terei que descolorir meus cabelos? Eu olho em volta, nervosa, notando o vai e vem de pessoas bem vestidas transitando pelo saguão e dou graças a Deus por não ter vindo de jeans.

A primeira loira desliga o telefone e me encara.

— A senhora pode subir. Estão te esperando no vigésimo andar.

Eu obrigo meus pés, que calçam botas de salto alto, a seguirem para os elevadores e espero junto com outras pessoas até que um deles aparece. A porta se abre e uma mulher loira muito bonita e elegante salta.

Todos parecem acompanhar seus passos. Ela é realmente bonita e me pergunto se é mais uma recepcionista enquanto entro no elevador e um casal

cochicha atrás de mim.

— Por que está todo mundo olhando? — a moça pergunta e o homem ri.

— Aquela é a senhora Collins — ele responde.

Eu volto meu olhar automaticamente para a mulher que agora se distancia, os cabelos loiros dançando em volta de seus ombros vestidos com um casaco creme muito caro.

Então essa é a esposa de Gabriel?

Eu me chateio por não ter olhado mais atentamente. Ela parecia linda e elegante. E consigo imaginar uma mulher daquelas ao lado de Gabriel Collins, com seus ternos caros e toda sua beleza surreal.

As portas do elevador finalmente se fecham e volto a ficar nervosa, quando chego sozinha ao vigésimo andar. Uma garota, ora veja, morena, me espera.

— Olá, deve ser Amelia Edwards.

— Sim, sou eu.

— Eu sou Alba, a secretária do senhor Collins. Pode me acompanhar?

Eu a sigo pelo corredor com piso de mármore e paredes brancas repletas de obras de arte até uma sala no fim do corredor.

Ela abre a porta e faz um sinal para eu entrar em uma espaçosa sala com vista panorâmica da cidade. E sentado atrás de uma imponente mesa de vidro, está Gabriel Collins. Ele fala ao telefone e sorri ao notar nossa presença, tampando o fone com a mão.

— Pode deixá-la aqui Alba, obrigada — ele diz a secretária e depois me encara. — Eu já vou desligar, sente-se.

Eu me sento diante dele, aguardando.

— Sim, ainda estou aqui — Gabriel volta a atenção para seja lá quem for ao telefone e eu fico esperando.

Ele parece extremamente profissional e cheio de poder enquanto diz várias frases que não fazem o menor sentido para mim e devo acreditar serem jargões financeiros, o que me faz duvidar de que eu terei algum lugar naquela empresa.

— Certo, estamos entendidos então. Só me ligue quando tiver tudo resolvido! — Fala por fim e desliga me encarando.

E de novo está sorrindo, fazendo com que eu me sinta menos nervosa,

já que volta a parecer o anjo Gabriel e não o Gabriel executivo financeiro.

— Aqui está você — diz ele.

— E você é tipo um cara superpoderoso — respondo com pompa na voz e ele ri.

— É o que eu faço quando não estou salvando mocinhas indefesas na rua.

— Claro, todo super-herói tem um disfarce.

Ele levanta a sobrancelha.

— Super-herói?

Eu dou de ombros.

— Na verdade eu acho que prefiro anjo pra te designar.

— Anjo? Acho que prefiro super-herói. Soa mais másculo.

Eu rio.

— Bom, já que estou aqui pra conseguir um emprego, vou tentar concordar com tudo disser, senhor Collins.

— Ah, por favor, não vamos começar com formalidades, eu já vi sua barriga cheia de meleca azul, senhora Edwards.

— Hum, não me chame de senhora Edwards, é meu nome de solteira.

Ele franze a testa.

— Não me recordo o sobrenome do seu marido.

— O nome dele é Joshua Davies. Eu não troquei meu sobrenome — explico.

Eu tinha batido o pé com Joshua para manter o nome do meu pai e ele não tinha insistido o contrário. Talvez fosse um resquício de independência que existia dentro de mim.

— Ah, entendi.

Ele mexe em alguns papéis sobre sua mesa e, se não fosse ridículo, pensaria que ele está meio nervoso.

— Então — decido entrar no assunto. — Não achei que fosse me receber pessoalmente. Na verdade, esperava alguém do seu RH ou algo assim.

Ele me encara e passa os dedos pelos cabelos.

Parece um gesto nervoso. Ou frustrado. Ou ambos.

— Milly, é engraçado como você aparece em momentos estranhos da

minha vida — Ele diz quase como para si mesmo e eu franzo a testa.

— Como é?

Ele ri. Um riso definitivamente nervoso.

E respira fundo.

— Não sei como começar... Ontem quando me ligou, eu estava num... impasse. — Ele fica em silêncio e eu espero, mais confusa do que nunca que ele continue — E, de repente, escuto sua voz. Aquela garota radiante de um ano atrás... A garota que... enfim... E então foi como uma luz. Eu sabia o que devia fazer. O que queria fazer.

Que merda ele está dizendo?

— Gabriel não estou entendendo aonde quer chegar. Eu te liguei porque falou que eu podia te ligar caso precisasse de um emprego. Por isso vim.

— Sim, um emprego... — murmura.

De repente o telefone toca novamente e ele pede um minuto para atender.

— Alba, estou ocupado... Certo... Diga a ele pra me ligar daqui a meia hora. — Ele me encara e então franze o cenho, como se estivesse tendo uma ideia — Não, daqui duas horas.

Gabriel desliga e me encara.

— Você tomou café?

— O quê?

— Café? Comeu algo hoje?

— Por que pergunta?

— Porque eu não comi ainda e estou com fome. — Ele se levanta — Vamos sair.

— Mas... Achei que ia...

— Ainda vamos. Agora vamos sair e tomar um café decente.

Eu o acompanho para fora da sala, aturdida.

Alba também parece confusa ao nos ver.

— Alba, anote meus recados.

O sigo em direção ao elevador, que está esperando no andar e Gabriel sorri para mim quando as portas se fecham.

— Ainda não estou entendendo nada.

— Estou te levando para tomar um café e conversarmos, Milly. Não tenha medo.

— Eu não tenho medo de você. — Embora seu comportamento pareça muito estranho de repente.

O elevador se abre no térreo e nós saltamos. As pessoas nos observam enquanto andamos até chegar à rua.

— Fica todo mundo te olhando sempre? — indago e ele ri divertido.

— Quase sempre. Por aqui. — Eu o sigo até o outro lado da rua e entramos num café.

Nos sentamos numa mesa afastada e Gabriel faz o pedido para mim.

— Não sei se quero comer.

— Não quer? — Ele pergunta e eu dou de ombros.

— Bom, já pediu. — Não estou familiarizada com aquele jeito mandão.

Deve ser o jeito Gabriel presidente de ser.

— E aí, vai me dizer o que está acontecendo?

Ele me encara sério e, pela primeira vez, reparo que seus olhos são verdes.

— Lembra que te contei sobre a barriga de aluguel?

— Sim, eu me lembro — respondo devagar me perguntando o que aquele assunto tem a ver comigo.

— Eu e minha esposa decidimos por essa opção.

— Nossa... uau! — digo meio chocada.

E ao mesmo tempo fico feliz por ele. Por estar realizando seu sonho de ter um filho.

— Milly... Eu gostaria que você fosse nossa barriga de aluguel.

Capítulo 3

Milly

Se eu achava que todos os meus encontros com Gabriel Collins eram surreais, não saberia o que dizer sobre o que eu acabei de ouvir.

— O quê? — Pergunto em choque.

— Eu estou propondo a você que ceda sua barriga para gerar meu filho — ele repete quase didaticamente.

— Espere... Não pode estar falando sério! Sinceramente já acho toda essa história de barriga de aluguel um tanto... exagerada. É uma escolha sua e da sua esposa e não tenho nada a ver com isso se é um desejo seu, porém... Gabriel, de onde tirou essa ideia de que eu seria... seria... Eu não consigo nem pronunciar!

— Eu sei que pode parecer chocante e absurdo... Mas realmente estou falando sério, Milly.

— Não, não pode! Como pôde acreditar que... eu... justamente eu, concordaria com algo assim? Você nem me conhece!

— Eu te conheço sim. Você era a pessoa mais feliz do mundo carregando um bebê.

— Sim, um bebê meu! — ainda estou meio em choque. Ou meio revoltada.

— Me desculpe, eu não deveria ter jogado essa bomba em cima de você de uma vez. Vamos conversar direito, vou te explicar.

O garçom escolhe este momento para chegar com nosso pedido e minhas narinas são invadidas pelo agradável cheiro de chocolate quente e algo que parece torrada francesa. No entanto, comer é a última coisa que passa pela minha cabeça neste momento.

Eu encaro aquele homem, vestindo um terno tão caro que deve custar mais que todas as minhas roupas juntas. Que surgiu na minha vida do nada duas vezes e que eu acreditei que começava a conhecer. Que era de

confiança. Mas que agora me vinha com uma proposta absurda e irreal. E, por um momento, tenho vontade de pegar minha bolsa, me levantar e sair daquele café sem olhar para trás. E nunca mais ver Gabriel Collins.

Ele respira fundo, como se preparando para uma árdua batalha verbal.

Eu deveria dizer que era uma batalha perdida. Em vez disso, mordo meus lábios e o encaro bastante séria.

Talvez eu devesse isso a ele. Apenas escutar sua proposta descabida, dizer não educadamente e ir embora.

— Eu sei que pode parecer absurdo.

— É absurdo...

— Não é absurdo pra mim — Ele diz se inclinando para frente — Eu quero muito ter um filho, Milly. Você nem imagina o quanto.

— Não estou questionando sua vontade. Claro que querer um bebê não é absurdo. Mas querer um filho por uma barriga de aluguel...

— Eu não quero. Só não tenho escolha. Minha esposa não pode gerar esse bebê.

— E não pensaram em adotar?

— Não é a mesma coisa. Quero um filho meu, que tenha meu sangue, meus genes. E se a única maneira de realizar este sonho é por meio de barriga de aluguel, estou disposto a aceitar — ele diz com convicção e percebo que a decisão já está muito bem fundamentada em sua cabeça.

— Certo. Acho que posso entender. É um direito seu, porém... Por que eu?

— Porque confio em você. Confio em você para gerar e cuidar do meu filho.

— Ainda não entendo, sinceramente. — Desvio o olhar, confusa com sua intensidade.

Ele realmente não pode estar falando sério.

— Não quero que dê uma resposta agora, Milly. Sei que é algo difícil de assimilar. Quero que pense. Que considere me ajudar. Porque quero ajudar você.

— Me ajudar?

— Você precisa de dinheiro.

— Oh. — Agora eu sinto meu rosto queimar numa mistura de incredulidade e constrangimento — Não quero seu dinheiro, Gabriel!

— Você veio até mim por causa de dinheiro.

— Porque achei que fosse me conseguir um emprego qualquer na sua empresa!

— Sim, eu disse que queria te ajudar. E até ontem eu achava eu ia apenas conseguir um trabalho... — ele hesita, escolhendo as palavras — Ontem eu estava olhando todas as mulheres que estariam dispostas a ser minha barriga de aluguel. Existem agências especializadas nisso e eu estava cansado daquelas fichas, com todos os tipos de mulheres... E nenhuma me parecia a certa. E então... Você me ligou. Foi como um sinal.

— Devia ter continuado com a lista da tal agência. Eu te liguei por causa de um emprego.

— Ligou porque precisa de ajuda.

— Está distorcendo tudo. Não me conhece, Gabriel, se acha que sou o tipo de pessoa que faz qualquer coisa porque precisa de dinheiro!

— Eu não penso isso de você. Por outro lado, tenho certeza que posso te ajudar se você estiver disposta a me ajudar a ter um bebê.

— Não. De maneira alguma posso cogitar tal coisa...

— Não quero que responda neste momento, sem antes pensar. Você poderia voltar para a faculdade, você e Joshua poderiam acertar a vida de vocês. São apenas alguns meses de sua vida e você estará mudando a minha pra sempre.

— Está me pedindo demais.

— São quinhentos mil dólares, Milly.

— Não tem nenhum dinheiro do mundo que me faria ter um filho e dar para outra pessoa! Eu jamais teria um filho seja lá como for e entregaria a outra pessoa para criar! Mesmo essa pessoa sendo você, Gabriel!

— Espere, eu não me expliquei direito. Você seria apenas a barriga de aluguel. Os óvulos não seriam seus.

Eu fico confusa.

— Como? O óvulo seria da sua esposa?

— Não, ela não pode. Seria de outra doadora. Anônima.

— E se a doadora do óvulo é anônima, por que não escolhe uma barriga de aluguel anônima também?

— Porque confio em você.

— Eu realmente... Não entendo o que está tentando fazer, Gabriel,

juro que não entendo!

— Me desculpe, acho que deveria começar explicando todo o processo. Existem dois tipos de opções de barrigas de aluguel: a barriga de aluguel tradicional e a barriga de aluguel gestacional. A barriga de aluguel gestacional não é biologicamente ou geneticamente relacionada à criança que carrega. Milly, você apenas carregaria o bebê.

Eu fico olhando para ele tentando assimilar todas aquelas informações. É como se eu estivesse em um universo onírico e bizarro. Eu procurei Gabriel Collins apenas para ele me ajudar a conseguir um emprego. E ele agora queria que eu fosse barriga de aluguel do filho dele.

Quão insano pode parecer?

— Sei que está chocada — ele continua e sorri timidamente, parece por um momento aquele Gabriel gentil, prestativo e normal que eu encontrei antes. — Sei que pode parecer uma proposta maluca e sem sentido. Mas, acredite Milly. Tem todo o sentido do mundo pra mim. Quero mesmo que você seja essa pessoa que vai carregar meu filho. E eu acho que posso te ajudar também.

— Realmente não é apenas uma questão de dinheiro, Gabriel. Claro que o dinheiro que está oferecendo é uma fortuna inimaginável pra mim. Obviamente eu poderia voltar pra minha faculdade e tudo ficaria muito mais fácil. Mas o que está me pedindo é sério demais. É meu corpo. É minha vida e...

— Por alguns meses.

— E mesmo que eu apenas cogitasse nunca poderia ser uma decisão só minha.

— Eu sei, tem o seu marido. Milly, muitas mulheres que passa por esse processo são casadas.

— Sim, e provavelmente elas estão preparadas, elas procuram por isso seja lá qual o motivo, eu não!

— Como eu disse, não precisa me responder agora. Apenas pense com calma.

— Não fique esperando que eu vá mudar de opinião. O que está me propondo está fora de cogitação pra mim. — Eu me levanto. — Preciso ir embora, me desculpe.

Gabriel joga algumas notas em cima da mesa intocada e sai atrás de mim.

Nós paramos na calçada cheia de gente e eu o encaro.

— Acho que fiz você perder seu tempo — falo ainda meio atordoada com toda aquela conversa.

— Nenhum dos nossos encontros foi perda de tempo, Milly.

— Você está esperando demais de mim.

— Não, estou esperando exatamente o que você pode me dar.

— Qualquer uma daquelas mulheres que deve ter visto na tal agência está mais preparada para o que quer.

— Nenhuma delas é você.

— Por que eu? — Insisto.

Este cara me viu duas vezes antes e está simplesmente querendo que eu carregue o filho dele por nove meses. Não faz sentido.

— Eu soube que queria um filho quando te vi grávida, Milly. Eu quero aquela sua felicidade pra mim.

— Eu perdi meu bebê, não pensou nisso?

— Você poderá ter outro. Ou quantos quiser depois.

Eu fecho os olhos por um momento. Desde que meu bebê se foi, eu tentava me conformar. Tentava achar um sentido para aquela perda. Não era o momento certo. Nem eu nem Josh estávamos preparados.

Eu acreditava do fundo do coração que o momento certo ia voltar.

Eu estaria preparada quando engravidasse novamente. E tudo daria certo dessa vez. Mas quando ia acontecer? Eu acreditava que seria em anos, se levar em conta que nós mal poderíamos pagar o aluguel hoje.

Então, se eu pudesse o quanto antes voltar para a faculdade e retomar minha carreira. Se Josh pudesse ter sua própria oficina, quem sabe, se pudessemos ter nossa própria casa...

Eu apenas precisaria aceitar a proposta de Gabriel.

Nove meses.

Nove meses da minha vida para gerar outra. Um bebê que não seria meu, mas que ficaria dentro de mim, para eu cuidar e depois dar a Gabriel Collins.

Abro meus olhos e olho para o homem diante de mim.

Eu seria capaz de tanto?

— Vá pra casa, Milly — diz de repente sorrindo de novo, como se eu tivesse imaginado toda aquela manhã. E acena para um táxi parar. — Você

tem meu cartão. Me ligue quando pensar direito.

— Não sei se há o que pensar...

Ele ignora meu comentário, abrindo a porta para mim.

Entro no táxi, ainda atordoada e ele fecha a porta e o táxi se afasta, me levando embora.

Eu estou completamente passada quando chego em casa, como se um caminhão tivesse passado por cima do meu corpo ou alguém tivesse sacudido a minha cabeça até tirar tudo o que fazia sentido do lugar.

Gabriel tinha realmente me feito aquela proposta? Era absurdo demais até de se pensar.

Entendo a necessidade de alguns casais de ter um filho, a ponto de optarem por um processo tão radical. Mas por que Gabriel cismou comigo? Ele mal me conhece e sabe que já perdi um bebê. Então por que insistia que eu deveria ser a escolhida?

Passo os dedos por minha barriga plana, sentindo falta do meu bebê ali. Eu não consigo me imaginar concordando com algo tão sério, gerar um bebê de outra pessoa.

Um bebê de Gabriel Collins.

Ele parecia tão sério e convicto de querer aquele filho, que eu sabia que ele o teria. Então por que eu ainda pensava nisso? Eu havia dito não e Gabriel Collins provavelmente iria até o fim e escolheria uma das mulheres da agência. Eu continuaria com a minha vida com Josh. Um dia as coisas iriam melhorar. Talvez levasse tempo, mas nós conseguiríamos sair daquela situação e melhorar nossa vida para podermos de novo tentar ter um bebê.

E esse seria o fim.

Naquela noite eu conto a Joshua que não consegui o emprego e concordo em ir com ele para Tacoma.

Nos dias que se seguem penso em ligar para Gabriel e dizer de uma vez minha resposta definitiva, porém, por algum motivo que foge à minha compreensão, eu não o faço. Provavelmente ele já deve saber. Talvez até já tenha escolhido outra barriga para gerar seu filho perfeito.

Tacoma é uma cidade portuária a 52 km a sudeste de Seattle e nós chegamos lá no velho carro de Josh numa tarde cinzenta de outubro.

Um homem alto e corpulento se apresenta como John Abranello e nos recebe à porta de uma imensa casa pintada de branco.

— Então essa é a famosa Amelia.

— É Milly — corrijo sem graça quando ele me mede quase ostensivamente.

— Sim, esta é minha esposa, Abranello — Josh responde e eu percebo pelo aperto no meu braço que ele notou o jeito que o homem olha para mim.

— Você tem bom gosto. Venham, vou mostrar a casa a vocês.

Eles nos leva por vários cômodos espaçosos e pergunto se é casado.

— Já fui duas vezes — ele ri. — esposas dão muita despesa.

Eu olho pra Josh irritada com aquele comentário e ele me lança um olhar de advertência.

Nós saímos para um pátio imenso e ele nos leva até um pequeno sobrado também branco.

— E essa é casa de hóspedes. Estará à disposição de vocês enquanto ficarem aqui. Se me derem licença, tenho alguns negócios urgentes pra tratar. Fiquem à vontade.

O homem se afasta e eu sinto alívio quando entramos sozinhos na casa.

— Não gostei dele — digo sem rodeios.

— Não precisa gostar. Ele é apenas o meu chefe.

— Mas nós vamos morar na casa dele!

— Não será pra sempre, não esqueça que vamos ficar apenas dois meses, Milly.

— Mesmo assim, ele não me inspira confiança, Josh. Você viu o jeito que ele me olhou.

— Sim, eu vi, se eu for quebrar a cara de todo homem que acha você bonita, serei preso.

Eu rolo os olhos.

— Não exagere! Eu só achei meio atrevido da parte dele ficar me medindo na sua frente.

— Ele não vai ser engraçadinho com você, Milly. Eu te garanto. Vou

no carro buscar nossas malas.

Eu bufo quando Josh se afasta, me perguntando se foi uma boa ideia concordar em vir com ele. Não terei nada para fazer ali e não tinha gostado nada daquele tal de Abranello. Decido me calar e deixar as coisas rolarem quando Josh voltar. Que outra opção tenho?

Na verdade, eu tenho outra opção, não é? Eu tenho a proposta de Gabriel Collins. Por um momento penso em seus intensos olhos verdes e em sua voz dizendo que me escolheu para ter seu filho.

Não, eu não vou mais pensar naquele assunto. Nunca mais.

E os dias que se seguem são um tédio total. Enquanto Joshua trabalha na garagem de Abranello eu tento me distrair passeando pela cidade. Já conheço Tacoma, que não fica longe de Olympia, estive ali diversas vezes até mesmo com Joshua no passado. E agora tenho que fazer tudo sozinha. Talvez eu pudesse ir passar uns dias em Olympia enquanto Joshua trabalha. Meu pai adoraria que eu o visitasse, já que fazia meses que não nos víamos. Então decido ir até a garagem conversar com Josh sobre isto. Ao chegar lá, vejo Abranello no local com alguns homens que ainda nunca vi.

Antes que ele me veja, dou meia volta para fugir dali quando escuto algo estranho.

— Você prometeu este carro pra semana passada, Abranello, e ainda não está pronto? — um dos homens diz.

— Eu estava sem um mecânico que entendesse desses consertos. Agora ele já está trabalhando e todos os carros serão entregues no prazo — Abranello responde.

— Espero mesmo que cumpra com os prazos, paguei muito caro.

— Meu caro, este carro é uma raridade, está pagando muito barato por ele.

— Barato porque é roubado.

Eu arregalo os olhos.

Roubado?

Abranello ri.

— Claro, eu consigo qualquer carro antigo que quiser desse jeito, devia saber.

Agora o homem ri também.

— Claro que sei. Enfim, espero que não demore muito...

Eles se aproximam da porta da garagem e eu me afasto quase correndo até em casa.

Que conversa era aquela de carro roubado?

Abranello não era um colecionador rico?

Preocupada, ligo para o celular de Josh, mas ele não atende. E estou andando de um lado para o outro, nervosa, quando finalmente ele aparece no fim do dia.

— Ei, tudo bem? — Franze a testa ao perceber minha postura.

— Você sabia que Abranello é um ladrão de carros? Porque foi o que eu escutei hoje!

— Do que está falando...?

— Sabia ou não sabia?

Ele cruza os braços, numa postura defensiva.

— Sim, eu sabia.

— Joshua, está maluco? Como pode aceitar trabalhar pra este cara? Você me disse que ele era um colecionador!

— Sim, ele é. E ele rouba estes carros.

— Meu Deus, Joshua!

— Milly, acalme-se. Eu sei o que estou fazendo...

— Sabe? Sério? Você aceitou trabalhar para um ladrão! E ainda me trouxe para morar na casa dele!

— Eu não fazia ideia que era assim, entende? Achei realmente que ele fosse apenas um cara rico que gostava de carros antigos, depois que cheguei descobri o que ele fazia.

— Então por que não pediu demissão? Não podemos ficar!

— Não podemos ir embora. Ele já me pagou metade da grana e que mal tem? Estou fazendo um trabalho honesto.

— Trabalho honesto nada! Você está sendo cúmplice de crimes! Crimes, Josh! E se a polícia aparecer?

— Não vai acontecer...

— É o que você acha! Não, não podemos ficar nesse lugar! Nós vamos embora agora!

— As coisas não funcionam assim, Milly! Eu tenho um compromisso com ele!

— Desfaça e devolva a merda do dinheiro! Eu não quero dinheiro

sujo!

— Não!

— Não?

— Não vou embora! Me custou muito conseguir essa grana, Milly! Não vou jogar essa oportunidade fora.

— Você não pode. E onde fica sua integridade? A minha?

— E daí? Integridade eu tenho que ter pra te sustentar! Pagar nossas contas! Você quer voltar pra sua faculdade, quer ter um bebê... Eu posso te dar tudo isto.

— A que custo, Josh?

— Me escute... — ele tenta me tocar, eu me afasto.

— Não, não quero escutar! Estou indo embora.

— Não vá, Milly...

— Desculpe-me, Josh, não posso aceitar. Eu vou embora e, por favor, venha comigo. Nós vamos dar um jeito...

— Não — ele diz com firmeza. — Eu vou ficar. Se você quer ir... Tudo bem. Acho que tem razão. Volte pra Seattle. Eu vou terminar meu trabalho.

— Josh, por favor...

— Milly, eu estou fazendo isto por nós — ele toca meu rosto e desta vez eu não me afasto. Apenas sinto as lágrimas amargas caindo por meu rosto. — Qualquer sacrifício será válido, entendeu?

Eu enxugo meu rosto e me afasto indo fazer as malas.

Chego a nosso pequeno apartamento em Seattle na manhã seguinte.

Meu coração está apertado por Josh, por aquela situação horrível que ele se meteu.

Por nós, ele disse.

Por nosso futuro.

Me afundo no sofá e tento encontrar uma saída. Meus olhos vagam para o cartão de Gabriel Collins que continua sobre o aparador. Josh falou em sacrifício. E olha onde ele se meteu.

Meu coração se aperta ainda mais de medo. Eu não posso deixar Josh se sacrificar por mim, não daquele jeito. Eu posso fazer sacrifícios também.

Apenas alguns meses da minha vida.

Eu poderia trazer Josh de volta para casa. Poderia voltar para minha faculdade. E depois poderia ter meu bebê. E eu conseguiria tudo isso realizando o sonho de Gabriel Collins.

Está chovendo quando saio do Edifício Collins naquela tarde e entro no táxi.

— Para onde senhora?

— Para o cemitério Lake View...

Eu entrei naquele edifício hoje disposta a conversar com Gabriel. Se eu ia aceitar sua proposta? Eu não sabia dizer, mas precisava falar com ele.

Sua secretária perguntou se eu tinha hora marcada e disse muito solicita que Gabriel não estava, que tinha ido ao cemitério.

Eu franzi a testa ao ouvir aquela informação. O que ele foi fazer num cemitério?

— Morreu alguém? — Perguntei devagar e a moça sacodiu a cabeça, parecendo arrependida de ter dado aquela informação.

— Não, eu posso marcar uma hora...

— Não, tudo bem.

Saí do prédio e, sem pensar, decidi ir atrás de Gabriel.

Eu simplesmente não podia esperar mais.

Agora saio do táxi e caminho pela alameda verde ao redor das lápides.

Não é difícil encontrá-lo. O homem de terno escuro está de costas em frente a uma lápide de mármore. Eu paro ao seu lado.

— Gabriel?

Ele se vira e olha pra mim como se tivesse vendo um fantasma.

— Você.

Eu sorrio levemente dando de ombros.

— Eu...

Ele fica me olhando daquele seu jeito intenso por alguns instantes, como se ainda não acreditasse que estou realmente ali.

Como se quisesse entrar na minha mente.

Eu desvio os olhos para a lápide a nossa frente.

Gabriel Collins e Mary Collins — São meus pais. Eles morreram num acidente de carro há quase 20 anos. Não tenho mais ninguém — sua voz é tão triste que me deixa desconsolada também. — Ninguém que tenha meu sangue. Você sabe o que é se sentir sozinho no mundo?

— Não, eu não sei...

— Já faz tanto tempo e ainda sinto falta deles.

Sem pensar no que estou fazendo, seguro sua mão e ele entrelaça os dedos nos meus fortemente.

Ficamos em silêncio por um tempo. Imagino o garotinho Gabriel com apenas nove anos perdendo os únicos parentes vivos.

E me sinto triste.

— Achei que nunca mais fosse te ver — ele diz de repente.

Eu levanto a cabeça e ele está olhando pra mim.

Eu engulo em seco.

O mundo para por alguns instantes quando digo as palavras que nunca pensei em dizer.

— Vou ser a mãe do seu bebê.

Gabriel

Alguns momentos ficam gravados em nossa memória para sempre.

Este eu tenho certeza que é um deles.

O momento em que Amelia Edwards disse: “eu vou ser a mãe do seu bebê”.

Eu escuto acima da chuva e do vento.

Escuto acima da minha dor.

E sinto, lentamente, aquele vazio inexorável sendo preenchido apenas com estas palavras. As mais belas imagens sendo construídas dentro de mim.

Capítulo 4

Milly

Gabriel me encara por instantes sem fim e escuto minha própria voz reverberando com o vento, de repente, entendo o que disse e sacudo a cabeça.

— Quer dizer... sua barriga de aluguel — corrijo-me.

Obviamente a palavra mãe não se aplica naquela situação.

Oh Deus, e que situação!

Eu tinha realmente concordado?

Sinto meu coração disparando no peito e minha cabeça girando em confusão.

Gabriel continua me fitando sem dizer nada.

— Fale alguma coisa — sussurro, soltando sua mão e dando um passo atrás.

Ele passa a mão que eu soltei entre os cabelos. Algo que faz com muita frequência.

— Eu estou tentando assimilar suas palavras — diz entre divertido e chocado, um sorriso perplexo se insinuando em seu rosto.

Eu mordo os lábios, insegura.

Talvez eu devesse recuar e dizer que estou brincando, ou que ele não ouviu direito. Mas em vez disso, o encaro com um sorriso igualmente surpreso.

— Eu disse que concordo com sua proposta. Eu quero gerar o seu bebê.

Desta vez o sorriso que se abre no rosto dele é tão radiante quanto um dia de sol quente e iluminado.

É um sorriso feliz.

De repente eu me dou conta que nunca tinha visto um sorriso genuinamente feliz naquele homem. E o mais estranho é como isso me afeta.

Fico feliz também.

Estou feliz com a felicidade de Gabriel Collins.

— Você é surpreendente, Amelia Edwards.

— Eu? Acho que nunca ninguém me disse isso. Na verdade, se me conhecesse direito, veria que sou uma garota bastante enfadonha.

— Enfadonha? Duvido muito. Desde que te conheci você sempre me impressiona.

— Na verdade seria o contrário. Não sou eu que faço propostas assombrosas.

— Ok, essa você ganhou. Mas como me encontrou?

— Sua secretária me disse. Por favor, não a culpe, acho que ela falou sem querer.

— Tudo bem. Eu gostei de vê-la.

Ele olha para cima e percebo que a chuva aumentou e está bastante fria.

Estremeço.

— Você está congelando. Vamos sair daqui.

Nós nos apressamos pelo cemitério e reconheço o carro de Gabriel parado a poucos metros. Ele tira a chave do bolso e destrava as portas, hesito apenas um momento e o sigo. Que outra opção eu tenho?

Gabriel abre a porta para mim e entro no interior seguro, aguardando ele dar a volta para sentar no banco do motorista.

— Presumo que não está de carro?

— Não, vim de táxi.

— Eu vou te levar em casa, antes que fique doente. Não quero me sentir culpado.

— A culpa não é sua se chove de dez em dez minutos na cidade — exclamo enquanto ele dá partida, deixando o cemitério para trás.

— Isso explica o fato de estar sempre chovendo quando nos encontramos.

— E hoje eu nem tenho um guarda-chuva para te proteger. — Relembro a vez que o encontrei em frente ao restaurante.

Gabriel sorri e liga o som.

Suspiro, me encostando no banco e dando as coordenadas a Gabriel até chegar em frente ao meu prédio.

Eu não sei o que dizer quando ele desliga o carro.

Para ser sincera, ainda me sinto meio zonzinha com o peso da decisão

que tomei. Como se estivesse em choque, sem realmente me dar conta de todas as implicações de minha resolução.

— É esquisito.

— O quê?

— Tudo. Nós. O que vai acontecer — expresso minha perturbação.

— Eu sei. Para mim também não é fácil. — ele solta uma respiração profunda. — Deus, não é nada fácil... Mas vai dar certo, Milly, sei que nos encontramos para isso.

Eu tento acreditar em sua convicção, acima de todos os desafios e incertezas.

— Agora suba e tire essa roupa — diz num tom leve, como se toda a intensidade de nossa conversa não tivesse acontecido há poucos segundos. — Pode ficar doente. Porém é ele que solta um espirro.

— Você também vai congelar. Venha, suba comigo e se aqueça. Também não quero ser responsável por ficar doente.

E, sem esperar resposta, abro a porta e saio do carro.

Pego as chaves na minha bolsa e Gabriel me segue para dentro do prédio e pelos dois lances de escadas até o meu apartamento.

Eu abro a porta e entro com ele atrás de mim.

De repente é muito esquisito ter Gabriel Collins no meu apartamento humilde. Ele é perfeito demais para tanta simplicidade. Mesmo com seu elegante terno escuro molhado e os cabelos úmidos e bagunçados.

E ele olha em volta, enquanto eu caminho pela sala e coloco as chaves no aparador.

— Então é aqui a casa de Amelia Edwards.

Sua voz não é depreciativa, mesmo assim eu me vejo dizendo. — É o que eu e Josh conseguimos pagar. Não faz ideia de como é difícil e caro morar em Seattle. — Assim que faço o comentário, me arrependo da bobagem que estou dizendo. Evidentemente Gabriel Collins não sabe como é caro morar naquela cidade. Ele deve ser podre de rico.

Tão rico que quer me dar quinhentos mil só para gerar seu bebê.

Esse pensamento me faz encarar a minha nova realidade e me deixa com o estômago revirando.

— É aconchegante. Embora pequeno.

Eu reviro os olhos.

— Obviamente toda minha casa deve caber apenas na sua sala.

Ele ri.

— Eu não moro numa mansão, Milly.

— Ah não? — O encaro com descrença.

— Moro num apartamento também.

— Que deve ser enorme.

— Sim, é grande. Você poderá ter uma casa grande também.

E lá está de novo, nosso recente e ainda esquisito acordo.

Eu desvio o olhar.

— Bem, melhor nos secarmos. Venha comigo — eu o levo até o banheiro e acendo a luz. — Tem toalhas limpas na gaveta. Fique à vontade.

Eu sigo até meu quarto e me livro da roupa molhada, me enxugando e vestindo um jeans e um suéter seco.

Gabriel deveria se livrar daquelas roupas molhadas também, senão de nada iria adiantar, penso, abrindo o armário e procurando uma roupa de Josh que possa servir. Acho uma camiseta e uma calça e vou até o banheiro, batendo de leve na porta encostada e a abrindo.

Gabriel se vira e está sem camisa, enxugando os cabelos com a toalha branca.

— É, eu... — mordo os lábios, me recriminando por ter ficado encabulada. Até parece que nunca vi um homem sem camisa antes. Bem, nunca vi um que tivesse um peito que parecesse esculpido como uma estátua grega. Quem diria que um cara que passava o dia inteiro atrás da mesa de um escritório usando um terno poderia ter uma barriga tanquinho como aquela?

A verdade é que exceto Josh, obviamente, eu nunca estive tão perto de um homem seminu antes. Mesmo sendo numa situação totalmente inocente e amigável, era esquisito.

— Me desculpe — balbucio dando um passo para dentro e estendendo as roupas de Josh. — Não devia ter entrado assim. Vim apenas te trazer estas roupas, caso queira se trocar.

Ele pega as roupas da minha mão.

— Tudo bem, eu não deveria ter me despido. Não queria constrangê-la.

— Não estou constrangida — afirmo rápido, fazendo um gesto de descaso com as mãos. — Claro que tinha que se livrar das roupas molhadas,

senão não ia adiantar nada.

— Essas roupas são do seu marido? — ele não parece muito à vontade.

— São. Pode vesti-las. Josh é mais baixo que você, mas acho que vai servir até que as suas sequem.

— Eu não sei se devo.

— Gabriel, não seja bobo. Com certeza Josh não se importaria.

— Ele não irá chegar a qualquer momento?

— Ah não. Ele está viajando.

— Viajando?

— Eu vou deixar você trocar de roupa antes que pegue uma pneumonia. Depois eu te explico, ok?

E, sem esperar resposta, fecho a porta e me afasto.

A luz da secretária eletrônica está piscando e pego o telefone para ouvir o recado. Como eu imaginava, é de Joshua. *“Milly, por favor, me ligue. Quero saber se está tudo bem... Precisamos conversar”*.

Eu desligo e fico olhando para o telefone, sentindo meu peito apertado ao me lembrar de Josh trabalhando naqueles carros roubados.

— Milly? — Levanto o olhar ao ouvir a voz de Gabriel e ele se aproxima, vestindo as roupas de Joshua. — Está tudo bem?

Eu me levanto, sacudindo a cabeça.

— Claro... — eu o meço com um sorriso divertido — Não ficou tão ruim. Apenas parece que vai pescar, pular um brejo ou algo parecido.

Ele ri.

— Seu marido é mais baixo.

— E é mais forte. Mesmo assim a blusa serviu, ficou apenas mais larga. Era isso ou usar as minhas roupas — acrescento e ele agora gargalha com vontade, jogando a cabeça pra trás.

Parece tão... autêntico.

Eu gosto daquele som.

— Isso sim seria desastroso.

— Pelo menos não iria congelar com roupas molhadas. Posso me sentir bem comigo mesma. Fiz minha boa ação do dia.

— Acho que essa não é a única boa ação que concordou em realizar hoje — ele diz com seriedade e um olhar de gratidão em minha direção que

me incomoda.

— Onde estão suas roupas? Vou pôr na secadora. — Tento fugir do assunto.

Eu me dirijo ao banheiro e pego suas roupas molhadas. Quando volto, Gabriel está com o semblante grave enquanto digita quase furiosamente em seu celular.

— Problemas?

— Não, apenas... O de sempre. — Ele guarda o celular no bolso.

— Você quer... tomar um chá?

— Seria bom.

Eu vou até a cozinha e ele me acompanha, enquanto ponho a água no fogo.

— Você disse que Joshua está viajando.

Eu respiro fundo, pegando duas xícaras.

— Sim, está em Tacoma. A trabalho. Ele ficará dois meses por lá... Talvez — acrescento, pois se eu levar a cabo aquele acordo com Gabriel, em breve eu forçaria Joshua a sair de lá. Ele não teria nenhuma desculpa.

— Sério? E te deixou sozinha?

— Não. Na verdade, eu fui com ele, mas voltei.

— Por quê?

Dou de ombros, enquanto penso no que responder.

— Você voltou para me dar a resposta — Gabriel tira suas próprias conclusões e resolvo deixar que ele pense assim.

Coloco o chá na xícara e passo para ele, voltando para a sala e sento ao seu lado no sofá.

— Milly, o que o seu marido acha do nosso acordo? — Ele pergunta, depois de um momento de silêncio.

Eu hesito, mordendo os lábios com força.

— Está tudo bem — respondo por fim.

Eu minto.

— Então ele concorda? — Gabriel parece não acreditar.

Eu hesito, sem querer mentir mais.

A verdade é que não pensei em Josh quando tomei a decisão de aceitar a proposta de Gabriel e agora eu estou com medo.

Porque não tenho ideia de como Joshua vai reagir.

— É... Não quero falar disso agora, pode ser? Eu ainda... Ainda é esquisito pensar nesse assunto como fato consumado.

— Não tem nada consumado. Você está... hesitando? Não tem certeza? — Sua voz está alarmada. Quase desesperada.

— Não, não é isto. — Me obrigo a responder. — Como eu disse no carro... É difícil toda essa situação. É muito inusitado. Eu nem sei direito como vai funcionar.

— Claro, eu entendo. Nós vamos marcar uma consulta com os médicos e tudo será explicado. Não quero que fique no escuro ou confusa, Milly.

— Eu sei, apenas... Me dê um tempo para me acostumar, antes de... Voltarmos ao assunto.

— De quanto tempo precisa?

— De quanto tempo você precisa? — Respondo com outra pergunta.

— Eu não quero esperar mais. Mas não quero apressá-la também. Sei que é algo radical, que vai mexer com toda a sua vida por um tempo. Não posso negar que, desde que me disse sim, estou ansioso. Ansioso pra vê-la grávida.

E ele diz isso de uma forma tão doce que faz um arrepio subir por minha espinha. Um misto de medo e antecipação.

E um pouco do mesmo desejo.

Um bebê crescendo dentro de mim. De Gabriel.

Porém, nem um pouco meu.

Sinto certo mal-estar com esse pensamento.

Antes que eu consiga racionalizar em cima disso, escuto a campainha tocar e me levanto quase de um pulo.

— Está esperando alguém? — Gabriel indaga se levantando também.

— Não... — digo e vou abrir a porta.

E levo um susto maior ainda ao ver minha mãe parada na minha frente.

— Olá querida... — sorri, então seu olhar vai além de mim e ela franze a testa, entre curiosa e surpresa. — E quem é esse?

Capítulo 5

Milly

— Mãe! O que está fazendo aqui? — pergunto surpresa. Stephanie mantém a atenção na figura estranha atrás de mim.

— Bom, eu vim te visitar — finalmente diz, depois de medir Gabriel de cima a baixo, enquanto passa por mim entrando na sala e pousando sua pequena mala no sofá. — Eu não conheço seu... amigo? — então ela me encara. — Joshua está em casa?

Eu fecho a porta, respirando fundo e tentando achar uma resposta para aquela pergunta. E me pego sentindo uma culpa descabida, o que é ridículo. Não estou fazendo nada de errado.

— Este é o Gabriel... Gabriel Collins — completo. — Ele é... ele...

— Milly trabalha pra mim... Quer dizer, está fazendo um trabalho pra mim — Gabriel responde. — E a senhora deve ser a mãe dela? Stephanie... Edwards?

— Sim, eu sou a mãe. E não sou Stephanie Edwards, eu e o pai de Milly somos divorciados, sou Stephanie Ross.

— Muito prazer, senhora Ross.

— Oh, pelo amor de Deus, não me faça sentir uma velha! Me chame de Stephanie... — ela me fita novamente e percebo que ainda não está totalmente convencida dos motivos da presença de Gabriel. — Então você é... Chefe da Milly?

— Sim, mãe, ele é — respondo rápido lhe lançando um olhar de censura. — E eu ainda não entendi o que está fazendo aqui. Podia ter avisado!

— Ah, eu sei que podia. Andei te ligando por dias seguidos e ninguém atendia.

— Podia ter ligado no celular.

— Eu não sei onde enfiei seu número, sabe como eu sou com estes aparelhinhos... Cadê o Joshua? — Seu olhar ainda é desconfiado, o que

começa a me constranger e me irritar.

— Joshua está viajando a trabalho.

— Como assim?

— Ele arranhou um emprego em Tacoma. Ficaré dois meses por lá.

— E você não foi com ele por quê... — ela mede Gabriel de novo.

— Porque estou trabalhando obviamente — respondo rápido, entrando na mentira de Gabriel. Na verdade, nem é tão mentira assim, já que eu vou mesmo fazer um trabalho para ele. Se é que ser barriga de aluguel pode ser chamado assim.

— E eu ainda não entendi o que você faz aqui. — Ela olha para Gabriel — e essa blusa não é a que eu dei pro Joshua no Natal?

— Sim, exatamente. Gabriel me deu uma carona e pegamos chuva, então eu pedi que ele subisse para secar suas roupas. — Oh Deus, parece uma desculpa esfarrapada quando sai dos meus lábios e começo a perceber que a presença do Gabriel ali sozinho comigo pode realmente parecer suspeito para minha mãe.

Meu rosto cora sem que eu consiga evitar e Stephanie percebe.

Eu quero morrer.

— Acho melhor eu ir embora. — Gabriel provavelmente percebe o ambiente começando a ficar constrangedor.

— Suas roupas ainda não secaram — eu digo, embora o melhor fosse mesmo ele desaparecer, assim posso explicar a minha mãe... O quê?

Como é que eu posso explicar a minha verdadeira relação com Gabriel?

— Se é por minha causa, não precisa — Stephanie responde com um sorriso um tanto forçado. — Milly, querida, me ajude a levar minha mala para o quarto e, também preciso trocar de roupa, peguei um pouco de chuva. Importa-se de ficar um momento sozinho, senhor Collins?

— Por favor, me chame de Gabriel e claro que não. Podem tomar o tempo que quiserem.

Eu evito seu olhar enquanto sigo minha mãe para o quarto, fechando a porta atrás dela.

— Milly, o que está acontecendo? — Stephanie não perde tempo em perguntar incisivamente.

— Nada.

— Como nada? Esse cara lindo aqui na sua casa, vestindo roupas do seu marido...

— Eu expliquei! Estava chovendo.

— Ah claro, e você bancou a boa samaritana!

— Mãe, o que está insinuando? Não estou gostando nada...

— Nem eu! O que quer que eu pense? É uma situação esquisita, Milly!

— Não tem nada de errado acontecendo! — Tirando o fato de que serei barriga de aluguel dele, mas não me sinto à vontade para contar a minha mãe agora. — Eu estou fazendo um trabalho para Gabriel. E nós nos molhamos, ele veio me trazer em casa e estava espirrando, e sim, eu fui solícita em pedir para que subisse e trocasse de roupa! Não estou traindo Joshua nem nada do tipo, pelo amor de Deus! Acha que eu teria coragem?

Stephanie parece cair na real com a minha explosão e recua.

— Claro, claro. Não acho que faria isso com o Joshua. Me desculpe.

— Tem que pedir desculpas mesmo! E pra seu governo, Gabriel também é casado. Somos apenas amigos e nada mais.

— Tudo bem já pedi desculpas! — ela abre sua mala e tira algumas roupas começando a se trocar. — Ele é bem bonito — comenta de repente.

— Mãe! — Eu corro violentamente.

— Vai dizer que não notou? Podia ser modelo ou algo do tipo.

— Ele é... meu chefe, não fico reparando. E sou casada!

— Ah Milly, você é cega? Mulheres casadas ainda enxergam! Eu também sou comprometida e... eu reparei, viu. Uau!

Eu me lembro dele sem camisa. Sim, eu não posso negar que Gabriel é lindo.

— Ok, ele é bonito, satisfeita?

Ela ri, ajeitando a roupa que acabou de trocar.

— Então vamos voltar pra sala e tomar um chá com seu chefe bonito depois me conta essa novidade do Joshua fora da cidade.

Nós voltamos para a sala e Gabriel está distraído olhando os livros na minha estante.

— Voltamos — Stephanie anuncia e ele se vira. — Que tal um chá?

— Nós já tomamos chá, mãe — respondo.

— Bem, acho que vou começar a preparar o jantar, estou morrendo de

fome. Janta com a gente, Gabriel? Acho que gostaria de conhecer você melhor — Stephanie diz com um sorriso astuto e eu me pergunto se ainda desconfia de alguma coisa.

— Sim, por que não? — Gabriel responde com um sorriso educado.

Stephanie se afasta para a cozinha eu o fito, encabulada.

— Me desculpe por isso.

Ele dá de ombros, sorrindo.

— Sua mãe parece divertida.

— Divertida e intrometida — eu rolo os olhos. — Ela já estava achando que eu estava tendo um caso ou algo do tipo. — Assim que essas palavras saem da minha boca eu me sinto muito embaraçada.

— Milly, me desculpe, eu não queria te trazer problemas. — Gabriel fica sério.

— Não, ela já entendeu que não é nada disso. — Eu o acalmo. — Ela sabe que eu jamais teria coragem de fazer uma coisa assim.

— Se prefere que eu vá...

— Não. Você ouviu. Ela te convidou pra jantar. Você pode ficar... Se quiser, claro — acrescento. Porque provavelmente Gabriel deveria querer ir para casa e ficar com sua esposa.

— Sim, eu quero. Você tem uma boa coleção aqui. — diz, mudando de assunto, pegando um livro da estante. — Austen, Henry James, Irmãs Bronte...

— São meus preferidos. Adoro os clássicos.

— Eu também. Tenho uma biblioteca enorme em casa.

— Jura? É meu sonho ter uma biblioteca.

Ele sorri, recolocando o livro na estante.

— Você ainda pode ter.

— Quem sabe.

De repente o telefone toca.

Eu peço licença para atender e vou para o quarto.

— Alô.

— Milly?

— Oi, Josh — sento na cama.

— Onde estava? Te liguei e ninguém atendeu.

— Eu saí.

— Eu estava morrendo de preocupação. Do jeito que saiu daqui... Eu sinto muito.

— Tudo bem, Josh. Você fez sua escolha. — Não consigo evitar o tom frio em minha voz.

— Não fale assim. Eu tinha que ficar.

— Não tinha nada! Você escolheu ficar!

— Por nós dois, pelo nosso futuro.

Eu respiro fundo.

— Josh, se eu arranjasse um trabalho... Se eu conseguisse um dinheiro bom... Você voltaria pra casa e deixaria esse emprego horrível?

— Você vem procurando emprego há tempos e não arranhou nenhum, Milly.

— Eu sei, mas tenho algo em vista e acho que vai dar certo. E se der... Quero que volte pra casa.

— As coisas não são assim. — Ele para de repente. — Olha, preciso desligar. Ainda tenho trabalho a fazer. Eu queria que tivesse ficado aqui comigo.

— Você tomou sua decisão e eu tomei a minha.

— Eu sei... Porém ficar sozinha aí...

— Se quer saber, minha mãe veio me visitar.

— Stephanie está aí?

— Sim, chegou hoje de surpresa. Talvez fique um tempo, não sei.

— Me sinto melhor, Milly, tenho mesmo que ir. Eu te amo.

— Eu também.

Ainda passo um longo tempo olhando para o telefone depois de desligar.

Sentindo que a distância entre mim e Joshua parece tão grande que ultrapassa a distância física. E me assusta demais.

Saio do quarto e encontro Gabriel e minha mãe na cozinha.

— Oi querida, já estou terminando, Gabriel está me contando sobre o trabalho dele. Parece bem importante, hein?

— Mãe, não seja indiscreta. — Começo a colocar a mesa. — O que está fazendo?

— Lasanha vegetariana.

— Você é vegetariana? — Gabriel pergunta.

— Não, só gosto de coisas mais naturais. Minha mãe me criou assim.

— Eu rolo os olhos.

— Eu ainda não entendi que tipo de trabalho você faz para o Gabriel

— Stephanie indaga enquanto está de costas para nós, retirando a lasanha do forno.

Eu e Gabriel trocamos um olhar e eu faço um não com a cabeça em silêncio.

— A Milly é minha assistente — ele mente.

— Ah, que interessante. Eu sempre achei uma bobagem ela largar a faculdade por causa desse casamento estup...

— Mãe! — eu a repreendo e Stephanie coloca as mãos para cima.

— Opa, me desculpe. Vamos comer.

Eu me sento ligeiramente irritada.

— Está muito bom, Stephanie — Gabriel elogia e ela sorri satisfeita.

— Milly também é ótima cozinheira.

— Não aprendi com ela, pode ter certeza — rebato. — Eu tive que aprender porque minha mãe detesta cozinhar e essa lasanha ela aprendeu a fazer comigo.

— Tudo bem, tudo bem. É verdade. Aposto que Ben sente falta de ter você cozinhando pra ele como eu sinto.

— Ben é seu pai? — Gabriel pergunta.

— Sim, ele é guarda florestal em Olympia.

— E você mora em Vancouver? — indaga Stephanie.

— Sim, eu me mudei quando me divorciei. E levei Milly comigo, ela se enfiava lá de novo todos os verões. Se eu soubesse que ia se enroscar no namoradinho de infância e engravidar, teria proibido.

— Mãe, pare! — advirto entredentes.

— Eu sei que pelo menos esperou até estar na universidade pra fazer besteira e deu no que deu.

— Chega mãe! — repreendo mais alto agora. — Vamos poupar o Gabriel de suas opiniões sobre meu casamento.

— Me desculpe querida — ela sorri pra Gabriel. — Bom, sabe como são as mães, não é? Sempre querem o melhor para suas filhinhas.

— Claro que sim — ele responde de maneira educada.

— E eu fico feliz que ela tenha arrumado um bom emprego.

— Sim, pode ficar feliz por ela, e com o dinheiro que eu vou pagá-la, ela poderá voltar para universidade em breve.

— E eu seria muito feliz se parassem de falar de mim como se eu não estivesse aqui — resmungo.

— Tudo bem, vamos falar de Gabriel então — Stephanie diz. — Há quanto tempo é casado?

— Sete anos.

— Nossa, é tão jovem! Não me diz que fez como o meu querido genro e engravidou a namorada.

— Não, nada disso. Eu me casei depois que nos formamos na faculdade.

— Mesmo assim, não é usual.

— Mãe, pare com isso! — reclamo. — Você se casou com meu pai aos dezenove anos, se bem me lembro.

— Sim e foi o maior erro da minha vida!

— Nossa, obrigada!

— Não por você, claro. Mas casar sem pensar, muito jovem... Quase sempre é um desastre.

— Não foi no meu caso e no de Gabriel.

— Isso só o tempo dirá, não é? — Ela sorri pra Gabriel. — Você acredita Gabriel? Que fez a coisa certa se casando?

Gabriel não responde por um tempo que parece interminável, embora tenha durado apenas alguns segundos, enquanto ele parece tão introspectivo e absorto nele mesmo.

E eu sinto um aperto estranho no peito.

— Como disse... — ele responde por fim sorrindo para minha mãe. — Só o tempo dirá.

— Não ligue para minha mãe, Gabriel. Ela gosta de parecer dona da verdade.

— Eu só vivi mais do que vocês e sei que do estou falando — ela retruca, piscando.

Gabriel se levanta.

— Acho que minhas roupas já secaram. Preciso ir embora.

— Claro — eu me apresso a pegar suas roupas na lavanderia e as entrego a ele, que vai para o banheiro.

— Ele não é feliz — Stephanie diz e eu paro de tirar os pratos da mesa.

— O quê?

— Ele não é feliz, não percebeu?

— Mãe, pare! Deixa de querer ser a sensitiva de araque, por favor! Nem conhece o cara!

— Se o fato de ele estar numa sexta-feira a noite jantando com a nova secretária e a mãe intrometida, em vez de estar em casa com a esposa não lhe diz nada...

— Não seja mesmo intrometida! Não sabemos nada da vida dele.

— Você a conhece? A esposa?

— Não. Quer dizer, eu a vi de relance uma vez. É loira e linda.

— Bom, combina com ele. Pelo menos na beleza então.

— Ah, cala a boca!

— E aí, Josh virá para o seu aniversário?

Eu finalmente entendo o motivo de ela ter vindo.

— Eu não sei... Ele tem trabalho...

— Quando é seu aniversário? — Gabriel pergunta, voltando para a cozinha totalmente vestido com seu terno impecável.

— Domingo — Stephanie responde por mim. — Por isso eu vim passar o fim de semana com Milly.

— Eu tinha até me esquecido — murmuro contrariada. — Vou levá-lo até a porta.

Eu acompanho Gabriel até a sala e abro a porta.

— Desculpe-me pela minha mãe enxerida.

— Tudo bem. Gostei dela. Parece se preocupar com você.

— Ela se intromete muito nas minhas decisões, às vezes.

— O que ela pensará sobre... A barriga de aluguel?

Eu mordo os lábios nervosamente.

— Não sei. Vou me preocupar com isso depois.

— Não irá contar a ela antes?

— É uma decisão minha. E já está tomada, Gabriel.

Ele parece aliviado.

— Certo. Eu vou te ligar para marcarmos a ida ao médico, tudo bem?

Eu sinto um frio na barriga.

— Claro. Tchau.

Ele vai embora e eu fecho a porta, me encostando nela.

Aquele foi um dia e tanto. Um dia em que tudo mudou.

Eu tinha largado Joshua em Tacoma e decidido ser a barriga de aluguel de Gabriel.

E, para completar Stephanie apareceu. O que me fez lembrar que, por mais que eu tenha tomado a decisão de ser barriga de aluguel sozinha, não poderei mantê-la apenas para mim.

E eu tenho medo de como minha decisão irá afetar minha vida e de todos a minha volta.

Domingo amanhece ensolarado e eu tenho uma surpresa ao ver Ben adentrando no meu quarto com Stephanie e pacotes de presentes.

— Feliz aniversário!

— Pai, o que está fazendo aqui?

— Sua mãe me obrigou a fazer segredo! Era uma surpresa.

Eu o abraço, feliz.

— E foi uma surpresa mesmo!

— Agora abra os presentes!

Eu rolo os olhos.

— Não precisava de tudo isto...

— É um de cada, não reclama.

— Mas tem três aqui.

— Chegou esta caixa rosa hoje de manhã. Será que é de Josh? — Stephanie pisca.

Eu abro a caixa, curiosa e, instantaneamente, sei que não é de Josh.

Dentro da caixa está uma coleção lindíssima de livros de Henry James novinhos. Uma edição inglesa super-rara bem diferente daquelas rotas e gastas que tenho em casa.

Eu não preciso ler o cartão pra saber quem os mandou.

“Os primeiro livros para sua futura biblioteca. Feliz aniversário. Gabriel.”

Eu pisco me sentindo ridiculamente tocada.

Algo novo, diferente e desconhecido se enrosca em meu íntimo.

Algo que faz borboletas sobrevoarem meu estômago, meu peito se aquecer e minha garganta se apertar.

É apenas uma impressão. Um pequeno sentimento inexplicável que me faz sorrir.

— E aí, de quem é? É do Joshua? — Ben indaga curioso.

E fecho a caixa, passando a abrir o pacote de Ben.

— Não. Era do Gabriel.

— Quem é Gabriel?

— O chefe dela — Stephanie responde por mim. — Que atencioso da parte dele. O que ele te deu? — ela pega a caixa, curiosa. — Hum, mais livros? Achei que fosse algo mais interessante.

— Eu gostei.

— Como assim chefe? Nem sabia que estava trabalhando! — Ben comenta confuso.

— Ah sim, finalmente a Milly conseguiu um emprego ótimo — Stephanie sorri.

— Quando ia me contar Milly? Aliás, eu fiquei surpreso ao saber que estava aqui e não em Tacoma.

— Não seja chato com a Milly no dia do seu aniversário, Ben! Nós vamos sair pra almoçar para comemorar e vamos deixar os assuntos chatos para outra hora!

Eles saem do quarto depois que eu abro os presentes, para que eu possa me arrumar e me pergunto se Joshua irá aparecer.

Essa pergunta é respondida quando ele me liga no fim da tarde, depois que eu deixei Stephanie no aeroporto e Ben já partiu de volta a Olympia.

— Feliz aniversário Milly — diz com uma voz sumida. — Gostaria de estar aí.

— E por que não está? — Eu gostaria de estar menos magoada, mas não estou.

— Eu tive que trabalhar.

— Sabe o que eu penso sobre seu trabalho, não vou mais discutir com você.

— Eu só queria te desejar feliz aniversário, assim que tiver uma folga, vou pra Seattle e vamos fazer algo bem legal pra comemorar, tudo bem?

— Sim — respondo laconicamente — obrigada por ligar.

Estou sendo ridiculamente formal e sei que minha atitude o magoa. Porém, se eu falar o que realmente sinto, provavelmente começarei a gritar e vamos discutir.

— Estou cansada, Josh. Estava com meu pai e minha mãe até agora.

— Claro. Tudo bem. Vou deixá-la descansar. Amanhã eu te ligo.

Eu desligo e vejo a luz da secretária eletrônica piscando.

É um recado de Gabriel.

— Milly, é Gabriel. Está marcada uma reunião amanhã na clínica de fertilização — eu o escuto dizendo o nome da clínica e o endereço. — Você poderá ir? Por favor, me avise caso tenha algum inconveniente pra você.

Eu desligo e sinto meu coração batendo mais rápido de medo.

Está acontecendo.

Amanhã eu darei o primeiro passo para o desconhecido.

Capítulo 6

Milly

Sinto-me incrivelmente nervosa naquela sala de espera insípida, embora muito elegante.

Assim que cheguei, fui recebida por uma moça bonita vestindo um uniforme impecável e, por um momento, não soube como me apresentar.

“Oi, sou a barriga de aluguel de Gabriel Collins. Ou pretendo ser. Acho”.

Acabei optando por dizer que provavelmente tinha uma hora marcada. E assim que confirmei meu nome, a moça verificou em seu computador e sorriu educada pedindo que eu aguardasse.

Enquanto estou ali, sem saber o que esperar, pergunto-me se Gabriel estará presente. Eu devia ter perguntado a ele qual o protocolo nessas situações, porque não faço ideia.

E será que eu conheceria sua esposa? Sinto-me nervosa só de pensar.

— Amelia Edwards? — A recepcionista chama meu nome e eu me levanto seguindo-a.

Sou levada por um corredor iluminado até uma sala espaçosa e, como deveria esperar, sofisticada.

É óbvio que aquela clínica requintada é para pessoas seletas. E com dinheiro.

Um homem jovem e loiro por trás de uma mesa de vidro se levanta e vem em minha direção com a mão estendida.

Eu franzo a testa, porque ele não é nada o que eu esperava.

— Olá, como vai? Você deve ser Amelia Edwards — ele diz e eu seguro sua mão num aperto firme. — Eu sou Doutor Max Goldman.

— Olá. — Ainda estou meio ressabiada e ele sorri, soltando minha mão e fazendo um gesto para que eu me sente diante de sua mesa, dando a volta e sentando também.

— Tudo bem? Você parece meio confusa.

— Oh, me desculpe. Acho que não esperava um médico tão...

— Jovem? — Ele sorri e eu coró.

— Sim. Me desculpe.

— Não, tudo bem. Não é a primeira a dizer isso. Tenho diploma, fique tranquila.

— Claro, não achei...

— Está tudo bem. Não fique acanhada. Se ajuda, você também não é o que eu esperava.

Agora eu coró e fico mais confusa ainda.

— Você esperava algo? — Me pergunto o que Gabriel teria dito de mim.

— Você é bem jovem também para ser uma barriga de aluguel.

— Eu sou maior de idade, fique tranquilo — eu o imito e ele sorri.

— Eu espero que sim, senão Gabriel estaria em maus lençóis.

— Me desculpe... o que foi que Gabriel disse sobre mim?

Ele junta as mãos na frente da mesa, como se pensasse no que dizer.

— Bem, esta situação não é a usual, embora não seja estranha. Geralmente trabalhamos com agências especializadas em mulheres interessadas em serem mães de aluguel.

— Eu não vim de uma agência.

— Claro que não. Gabriel me falou.

— Falou o quê?

— Que ele a escolheu e lhe propôs o acordo. E você concordou. Por isso está aqui hoje. Para que seja informada sobre tudo o que essa decisão implica — ele está mais sério agora.

— É, embora eu tenha concordado — digo devagar — realmente não faço ideia de todos os detalhes.

— Claro. É algo novo para você. Não se preocupe vou te explicar tudo. E depois, se ainda estiver disposta, vamos começar com todos os exames após você preencher todas as fichas com seus dados pessoais e físicos.

— Certo.

— Como o Gabriel já deve ter lhe dito, uma barriga de aluguel gestacional, também chamada de portadora gestacional, não é biologicamente ou geneticamente relacionada à criança que carrega. Barrigas de aluguel gestacionais são fertilizadas por meio do processo de fertilização in vitro,

onde um embrião criado a partir dos óvulos e espermatozoides dos futuros pais, ou como neste caso, de uma doadora, são implantados no útero da barriga de aluguel. É diferente da barriga de aluguel tradicional. Barrigas de aluguel tradicionais são geneticamente relacionadas à criança, porque seus próprios óvulos são usados no processo.

— Sim, Gabriel me explicou.

Ele faz uma pausa e continua.

— Vou explicar para você como funciona a maioria dos casos, para que entenda, apesar de este ser um caso um tanto quanto... peculiar. — Eu me remexo meio incomodada na cadeira e o médico continua. — Quando um casal não pode engravidar por algum motivo e escolhe essa opção, para iniciar o processo, eles têm uma consulta inicial com profissionais de saúde mental, com um advogado e com a equipe do centro médico que irá acompanhar o programa de barriga de aluguel. Eles normalmente são submetidos a uma avaliação psicológica e a testes para detectar alguma doença. Também preenchem um perfil que será apresentado à mãe de aluguel. Depois de planejar as questões financeiras com seu advogado, abrem uma conta de custódia por meio da qual a remuneração e as despesas da mãe de aluguel serão pagas. Nesse ponto existem agências que os pais podem recorrer para achar as mulheres interessadas para o processo.

— Por isso diz que esse caso não é usual. Claro que deve saber que Gabriel não me achou numa agência.

— Sim, eu estou informado. — Algo na voz do médico me faz crer que ele não está totalmente de acordo com a escolha de Gabriel. E de certa forma eu quase concordo com ele. — Então são mostrados perfis à mãe de aluguel e aos futuros pais para que ambos os lados escolham a parceria mais adequada. Se todos concordarem, são feitas as apresentações e é redigido e assinado um contrato entre os futuros pais e a mãe de aluguel com a ajuda de um advogado independente. Depois de ser preparado o contrato, os procedimentos médicos se iniciam. Um ciclo de fertilização in vitro leva cerca de quatro a seis semanas para ser finalizado.

— Entendi — murmuro com a cabeça rodando com tanta informação.

— Enfim, agora você sabe como esse negócio funciona — ele se levanta. — Vou deixá-la com minha secretária para preencher as informações necessárias e depois iremos fazer alguns exames.

— Tudo bem. — O acompanho até o corredor onde uma moça

uniformizada me leva até outra sala e me indica uma mesa, colocando vários papéis na minha frente.

— É só avisar quando terminar.

— Obrigada.

Um calafrio transpassa minha espinha por um momento, enquanto olho aquela infinidade de perguntas. Sinto-me um tanto amedrontada e confusa. Como se alguém tivesse sacudido a minha cabeça e tudo estivesse solto lá dentro, cheio de pensamentos desconexos.

Estou mesmo fazendo isso? Talvez eu devesse me levantar, sair correndo e esquecer aquela história para sempre. Minha vida voltaria a ser como sempre foi.

Todavia, essa atitude significaria decepcionar Gabriel. E de repente esse pensamento me deixa triste. Ele me escolheu. Sabe Deus por que, ele achava que eu seria a geradora do seu tão sonhado bebê. E, de alguma maneira, eu me sentiria péssima se o decepcionasse. Talvez por saber o que era querer um bebê e não poder tê-lo.

E, de certa forma, gerar o bebê de Gabriel, me deixaria mais próxima de ter o meu próprio filho.

Como poderia desistir?

Então respiro fundo e mergulho no questionário.

Eu não vi Gabriel naquele dia. E nem nos dias que se seguiram depois da bateria de exames a que fui submetida naquela clínica.

E eu tento conter minha ansiedade, conforme os dias se arrastam sem nenhuma novidade. Nem da clínica. Nem Gabriel. Nem de Joshua.

E nem sei qual desses três é pior.

Não que eu não fale com Josh com regularidade. O problema é que todas às vezes acabamos discutindo depois que eu volto a implorar que ele deixe aquele emprego perigoso e volte para casa. E sempre que desligo, me pergunto por que não conto logo a ele o que estou fazendo e que, se tudo der certo, logo teremos o dinheiro para que possa finalmente voltar para casa. Falta-me coragem. Eu temo qual será a reação de Joshua com essa história de barriga de aluguel. E temo ainda mais pela minha reação caso ele tente me

convencer a não fazer. Porque não sei se seria capaz de desistir agora.

— Você está estranha — Josh diz um dia enquanto estamos no telefone.

Passo meus dedos pela capa bonita do livro de Henry James que estou lendo. O presente de Gabriel.

— Por que diz isso?

— Não é de hoje que estou reparando. Cada vez que eu te ligo você parece mais distante — ele parece magoado o que me entristece também.

— E de quem é a culpa, Josh? — Pergunto baixinho e ele solta um palavrão, irritado.

— Vamos começar essa discussão outra vez?

— Eu nunca vou concordar com seu trabalho.

— Eu não estou aqui porque quero e sim porque preciso, que saco, Milly! Você devia ficar feliz, me agradecer, em vez de brigar comigo sempre!

Respiro fundo para me acalmar e evitar mais uma discussão.

— Josh, preciso desligar. Começar outra discussão não vai ajudar em nada.

— Venha ficar comigo, Milly — ele pede e eu fecho os olhos, uma parte de mim querendo acatar o seu pedido.

A parte que queria desesperadamente que tudo estivesse como antes. Que fôssemos inseparáveis. Que não houvesse aquela distância mais do que física entre nós.

Mas não se pode voltar no tempo.

— Eu queria que estivesse aqui, Josh. E você pode estar — minha voz se alquebra e sinto lágrimas em meus olhos. — Eu estarei sempre esperando que esteja.

E desligo antes que ele possa responder.

Pisco para afugentar a vontade de chorar. O vazio interior persiste. Fecho o livro e me deito abraçando a mim mesma e me sentindo tão sozinha e miserável.

Devo ter adormecido, porque acordo com a campainha tocando e levanto, me arrastando até a porta.

Quando a abro, me deparo com Gabriel Collins.

— Oi, Milly — ele parece sério, parado ali, vestindo seu terno impecável. Os dedos longos castigando os fios loiro escuro denunciam uma

agitação estranha.

Parece... Angustiado.

E está parado na minha porta, depois de muitos dias sem nenhuma comunicação.

Sinto-me confusa. E curiosa.

Também... estranhamente aliviada. E há algo mais lutando para vir à superfície, que não consigo identificar. Ou não quero.

— Gabriel... O que faz aqui?

— Me desculpe vir sem avisar... — ele luta com as palavras. — Podemos conversar? — Acaba dizendo e eu mordo meus lábios hesitando.

O que era um tanto descabido. Gabriel já esteve em minha casa antes. Já tivemos outras conversas.

Inferno! Há alguns dias eu estava numa clínica dando início a um processo complicado no qual eu seria a barriga de aluguel do filho dele.

Qual o problema de ele querer conversar comigo?

— Claro — respondo por fim, fazendo um sinal para ele entrar.

Então olho para mim mesma e quase gemo de desalento.

Estou usando um moletom velho e uma camiseta mais velha ainda. E nem quero pensar no estado do meu cabelo.

— Droga — praguejo baixinho e Gabriel dá sinal de ter escutado, pois se vira e me encara.

— Estou te atrapalhando? Eu deveria ter ligado antes...

— Não, não está me atrapalhando. Eu estava só... lendo. Quer dizer. — Eu me aproximo do sofá e pego o livro jogado por ali. — Adormeci e devo estar um caco. Não estava esperando visitas.

A sombra de um sorriso permeia seu rosto.

— Está contrariada porque está desarrumada e não por minha visita fora de hora?

Eu fico vermelha.

— Basicamente.

— Está tudo bem, Milly, eu realmente não deveria ter vindo sem avisar.

— Você deveria parar de falar isso e dizer o que de tão importante tem pra conversar comigo.

Ele respira fundo. Os braços cruzados no peito, o rosto mirando o

chão, como se estivesse organizando os pensamentos para falar.

Ou tomando coragem.

Eu fico apreensiva. De repente eu sinto medo e mais confusão ainda.

O que está acontecendo ali? Será que ele veio me dizer que mudou de ideia quanto à barriga de aluguel? Será que eu não passei em todos aqueles testes esquisitos? Ou ele se tocou do absurdo de escolher alguém como eu?

— Gabriel, qual o problema? — Pergunto devagar. — É sobre... a barriga de aluguel?

Ele me encara finalmente. Parece pálido e cansado, vejo agora.

— Sim, é. Eu quero... Quero conversar com você sobre esse assunto.

— Estou achando que não vai ser rápido, não é? — Pergunto irônica.
— E também você me parece bem tenso. Vou fazer um chá, por que não se senta e... tenta relaxar? Tenho certeza que nada é tão ruim quanto parece.

Ele sorri com certo gosto e me vejo sorrindo também. Me dando conta de que sua apreensão me deixa apreensiva também.

— Você sempre parece ter a coisa certa a dizer.

Dou de ombros, indo para a cozinha.

— Eu tento!

Eu preparo o chá rapidamente e volto pra sala com duas xícaras.

Gabriel está olhando a coleção de livros que me deu.

— Eu não tive a oportunidade de agradecer — digo, lhe passando a xícara.

— Você gostou?

— Eu amei. — Esboço grande sorriso. — Você realmente me deixou... surpresa. — Eu ia dizer feliz, me pareceu meio exagerado.

— Então eu acertei. — Ele sorri também.

— Com certeza! — Sento-me e faço sinal pra ele se sentar também no outro sofá.

Encolho as pernas perto do corpo e o encaro por cima da xícara. Nós ficamos em silêncio por um tempo.

É um silêncio estranho. Confortável e tenso ao mesmo tempo.

Tenso porque sei que ele está para me dizer alguma coisa importante. Também há algo de bom. A presença dele é agradável. Muito.

Esse pensamento me deixa incomodada sem eu saber o motivo.

— E então?

Ele me encara, colocando a xícara sobre a mesa de centro.

— Você que foi na clínica.

— Sim, era o que tínhamos combinado, não? — Começo a ficar receosa.

— Sim, era.

— Qual o problema, Gabriel? Já saíram os resultados daquele monte de exames que eu fiz? Por acaso algo deu errado?

— Não. Não é isso — ele respira fundo. — Milly, eu preciso saber... preciso saber se tem certeza do que está fazendo.

— Como assim? Acha que vou desistir? Eu já não te disse que queria te ajudar? E já concordei Gabriel.

— Eu sei... mesmo assim preciso saber se está realmente disposta a...

Eu não consigo entender aonde ele quer chegar.

— Está tentando me fazer desistir?

Ele dá um sorriso nervoso e eu continuo achando toda aquela conversa estranha.

— Não, não estou tentando fazê-la desistir.

— Então você quer desistir?

Ele me encara fixamente.

— Nunca.

Eu engulo em seco, sentindo um calafrio na espinha tamanha a convicção daquela simples palavra.

— Então por que está aqui todo tenso perguntando se eu tenho certeza, se até os exames eu já fiz?

— Eu precisava saber. Precisava ter certeza — ele se inclina pra frente. — Eu sei que perdeu um bebê, Milly. E quando te pedi para engravidar de novo, não pensei no que podia implicar pra você.

— Eu não vou engravidar. Quer dizer, não será um bebê meu. Eu serei apenas... a barriga de aluguel. Como é mesmo que o médico disse? Uma portadora gestacional, eu entendo.

— Se você fosse uma barriga de aluguel tradicional, você aceitaria algo assim?

— Não! Como eu poderia ter um bebê meu e depois mandá-lo embora? Mesmo que fosse para ajudar outras pessoas... Não, eu não teria

coragem de fazer algo assim. Por dinheiro nenhum. Por nenhum motivo.

— Claro que não — ele concorda pensativo.

E eu também me perco em pensamentos. A pergunta de Gabriel abrindo uma hipótese dentro da minha cabeça.

Um bebê de Gabriel gerado em mim, não com óvulos de uma doadora.

Com os meus.

Um bebê meu e de Gabriel.

A ideia me parece estranha e... linda.

Eu paro de respirar por um momento. Horrorizada com o pensamento insano.

Claro que era uma ideia sem cabimento. Primeiro que, como eu disse a Gabriel, jamais geraria um bebê meu para depois mandá-lo embora.

E segundo que, sequer imaginar um bebê meu e de Gabriel, era ridículo. Era totalmente fora da realidade.

Talvez eu estivesse projetando a vontade que eu tinha de ter um bebê meu. Sim, esse meu desejo misturado à ideia de ser barriga de aluguel de Gabriel estava me afetando.

E de repente entendo o que ele está querendo dizer sobre certezas.

Eu não posso me deixar afetar emocionalmente nesse processo. Minha barriga será apenas a hospedeira do bebê de Gabriel e sua esposa.

Apenas isso.

— Eu entendo o que quer dizer — digo então, o fitando. — Entendo sobre sua preocupação comigo. Sobre isso me afetar.

— Eu fiquei pensando todos esses dias... Esperando os resultados de seus exames... Olhando a ficha de possíveis doadoras...

— Já escolheu uma doadora? — Indago curiosa.

— Ainda estamos no processo.

— Sei... — É a primeira vez que ele diz “nós”, eu acho. Isso queria dizer, Gabriel e sua esposa.

Era esquisito pensar nela às vezes. Será que ela não deveria estar ali também?

— Enfim, eu também pensei em você. Pensei no que seria pra você. São nove meses da sua vida. É um processo complicado.

— Se eu... Se eu desistir... Vai escolher outra pessoa?

— Eu não quero que desista. Já não consigo imaginar outra pessoa. Confiar em outra pessoa.

— Você espera demais de mim. É quase assustador. Nem me conhece.

Ele sorri.

— Eu conheço sim, Amelia Edwards. Você é doce, inteligente e determinada. E gosta de clássicos ingleses.

Eu sinto meu rosto esquentar com sua explanação sobre mim.

— E acho que é a única pessoa que entende meu desejo de ter um filho.

— Tenho certeza que não é verdade. Sua esposa deve entender se quer o mesmo.

— Sim, ela quer. E claro, entende. Mas... Não nesse nível. Você já esteve grávida. Você o desejou e ainda deseja o seu bebê. A ponto de concordar em ser a barriga de aluguel de uma criança que não é sua.

— Eu faço isso por você. — A confissão escapa da minha boca sem que me dê conta. E eu percebo que é a mais pura verdade.

Eu quero ajudar aquela cara. Aquele quase estranho que me ajudou há tanto tempo, que parecia triste e tão sozinho naquele cemitério. E queria tanto um bebê a ponto de estar passando por todo esse processo estranho de barriga de aluguel.

Sim, eu podia entendê-lo.

Eu acho que se não pudesse engravidar, eu faria o mesmo. Eu faria qualquer coisa por um filho.

— E ainda diz que não entende? — ele diz suavemente.

— Eu sinto falta do meu bebê — confesso —

Às vezes fico pensando como seria se ele estivesse aqui... Como ele seria. E eu quero muito poder engravidar de novo um dia. A primeira vez foi... assustadora.

— Você me disse que foi um acidente, não é? Deve ter sido difícil.

— Sim. Eu namorava Joshua desde minha adolescência. Éramos amigos antes. Acho que uma vida inteira.

— Sei como é — ele murmura.

— Ele era parte da minha vida, meu melhor amigo.

— E o que mudou?

Eu rio.

— Ele ficou bonito.

— Então é do tipo que vai pela beleza — Gabriel ri e eu reviro os olhos.

— Homens agem assim o tempo todo, por que não? E por que está me criticando, sua esposa também é linda.

Ele fica sério.

— Como sabe?

Eu coro.

— Eu a vi de relance saindo do seu prédio quando estiva lá.

Gabriel parece sombrio de repente.

— Sim, ela é linda.

— Então você é do tipo que vai pela beleza? — Eu o imito e ele ri.

— Mulheres fazem isto o tempo todo — ele também me imita e nós rimos, então eu fico séria.

— Claro que estou brincando quando digo que fiquei com Josh porque ele era bonito. Passar de amigo para namorado pareceu... natural. Acho que era o que todo mundo esperava.

— E então engravidou.

— Como eu disse, foi um acidente. Eu fui para faculdade, passamos a nos ver com menos frequência, eu estava de férias, bebemos demais numa festa... E esquecemos de usar algo bem essencial... O resto é história. Quando eu descobri foi... Desastre. — Eu relembro com um calafrio aqueles dias difíceis. — Eu fiquei apavorada. Conteí pro Joshua e tivemos que contar pro meu pai... Ele ficou muito bravo.

— Pelo menos ele deixou Joshua vivo.

Eu ri.

— Sim, contanto que ele se casasse comigo. Eu fui contra. Não queria casar. Eu tinha minha faculdade e me sentia muito nova para tanta responsabilidade. Demorou um pouco para eu perceber que não tinha saída.

— Como não tinha? Você podia...

— Abortar?

— Bom, é um direito seu.

— Eu sei. A ideia passou pela minha cabeça, mas eu não teria coragem. E Joshua estava... quase satisfeito demais por poder me pedir em

casamento. Ele não curtia muito o fato de eu viver a maior parte do tempo fora, em outra cidade.

— Eu posso entendê-lo.

— Homens! — Eu rolo os olhos. — Eu tinha o direito de estudar.

— Não quis parecer machista, Milly. Apenas entendo a vontade dele de querer ficar perto de você. Sendo seu namorado.

— Eu sentia falta dele, claro. Mas... estava em outro momento, entende? — eu nem sei por que estou contando tudo isto a Gabriel, não consigo parar. Acho que nunca conversei sobre o assunto com ninguém antes. — Eu queria me formar, trabalhar em algo que eu gostasse.

— E teve que deixar todos os seus sonhos de lado.

— Sim, acabei deixando. Nós nos casamos e eu tranquei a faculdade. Decidimos vir para Seattle porque Joshua arranhou um emprego aqui. No começo, eu estava muito assustada e sem saber se estava fazendo o certo. Estava com medo do futuro. Então... Eu ouvi o coração dele. Do meu bebê. — Eu sorrio ao me lembrar. — Foi um momento mágico, Gabriel. É como se tudo mudasse. O mundo inteiro. Já não me importava mais nada, a não ser proteger aquele pequeno ser, que me pertencia e dependia de mim totalmente — eu o encaro. — Você vai saber como é quando escutar o do seu bebê.

— Acredito em você.

— Então ele se foi — eu me sinto triste de repente, me lembrando do vazio em meu peito. — E tudo parece meio sem brilho desde então. Meio sem sentido, sabe? — Engasgo e me levanto, temendo começar a chorar como uma boba na presença de Gabriel.

Ele se levanta também e se aproxima de mim.

Eu pisco e respiro fundo, mas uma lágrima traiçoeira escapa de meus olhos.

Gabriel toca meu rosto, enxugando a lágrima.

— Eu sinto muito, Milly. Eu sinto muito que se sinta assim. De verdade.

Então eu explodo. Soluços vindos do meu âmago varrem meu corpo e sem saber como, eu me vejo abraçada a Gabriel.

Chorando por meu bebê perdido.

Pela minha vida vazia. Sem sentido.

E em meio a minha dor, algo surge.

Algo que vem daquele cara me abraçando.

Um sentido.

É como se agora não houvesse só o vazio.

Sinto uma pequena parte de mim sendo preenchida.

Um espaço sendo ocupado...

— Eu sinto muito, Milly — ele diz contra meus cabelos e sua voz me tira do estupor.

E eu paro a linha de raciocínio. Recuo.

Volto para a sala. Me dando conta que estou chorando histericamente e molhando a camisa cara de Gabriel Collins.

E me sinto invadida por... um monte de sentimentos confusos. Onde a vergonha prevalece e me afasto, enxugando o rosto.

— Nossa, me desculpe... — digo, dando mais dois passos para trás.

— Tudo bem. Eu só fiquei um pouco preocupado de vê-la assim.

— Eu não choro mais. Há muito tempo. Estava tudo trancado e toda essa conversa...

— Eu sinto muito por trazer tudo isso à tona.

— Não, não sinta. Me fez bem. — E é verdade.

Depois dos primeiros dias de sofrimento, eu havia trancado toda a dor dentro de mim e seguido em frente. Colocar para fora de novo, me faz ver que eu estava mentindo para mim mesma. Eu não segui em frente. Eu estacionei.

Preciso seguir em frente de verdade agora. Preciso achar um sentido.

E, no momento, por mais incrível que possa parecer, Gabriel está me dando um sentido.

— Eu falei sério quando disse que queria fazer isso, Gabriel. Te ajudar a ter seu bebê. Eu me sinto um tanto assustada sim... mas também tenho convicção que estou fazendo o certo.

Ele parece ainda incerto e de novo eu tenho a impressão de que queria me dizer algo.

— E Joshua? Ele pensa como você?

Desvio o olhar.

— É uma decisão que cabe principalmente a mim, claro que não haverá problemas com ele.

— Ele ainda não sabe?

— Não.

— E você acha que ele vai aceitar?

— Com o Joshua eu me entendo. Não será problema, Gabriel. Eu só não conversei com ele ainda, porque está viajando. — Não é totalmente verdade, não quero que Gabriel fique preocupado. Eu teria mesmo que me acertar com Joshua. — Não sei se te contei, ele está em Tacoma trabalhando.

— Ele ficará longe por muito tempo?

— Uns dois meses, acho. Eu espero que ele possa voltar antes.

Não quero dizer a Gabriel que o dinheiro que ele me dará, ajudará Joshua a voltar, porque não quero parecer mercenária.

— E quando você conversará com ele?

— Em breve. Realmente não deve se preocupar.

— E se ele não concordar, Milly?

— Ele vai concordar.

— Você teria coragem de ir contra ele? Seu marido, o cara que você ama, para ajudar outro que é praticamente um estranho?

Eu me choco um pouco com a crueza das palavras de Gabriel.

— Você não é um estranho.

— Também não sou o cara que você ama.

— Não entendo aonde quer chegar, Gabriel.

De novo ele passa a mão pelos cabelos, perdido em pensamentos.

— Me desculpe, eu quero tanto um filho — ele diz por fim. — Quero tanto que dê certo... Com você... que me preocupo com tudo o que poderia ser contra.

— Não há nada contra. A não ser que alguma coisa dê errado nos exames.

— Não deu.

— Como sabe?

— Já fui contatado. Eles entrarão em contato com você a qualquer momento. Está tudo certo, Milly.

Eu respiro aliviada e temerosa.

— Então está tudo bem — sorrio.

E ele sorri de volta.

E sinto como se fôssemos dois parceiros de crime.

E o sorriso de Gabriel é tão feliz que eu sinto quase tanta felicidade quanto ele. Quero sempre dizer coisas que o faça sorrir deste jeito.

— E agora qual é o próximo passo?

— Eles vão te ligar e vamos marcar uma reunião para assinar o contrato.

— Certo — De repente, reparo na sua camisa molhada.

— Molhei sua camisa.

Ele sorri.

— Não tem problema. Pode chorar no meu ombro sempre que precisar, eu tenho várias destas.

— Vou me lembrar.

— Milly, quanto ao Joshua... — ele começa a dizer e eu o calo.

— Não, por favor, já expliquei...

— Eu acho que eu deveria conversar com ele, talvez.

— Eu já disse que me entenderei com Joshua, Gabriel — digo de modo enfático.

— Eu não quero te causar nenhum problema.

— Eu e Joshua já temos problemas suficientes, não se preocupe... — não consigo evitar de dizer.

— Vocês estão com problemas? — Gabriel indaga e eu me dou conta que falei demais, porém continuo.

— É essa coisa do trabalho... É complicado... — eu sorrio dando de ombros. — Todo casal tem seus atritos, não?

— Sim, eu sei muito bem — ele diz sombriamente.

Eu não sabia bem por que estava me abrindo tanto com ele, contando minha história com Joshua e sobre nossos desentendimentos. Acho que no fundo eu queria que Gabriel se abrisse também e contasse a história com sua esposa.

Ele não diz nada.

Mordo os lábios contendo minha curiosidade.

Lembro-me de minha mãe dizendo que ele não era feliz e me sinto muito curiosa sobre sua vida. Obviamente ele não sente o mesmo ímpeto de se abrir como eu. Talvez deva ser assim mesmo. Ou talvez não tenha nada para ser contado. Gabriel tem uma esposa linda cujo único problema deve ser não poder ter filhos.

É aí que eu entro, penso com ironia.

— Bem, eu preciso ir.

Eu abro a porta pra ele, que me fita.

— Espero que resolva seus problemas com o Joshua.

— Nós vamos resolver. Nos conhecemos desde sempre, Gabriel. Eu o amo e, mesmo nosso casamento tendo acontecido pelo motivo errado, quero que dê certo. Quero muito. — De novo eu não sei de onde saíram aquelas palavras. E nem sei por que as estou dizendo. É quase como se quisesse convencer a mim mesma.

— Eu quero que seja feliz, Milly. Porque você está me fazendo feliz.

Eu engulo o nó estranho na minha garganta.

— Então vamos nos fazer felizes, certo? — Sorrio. — Ao ajudá-lo estarei me ajudando também, não é? Você terá seu bebê e depois eu poderei ter o meu também.

Ele sorri.

— Você é incrível, sabia?

Eu coro. Incrível era, às vezes, ele me dizer estas coisas do nada que me deixavam... desconcertada. E com frio na barriga.

— Tchau, Gabriel.

— Tchau, Milly.

Fecho a porta e me encosto nela.

Então é isso.

Vai mesmo acontecer.

Eu serei a barriga de aluguel de Gabriel Collins.

Quando a clínica me liga meia hora depois e marca a reunião para depois do fim de semana, sinto o frio na minha barriga voltar.

Porém, eu tenho algo muito importante para fazer. Preciso conversar com Joshua antes.

Capítulo 7

Milly

Minhas mãos tremem ligeiramente quando pego o telefone naquela noite para falar com Joshua.

— Oi, Milly — Josh atende depois de algumas chamadas.

— Oi Josh, precisamos conversar.

— Ei, qual o problema? — Imediatamente ele fica alerta.

— Preciso que venha pra casa no fim de semana.

— O que aconteceu? Está tudo bem?

— Está. Só precisamos ter uma conversa muito séria.

— Milly, o que está acontecendo? Está me preocupando...

— Eu não quero falar por telefone. Por favor, venha pra casa.

— Eu não sei se poderei...

— É uma droga de fim de semana, Joshua!

— Ei, não precisa falar assim.

— Olha, não liguei pra brigar — eu me obrigo a baixar minha voz.

— Mas é o que está fazendo.

— Eu só quero que venha pra casa para que possamos conversar...

— Estamos conversando agora, por que não diz qual é o problema?

— Porque quero dizer pessoalmente. Por favor, Josh. Faz dias que não nos vemos...

— Você podia estar aqui.

— Não começa de novo, por favor.

— Certo, certo... Eu vou pra casa, ok?

Eu solto a respiração entre aliviada e mais aflita.

— Eu vou te esperar.

Naquela noite eu não consigo dormir. Penso em Joshua.

Penso no que tenho que dizer a ele. Na seriedade do acordo que fechei

com Gabriel. E em como isso pode mudar tudo na minha vida. Pelo menos por um tempo.

Nove meses para ser mais exata.

Passo a mão em minha barriga plana, tentando me lembrar de como era quando estava inchada e alta. E de novo sinto aquele vazio no peito. Porém agora há algo mais. Há um anseio. Uma vontade de ver minha barriga crescer de novo.

Com o bebê de Gabriel.

Meus pensamentos viajam para ele. Onde estaria agora? Como seriam suas noites? Estaria com sua esposa loira e perfeita? Talvez voltando de um jantar em algum restaurante fino. Ela estaria linda e bem vestida. E Gabriel seguraria sua mão, enquanto conversavam sobre o bebê que eles tanto queriam. E seus olhos brilhariam de uma ansiedade feliz.

Eu sorrio comigo mesma na escuridão, me sentindo um pouquinho feliz com sua felicidade.

De repente me sento muito curiosa sobre ela, a esposa de Gabriel. Aquela mulher da qual eu pouco sabia. Gabriel quase nada falava sobre ela ou seu casamento, e me pergunto se irei conhecê-la em breve.

Em dois dias.

Daqui dois dias, eu estaria de volta à clínica e o acordo seria fechado.

Antes, eu teria que encarar Josh.

Ainda continuo ansiosa na manhã seguinte, enquanto limpo todo o apartamento e depois faço o almoço, esperando por Joshua. Ele não disse a que horas viria, com certeza não demoraria a aparecer.

Ou eu achava que não, pois já anoitecia quando comecei a me preocupar.

Tento ligar várias vezes sem sucesso, e acabo adormecendo no sofá.

Acordo de repente com o som do telefone e atendo ansiosa.

— Josh!

— Oi Milly, me desculpe.

— Onde você está? Fiquei te esperando o dia inteiro.

— Sinto muito, não poderei ir.

— Como assim não vai poder? Nós tínhamos combinado!

— Eu sei! Apareceu um trabalho de última hora.

— Não acredito! — Sinto-me totalmente irritada agora.

— Não fique brava, é meu trabalho.

— Eu odeio esse seu trabalho! Não deveria estar aí! Tinha que estar aqui comigo!

— Inferno, Milly, chega! Estou cansado dessa briga! Você sabe que precisamos do trabalho!

— Eu não preciso desse tipo de trabalho e nem você! E eu só pedi pra você voltar pra casa um fim de semana e nem isso você fez por mim!

— Eu queria estar aí, porém...

— Não está Josh. Não está — murmuro, sentindo uma vontade imensa de chorar. De gritar. De quebrar tudo.

Tento acalmar a decepção que cresce em meu peito.

— Que diabos de tão importante tinha pra me dizer?

— Quer saber? Não era nada! Estou vendo que estou sozinha pra resolver minha vida. Tchau, Josh!

Eu desligo e passo os dedos por meu rosto, para apagar os vestígios das lágrimas, enquanto vou para a cozinha e jogo a comida intocada dentro da pia.

Respiro fundo para desfazer o nó amargo na minha garganta.

Minha decisão está tomada.

Joshua poderia estar ali e eu poderia dividir a decisão com ele. Porém ele não está.

E de alguma maneira, ainda esperei. Por toda noite e todo o dia seguinte.

Eu esperei que ele aparecesse. Que me pedisse desculpas. Que dissesse que não iria mais voltar a Tacoma.

Ele não apareceu.

E na noite anterior ao dia marcado para eu voltar à clínica, me vi de novo pensando em Gabriel. No que ele estaria fazendo. Imaginei que estaria em sua cama com sua linda esposa. E ele a abraçaria e eles conversariam sobre o dia seguinte. Sobre o bebê e sobre o futuro perfeito que teriam.

E desta vez eu não sorri na escuridão. Eu chorei.

Um sentimento involuntário e estranho oprimindo meu peito. Muito parecido com inveja.

— Senhora Amelia Edwards? — A mesma recepcionista me chama e eu a sigo pelos corredores brancos da clínica até ao que parece ser uma sala de reunião.

Eu não sei o que esperar, estou nervosa, mas sinto-me automaticamente mais calma quando vejo Gabriel junto com dois homens.

— Oi, Milly — ele sorri pra mim e me tranquilizo.

— Oi...

— Max você já conhece — ele aponta para o médico loiro que me cumprimenta com a cabeça. Ele está muito sério, o que me deixa um tanto preocupada.

— E este é o doutor Crowley. Advogado.

— Advogado. Claro — murmuro enquanto nos sentamos em volta da mesa.

— Amelia — O doutor Goldman começa, eu o paro.

— Pode me chamar de Milly, por favor.

Ele sorri levemente, contrastando com seu semblante grave de antes.

— Certo. Milly... Eu já lhe expliquei como tudo funciona e você fez todos os exames necessários, que a deixaram apta para a gravidez gestacional. Sua presença indica que está de acordo para que prossigamos com os procedimentos?

Eu hesito e o tempo parece suspenso por um momento, enquanto todos esperam minha resposta.

— Sim — murmuro quase que para mim mesma e então limpo a garganta voltando a repetir com mais ênfase. — Claro que estou de acordo.

— Então aqui está o contrato. — O advogado abre uma pasta colocando os papéis na minha frente. — O processo de fertilização in vitro dura de quatro a seis semanas para ser finalizado. O contrato de sub-rogação, como é chamado, deve ser minutado, examinado e assinado no início do relacionamento entre os futuros pais e a mãe de aluguel. Este contrato irá delinear os direitos e as responsabilidades dos pais e da mãe de aluguel, assim como a compensação, a política de redução seletiva do número de embriões, o seguro médico e os direitos parentais.

— Redução seletiva? — indago confusa.

— Redução seletiva no caso de trigêmeos. Neste caso, optaríamos por manter gêmeos em função dos riscos para os embriões – O médico explica.

— Entendo...

— Também está assinando o conhecimento de todos os riscos que o processo envolve, assim como suas responsabilidades e as responsabilidades dos futuros pais. Eles se responsabilizam pelas despesas da mãe de aluguel antes da gravidez. O que inclui honorários advocatícios, prêmios de seguro de vida, despesas médicas e de viagem.

— A Milly já está ciente do valor acordado — Gabriel diz e eu sigo rapidamente as linhas do contrato, chegando à parte que diz claramente que eu receberei quinhentos mil dólares por aquele acordo. Sinto minha mente girar com tanta informação.

— É muito dinheiro — digo o encarando. — Tem certeza que... Não acho necessário...

— Milly, eu já decidi.

— Mas é muito dinheiro, Gabriel!

— Eu daria muito mais para ter um filho, você mais do que ninguém sabe disto. — Ele diz seriamente e eu mordo os lábios, voltando à leitura, enquanto o advogado continua a falar sobre os detalhes do contrato.

— Então, se estiver de acordo, pode assinar todas as cópias.

De repente algo me ocorre.

— Sua esposa não deveria estar aqui? — Pergunto a Gabriel.

— Ela não participará desta reunião.

— Mas...

— Em alguns casos, os pais decidem não ter contato com a mãe de aluguel. — É o médico quem explica, eu continuo encarando Gabriel.

— Você me conhece, eu achei que...

— Eu e minha esposa conversamos e achamos melhor que ela não mantenha contato, Milly.

Eu me sinto confusa e quase desapontada.

O que eu poderia fazer? Exigir conhecer a esposa de Gabriel para depois assinar o contrato? Com certeza eu até poderia fazer, mas para quê?

Por algum motivo desconhecido, ela não queria me conhecer. Qual seria seu motivo?

— Milly, isto é bastante usual — o médico garante. — Se você se

sentir desconfortável com algum aspecto do acordo, é o momento de desistir.

Aí está. A opção.

Eu fico olhando para o contrato na minha frente e depois levanto a cabeça e meu olhar cruza com o de Gabriel.

Eu poderia voltar atrás? Eu queria voltar atrás?

Eu tinha ido até ali.

E era porque no fundo eu já sabia a resposta. Eu queria ir em frente.

Pego a caneta e assino meu nome e rubrico todas as páginas.

Está feito.

Eu ainda me sinto meio zozza depois que me despeço do advogado e do médico e saio da sala, acompanhada de Gabriel.

Nós paramos no saguão da clínica.

— Muito obrigado Milly — ele diz sério. — Até o momento que assinou o contrato, eu tinha dúvidas de que iria até o fim.

— Eu disse que iria.

— E Joshua? Ele concordou, não é? Me perguntei se ele viria com você hoje.

Eu desvio o olhar.

— Milly...? — Gabriel insiste e eu o encaro.

— Sim, claro. Ele concordou — minto descaradamente.

No fim, que diferença faz para Gabriel?

— Eu fiquei surpresa de não ver sua esposa também.

Ele parece desconfortável.

— Nós optamos por não haver envolvimento.

— Nós estamos envolvidos... — eu paro ao me dar conta da conotação errada da minha frase. — Quer dizer, você está aqui. Você me conhece.

— Eu sei. Se fosse de uma agência, possivelmente eu não conheceria.

— Eu não sou. Você... me escolheu.

Ele passa os dedos pelos cabelos.

— Não deve se preocupar com nada, Milly. Faz alguma diferença pra você? Você deseja mesmo conhecê-la? É importante?

— Claro que não — murmuro mais para mim mesma. Que diferença ia fazer eu ter algum tipo de ligação ou até amizade com a esposa de Gabriel?

Ele estava certo. Eu não deveria ter contato nem com ele.

O que me fazia imaginar se, a partir de agora, ele irá desaparecer.

Eu não tenho coragem de perguntar.

No fundo sei que seria o mais sensato. Manter tudo apenas como um contrato entre nós. Eu seria a barriga de aluguel por nove meses. E só.

— Tem algum compromisso? Eu ia chamá-la para tomar um café comigo.

— Não posso — minto — eu preciso ir...

— Tudo bem. Max entrará em contato com você para começar os procedimentos.

— Certo. Tchau, Gabriel.

— Tchau, Milly.

Eu me afasto, saindo da clínica para a manhã cinzenta de Seattle me perguntando quando verei Gabriel de novo.

Ou se verei.

Não demoro a receber a ligação da clínica, marcando meu retorno para dali alguns dias.

Sinto um arrepio de medo e antecipação.

Joshua me liga naquele íterim e como ainda estou muito magoada com ele o trato friamente. Ele pede desculpas. Diz que virá no próximo fim de semana. Eu digo para não se preocupar em vir.

— Não quer que eu vá? — pergunta surpreso. Quase magoado também.

— Quero que faça o que achar melhor.

Depois que desligo, fico me perguntando se deveria ter contado pelo telefone mesmo. Decido não falar nada. É um assunto tão sério que quero estar com ele pessoalmente para poder contar.

Então chega o dia D.

O dia em que começarei o procedimento de fertilização.

Estou mais nervosa do que nunca quando chego à clínica e, como sempre, sou recebida pela elegante recepcionista que pede que eu aguarde.

— Onde é o banheiro? — pergunto e ela explica que eu devo seguir pelo corredor, à direita.

Eu caminho pelo corredor até chegar ao banheiro e me tranco lá dentro, olhando meu rosto pálido. Respiro fundo e jogo água nos meus pulsos e nuca. Talvez servisse para me acalmar um pouco.

— Vou mesmo fazer isto? — Pergunto para a imagem da moça assustada no espelho. Minha imagem. — Sim eu vou. E está tudo bem — digo a mim mesma e saio do banheiro.

E é quando estou percorrendo o corredor de volta, que estaco ao passar em frente a uma sala com paredes de vidro e ver duas pessoas que parecem discutir lá dentro.

É Gabriel Collins e o médico. Doutor Max Goldman.

Dali eu não consigo escutar o que dizem, embora pareçam estar esbravejando um com o outro.

De repente eles param depois de o médico se afastar para atender um telefone.

Vejo Gabriel passando os dedos pelos cabelos, naquele gesto que o vejo fazer muito. Parece frustrado e nervoso.

— Amelia Edwards? — A recepcionista me chama no fim do corredor e eu fico vermelha, me afastando.

— Sim?

— Vou encaminhá-la para o doutor Goldman.

— Claro.

Eu a acompanho de volta pelo mesmo caminho e Gabriel está saindo da sala. Ele sorri ao me ver. Embora seu sorriso seja meio tenso.

— Oi... Não sabia que estaria aqui.

— Oi, eu... Só precisava tratar de alguns assuntos com Max.

— Ah. — *“você quer dizer discutir com Max”*, penso em dizer, em vez disso apenas pergunto casualmente. — Algum problema?

— Não, está tudo bem. Acho que Max está te esperando.

— Você... Vai ficar aqui?

— Não. Vou voltar ao trabalho. Tenho uma reunião importante.

— Ah... Entendo.

— Milly, vamos entrar? — O médico aparece na porta e sorri para mim.

— Sim, claro.

— Até mais, Gabriel — ele diz, fechando a porta na cara de Gabriel e me levando para dentro.

Eu tenho uma vontade imensa de perguntar que diabo significa aquela cena que eu vi, mas opto por me calar.

— Tudo bem? Preparada? — o médico estuda meu rosto.

— Um tanto nervosa.

— Não fique. — Me leva a uma outra sala e uma enfermeira aparece.

— Ela vai te ajudar a se preparar, ok?

— Certo.

A enfermeira é bastante solícita e prática e rapidamente eu me vejo sobre a maca com minhas pernas bem abertas.

E quando o médico entra na sala, eu me sinto corar. Claro que ele é médico e deve ver este tipo de coisa todo dia, porém, para mim, não deixa de ser constrangedor.

— Milly procure relaxar, ok? Pode haver um pequeno desconforto.

— Certo — eu solto o ar lentamente, enquanto ele se prepara.

Minha mente infestada de pensamentos aleatórios, como o fato de que eu poderia estar grávida em poucos minutos e que não fazia ideia de como era a doadora do óvulo. Gabriel não me falou nada sobre ela e como foi escolhida, embora, obviamente não fosse da minha conta, eu estava um tanto curiosa.

O quão desapegada uma pessoa deveria ser para gerar um bebê sem se importar? Era estranho demais cogitar isso.

— Pronto Milly — o médico se afasta enquanto a enfermeira se aproxima.

— Já acabou? — Pergunto surpresa.

— Sim, já acabamos. É recomendado que fique em repouso por trinta minutos e depois está dispensada.

— É... só? — De alguma maneira eu esperava um procedimento mais complicado.

Ele sorri.

— Sim, por enquanto. Vamos torcer para que dê certo. Como te expliquei, nem sempre temos sucesso da primeira vez. Neste caso tentaremos novamente, claro.

— E quando eu vou saber se... estou grávida?

— Em média entre doze e quatorze dias.

Ele desaparece e a enfermeira me pergunta se está tudo bem, respondo que sim e aguardo os trinta minutos recomendados para me trocar e ir embora.

É estranho que agora tudo pode ter mudado, penso, enquanto caminho pela rua. Passo a mão por minha barriga plana. Será que deu certo? Será que já tenho o bebê de Gabriel na minha barriga? Sinto uma mistura de ansiedade e medo.

Doze dias, era o que o médico havia dito. Terei que ter paciência e esperar.

Naquela noite, o telefone toca e eu pego o aparelho, pensando no que vou dizer a Joshua. Nossas conversas ultimamente sempre terminam em discussão o que está começando a me deixar esgotada emocionalmente. Por um momento tenho vontade de ignorar e não atender, mas sinto que não posso agir assim, então atendo.

— Oi, Milly — prendo minha respiração ao ouvir a voz perfeita. Não é Joshua. É Gabriel Collins.

— Gabriel... oi... — eu me sento atordoada com a onda de satisfação que sinto ao ouvi-lo.

De alguma maneira eu não estava esperando que ele voltasse a falar comigo tão cedo.

— Eu liguei para saber se está bem, quer dizer, depois do procedimento.

— Estou bem. Não sinto nada diferente.

— Mas pode estar diferente, não é? — Ele murmura e eu passo a mão na minha barriga automaticamente.

Quero tanto que dê certo e sinto um arrepio com medo de que não dê. Iria decepcionar Gabriel demais.

— O médico me disse que há a possibilidade de não dar certo da primeira vez.

— Sim, eu estou ciente, claro — ouço-o respirar fundo do outro lado. — Eu pensei no procedimento o dia inteiro — ele diz de repente. — Fiquei pensando se você já estaria grávida. Se já haveria um bebê crescendo dentro de você.

Sua voz é baixa e tem um tom de confissão. Soa quase íntima.

E quase desejo que ele esteja aqui, falando aquilo em meu ouvido. Seus dedos em minha barriga.

Eu sacudo a cabeça, irritada com tal pensamento idiota. De onde tinha vindo aquilo?

Sinto uma torrente de culpa inundar meu peito. E nem sei o motivo.

De certa forma é natural que me sinta mais sensível a tudo. Especificamente à empolgação de Gabriel com aquele bebê. Eu não era a mãe propriamente dita, era apenas a barriga que o carregaria por quarenta semanas, o que não me tornava alguém sem sentimentos. Muito pelo contrário. Eu entrei naquela história por sentir uma conexão com Gabriel, uma identificação com sua vontade de ter um bebê. Eu podia entender seu desejo. Era quase um espelho do meu.

Mesmo assim, limpo minha garganta, onde um nó havia se formado, para dizer despreocupadamente.

— Vamos manter a positividade.

— Sim, vamos esperar. — Ele parece adquirir um tom mais formal também.

Uma parte de mim lamenta, a outra entende e até prefere.

— Boa noite, Milly.

— Boa noite, Gabriel.

Eu desligo e quase em seguida o telefone toca novamente. Desta vez é Joshua.

— Oi, Josh.

— Oi, Milly. Continua brava comigo?

Eu hesito. Estou? Não, não estou. O que sinto não é ira. É mais como uma decepção.

— Não, Josh, não estou.

Posso sentir seu alívio do outro lado do telefone.

— Eu sinto muito por este momento que estamos vivendo.

— Josh... — de repente eu não tenho a menor vontade de discutir a relação com Joshua naquele momento.

Foi um longo dia. Um dia decisivo. E tudo o que quero fazer é dormir. E assim as horas passarão mais rápido.

Doze dias.

— Não, eu preciso falar. Eu sinto uma puta culpa por fazer você ficar nervosa e sei que está decepcionada comigo. Saiba que tudo o que eu faço é por nós dois. Este emprego pode não ser o mais correto, não será pra sempre, Milly. Assim que terminar esse trabalho voltarei pra casa. E nós vamos ficar bem. Eu prometo.

— Eu... — o que eu posso dizer? Minha mente está vazia. Eu não consigo dizer nada naquele momento. Respiro fundo. — Josh, estou cansada. Preciso dormir.

— Claro, claro. Vá descansar. Eu te amo.

— Eu também — digo e desligo.

Tomo um banho demorado e quando me deito para dormir, coloco a mão na barriga e faço uma oração para já estar carregando o bebê de Gabriel.

Alguns dias se passam e meu estado de ansiedade vai piorando. E o fato de estar sozinha e sem nenhuma ocupação, contribuíam para aumentar meu estado.

Então, cansada de esperar, resolvo viajar para Olympia e passar uns dias com meu pai. Que me recebe com uma felicidade desconfiada.

— Que diabos está fazendo aqui? — Pergunta depois de me abraçar e pegar uma cerveja na geladeira.

Eu desligo o fogão, onde fazia macarrão, esperando Ben chegar do trabalho.

— Oras, não posso visitar meu pai?

— Não é de fazer estas visitas com cara de que vão durar dias — ele diz, apontando para minha mala que joguei no sofá da sala e ainda não levei para o meu antigo quarto.

— Estava me sentindo sozinha com Joshua em Tacoma — respondo casualmente escorrendo o macarrão.

— E por que não foi pra Tacoma em vez de vir pra Olympia?

Boa pergunta pai.

— Eu não quero atrapalhar o trabalho dele.

— Atrapalhar? Que esquisito! Por que atrapalharia? Eu acho que você

deveria ficar lá com ele.

— Não comece com este papo antigo de “*lugar de mulher é ao lado do marido*”. Foi por isso que a mamãe te largou — provoco.

— Sua mãe não me largou por causa disso, que invenção é esta? E qual o problema de ficar ao lado do seu marido?

— Ele está lá a trabalho, pai, e é temporário. Não tem por que eu me mudar junto.

— Podia ter ido passar uns dias com ele, então.

— Eu queria ficar com você. Ou está me mandando embora? — indago, o encarando.

— Ei, claro que não. Como posso não querer comer dignamente pelo menos por uns dias?

Eu sorrio, colocando o macarrão e o molho na mesa.

— Então vamos comer.

Nós comemos enquanto Ben me conta as últimas fofocas da cidade.

Depois eu subo com a minha mala e tomo um banho. Ben já está adormecido no sofá com a TV ligada em um jogo qualquer.

Desligo a TV e o chamo pra ir dormir.

É bom estar na minha cama de solteira novamente. Eu quase posso me enganar que nada mudou. Ainda sou aquela adolescente que passava todas as férias ali.

Se naquela época eu pudesse prever tudo o que ia acontecer na minha vida... O que eu teria feito de forma diferente?

Não começar o namoro com Joshua, diz uma voz incômoda dentro de mim, que rechaço de pronto.

Eu nunca iria me arrepender de ter ficado com Joshua, como poderia? A nossa vida, com certeza, não estava fácil no momento. E se eu fosse um pouco mais sincera comigo mesma, nunca mais foi. Não depois da gravidez.

Ou seria um pouco antes, quando eu decidi ir pra faculdade e deixar Josh para trás?

Ele ficou magoado comigo e eu senti sua falta quando estava longe. Nada disso foi forte o bastante para me fazer desistir e voltar.

Então eu engravidei. E a decisão foi tirada de minhas mãos.

Me remexo incomodada com a linha dos meus pensamentos e fecho os olhos com força, me obrigando a dormir.

Eu sonho com um bebê de cabelo loiro. E acordo sentindo uma estranha mistura de ternura e pesar.

Os dias seguem em Olympia.

Frios. Chuvosos. Arrastados.

Até que um dia meu pai finalmente me põe contra a parede.

— Quero que me diga agora o que está acontecendo com você e Joshua.

Eu desvio o olhar para a janela. Estamos sentados almoçando num domingo silencioso e lá fora uma chuva fina cobre a paisagem.

— Eu já disse que não tem nada acontecendo.

— Milly, acredita que sou idiota? É obvio que estão com algum problema!

— Todo casal tem problemas, pai — digo evasiva — Nada que não possa ser resolvido.

— Então, em vez de estar aqui, devia estar em Tacoma, tentando resolver seus problemas. E você vai hoje! Cansei de vê-la por aqui deixando passar o tempo! Vai arrumar suas malas e ir pra Tacoma. Nem que eu tenha que te levar, entendido?

Eu me dou por vencida.

— Tudo bem.

Eu chego em Tacoma à tarde. Ainda não quero estar ali. Não que não queira ver Joshua, porém todo aquele trabalho sujo ainda me enoja e me deixa extremamente preocupada.

Papai tinha razão. E olha que ele nem fazia ideia do tamanho do problema que estava acontecendo.

E nem Josh faz, penso sombriamente.

Entro na casa e está vazia. Deixo minha mala no quarto e sorrio ao ver a bagunça na cozinha. Ocupo-me em limpar tudo e é assim que Josh me encontra horas depois.

— Milly? — Ele para na porta da cozinha, surpreso e eu sorrio.

— Oi.

Ele vence a distância e me abraça. E percebo que senti sua falta.

Fecho os olhos e lamento tudo o que tem nos separado. E me sinto muito errada em continuar mantendo a fertilização em segredo.

— Josh, precisamos conversar — digo me afastando.

— Não, nada de papo sério. Eu nem acredito que está aqui! — Ele me abraça de novo e me beija.

Minha mente não está preparada e não relaxo em seus braços. Joshua percebe e se afasta.

— Ei, achei que estava tudo bem... você aqui.

Eu me desprendo dele.

— Eu estava em Olympia.

— Em Olympia?

— Sim, passei uns dias lá com meu pai.

— Por quê?

— Por nada. Apenas... precisava espairer.

— Deveria estar aqui comigo.

— Sabe porque não posso.

— Então por que está aqui?

— Eu precisava... — de repente eu paro. Me falta coragem para dizer com todas as palavras. Já havia tantos problemas entre nós. Tanta distância.

Eu sinto que haverá mais briga assim que eu disser o que está acontecendo. E sabe Deus quando conseguiremos resolver para ficar bem de novo. E há um lado meu que está cansado de ficar daquele jeito. Sempre discutindo. Sempre afastados.

Eu sinto falta do que tínhamos antes. Quando foi que deixamos tudo se tornar tão complicado? Tão difícil?

— Acho que tem razão. Não precisamos ficar sérios — sorrio dando de ombros. — Podemos... simplesmente ser nós mesmos?

Ele sorri e segura minha mão.

Nós saímos para passear pela cidade e por um tempo é como se fosse antes. Tempos inocentes e mais felizes. E, quando finalmente voltamos para casa, já à noite, fico pensando quando começaram meus erros.

E novamente me pergunto se não foi há muito tempo. Naqueles tempos felizes e despreocupados quando éramos apenas amigos e era o bastante.

— O que de tão importante tinha para me dizer quando pediu que eu fosse pra casa? — Joshua pergunta quando estamos nos preparando pra dormir.

Eu engulo em seco, desviando o olhar.

Joshua segura meus ombros, me obrigando a olhar para ele.

— Milly, o que foi? — de repente ele arregala os olhos. — Não me diga que você está... grávida?

Oh Deus!

— Não, claro que não! — Retruco me afastando e começando a tirar a colcha da cama.

— Nossa, me deu um susto, por um momento...

Eu paro, o encarando.

— E se eu estivesse? — Pergunto, me deitando.

Ele vem até mim sorrindo.

— Eu ficaria feliz, claro. Nós sempre falamos sobre isto. Sobre você engravidar de novo um dia.

— Quando estivéssemos numa situação melhor.

— Sim, porém se acontecesse, teríamos que lidar com isso de alguma maneira.

— Eu quero ter um bebê. E quero poder dar tudo pra ele. Deve acontecer no momento certo.

— Este momento vai chegar — ele toca meu rosto e então me abraça indo me beijar.

Eu fico tensa.

Eu não posso transar com Josh no meio do processo de fertilização.

— Não, Josh...

— Ah Milly, não faça isso. Estou com saudade de você.

— Desculpa, estou cansada...

Ele se afasta meio irritado, mas não insiste.

Sabe que não adianta ficar insistindo quando não estou a fim.

Eu fecho meus olhos, me sentindo mal.

Devia contar a ele. Porém... E se eu não estiver grávida?

E se nunca ficar? Todo mundo sabe que aqueles procedimentos podem falhar. Então se nada acontecer, melhor que Josh nunca fique sabendo. Eu só contaria se confirmasse minha gravidez.

Com este pensamento, adormeço.

Eu passo com Josh no dia seguinte e no final da tarde lhe comunico

que vou voltar para Seattle.

— O quê? Eu achei que fosse ficar.

— Não, eu nunca falei que ficaria. Nada mudou Joshua, ainda quero que venha pra casa comigo.

— Não, eu já disse que vou cumprir o que combinei.

Começo a me irritar de novo.

— Joshua, por favor. Não me deixe voltar sozinha...

— Já tivemos essa discussão antes, sabe qual a minha posição. Nós precisamos de dinheiro e eu vou ficar!

— Eu posso arranjar o dinheiro...

— Pode como, Milly? Sabe que é impossível...

Eu abro a boca para dizer exatamente como vou resolver nossos problemas com dinheiro, mas me calo.

— Certo. Se é o que quer, fique. Cansei de discutir.

Volto para o quarto, arrumo minhas malas, estou tão chateada que nem me dou ao trabalho de me despedir de Joshua antes de ir embora.

Quando chego em Seattle o dia está terminado e estou exausta, física e emocionalmente. Entro em casa, largo as malas no chão e sento no sofá escondendo o rosto entre as mãos.

E choro.

Não sei quanto tempo passa até que escuto batidas na porta e alguém chamando meu nome.

— Milly, está em casa?

Eu me levanto, ao reconhecer a voz de Gabriel.

O que ele está fazendo aqui?

Me arrasto até a porta e abro.

— Onde diabos se meteu, estou procurando você há dias... — ele para ao estudar meu rosto. — O que aconteceu? Está chorando?

— Não é nada... — desconverso, me afastando, Gabriel vem atrás de mim.

— Qual o problema, Milly? Está se sentindo mal? É algo sobre a fertilização...

— Não, não é nada disto...

— Então por que sumiu e agora está chorando?

— É Joshua — falo com a voz trêmula.

— O que aconteceu?

Eu não consigo mais mentir pra Gabriel.

— Ele não sabe sobre a barriga de aluguel.

— Você me disse que contou a ele.

— Eu não consegui. Me desculpe...

Gabriel passa a mão pelos cabelos nervosamente.

— Acho que eu deveria saber. Nenhum marido ia concordar com algo assim e a deixaria sozinha para seguir todo o procedimento.

— Sinto muito... fiz tudo errado.

— A culpa não é só sua. Eu acho que já sabia. Adiei o assunto, porque queria que você continuasse. Se eu insistisse no aval de seu marido, tudo poderia ruir.

— Eu não consegui contar... já estamos com tantos problemas, eu nem sei se isso vai dar certo. E se não der? Talvez ele nunca precise saber! — quando coloco todos aqueles meus pensamentos caóticos para fora, Gabriel está me encarando sério.

— Você acha que não vai dar certo?

— Eu não sei... nós sabemos dos riscos. Eu posso engravidar e também pode falhar, mesmo com outras tentativas...

Gabriel fica pensativo por um instante.

Eu me sinto mal por ele agora.

— Eu me sinto confusa. Quero que dê certo. Eu concordei com tudo. Então, quando penso em Joshua, fico com medo. Eu nunca deveria ter concordado sem falar com ele.

— Talvez você não esteja — Gabriel diz por fim — Se você não estiver, nós encerramos por aqui.

Eu paro de respirar por um momento.

— O quê?

— Não quero te ver sofrer. Acho que fui longe demais escolhendo você.

— Não... — eu começo a me sentir zozza.

— Eu deveria saber o que lhe causaria. Eu... droga! — Ele se afasta, os dedos castigando os cabelos. — Talvez tudo esteja errado... Talvez não seja pra acontecer, afinal... Eu tomei todas as decisões que podem nos levar

a...

Eu já não escuto Gabriel. Sinto minha mente girar, assim como meu estômago.

— Oh Deus... — só tenho tempo de correr para o banheiro e vomitar ruidosamente.

Quando finalmente acaba, mãos gentis estão me levantando e abaixando a tampa do vaso e dando descarga. Eu me sento sobre ela, ainda suando frio.

— Você está bem? — Gabriel se ajoelha na minha frente, com o semblante preocupado.

— Foi só um enjoo... — de repente um alarme soa na minha cabeça.

— Você me assustou... Está melhor? Talvez tenha comido algo que lhe fez mal...

— Não, acho que não. A última vez que senti enjoos repentinos... foi quando estava grávida.

Por um momento nenhum dos dois fala nada. Minhas palavras pairando no ar, enchendo o mundo com seu significado.

E então, tudo muda numa fração de segundo, apenas com a possibilidade.

E ela basta para fazer o sorriso mais lindo do universo se delinear no rosto de Gabriel.

No minuto seguinte estou em seus braços.

Capítulo 8

Milly

Eu me sinto tonta enquanto os braços de Gabriel me apertam forte numa espécie de euforia contagiante. E só faço soltar um riso nervoso e até meio histérico, o abraçando de volta.

Aquele abraço espontâneo durou apenas alguns segundos, mas naqueles instantes, eu fui capaz de sentir a felicidade quase infantil de Gabriel pela simples possibilidade de eu estar grávida.

Então ele me encara com o mais lindo sorriso que me faz rir dele.

Eu fungo, passando os dedos por meu rosto ainda com resquícios de lágrimas e suor da minha ânsia.

— Eu não disse que estou grávida, Gabriel — falo devagar, ele continua sorrindo.

— Você disse que passava mal quando estava grávida.

— Também estava nervosa — murmuro, sentindo um aperto no peito que ceifa um pouco daquela felicidade contagiante de Gabriel dentro de mim.

Gabriel também parece se lembrar dos motivos de nossa discussão, pois se levanta, passando os dedos pelos cabelos nervosamente.

Eu me levanto também e abro a torneira lavando minha boca, mãos e rosto. E tentando colocar minha mente no lugar no processo.

Quando enfim termino, saio do banheiro com Gabriel atrás de mim e o encaro na sala.

— Eu sinto muito por toda essa confusão. Sinto-me péssima por ter mentido a você sobre Joshua e pior ainda só de pensar em contar a Josh tudo o que estou fazendo.

— Eu sinto muito que tenha que passar por essas coisas, Milly. Como me disse... Talvez não esteja grávida. — Sua voz está cheia de medo e me sinto culpada. Ele dá um passo em minha direção me encarando seriamente. — Se você não estiver...

— Não vamos falar sobre o assunto até termos certeza. — Eu o corto,

sabendo que ele vai dizer novamente que vamos desistir caso o procedimento não tenha dado certo. E eu não quero pensar nisso agora. De repente me sinto esgotada. Também com certo anseio misturado ao medo.

Se eu estiver grávida tudo irá mudar irreversivelmente. Gabriel terá seu desejo realizado. Enquanto todo meu relacionamento com Joshua estará em risco.

E se eu não estiver...

Meu breve e estranho relacionamento com Gabriel estará terminado.

Ele vai desistir de ser pai? Ou vai procurar outra pessoa? Outra mulher para ser a mãe de aluguel do seu bebê.

Eu não gosto do sentimento de rejeição que esta possibilidade me traz. Quase como... Ciúme.

Sou tirada de meus devaneios ao escutar um celular tocando. Gabriel pega o aparelho e seu olhar passa de irritado para preocupado, quando ele olha o visor e vira de costas, atendendo seja lá quem for.

— Fale... — fico em silêncio enquanto ele escuta a outra pessoa e me pergunto se pode ser a sua esposa.

De repente me sinto uma intrusa e penso em me afastar, ele resmunga um “*tudo bem, estou indo*” e desliga voltando a me encarar.

Agora parece distante.

— Me desculpe, eu preciso ir.

— Claro — eu caminho até a porta para abri-la, contendo minha vontade de perguntar qual o problema. De alguma maneira, eu intuía que algo estava acontecendo para ele mudar tão drasticamente.

— Eu... — ele passa a mão pelos cabelos na porta, como se procurasse o que dizer, sem encontrar. Como se sua mente estivesse muito longe.

— Está tudo bem, Gabriel. Tudo tem o seu tempo. Vá.

Ele apenas me encara por mais um instante e então parte. Sem olhar para trás.

Eu fecho a porta me encostando nela. O apartamento parece estranhamente vazio e silencioso sem a presença enigmática de Gabriel.

E me sinto mais sozinha do que nunca.

Me arrasto até o chuveiro e tomo um banho demorado. Não volto a sentir enjoo ou qualquer outro sintoma que possa denunciar uma gravidez.

Joshua deixa inúmeros recados na secretária eletrônica. Eu apago todos sem responder.

Durmo sozinha. Acordo sozinha.

Enjoo sozinha.

Olho-me no espelho depois de vomitar pela segunda vez e sinto medo.

Sinto esperança.

Mesmo assim, eu deixo os dias passarem. Longos e solitários.

Gabriel não aparece mais. E em algum lugar obscuro dentro de mim, sei que é absurdo eu sentir falta dele.

De alguma maneira ele se tornou importante em toda aquela confusão. Talvez seja o acordo bizarro e tão intrinsecamente íntimo. Ou o fato de eu me identificar com seu desejo de ter um bebê.

Ou até mesmo o momento problemático que eu estou vivendo com Joshua.

A verdade é que me sinto tão sozinha como nunca me senti antes. Joshua sempre esteve comigo. Mesmo na época da faculdade, ele me ligava todo dia e eu sabia que estava tudo bem. Os meses passariam e nós voltaríamos a ficar juntos como se nunca tivesse havido separação.

Agora...

Agora tudo era incerteza. E doía. E me deixava com medo.

Era como se eu não conhecesse aquele Joshua que me deixava sozinha para realizar um trabalho escuso e ilegal em outra cidade. Era estranho não ter controle algum sobre aquele Joshua. E aquilo estava criando um abismo cada vez maior entre nós.

E no meio de tudo tinha Gabriel.

Um cara que eu mal conhecia. De cuja vida sabia praticamente nada. Que fazia tudo parecer simples e possível quando estava perto de mim.

Até mesmo um acordo de barriga de aluguel.

Coloco a mão na minha barriga plana e encaro minha imagem no espelho. E sei que não posso mais adiar.

Algumas horas depois encaro o teste de gravidez na minha frente com os olhos vidrados.

Positivo.

Eu sinto uma enxurrada de sentimentos aflorando em mim. Estou

aliviada.

Estou com medo.

Estou feliz.

Caminho de novo até o espelho e levanto minha blusa. Um bebê está crescendo ali. O bebê de Gabriel.

Um bebê que não é meu. Eu não deveria me sentir infeliz com isto.

Ter novamente um bebê crescendo dentro de mim me faz lembrar do que eu perdi. E de como ainda desejo ter um bebê que seja meu.

Mas não é a minha hora. É apenas um acordo.

Um acordo que envolve dinheiro para mim e a realização de um sonho de Gabriel.

Pensar nele me faz imaginar como ele ficaria feliz de saber que deu certo. Que ia finalmente ser pai e o pensamento traz um sorriso ao meu rosto.

— Milly?

Eu levanto o olhar surpresa e meu olhar cruza com o de Joshua parado na porta do banheiro.

Ele está segurando o teste de gravidez e me encarando chocado.

— Josh... — sinto um calafrio de medo, me virando para encará-lo de frente.

— Você está grávida? — Pergunta com os olhos arregalados e eu respiro fundo, assentindo e dando um passo na sua direção para começar a explicar. Então Joshua sorri, vence a distância entre nós e me abraça.

Oh Deus!

Como explicar que aquele bebê não era dele? E muito menos meu?

Capítulo 9

Milly

— Josh, espere — eu me afasto com certa dificuldade do abraço forte dele e me sinto ainda pior quando encaro seu rosto e ele está sorrindo, todo feliz.

Meu coração se aperta de arrependimento e medo.

— Por que não me contou? Eu teria vindo antes, eu...

— Josh, pare! Não é como está pensando, eu preciso explicar...

Ele finalmente percebe minha expressão grave.

— O que foi? Eu sei que estamos cheios de problemas, porém a gente vai ter um bebê e...

— Não, a gente não vai ter um bebê! — O interrompo.

— Como não? — ele aponta para o teste. — Deu positivo... Você não está grávida?

Eu engulo o medo. Não tem mais como continuar escondendo a verdade.

— Estou.

— Então...

— Este bebê não é seu.

— O quê? — Josh empalidece e percebo, tarde demais, que poderia interpretar errado minhas palavras.

— Não! Não é o que está pensando...

— O que é então, Milly? Você diz que está grávida, mas o bebê não é meu! Que porra está acontecendo?

— Este bebê não é seu. E nem meu.

— O quê?

— Eu sou uma barriga de aluguel.

— Como é? Está de brincadeira? Que história é essa?

— Eu devia ter te explicado desde o começo... enfim, vou te explicar agora. O bebê que estou esperando não é nosso. Eu aluguei a minha barriga.

Joshua fica ainda mais pálido.

— Não pode estar falando sério! É absurdo, Milly!

— Estou falando sério. Estou grávida, mas não vamos ter um filho. Sou apenas a... portadora gestacional. Foi colocado um bebê já feito dentro de mim e eu o entregarei aos pais verdadeiros quando nascer. Resumindo, é isso. —Estou chocada com a calma e simplicidade da minha própria voz. Enquanto Joshua se afasta, passando a mão pelos cabelos e assimilando minhas palavras, sei que uma tempestade está surgindo.

Eu o sigo até a sala e ele para, me encarando com fúria.

— Está me dizendo que alugou sua barriga para estranhos? E sem me consultar? Você está maluca?

— Eu sei que foi errado, mas droga! Eu tentei conversar com você muitas vezes, você ficou em Tacoma e se negava a vir pra casa!

— Meu Deus, Milly! Você enlouqueceu? Isto não pode estar acontecendo!

— Sinto muito. Agora é fato consumado. Eu assinei um contrato e gestarei este bebê. Precisa entender. — Dou alguns passos em sua direção. — Eu fiz por nós. Vamos ganhar um bom dinheiro.

— Dinheiro? É nisso que está pensando?

— Sim, dinheiro! A razão de todos os nossos problemas.

— Quer dizer que resolveu ter um filho de um estranho por dinheiro?

— Não fale assim! E não é como se eu tivesse me prostituído e transado com alguém para engravidar! É um procedimento clínico! Um contrato!

— Como pôde descer tão baixo?

— Não transforme minha gravidez numa coisa suja, porque não é! Existem casais que querem ter filhos e não podem! É um ato de bondade ajudá-los!

— Bondade? Você disse que fez por dinheiro!

— Não foi só por isso! — Tenho vontade de contar a ele sobre Gabriel, porém sinto que só vai piorar a situação no momento. — Sim, o dinheiro ajudou na minha decisão! Nós estamos quebrados, Josh! Mal conseguimos pagar nossas contas e nesse ritmo nunca conseguirei voltar à faculdade ou planejar ter um filho!

— Eu estou trabalhando! Estou ganhando uma grana...

— Não quero seu dinheiro sujo!

— O meu dinheiro é sujo e esse que está ganhando vendendo o corpo?

— Não acredito que está falando isso! Está distorcendo tudo! Eu aluguei minha barriga sim, para um bebê! Para realizar o sonho de um homem... de um casal! — corrijo. — Pessoas que dariam tudo por um filho. E eu entendo! Também estou fazendo para um dia poder ter o meu próprio filho!

— Isso não está certo... Você não pode prosseguir...

— Eu posso e vou!

— Inferno, Milly! Por que não me contou? Como pode ter tomado uma decisão tão séria sozinha?

— Sei que errei! Juro que tentei conversar com você, mas todo esse distanciamento...

— Não jogue a culpa em mim! Eu estava trabalhando justamente pra poder resolver nossos problemas e você não quer entender!

— Você também não me entende, não percebeu? Também estou fazendo isso por nós! Por nossa vida! Josh, com esse dinheiro... são quinhentos mil!

— Quinhentos mil?

— Sim, é muito! Podemos comprar uma casa, podemos abrir uma oficina pra você! Eu posso voltar para faculdade e depois... Podemos ter nosso bebê.

— A que preço, Milly?

— Você está sendo exagerado. São só nove meses. Depois tudo voltará ao normal.

— Não tem nada de normal aqui! Eu não consigo aceitar! Você me fez de idiota! Esconder essa barbaridade de mim!

— Estou te pedindo desculpas... aceite. E volte pra casa. Não precisa mais do Abranello...

— Não posso concordar com essa situação! Não posso aceitar que se sujeite a isto! — Ele me mede com um olhar que nunca vi. Um olhar de nojo que me faz encolher de terror. — Esperando um filho de outro cara...

— Eu já disse que não é assim...

— Pois é assim que eu vejo! E não posso... Não consigo aceitar essa merda! — Inesperadamente pega sua jaqueta do sofá, a chave do carro e sai

batendo a porta.

Não me resta nada a fazer, a não ser chorar e esperar.

Esperar que Joshua esfrie a cabeça e volte para que possamos conversar com tranquilidade.

Esperar que me perdoe por ter omitido o contrato de barriga de aluguel. E que aceite que o que estou fazendo é por um bem maior.

As horas passam, a noite cai e nada acontece.

Eu finalmente adormeço e acordo com o som do telefone tocando. Corro pra atender pensando ser Joshua, é uma pessoa desconhecida.

— Senhora Amelia Edwards? — diz a voz feminina bem articulada. — Aqui é da clínica. A senhora tem uma consulta marcada para hoje às 14h, podemos confirmar?

— Sim, pode...

Eu desligo e tomo um banho demorado. Ligo para o celular de Joshua várias vezes e deixo alguns recados desesperados, aparentemente ele não quer falar comigo e eu me pergunto onde ele está. Será que voltou para Tacoma?

Eu me obrigo a ficar calma e esperar, quando saio para a clínica, ele ainda não deu notícias.

Na clínica, tudo continua como eu me lembro. Muito claro, cercado por silêncio e recepcionistas bem-educadas. O Doutor Goldman me recebe cordialmente e eu conto que fiz um teste de farmácia e o resultado foi positivo.

— Certo. Vamos fazer um exame de sangue para confirmar.

Eu sou encaminhada por uma enfermeira para colher o sangue e pedem que eu aguarde aproximadamente uma hora pelo resultado.

Eu volto para a sala de espera e olho meu celular. Nada de Joshua. Sinto meu coração afundando no peito de preocupação.

— Milly?

Levanto o olhar e Gabriel Collins está na minha frente.

— Gabriel!

— Tudo bem? Você parece... preocupada — ele indaga, me estudando, e forço um sorriso.

— Só estou apreensiva com o resultado, acho — minto.

Eu não estou apreensiva com o resultado porque já sei que estou grávida.

— Então somos dois — ele diz com um sorriso inseguro, sentando ao meu lado.

— Não fazia ideia de que ia encontrá-lo aqui.

— Eu sabia que hoje você faria o teste.

— Entendo.

— Tem certeza que está bem? Por acaso está se sentindo enjoada ou algo assim?

— Deve ser isto — minto de novo com um sorriso apagado.

De repente sinto uma vontade imensa de contar tudo a Gabriel. Contar a confusão que eu aprontei com Joshua e que não sei como vai se resolver. Me calo. Acho que não seria justo.

Ele está ali simplesmente para saber o resultado. Para finalmente conseguir realizar seu desejo de ser pai. E não para que eu descarregue meus problemas em cima dele.

— Posso fazer algo por você? Quer uma água ou... posso pedir pra Max te examinar...

— Não, não se preocupe comigo. Vou ficar bem.

Nós ficamos em silêncio por algum tempo até que sinto sua mão sobre a minha e o encaro, surpresa.

— Milly, eu... Se lembra do que eu disse na sua casa aquele dia?

Tento me lembrar de tantas coisas que foram ditas e então eu sei do que ele está falando.

— Você disse que tentaremos apenas uma vez e, se eu não estiver... — minha voz some.

— Sim, eu falei sério.

— Eu não acho que seja realmente o que você deseja — digo olhando em seus olhos — Você quer tanto um bebê que não seria capaz de desistir, Gabriel.

— Não se trata apenas de mim, Milly. É sobre você. Sua vida. Você diz que está tudo bem, duvido muito que esteja.

— Não...

— Eu não sei o que está acontecendo. Se falou com Joshua, se isso é ainda um problema. Não quero que seja assim pra você. Então eu acho que... Se for negativo... Não era pra ser. Significa que cometi um erro.

— Não acho que seja um erro. Eu sempre achei esquisito você ter me

escolhido e tenho minhas razões pra ter aceitado. Temos que lidar com nossas escolhas, Gabriel.

— Mesmo elas sendo erradas?

— Eu acredito que as coisas acontecem por um motivo. Só acontece aquilo que está escrito. E acredito do fundo do meu coração que não foi por acaso que você me salvou naquele dia. Que não foi por acaso que nos encontramos um ano depois e também não será por acaso se eu estiver grávida.

— Se não estiver...

Eu aperto sua mão.

— Quero que me prometa que vai continuar tentando. Mesmo que não seja comigo, mesmo que escolha outra barriga de aluguel. Não quero que desista do seu sonho.

Ele abaixa o olhar para nossas mãos unidas.

— Seria estranho até mesmo imaginar tudo isso sem você.

Eu mordo os lábios para conter o sorriso, pois gosto de ele ter falado.

— Quer saber um segredo? Eu tenho certeza que estou grávida — sussurro com um sorriso.

— Você fez um daqueles testes. Max me contou.

Eu franzo a testa.

— Ah, o doutor é linguarudo.

— Ele só me deixou a par da situação, deixando claro que esses testes podem falhar.

— Eu simplesmente sei, Gabriel. Estou esperando um bebê.

Ele sorri e então a recepcionista nos chama.

Eu não reparo que estou prendendo a respiração ao entrar na sala do Doutor Goldman, assim como não tinha reparado que Gabriel ainda segurava minha mão entre a sua até ver o olhar do médico.

Eu fico vermelha e solto a mão rapidamente.

Gabriel parece não se importar.

— E então? — Pergunta ansioso e o doutor Goldman nos encara.

— Positivo. Você está grávida, Amelia Edwards. O procedimento foi um sucesso.

Eu sinto uma mistura de alívio e alegria e encaro Gabriel. Ele tem aquele sorriso bonito no rosto. Um sorriso radiante de felicidade.

E me sinto maravilhosa por ter uma parcela de crédito.

— Bom, agora vou lhe passar algumas instruções, Milly. — O médico diz pedindo que eu me sentasse diante dele e encara Gabriel. — Você disse que tinha um compromisso, não é?

É impressão minha ou o médico parece um tanto quanto hostil?

Olho para Gabriel e ele parece constrangido, mas concorda.

— Sim, tenho um... Compromisso. — E os dois trocam um olhar estranho antes de Gabriel voltar à atenção para mim. — Espero que não se importe Milly...

— Claro que não.

— Se precisar de algo...

— Se ela precisar de algo, nós da clínica estaremos aqui para ajudá-la. Fique tranquilo, Gabriel.

Gabriel desaparece porta afora e eu fico com aquela estranha impressão de que há algo acontecendo entre ele e o médico. Deve ser só impressão minha. Embora aquela briga que presenciei volte a minha memória.

— Então Milly, vou lhe prescrever algumas vitaminas e vamos marcar seu primeiro ultrassom, tudo bem?

— Claro.

— Se tiver alguma dúvida, ou sentir algo, pode entrar em contato com a clínica imediatamente. Embora este seja um caso de barriga de aluguel, o tratamento é igual ao de qualquer gravidez. E os cuidados são os mesmos.

— Entendi.

Ele me passa a receita e eu deixo a clínica.

Quando chego a minha casa vazia, longe de Gabriel e sua felicidade, me sinto angustiada de novo.

Agora é real. Sou realmente uma barriga de aluguel e meu marido me odeia pelo que fiz.

Finalmente naquela noite, Joshua me liga.

— Oi, Milly.

— Josh! — respiro aliviada. — Onde você está?

— Em Tacoma, onde mais? — sua voz é fria.

Certo. Ele ainda está com raiva.

— Precisamos resolver...

— Quero ir a tal clínica, Milly.

— O quê?

— Quero entender essa história direito.

— Tudo bem — concordo. — Acho que deveria ter sido assim desde o começo, não é?

— Estarei livre daqui a três dias e eu vou pra Seattle.

— Certo, eu vou te esperar.

Ele desliga sem dizer mais nada e aumenta minha apreensão. Pelo menos voltou a falar comigo e estava demonstrando interesse em entender o processo. Já era alguma coisa.

Três dias depois vou à clínica com antecedência e peço para falar com o médico.

Ele estranha me ver ali.

— Algum problema, Milly? Estranhei que tenha ligado ontem e marcado um horário, está adiantada.

— Sim, eu precisava falar com o senhor. Marquei um horário porque meu marido quer conversar sobre o processo.

Ele levanta as sobrancelhas.

— Ah, seu marido, claro. Na verdade, eu estranhei que ele não tenha acompanhado tudo com você desde o começo.

— Ele está trabalhando em outra cidade. — Bom, é parte da verdade.

— Está tudo bem. Vou explicar a ele.

— Certo. Só tenho um pedido a fazer. Não quero que fale sobre o Gabriel.

— Eu não entendi.

— Não quero que fale que eu conheço o Gabriel, sabe? Quero que ele ache que é um procedimento normal. Que os pais permanecerão anônimos. Bem, como a esposa de Gabriel está sendo.

O médico me encara gravemente e eu fico vermelha.

— Não é um pedido usual. Não costumamos mentir nesse processo, Milly.

— Não é uma questão de mentira. Apenas... Nos conhecemos por mera casualidade quando caí na minha outra gravidez e ele me ajudou. E depois de um ano nós nos reencontramos e tivemos uma conversa. Gabriel me contou que queria ter um bebê e que ia tentar o método de barriga de

aluguel. Ele acabou me dando seu cartão e dizendo que eu podia procurá-lo, pois eu estava procurando trabalho. E quando o encontrei, ele me pediu para ser barriga de aluguel dele.

— E devo presumir que seu marido não sabe de nada disso?

— Não. — Eu me sinto embaraçada. — Ele viajou a trabalho quase em seguida. Enfim, eu obviamente lhe contei e... Agora ele quer entender todo o contrato.

— E por que você não conta tudo a ele?

— Porque eu prefiro que ele pense que é apenas um contrato.

— Mas não é só isso, não é? — seu olhar é inquisitivo e tenho vontade de desviar o meu, mas me mantenho firme.

— Diga com todas as letras o que está insinuando — exijo.

— Não estou insinuando nada, Milly. Sou apenas o médico que está cuidando de sua gravidez — ele recua.

Respiro fundo, desviando o olhar. Eu sabia muito bem que tipo de desconfiança estava acontecendo com Max Goldman, me sinto mortificada e com vontade de me defender. Sei que o meu relacionamento com Gabriel pode parecer estranho a qualquer um. Não é exatamente por isto que estou lhe pedindo que minta a meu marido? A verdade é que tenho medo que Joshua também não entenda.

— Tudo bem, eu mantereí a discrição e seu marido ficará a par apenas do que for necessário. — Finalmente concorda.

— Obrigada.

Joshua chega meia hora depois. Eu havia conversado com ele na noite anterior e informado que deveria ir direto para clínica.

Ele pede para conversar a sós com o Doutor Goldman e deduzo que agi corretamente pedindo ao médico que seja discreto.

Eu já tenho problemas demais com Joshua para acrescentar o ciúme. Apesar de ter a consciência limpa, afinal, meu relacionamento com Gabriel é puramente platônico. Mesmo assim, é melhor manter nossa amizade, ou sei lá como eu posso chamar o que tenho com Gabriel, fora do conhecimento de Joshua.

E, de repente, me pergunto se a esposa de Gabriel sabe sobre mim. Se tem ideia da forma como nos conhecemos e como ele me escolheu para ser a barriga de aluguel deles.

Joshua sai da sala do médico uns quarenta minutos depois e nós seguimos em silêncio até em casa.

E lá chegando, eu o encaro de forma inquisidora.

— E então, o doutor explicou tudo?

— Sim, explicou.

— E você entendeu?

— Claro que entendi, não sou nenhum idiota!

— Não foi o que eu quis dizer. Quero saber se você entendeu porque estou fazendo. Se está tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Ainda não consigo aceitar, Milly.

— Josh...

— Não! Você deveria ter me consultado antes.

— E você seria contra!

— Com certeza! Eu nunca deixaria você vender sua barriga!

— Deus! Como faço você entender?

— Eu não sei se sou capaz!

— O que quer dizer?

— Não consigo... aceitar. Não consigo pensar que engravidou desse jeito... Não está certo, Milly.

— Eu estou grávida. É um fato consumado. — Sinto vontade de chorar.

— Eu sinto muito, não dá.

— O que vai fazer?

— Vou voltar pra Tacoma.

— Não! Não faça isso! Não precisa mais de dinheiro!

— Não vou aceitar sua grana! Você se enfiou nessa confusão sem perguntar se eu concordava.

— E daí?

— E daí que só serviu para confirmar que você não está nem aí pra mim.

— Não é verdade!

— É e você sabe! Se houvesse alguma consideração, teria me consultado, teríamos decidido juntos.

— Você teria me impedido!

— Sim e agora não estaríamos nessa confusão — ele pega sua blusa e se levanta. — Eu vou embora.

— Não vá, Josh... Por favor, me perdoe...

— Não posso. Não neste momento.

E com um último olhar atormentado, ele me dá as costas e sai pela porta. Sem olhar para trás.

Eu sofro por dias seguidos.

Sinto-me culpada por não ter contado tudo a Joshua desde o começo, depois digo a mim mesma que ele teria me impedido. Então, eu não estaria grávida.

Eu nunca mais veria Gabriel. E ele não teria seu bebê.

Ou será que teria com outra mulher?

Eu nunca ia saber, já que minha gravidez era um fato.

O bebê já estava crescendo dentro de mim.

E foi apenas este pensamento que me deu forças para parar de chorar e sair da cama.

Aí vieram os enjoos.

Eu tinha me esquecido como eram terríveis os enjoos matinais que, algumas vezes, não se limitavam às manhãs e me atormentavam o dia inteiro.

Até que numa manhã fria o telefone toca.

Eu sinto minha cabeça rodar enquanto me arrasto até o telefone e me pergunto se é Joshua. Ele simplesmente não ligou mais desde que foi embora.

— Oi, Milly — a voz inconfundível de Gabriel enche meu ouvido. E, como num passe de mágica, me sinto quase melhor.

— Oi, Gabriel.

— Que voz é essa? Parece péssima — pergunta preocupado.

— São os enjoos.

— Está passando mal? Quer que eu ligue para Max?

— É normal se sentir assim nos primeiros meses, Gabriel.

— Tem certeza?

— Claro. Nunca ouviu falar dos enjoos matinais das grávidas?

— Sim, eu já ouvi falar. Só não deixo de ficar preocupado com você.
— Não fique. É chato, embora seja normal.
— Você está sozinha?
— Estou — respondo incomodada.
— Joshua ainda está em Tacoma? — Gabriel pergunta com cuidado.
— Está. Ele voltará em breve. Acho que antes do Natal.
— Isso é bom. Não me sinto tranquilo sabendo que está sozinha.
— Eu ficarei bem. E se sentir qualquer coisa mais forte, ligarei para a clínica, não se preocupe. — De repente começo a sentir vontade de vomitar de novo. — Gabriel preciso desligar...
— Milly, olha...
— Tchau! — desligo na cara dele e corro para o banheiro.
Minha mãe me liga naquela tarde e pergunta se estou bem e eu minto dizendo que comi algo estragado que me fez mal.
Sei que terei que contar a ela e meu pai sobre a barriga de aluguel em algum momento, ainda não me sinto preparada.
— E como está o Joshua? Já voltou de Tacoma?
— Ainda não.
— E o Natal, vocês virão para Vancouver?
— Mãe, falta mais de um mês!
— Só quero saber se irão para Olympia ou virão pra cá.
— Ainda não conversamos sobre isto.
— Tudo bem, quando decidirem me avise, ok?
— Claro, pode deixar.
— E não está mais trabalhando para o Gabriel?
— É... na verdade era um trabalho temporário — minto.
— Que pena. Eu gostei dele. Achei que era um trabalho certo.
— Talvez ele me chame, caso precise.
— Tomara que sim! Vou ficar torcendo!
— Sei... — pelo jeito minha mãe tinha virado fã de Gabriel Collins.
— Querida, vou desligar, Peter chegou.
— Claro, vai lá.
— Beijos, amor!
— Beijos, mãe.

Eu desligo e olho para meu apartamento vazio. Já anoitece e penso no que farei para comer, como tudo embrulha meu estômago não tenho a menor vontade de fazer nada. Na verdade, passei o dia de pijama enrolada nas cobertas no sofá, vendo filmes antigos na TV.

E ainda estou tentando conseguir ânimo para levantar quando escuto a campainha tocando.

Me arrasto até a porta e, ao abrir, me deparo com Gabriel Collins.

Seu cabelo está uma bagunça, ainda veste o terno caro de sempre e carrega um monte de sacolas.

— Você parece péssima — ele me avalia com um sorriso preocupado.

— Muito obrigada — resmungo. — E o que está fazendo aqui? — Pergunto, entre curiosa e... animada.

Ele sorri e passa por mim, entrando no apartamento.

— Vim cuidar de você.

Capítulo 10

Milly

Eu fecho a porta e o sigo até a cozinha, confusa, enquanto o observo tirar várias coisas das sacolas.

É a cena mais bizarra do mundo. Gabriel Collins no alto de toda sua perfeição, mexendo em mantimentos na minha cozinha.

E não consigo parar de sorrir.

— Como é?

— Você está doente e precisa de cuidados.

Eu reviro os olhos.

— Não estou doente! Estou grávida.

— Sim e está sofrendo de enjoos que a deixam péssima.

— Estou tentando não ficar irritada por estar criticando minha aparência, pois, depois de dias vomitando e mal comendo, devo estar realmente horrorosa.

— Não disse que está horrorosa — ele me lança um olhar divertido.
— Só está com cara de quem vomitou o dia inteiro e não está comendo direito.

— Obviamente uma coisa está ligada a outra.

— Você precisa comer.

Faço uma careta.

— Eu tentei, mas meu estômago não está colaborando.

— Vou fazer você comer.

— Espero que não se importe se eu vomitar em cima de você.

— Não me importo.

— Não sabia que fazia o estilo enfermeiro.

Ele sorri enquanto mexe em minhas panelas.

— Eu tenho muitas habilidades que desconhece Amelia Edwards.

E, por alguns segundos, fico me perguntando se ele estaria fazendo um comentário com duplo sentido. Expulso este pensamento rapidamente.

Obvio que não! Minha cabeça enevoada devia estar inventando coisas.

Eu cruzo os braços, observando Gabriel Collins com sua desconhecida habilidade dentro da minha humilde cozinha.

— Está falando sério? Vai fazer comida?

— Milly, por que não vai se sentar? Parece que vai cair a qualquer momento — ele pede como se falasse com uma criança teimosa.

— Eu lembro que você era rápido em me ajudar.

— Não seja teimosa.

— Isto é tão esquisito — murmuro quase para mim mesma. — Sabe que não precisa cozinhar para mim, não sabe? — Pergunto baixinho.

E ele me lança um olhar sério.

— Eu sei. Mas quero fazer.

Eu mordo os lábios, desviando o olhar e finalmente indo para a sala, e sento no sofá novamente.

Dali consigo ver Gabriel se movimentando na minha cozinha e sorrio. Não posso negar que é extremamente fofo vê-lo ali, apesar de inusitado. E eu também não posso negar que eu estou apreciando. Muito.

Uma parte sensata em minha cabeça questiona a estranheza daquela situação. Gabriel Collins está ali, a poucos metros na minha cozinha, preparando meu jantar. Cuidando de mim. Ou melhor, cuidando da pessoa que está carregando seu bebê, me corrijo.

Ele não está ali por mim e sim pelo bebê.

De repente eu me pergunto se a esposa dele sabe que ele está cuidando da mulher que alugou a barriga para eles. Este pensamento me deixa incomodada.

Gabriel disse que escolheram não ter contato, porém ele continua se aproximando de mim. Me ligando para perguntar como estou e aparecendo na minha porta. Então, a esposa deve saber, não?

Eu deveria perguntar. Mas algo me impede. Gabriel quase nunca fala da sua esposa e eu tenho certa curiosidade sobre aquela mulher misteriosa que divide a vida com ele. A mulher que se vê obrigada a esperar que outra pessoa gere um bebê que vai ser seu filho. Deve ser difícil. Talvez por isso ela não queira ter contato comigo. No lugar dela talvez eu também não quisesse.

— Milly?

Gabriel me chama e eu me surpreendo ao ver que estava com o pensamento tão longe que não o vi se aproximar. Ele está parado na minha frente segurando uma bandeja.

— Seu jantar — ele coloca a bandeja no meu colo.

Eu faço uma careta.

— Não sei...

— Por favor, Milly. Precisa se alimentar. Pelo bebê.

— Não vai adiantar nada. Talvez eu vomite tudo!

— Achei que os enjoos fossem matinais.

— É o que dizem! — resmungo, olhando para o prato com legumes na minha frente.

Não cheira tão mal. Na verdade, sinto meu estômago roncando.

— Vamos, coma, senão me verei obrigado a colocar em sua boca.

— Seria engraçado. Está me tratando como um bebê.

— Talvez eu já esteja treinando se tiver uma filha difícil pra comer.

— Você tem cara que será daqueles pais que mimam até estragar.

Ele ri e segura o garfo de comida na minha frente.

— Vamos, abra a boca. Quer que eu faça aviãozinho?

Eu rio e ele aproveita para colocar a comida na minha boca.

— Ok, chega! — Pego o garfo da sua mão mastigando. — Hum até que está bom.

— Espero que coma tudo.

Eu rolo os olhos.

— Por favor, pare de me tratar feito criança, está me assustando!

— É para você ver que serei um pai firme.

Coloco outra garfada na boca e o encaro com um sorriso sincero.

— Você será o melhor pai, sabe disso.

— Vou tentar ser. — Ele sorri de volta, de repente me sinto levemente deprimida porque eu nunca irei saber.

Eu não estarei lá quando Gabriel estiver cuidando do seu filho. Respiro fundo para conter aqueles pensamentos sem sentido e volto a comer.

Gabriel continua me observando.

— Vai ficar aí me olhando ou vai comer também?

— Eu já comi.

— Então podia fazer algo de útil como lavar a louça — brinco.

— Eu tenho a impressão que, se lhe der as costas, você jogará toda a comida no lixo.

— Eu não vou jogar. Pela primeira vez em dias estou comendo algo que acho que não vou vomitar depois.

— Os enjoos só duram até a 16ª semana.

Eu levanto a sobrancelha.

— É um entendido agora?

Ele coça a cabeça, meio constrangido.

— Andei lendo uma coisa ou outra.

— Ah é?

— Bom, lendo bastante depois que te liguei pra saber como poderia te ajudar. E também perguntei a Max...

— Falando em Max... Por que estavam discutindo no dia em que fui à clínica?

— Discutindo?

— Sim, no dia em que fui fazer a fertilização. Eu passei em frente à sala dele e vocês pareciam estar brigando feio.

— Não, foi impressão sua.

— Gabriel, eu vi muito bem. Estavam esbravejando, embora eu não tenha conseguido ouvir o que falavam.

— Milly, aquilo não foi nada. Na verdade, acho que ainda não te disse, Max e eu somos irmãos.

Eu arregalo os olhos, muito surpresa.

— Irmãos? Achei que não tivesse ninguém.

— Adotivos.

— Você tem uma família adotiva?

— Sim, eu tenho.

— Ah, entendo agora.

— Então aquilo que viu foi só um desentendimento normal entre irmãos.

— Podia ter me dito antes que ele era seu irmão. Nossa, é esquisito pensar que ele é meu médico e também seu irmão...

— Acha estranho que eu tenha escolhido a clínica em que ele trabalha

para fazer o procedimento?

— Um pouco, não posso negar. Mas entendo que deve confiar nele, sendo da família.

— Sim, é exatamente isto.

— Hum, quer dizer que tem um irmão. — De repente a curiosidade me invade — tem outros irmãos adotivos?

— Tenho sim — ele se levanta e aponta para a bandeja. — Já acabou?

— Sim. — Ele tira a bandeja da minha mão e leva para a cozinha.

E assim encerrou o assunto sobre irmãos ou é impressão minha?

De novo me parece que Gabriel não gosta de falar de si mesmo. Ou de sua vida. Eu me levanto e vou até a cozinha e sorrio ao ver que ele está lavando a louça.

— Não precisava, já fez demais me servindo um jantar.

— Ainda deve estar fraca, vá se sentar.

— Sim, senhor.

Eu volto para sala e ligo a televisão. Está passando um filme antigo e eu bocejo, me sentindo sonolenta.

Gabriel volta para sala e me estuda seriamente.

— Está se sentindo bem?

— Apenas com sono, acho.

— Acha que vai vomitar?

— Não. Não agora pelo menos.

— É um alívio. Eu li que é legal fazer uma lista das coisas que come e anotar o que faz mal e o que não faz, assim fica mais fácil.

Eu sorrio.

— Está levando as coisas a sério, hein?

— Quero apenas que fique bem.

— Eu vou ficar — bocejo de novo e o vejo olhando o relógio. — Acho que agora precisa ir embora, não é?

— Vai ficar bem? Fico preocupado que passe mal de novo.

— Por enquanto me sinto ótima. Se quer ter certeza, está passando um filme ótimo, por que não se senta e me faz companhia?

Eu sei que ele vai recusar, não consigo impedir aquele desejo de mantê-lo por perto. Eu tenho ficado tão sozinha ultimamente que ter alguém

para conversar é algo reconfortante.

— Tudo bem — ele me surpreende se sentando na poltrona. — Me diga caso se sinta mal.

— Com certeza — sorrio toda satisfeita.

Mais bizarro que ter Gabriel Collins fazendo comida para mim, é tê-lo sentado ao meu lado vendo filme antigo na TV.

Quem se importa? Depois de todo aquele tempo de solidão e incerteza, pela primeira vez em dias sinto-me realmente feliz.

Acordo com o sol pálido se infiltrando pelas cortinas do quarto e me espreguiço.

Quarto?

Sento-me na cama, olhando em volta. Sim, estou no meu quarto, como foi que eu cheguei nele? A última coisa que me lembro era de estar assistindo filme com Gabriel.

De repente meu telefone toca, reconheço o número de Gabriel e sorrio.

— Me desculpe por ter adormecido ontem, me sinto péssima — resmungo e ele ri do outro lado da linha.

— Está tudo bem. Você adormeceu e não quis te acordar. Espero que não se importe de eu tê-la colocado na cama, ficaria mais confortável.

— Claro que não. Devo te agradecer, na verdade.

— Como se sente?

— Acabei de acordar nem saí da cama ainda. Vamos ver.

— Deixei alguns biscoitos de água e sal na sua mesa de cabeceira, me disseram que pode ajudar com o enjoo se comer antes de se levantar.

Olho para o lado e lá está. O pacote de biscoito.

Eu o pego.

— Espero que funcione. Seria uma lástima colocar para fora toda a comida que teve tanto trabalho para fazer!

— E eu espero que se alimente direito a partir de agora.

— Não me diga que vai continuar bancando meu enfermeiro? —

brinco, abrindo o pacote de biscoito.

— Se pudesse eu o faria. Mas estou no aeroporto agora.

— Aeroporto? Vai viajar?

— Estou indo para o Japão a negócios.

— Uau. Isso é grande.

— É tedioso. Quero que me prometa comer direito e, se passar mal, procure o Max. Eu o instruí a te ligar todos os dias para saber se está bem.

— Sim, senhor.

— E, Milly... — ele hesita por um momento. — Talvez você devesse considerar ir... para Tacoma.

Eu engulo em seco e Gabriel limpa a garganta.

— Acho que não deveria ficar sozinha.

Mordo os lábios, indecisa sobre dizer a Gabriel que não considero ir pra Tacoma porque, provavelmente, Joshua não quer minha companhia.

Prefiro me calar. Não quero contar a Gabriel meus problemas com Joshua, eles estão diretamente relacionados ao fato de eu estar grávida de um filho dele.

— Não quero deixar Seattle. Terei exames pra fazer e tudo mais — digo rápido. — Vou ficar bem. Estes enjoos são normais no começo da gravidez e como você mesmo disse, vão passar em breve.

— Quero apenas que se cuide e fique bem.

— Claro, Gabriel, vou ficar bem. Na verdade, já me sinto bem melhor. Acho que até vou tirar o pijama e sair um pouco.

— Faça isto. Não sei se verificou o dinheiro já está na sua conta.

Eu coro a menção do dinheiro, o que é ridículo.

— Ainda não vi.

— Pois devia. Lembro-me que tinha muito planos.

— Sim, eu tinha. — Queria trazer Joshua de volta, de que adianta agora?

— Milly preciso desligar. Estão chamando meu voo.

— Claro. Boa viagem.

— Obrigado. Eu... ligo quando voltar.

— Tchau — falo e desligo.

Fico ali comendo o biscoito de água e sal e me dando conta que estou

sozinha de novo.

Nem Joshua. Nem Gabriel.

Apenas sozinha.

— Deixe de ser dramática, Milly — resmungo pra mim mesma e, cansada de ficar perdida em autocomiseração, jogo as cobertas para o lado e me levanto.

Sinto um pouco de tontura e enjoo enquanto tomo banho e me arrumo, porém não vomito. Já é alguma coisa. Talvez as bolachas ajudem realmente, penso. E até consigo tomar café da manhã.

Depois eu ligo para o banco e como Gabriel disse, o dinheiro está lá. Penso no conselho de Gabriel e me pergunto se devo ir para Tacoma. Pedir de novo perdão a Joshua. Mostrar a ele o dinheiro e convencê-lo a voltar para casa. E tudo ficaria bem.

Não faço isto. Joshua não quer voltar. Ele não queria antes e agora muito menos. Dói seu afastamento. Dói pensar que não sei se essa situação tem conserto. Como o mundo não para de girar, preciso prosseguir. Senão tudo o que fiz teria sido em vão.

Então, ligo nosso velho computador e entro na internet.

A primeira coisa que vou fazer é procurar uma casa nova.

Os dias passam, se transformando em semanas. Eu ainda continuo enjoando, cada vez menos. E, como Gabriel falou, Max me liga todos dias para saber como estou. Ainda é esquisito pensar que eles são irmãos, mesmo sendo adotados. Às vezes me dá vontade de ultrapassar a barreira médico-paciente e perguntar a Max sobre Gabriel. Talvez até sobre sua ausente esposa. Claro que não o faço, embora a vontade seja imensa.

Passo meus dias à procura de uma casa que seja perfeita para mim, até agora não tenho tido sucesso.

E Joshua ainda está ausente. Nem uma ligação, nem um contato. Nada.

E isso me dá medo.

Medo de que ele nunca vá me perdoar pelo o que estou fazendo. Medo de que não tenha conserto, afinal.

E eu me abstraio de pensar no futuro. Eu apenas sigo os dias. Tento comer direitinho, tomar as vitaminas receitadas por Max e me manter

saudável.

Falo com meus pais regularmente e, a cada dia que passa, me dou conta de que preciso achar um jeito de contar a eles, ainda me falta coragem.

Numa tarde fria do começo de dezembro, eu entro em meu apartamento depois de ir ver mais uma casa que não tinha gostado nada e meu telefone toca.

Eu sinto uma apreensão no peito como sempre quanto isto acontece, me perguntando se é finalmente Joshua.

Não é a voz de Joshua que eu escuto.

— Oi, Milly.

— Gabriel! — exclamo surpresa e feliz de ouvi-lo. Me dando conta que senti sua falta todo esse tempo. Todos os dias eu pensava nele e me perguntava o que ele estaria fazendo do outro lado do mundo. — Já voltou?

— Cheguei ontem.

— Deve ter sido incrível.

Ele ri.

— Já estive no Japão outras vezes.

— Uau! Deve ser ótimo poder viajar sempre para tantos lugares diferentes!

— Era uma viagem de negócios e não de lazer. Eu trabalhei todo o tempo. E você, o que tem feito?

— Eu tenho procurado casas para me mudar.

— Sério?

— Sim, mas até agora não encontrei nada realmente interessante.

— Com certeza vai encontrar. E os enjoos?

— Melhorando.

— Tem comido direito?

— Sim, Gabriel, eu como direito! E tomo todas minhas vitaminas direitinho! E Max me liga sempre para me checar, satisfeito?

— Eu quero ver você com meus próprios olhos pra ter certeza! O que acha de almoçarmos amanhã?

Fico surpresa com o convite.

— Almoçar? Tudo bem. — Sim, por que não? Eu estava animada para encontrá-lo depois de tanto tempo.

— Certo. Passo na sua casa amanhã, tudo bem?

— Claro.

E passo o resto do dia muito ansiosa. Minha mãe me liga naquela noite e tenho uma vontade imensa de contar a ela o que está acontecendo quando me pergunta se estou trabalhando.

— Na verdade, eu tenho algumas novidades que quero contar pessoalmente.

— Ah é? Estou curiosa! Então quer dizer que vocês virão para Vancouver no Natal?

— Ainda não sei, mas sabe que alguns dias eu passarei com você.

— Você quer dizer nós, você e o Joshua?

— Então, Joshua anda ocupado com este trabalho, ainda não sei — desconverso.

— Por que eu tenho a impressão que está acontecendo alguma coisa esquisita aí que não quer me contar? Meu Deus, Milly, não me diga que você e Joshua vão se divorciar?

— Mãe! Não fala besteira! — Reclamo, mas como posso dizer o contrário?

Na verdade, estamos separados, não é?

— Tudo bem, tudo bem! Sei que me contaria se tivesse algo ruim acontecendo.

— Não fique preocupada, está tudo bem — minto. — Ligo quando decidir a data da viagem, ok?

— Certo. Vou esperar. E me diga, nunca mais viu o Gabriel?

— Na verdade, vou encontrá-lo amanhã.

Eu quase mordo a língua quando esta informação escapa.

— Ah é? Vai trabalhar pra ele novamente?

— Por que mais eu o encontraria? Mãe preciso desligar, ok?

— Tudo bem. Tchau, querida.

— Tchau, mãe.

Pelo jeito minha mãe continuava fã de Gabriel Collins. O que será que vai pensar quando descobrir a verdadeira natureza do “*trabalho*” que estava realizando para ele?

No dia seguinte, lá está o inconfundível carro caro de Gabriel me esperando em frente ao meu prédio, sorrio ao sentar no banco do passageiro e

olhar para ele.

Gabriel parece ótimo como sempre, com seus cabelos perfeitamente bagunçados e sorriso bonito.

E de repente eu me pego pensando que ele é realmente, realmente lindo. Como um modelo ou artista de cinema.

— Você não está péssima — são suas primeiras palavras.

— Obrigada, você também não está nada mal. — Reviro os olhos.

— Não sou eu que estou enjoando há semanas — ele fala dando partida.

— E então, aonde vamos?

— Está com fome?

— Estou morrendo de fome.

— Significa que está bem melhor, não é?

— Sabe o que dizem? Comendo por dois, essas coisas...

Ele liga o som e está tocando a mesma música de quando eu entrei no carro dele a primeira vez e me faz sorrir, quase nostálgica.

— In Dreams.

— Sim, Roy Orbison.

— Era esta música que estava tocando quando me salvou naquele dia na rua.

— Sim, eu me lembro — ele fala distraído.

E eu me surpreendo que ele se lembre.

Ele para o carro e olho em volta, confusa.

Estamos num bairro residencial com casas cercadas por lindos jardins.

— Você disse que estava procurando uma casa. Eu liguei para um corretor amigo da família e ele me indicou esta. Então eu a trouxe para ver.

— Sério?

Ele sai do carro e dá a volta, abrindo a porta pra mim.

Eu o encaro ainda estupefata.

— Não precisava ter feito isto!

— Você disse que estava com dificuldade de achar... Só precisa dar uma olhada. Se não gostar, posso te passar o telefone do corretor e você conversa diretamente com ele.

Eu o sigo pela alameda verde, olhando a casa bonita a minha frente.

— Devo dizer que, pelo menos por fora, estou gostando...

Ele abre a porta e nós entramos num hall espaçoso e pintado de branco. Uma escada de madeira leva ao segundo andar, eu ando pelo térreo, observando os cômodos iluminados.

— Uau, é linda! — digo admirada e Gabriel sorri atrás de mim.

— Eu sabia que ia gostar.

Eu o encaro confusa.

— Como?

— Eu já visitei essa casa há algum tempo.

— Já estive aqui?

— Sim. Eu estava interessado em comprar uma casa e nós estivemos aqui — de repente ele para e eu entendo que o nós quer dizer ele e sua esposa.

— É uma casa tão linda, não gostou dela?

— Minha esposa tem um gosto diferente do seu — ele comenta simplesmente e sinto algo esquisito.

Talvez pelo fato de ele raramente falar sobre a esposa. É simplesmente estranho ela surgir em nossa conversa.

— Vamos ver o segundo andar? — ele pergunta e o sigo pelos cômodos do segundo andar.

Há três quartos na casa e consigo visualizar quartos de crianças.

— Serão perfeitos quartos para crianças, não acha? — Digo a Gabriel e ele sorri.

— Concordo plenamente.

Nós descemos e ele me leva para um cômodo com uma vista linda para o jardim.

— E você podia fazer a sua biblioteca aqui.

— Sim, você tem razão, ficaria linda! — digo empolgada, já pensando em toda decoração.

Seria perfeito. De repente eu me sinto animada, cheia de vida, começo a tagarelar com Gabriel sobre os tipos de móveis que imagino e ele acaba acrescentando algumas ideias que casam perfeitamente com as minhas. Até que meu estômago ronca.

— Parece que já passou da hora de eu te alimentar.

— Com certeza! Estou faminta!

— Então devo entender que gostou da casa?

— Eu amei!

Ele sorri.

— Eu vou ligar para o corretor e passar seu telefone.

— Mal vejo a hora dela ser minha e começar a arrumar tudo!

Nós seguimos para fora e o celular de Gabriel toca.

— Alô. — Ele fica sério enquanto escuta a outra pessoa na linha. — Sim, eu sei... Claro que sim... Eu não esqueci! — ele fala mais rudemente e de repente eu me sinto uma intrusa. — Estou indo, ok?

Ele desliga e passa os dedos pelos cabelos, parecendo aborrecido.

— Algum problema? — Pergunto baixinho.

— Sim, tenho que ir, não poderei levá-la para almoçar, me desculpe.

Eu dou um sorriso amarelo.

— Fique tranquilo. Não tem problema.

Nós entramos no carro e seguimos em silêncio e me pergunto quem seria ao telefone. Algo me diz que eu sei muito bem quem é. Deve ser a esposa dele.

Ele para o carro em frente a meu prédio.

— Obrigada por me mostrar a casa. Eu amei.

Ele sorri, embora ainda pareça tenso.

— Fico feliz que tenha gostado. Acho que ela será perfeita pra você.

— Eu também acho. Bom, eu vou entrando.

— Tchau, Milly.

Eu saio e vejo o carro se afastando, me perguntado quando nos veremos de novo.

Aquela pergunta é respondida alguns dias depois, quando chego à clínica para o meu primeiro ultrassom.

E Gabriel Collins está lá.

— Não sabia que estaria aqui — digo simplesmente.

Ele sorri, passando os dedos pelos cabelos.

— Eu não perderia a oportunidade de ver meu filho pela primeira vez.

— Espero que não se decepcione, é só um pontinho — sorrio de volta.

— Não importa.

A recepcionista me chama e sigo até a sala para me preparar.

Max entra em seguida e parece muito sério.

— Olá Milly, como está?

— Estou ótima. Ansiosa para ver se está tudo correndo bem.

Max acena.

— Bem, preciso perguntar se você se sente confortável com Gabriel acompanhando o procedimento.

— Não precisa perguntar. Acho que é direito dele.

— Não, não é! Quer dizer, não é preciso que os pais estejam nestes momentos, mas Gabriel faz questão de acompanhar. Mesmo assim, se não se sentir à vontade está tudo bem.

— Não, ele pode acompanhar, não me incomoda.

Max desaparece e volta depois com Gabriel.

Ele parece ansioso quando sorri para mim, enquanto Max passa o aparelho na minha barriga.

— Isto dói? — Gabriel indaga preocupado.

— Não, Gabriel, não seja idiota — Max resmunga e eu rio. Eles parecem muito irmãos agora, Max fica vermelho e me lança um olhar de desculpa. — Me desculpe, Milly.

— Tudo bem. Gabriel me contou que são irmãos.

— Contou, é? — Max resmunga e então ele troca um olhar com Gabriel e volta a um tom profissional, quando olha o monitor. — Então, Milly, você está com oito semanas agora e... hum, acho que preciso dizer algo primeiro.

— O quê? — Eu e Gabriel dizemos juntos enquanto Max continua olhando o monitor.

— Há dois sacos gestacionais — ele nos encara. — São gêmeos.

Capítulo 11

Milly

— Gêmeos? — eu e Gabriel falamos ao mesmo tempo e Max confirma.

— Sim, com certeza. São dois bebês.

Eu fico olhando para o monitor enquanto Max continua a dar informações sobre os fetos, eu apenas me sinto estupefata demais para prestar atenção.

Eu estou esperando gêmeos. Vou ter dois bebês.

Quer dizer, Gabriel vai ter dois bebês. Não eu, me corrijo.

Então eu respiro fundo, esmagando qualquer sentimento que essa novidade possa me causar, seja ele bom ou ruim, pois, no final de nove meses, não fará a menor diferença para mim e encaro Gabriel.

— E então? O que acha? — Pergunto curiosa e ele me lança um de seus sorrisos perfeitos.

— Acho incrível.

— Sério? Porque, bem... Você queria ter um bebê, dois eu acho que é diferente.

— Eu não pensei sobre isso... confesso que estou achando a ideia maravilhosa.

— Está tudo correndo bem com a gestação. — Max termina, cortando nossa conversa e eu me pergunto se a esposa de Gabriel achará a ideia de ter dois filhos tão boa quanto ele.

Como sempre, em se tratando deste assunto, algo faz me calar.

Max e Gabriel saem da sala e a enfermeira me ajuda a sair da maca e me arrumar para ir embora.

Encontro Gabriel no corredor e nem sinal do médico.

— Achei que já tivesse ido embora — digo, contente por ele ainda estar ali.

— Queria perguntar a você sobre a casa, se tomou uma decisão.

— Eu adorei, claro. Foi sem dúvida a mais perfeita que eu visitei.

— Então vai fazer negócio?

— Você me disse que seu corretor ia me ligar, lembra?

— Ah sim, eu me esqueci. Andei bastante ocupado nos últimos dias, pedirei para ele entrar em contato, não se preocupe.

— Não tem problema. Já que anda tão ocupado, melhor eu ir andando e não tomar mais seu tempo.

— Sim, eu preciso voltar ao escritório — nós seguimos juntos até a calçada.

— Precisa de carona?

— Não, eu vou pegar o metrô.

— Claro que não. Eu te levo pra casa.

— Não quero te atrapalhar, Gabriel.

— Não atrapalha.

— Não disse que estava ocupado?

— Não tão ocupado que não possa te dar uma carona.

— Tudo bem — eu acabo concordando e o sigo até o carro.

— E como está se sentindo? Muito enjoada? — Pergunta quando estamos no trânsito.

— Um pouco.

— Espero que esteja comendo direito.

— Claro que estou.

— Espero mesmo que sim.

Eu rolo os olhos, entre irritada e divertida.

— Por que não coloca câmeras na minha casa pra me vigiar?

— Não seria uma má ideia — ele sorri. — Fico aflito ao pensar que pode não estar se alimentando direito.

— É um exagero!

— Não é. Você andou passando muito mal e se alimentar corretamente é um fator importante pra ficar bem.

— Ah é, senhor Collins? Ou poderia dizer doutor Collins? Seu irmão Max sabe que você quer roubar o emprego dele?

— Você brinca, mas é sério.

— Certo, então, o que mais aprendeu no Google, doutor? — Eu o provoco.

Ele ri e para o carro em frente ao meu prédio.

— Eu poderia lhe dar uma aula sobre gravidez saudável, infelizmente

tenho uma reunião em vinte minutos, então teremos que deixar para outro dia.

— Ah claro, além de entendido em gravidez você também é um CEO importante.

— Tchau, Milly — ele destrava a porta e eu salto. Tenho vontade de perguntar quando o verei de novo, me calo rapidamente ao me dar conta do ridículo da pergunta.

— Tchau, Gabriel!

Como Gabriel disse, o corretor me ligou e marcamos uma hora para acertar os detalhes da venda da casa. E enquanto eu converso com ele, um homem de meia idade muito simpático e prestativo, além de discreto, afinal, não fez nenhuma pergunta sobre a natureza do meu relacionamento com Gabriel Collins, me sinto um tanto triste por estar sozinha.

Onde estaria Joshua?

Já se passaram semanas desde que foi embora e nunca mais deu notícias. Já estava passando dos limites. Eu lhe dei espaço porque achava que ele precisava de tempo para entender e, quem sabe, me perdoar. O tempo estava passando e eu começava a me perguntar se haveria mesmo um perdão.

E quando pensava nisto, sentia um medo frio me dominar. Será que, aceitando aquela barriga de aluguel, eu havia decretado o fim do meu relacionamento com Joshua?

Eu não conseguia nem imaginar.

Sim, nós tínhamos nossos problemas. Que não eram poucos e que vinham se multiplicando cada vez mais. E se eu fosse sincera comigo mesma, os problemas já estavam nos rondando bem antes de eu decidir ser barriga de aluguel. O casamento aconteceu pelos motivos errados, eu sabia. Nós só nos casamos porque eu engravidei e depois vieram os problemas do cotidiano, como a falta de grana e a perda do bebê me deixando deprimida.

Mesmo assim, continuamos juntos, como sempre estivemos. E esperávamos um dia resolver todos os problemas e seguir em frente. No entanto, o tempo passou e nada mudou.

Então ele aceitou aquele emprego horrível e, para compensar, aceitei ser barriga de aluguel sem o seu consentimento.

Como é que poderíamos nos entender? Será que tinha conserto?

Eu me deprimia quando pensava nisso. Joshua esteve comigo uma vida inteira. Viver sem ele era inimaginável. *Na verdade, já não estava*

vivendo, uma voz incômoda sussurra dentro de mim me deixando ainda mais confusa e preocupada.

E talvez por isso, eu temesse e hesitasse em procurá-lo para resolver de uma vez por todas aquela situação.

Eu tinha medo das consequências.

Então, eu deixava o tempo passar. Preocupando-me apenas em comer direito, dormir muito e resolver as questões da casa nova.

Alguns dias depois, finalmente assino o contrato e sou a dona de uma linda residência em Seattle.

E estou sozinha.

Penso em ligar pra minha mãe e contar, mas como é que vou explicar? E ela também ia ficar perguntando de Joshua e minhas desculpas já haviam se esgotado.

E, meio deprimida numa sexta à noite, contraria minhas promessas a Gabriel e peço uma pizza a devorando sozinha. Apenas para acordar na manhã seguinte e vomitar tudo.

Estou saindo do banho e prometendo a minha mesma nunca mais comer pizza na vida, quando a campainha toca.

Como sempre, vibro de ansiedade e medo, me perguntando se finalmente Josh voltou pra casa, então me dou conta de que se fosse Joshua, ele entraria direto não tocaria a campainha, aí outro tipo de ansiedade toma conta de mim, ao me indagar se é Gabriel.

É enquanto grito um “já vou” e me visto rapidamente, sinto quase uma felicidade infantil, como uma criança ao acordar na manhã de Natal e saber que há coisas boas esperando-a na sala. É assim que me sinto quando abro a porta e me deparo com o sorriso perfeito de Gabriel Collins.

— Bom dia, senhor Collins. — Eu sorrio de volta. — A que devo sua visita tão cedo num sábado? Veio me checar?

Ele ri.

— Vim te buscar.

— Como é?

— Vá se arrumar, vamos sair.

— Pra onde?

— Vista alguma coisa confortável. Vamos ao parque.

— E por que nós iríamos ao parque?

— Porque você precisa de atividades ao livre, vai te fazer bem.

— Atividades?

— Vamos apenas caminhar, Milly.

Então eu o olho atentamente e vejo que está usando calça jeans e camiseta preta.

E não posso negar que lhe cai tão bem quanto seus ternos caros.

— Certo. Eu vou me trocar, senhor mandão!

Eu corro para o quarto e também ponho um jeans e tênis. O que não é tão diferente de como me visto habitualmente e prendo o cabelo num rabo de cavalo. Ao retornar, faço uma careta de criança pega em flagrante quando vejo Gabriel olhando com uma carranca para os restos de pizza na minha mesa.

— Ops. Me pegou.

— Por acaso vai dizer que teve um desejo incontrolável de comer pizza?

— Vai me perdoar se for um desejo?

Ele ri.

— Pensarei no assunto.

Pego minha bolsa, abrindo a porta.

— Com certeza não vai querer que seu bebê tenha cara de pizza de mozzarella.

— Bebês — ele corrige enquanto saímos.

— Nossa, acho que tinha me esquecido. Ainda é esquisito pensar que tem dois bebês dentro de mim.

— Melhor se acostumar.

Eu dou de ombros.

— Só acho que é a mesma coisa, não? Só engordarei mais.

— Estou curioso pra vê-la grávida.

— Já me viu grávida!

— Agora é diferente — ele diz com suavidade, me medindo e desvio o olhar, me sentindo incomodada, o que é ridículo.

— O que foi? — Gabriel indaga, quando saímos para a rua.

— Nada, ainda estou um pouco enjoada — minto.

— Enjoada? Passou mal hoje?

— Ah... só um pouco.

— Não devia ter comido aquela pizza.

— Ah, Gabriel pare de ser chato!

— Certo. Então vamos fazer diferente. — Quando chegamos em frente ao carro, ele coloca as chaves na minha mão. — Você dirige.

— Eu?

— Sim, também li que se você conduzir é mais difícil ficar enjoada.

— Não posso dirigir seu carro!

— Na verdade, acho que devia ter seu próprio carro, não é legal ficar andando de metrô e ônibus.

— Eu me locomovo muito bem assim!

— Se tiver um carro, será bem melhor. Vamos, entre.

Eu entro, dando partida e me sinto muito estranha em dirigir um carro caríssimo.

— Espero não estragar seu carro.

— Terei que confiar em você.

— Aonde vamos?

— Para o Freeway Park, sabe chegar lá?

— Sei.

Ele liga o rádio e eu aprecio a maciez do carro no trânsito fácil do sábado de manhã. Como já estamos em dezembro o tempo está frio. Hoje felizmente não chove, o que é quase um milagre.

— Fiquei sabendo que vai se mudar em breve — Gabriel comenta.

— Sim, eu comprei a casa.

— E já sabe quando vai se mudar?

— Eu não decidi ainda...

— Vai esperar Joshua voltar?

Eu engulo em seco à menção de Joshua.

Não sei explicar por que me sinto esquisita falando sobre Joshua com Gabriel agora.

— Exato.

— Ele voltará antes do Natal?

— Sim, claro.

— Vocês vão viajar nos feriados?

— Nada decidido ainda... E vocês? — Devolvo a pergunta.

— Estacione aqui, há uma vaga — ele ignora minha pergunta, apontando para uma vaga vazia em frente ao parque e eu estaciono, desistindo de insistir.

Já é um ponto certo que Gabriel nunca fala da vida dele. O que me deixa ao mesmo tempo irritada e aliviada.

Há uma parte muito curiosa em mim, que quer saber tudo sobre ele e outra que não quer saber nada, a não ser o que já sei.

Assim, eu posso fingir que ele é só um cara que parece surgir na minha vida quando mais preciso. Quando estou sozinha.

Quase como um anjo.

Nós saltamos e seguimos pelo parque que está um pouco cheio naquela manhã, apesar do frio. E é realmente gostoso caminhar pelas alamedas verdes sentindo o vento no rosto.

— Por que eu não faço mais isto? — Pergunto, quase que para mim mesma e Gabriel sorri.

— Eu costumo vir sempre correr aqui.

— Ah, então é assim que mantém a forma? Achei que fosse um destes caras de academia.

— Por quê?

— Eu já te vi sem camisa. — Eu coro com minha resposta — Quer dizer... Ah, deve saber que tem um corpo incrível.

Deus, será que a gravidez tinha me deixado sem filtro? Eu tenho certeza que agora estou ridiculamente vermelha. De onde eu tirei aquele “*corpo incrível*”?

Gabriel está rindo.

— Eu tenho um outro irmão que luta boxe e às vezes treino com ele.

— Sério? Uau, não consigo imaginá-lo praticando um esporte tão agressivo.

— É apenas para treinar. É bom para descarregar a tensão.

— Imagino... Não se machuca?

Ele ri mais ainda.

— Meu irmão gostava de me bater antigamente, devo dizer que hoje eu dou conta dele também.

— Então você tem muitos irmãos adotivos?

— Alguns — ele responde evasivamente. — Está cansada? Venha, vamos nos sentar um pouco.

Nós nos sentamos sobre um banco e eu olho o céu que está começando a fechar.

— Acho que vai chover.

— Então é melhor voltarmos.

— É uma pena, queria caminhar mais um pouco.

— Olá, posso sentar aqui?

Eu levanto o olhar e vejo uma moça com um bebê no colo. A criança deve ter uns seis meses e se contorce e chora no colo da mãe.

— Claro. — Gabriel responde solícito, dando espaço para a mulher sentar ao seu lado.

— Obrigada... ele está impossível assim porque deve estar com fome —ela comenta e, sem cerimônia alguma, abre a blusa e coloca o bebê que se acalma rapidamente ao começar a mamar.

Gabriel olha a cena por um momento, como que hipnotizado e então eu o cutuco e ele desvia o olhar, muito vermelho.

Eu dou uma risadinha.

— Você ficou vermelho — cochicho.

— Oh, me desculpe. — A mulher deve ter me ouvido. — Eu não queria constranger vocês.

— Eu que tenho que pedir desculpas — Gabriel diz todo educado. — Se quiser, nós podemos te dar privacidade.

— Não se preocupe! Eu não me importo que olhem! Não devem ter filhos, não? Quando tiverem seus bebês verão que a gente se rende à necessidade deles e esquece a vergonha! — Ela ri.

E é a minha vez de corar ao perceber que ela acha que eu e Gabriel somos um casal.

— Eu vou ter um filho em breve — Gabriel diz de repente e os olhos da mulher se iluminam de curiosidade.

— Oh, meus parabéns! — Ela se inclina para olhar pra mim. — Sua barriga nem está aparecendo ainda!

Ah Deus!

— Não, eu... quer dizer... é...

— Não, ainda não aparece, está de apenas oito semanas. — Gabriel

responde por mim.

Bom, realmente é verdade. Quem está grávida sou eu. Só tem um pequeno detalhe: eu não sou a mãe. Mas com certeza a desconhecida não está interessada neste detalhe.

A mulher tira o bebê do peito.

— Seu filho é lindo. — Gabriel fala e ela sorri orgulhosa.

— Seu nome é Aaron e tem seis meses, quer segurá-lo?

E, antes que Gabriel possa responder, ela já passa o bebê para o colo dele, o instruindo como segurá-lo para fazê-lo arrotar.

E eu fico olhando aquela cena, sentindo uma emoção estranha em meu peito.

Gabriel fica preocupado no começo, expressando sua falta de experiência, porém logo ele acha o jeito e o bebê parece pertencer a seu colo.

E quando nossos olhares se encontram, ele sorri feliz por estar fazendo direitinho e eu sorrio de volta.

— Acho que será um ótimo pai — a mulher diz, pegando o bebê do colo de Gabriel e olha pra mim. — Quer segurá-lo também.

— Não — respondo rápido, embora realmente estivesse com vontade de segurá-lo. — Nós já estamos indo embora — completo e Gabriel se levanta também.

— Sim, nós temos que ir.

— Eu também já vou, está se formando uma chuva daquelas.

Nós nos despedimos e seguimos nosso caminho em silêncio.

Quando chegamos ao estacionamento, Gabriel pergunta se eu quero dirigir e respondo que não. Nós entramos no carro e só então vejo um monte de sacolas no banco traseiro e reconheço a marca de uma loja de bebês e lanço um olhar para Gabriel.

— Você já está comprando coisas de bebê?

Ele sorri sem jeito.

— Foi um impulso. Quer ver? Pode pegar.

Eu hesito por um momento, mas a curiosidade acaba falando mais alto e pego os pacotes.

E há alguns casaquinhos de inverno muito bonitinhos ali.

— São lindos.

— Sim, eu os achei perfeitos.

— Gabriel, são de recém-nascido, os bebês vão nascer no verão. Não creio que irão servir quando começar a esfriar.

— Eu nem pensei nisso, tem diferença?

— Claro que tem! Não pode sair comprando coisas só por impulso, porque achou bonito! Olha, se você quiser, posso te fazer uma lista do que realmente é importante e... — De repente eu paro. Que diabos estou falando? — Me desculpe.

— Por quê?

— Estou sendo invasiva. Claro que pode comprar o que quiser, o bebê é seu. — Recolo tudo na sacola e jogo no banco de trás.

— Não está sendo invasiva, Milly. Na verdade, eu aprecio seus conselhos — ele sorri. — Acho que tive uma ideia.

Ele percorre as ruas por alguns minutos sem falar mais nada e para em frente a uma loja de bebês.

— Não pode estar falando sério! — Exclamo entre a animação e a repulsa.

— Poderia me dar algumas dicas. Vamos!

Nós saltamos e eu o sigo para dentro da loja, uma vendedora jovem vem toda animada nos atender. Obviamente ela lança um olhar mais que interessado em Gabriel e isso me irrita.

Afinal, ela podia bem imaginar que nós somos um casal, embora não sejamos. Mesmo assim está dando em cima dele. É muito descaramento.

— Olá, em que posso ajudá-los?

— Nós vamos dar uma olhada nas roupas de bebê. Se precisar, nós a chamamos. — Gabriel diz e a moça dá de ombros desanimada e se afasta.

Percorro as prateleiras lotadas de roupinhas de bebês.

— Ela estava dando em cima de você — comento.

— Claro que não.

Eu reviro os olhos, pegando um macacão bege.

— Este é perfeito. É de recém-nascido e não é de um tecido muito grosso, perfeito para o verão.

— Então pegue dois — ele sorri pegando outro.

— Vai mesmo comprar? Achei que só fôssemos dar uma olhada.

— Por que não?

— Talvez... sua esposa queira comprar com você — digo com

dificuldade e o sorriso de Gabriel desaparece. Ele desvia o olhar, passando os dedos pelo cabelo e, de repente, começo a me perguntar se há algo errado com seu casamento.

— Claro que sim. Mas eu também posso comprar, não é? — Ele responde sorrindo de novo e me pergunto se imaginei a tensão de um momento atrás. — Ou acha que pais não podem se preocupar com roupas?

“Pais sim, mulheres que são apenas a barriga de aluguel, não”, tenho vontade de dizer.

— Certo. Pode fazer o que quiser. — Dou de ombros e pego um casaquinho amarelo. — Este também é bom.

Gabriel pega dois sem hesitar.

— Talvez queira cores diferentes? Sabe, para diferenciar um do outro?

— Pode ser. Escolha você.

— Ah, Gabriel, quem tem que escolher é você!

— Milly, não seja chata. Hoje você é minha consultora, que tal?

Eu rio sacudindo a cabeça e desistindo de discutir.

Discutir pra que se eu estava achando muito divertido?

Quando eu fazia compras para meu bebê, era sempre olhando as etiquetas de preço e nas lojas mais em conta. Com Gabriel era diferente, eu simplesmente podia escolher qualquer coisa que achasse bonita, Gabriel pegava dois iguais e pronto.

Nós ficamos algumas horas ali e quando saímos da loja, tínhamos várias sacolas nas mãos.

Quando entramos no carro, eu me pergunto, incomodada, o que Gabriel vai dizer a esposa dele? Vai dizer que comprou sozinho?

— Com fome? — Pergunta e sinto meu estômago doer.

— Muita.

Ele sorri.

— Vou levar você pra almoçar então.

Eu não contesto e Gabriel me leva a um restaurante italiano e, só se dá por satisfeito, quando me vê comendo.

— E então você não me respondeu se vai viajar no Natal — decido voltar ao assunto e ele dá de ombros.

— Ainda estamos estudando as possibilidades.

— Sei... E, você disse que tem irmãos adotivos, devo deduzir que também tem pais adotivos? Eles moram na cidade? — Arrisco.

— Sim, eles moram na cidade, Milly. — Gabriel responde para minha surpresa.

— Como eles se chamam?

Ele sorri.

— Henry e Eva Goldman.

— E só você é adotivo? Max tem o mesmo sobrenome deles.

— Max é o único filho biológico deles. Mas sim, tenho outros irmãos adotivos.

— Fale-me deles, de seus irmãos?

Ele franze os olhos.

— Está muito curiosa hoje.

Dou de ombros.

— Sim, estou curiosa. Não sei nada sobre você.

— Como não? Sabe muita coisa. Que eu tenho vinte e nove anos, que sou o CEO da empresa dos meus falecidos pais. E que sou casado há sete anos e em breve terei um casal de gêmeos — ele sorri.

Eu mordo os lábios com força. É agora. Eu podia aproveitar a deixa e perguntar sobre sua esposa. Da qual não sei nem o nome!

Então um nó trava na minha garganta e hesito.

— Certo. Sei algumas coisas, queria saber mais — acabo dizendo. — Por exemplo, o que gosta de fazer nas horas vagas. Não me parece um daqueles caras que vive para o trabalho.

— Eu trabalho muito, sim. Desde que eu me formei e assumi os negócios da minha família sou constantemente cobrado para manter tudo no lugar. Muita gente duvidada de que eu conseguiria.

— Tenho a impressão que você consegue realizar o que quiser Gabriel Collins.

— Não tenho tanta certeza — ele murmura, passando o dedo pela borda do seu copo com um sorriso triste.

E eu me pergunto se ele está se referindo ao fato de sua esposa não engravidar. Bom, até naquilo ele tinha dado um jeito, não é?

— Consegue sim — digo com convicção e ele me encara com um olhar que não consigo decifrar, de repente sorri do seu jeito habitual.

— E então, satisfeita sua curiosidade?

— Não... Hum, deixe-me ver... diga-me uma curiosidade sobre você.
Já sei que luta boxe e corre no parque.

— Eu toco piano.

Arregalo os olhos, surpresa.

— Jura? Quantos talentos!

— Eu disse que tinha muitas habilidades que você desconhecia Milly.

Eu sorrio.

— Estou vendo!

— E então, quer sobremesa?

— Não, acho que estou satisfeita.

Nós pedimos a conta e vamos embora.

Está chovendo um pouco e Gabriel dirige devagar pelas ruas, o que eu aprecio. Assim vai demorar mais para chegar.

E quando chegarmos em casa, estarei sozinha novamente. O brilho do dia começa a desaparecer e já me sinto um tanto triste quando Gabriel estaciona o carro em frente a minha casa.

— Obrigada pelo almoço.

— Obrigado por tudo — ele diz com um sorriso e eu sorrio de volta.

De repente tenho vontade de pedir para ele subir comigo, tomar um chá ou algo assim, obviamente ele deve ter mais o que fazer.

Eu abro a porta, apenas me despedindo.

Eu corro pra dentro e tiro o casaco, me sentando sobre o sofá no meu apartamento silencioso e vazio.

Em breve não estarei mais morando neste lugar. E sinto uma mistura de alívio e tristeza.

Eu fui feliz aqui?

Nem tanto quanto eu gostaria de ter sido.

Foi um período difícil, de incertezas e luta constante. Mesmo assim, houve momentos bons. Mas, por mais que eu tente me lembrar dos momentos felizes, só consigo me ater ao fato de que estou sozinha, sem saber se Joshua vai voltar.

Então, de repente, meus pensamentos vão para Gabriel. O que ele estará fazendo? Deve ter chegado a seu apartamento que deve ser lindo e espaçoso.

Sua esposa estará esperando por ele. Será que ela perguntará onde ele esteve a manhã inteira e com quem almoçou?

E ele diria o quê? Ele mostraria as sacolas com roupinhas de bebês e diria que estava fazendo compras. Ela já saberia dos gêmeos?

Ela sorriria carinhosamente e os dois olhariam as roupinhas iguais, imaginado como os bebês ficariam vestidos com elas?

Gabriel seguraria sua mão e a beijaria?

Talvez eles trocassem um olhar de cumplicidade e se beijariam na boca e então ele lhe daria um daqueles sorrisos perfeitos, ela certamente derreteria e pediria para ele levá-la pra cama e...

Ei, que merda estou pensando? Eu sacudo minha cabeça irritada e corada com o rumo dos meus pensamentos.

Eu devia estar muito perturbada para ter pensamentos estranhos e ridículos como aqueles! Eu não tinha nada que ficar imaginando como era a vida de Gabriel com a esposa e muito menos sentindo inveja deles.

Espera... Inveja?

Eu mordo meus lábios. Sim, eu sentia uma espécie de inveja.

Claro. Isto devia ser porque eu estava cheia de problemas no meu próprio casamento. No fundo, eu estava espelhando meus próprios desejos na suposta felicidade de Gabriel e sua esposa. Somente isso.

Respiro fundo e jogo aqueles pensamentos inadequados para o fundo da mente e tomo uma decisão.

Chega de medo.

Pego o telefone e disco para Joshua.

Ele atende depois de alguns toques.

— Oi, Josh.

— Milly — fecho os olhos ao ouvir sua voz. Faz tanto tempo. Pior que parece fazer anos e não apenas semanas.

É estranho, sinto como se estivéssemos separados há muito tempo.

— Josh, por que não me ligou mais? — Pergunto e o escuto respirando fundo do outro lado.

— Você sabe o porquê.

— Ainda está com raiva de mim?

— Ainda está grávida?

— Deus, Josh! Claro que sim!

— Então sabe sua resposta.

— Eu já disse que sinto muito. A situação não vai mudar. Não nos próximos meses, pelo menos. Nós precisamos conversar.

— Já falamos tudo o que tinha para ser dito.

— O que quer dizer? Que é definitivo? — Pergunto num fio de voz.

— Eu não sei. Neste momento tenho raiva demais dentro de mim. Eu... não consigo aceitar o que está fazendo, Milly.

— Eu sei que menti e escondi. Não estou cometendo um crime, Josh. Você precisa abrir sua mente. Muitas mulheres fazem isso e a maioria é casada, você sabia?

— Não quero falar sobre o assunto...

— Mas precisamos falar! O que vai acontecer? Não vai mais voltar pra casa, vai me deixar?

— Não foi o que eu disse!

— É o que está parecendo! Você precisa falar comigo, nós precisamos chegar a um acordo...

Ele respira fundo.

— Eu sei.

— Olha... Nós temos que pensar no que fazer no Natal — Decido neutralizar a discussão. — Minha mãe quer saber se vamos pra casa dela...

— Eu quero ir pra casa dos meus pais.

— Certo, posso concordar com isto. Meu pai iria gostar também.

Ele não fala nada.

— Josh, eu comprei uma casa.

— O quê?

— Eu comprei uma casa nova. Acho que vai adorar, é linda. Vou me mudar nos próximos dias. Eu... queria que estivesse aqui.

— Comprou com aquele dinheiro.

— Claro que sim.

— Não posso ir, Milly.

— Josh, por favor... Assim poderemos conversar.

— Eu sei que teremos que sair dessa situação. No momento... simplesmente não consigo lidar. Não consigo.

— Certo. Tudo bem. — Eu me dou por vencida. Cansada de discutir.

— Acho que não posso fazer nada. Não posso te obrigar.

— Milly... Droga... Eu sinto muito, mas... Não dá.

— Tudo bem. Fique aí. Tenha o tempo que quiser pra pensar. Mas o Natal será o nosso prazo, Joshua. Nós teremos que conversar e chegar a um acordo.

E sem dizer nada, eu desligo.

Eu não choro. Não tenho vontade de chorar. Me sinto apenas... Decepcionada.

Acho que no fundo acreditei que Joshua fosse se animar com a notícia da casa. Era um sonho nosso. Mas ele simplesmente não queria me perdoar.

E eu não posso fazer nada. A não ser esperar.

Naquela noite, antes de dormir, penso no meu dia e me apego àquilo que foi bom. Ou seja, meus momentos com Gabriel. E jogo para o fundo da mente minha discussão com Joshua.

E estou quase adormecendo quando escuto meu celular. Há uma mensagem nele e eu sorrio ao ler.

“Espero que tenha jantado direito. Nada de Pizza. Gabriel”

Respondo rapidamente.

“Eu comi salada. Quando vai mandar instalar as câmeras?”

Eu espero e não demora muito para que tenha a resposta.

“Você nunca vai ficar sabendo. Talvez já tenham sido instaladas.”

Rio ao responder.

“Isto me soa meio pervertido, não?”

Quando clico enviar, eu me arrependo em seguida.

Claro que é uma brincadeira, porém...

A resposta chega e eu leio.

“É melhor parar de andar nua pela sala então.”

Oh Meu Deus! Ele tinha entrado na brincadeira?

Certo, dois podem jogar este jogo.

“Nunca imaginei, Senhor Collins, que tarasse mulheres grávidas! Não tem vergonha?”

Espero ansiosa, desta vez demora um pouco mais para a resposta aparecer.

“Vá dormir, Amelia Edwards.”

Apenas isto.

Hum, contendo a decepção. Será que fui longe demais na brincadeira?

Bom, ele tinha até respondido e tipo... Não tinha nada demais, não é? Eu já fiz brincadeiras mais maliciosas com colegas de faculdade. Qual o problema?

Dou de ombros e apenas digito *“boa noite”* e desligo o celular.

Nos dias que se seguem, Gabriel continua me mandando mensagens, perguntando como estou me sentindo, se comi direito ou se passei mal. Nós fazemos algumas brincadeiras, agora tomo cuidado pra não escrever nada malicioso. Apenas brincadeiras amigáveis e inocentes.

Duas semanas depois eu me mudo para a casa nova. Não decorei todos os cômodos, apenas ajeitei a cozinha, a sala e o quarto principal.

Joshua não me ligou. E tento não ficar triste na primeira noite que durmo sozinha ali. Na companhia apenas das mensagens de Gabriel.

“Olá, como se sentiu hoje?”

“Muito bem. Eu me mudei hoje.”

“Sério? Por que não me disse? Espero que não tenha feito esforço.”

“Claro que não. Eu contratei ajuda.”

“E como está se sentindo na nova casa?”

“Ainda me adaptando.”

Gabriel demora um pouco para escrever e fico imaginando se está hesitando.

Em todos aqueles dias, eu me perguntei se ele iria aparecer em uma de suas visitas surpresa, ou me ligar. Ele apenas manteve as mensagens.

Eu me sentia um tanto frustrada. Sentia falta de companhia.

“Joshua está com você?”

Eu mordo os lábios, indecisa sobre o que responder.

“Ainda não. Nós nos encontraremos em Olympia no Natal.”

“Entendi. Se precisar de alguma coisa, não hesite em me avisar.”

“Pode deixar. Eu devo viajar nos próximos dias e você?”

“Eu irei viajar também.”

Tenho vontade de perguntar para onde, não tenho coragem.

“Boa noite, Gabriel.”

“Boa noite, Milly.”

Desligo o celular, apago a luz e fecho os olhos.

Imagino Gabriel fazendo o mesmo. Ele não estará sozinho em sua cama. E sim, com sua esposa.

Será que ela é daquelas que dorme com um pijama de seda supercaro ou, ignorando o frio, dorme com lingerie Victoria's Secret mega sexy?

Bem, com um marido como Gabriel...

Abro os olhos, zangada comigo mesma com os rumos dos meus pensamentos.

O que me interessava a roupa que a esposa de Gabriel usava para dormir? Irritada, volto a fechar os olhos e me obrigo a limpar meus pensamentos ridículos.

Eu chego a Olympia numa tarde fria e chuvosa e sou recebida por meu pai que me dá um grande abraço.

— Entre, entre, está muito frio.

Eu entro na casa aquecida tirando o casaco.

Ainda não dá pra ver minha barriga, embora eu já sinta alguma diferença em meu corpo, como meus seios maiores. Obviamente meu pai não notará nada. Ainda não faço ideia de como vou contar. Eu me pergunto se terei feito as pazes com Josh quando precisar revelar tudo.

— Josh ainda vai chegar — eu me apresso em dizer, ele franze a testa enquanto pega uma cerveja na geladeira.

— O Joshua está na casa dos pais dele, chegou ontem. Freddie me ligou hoje cedo perguntando por você.

— Ah, sei...

— Não sabia?

— Não me lembrava de quando ele disse que iria chegar.

— Milly, está tudo meio esquisito... Não me diga que estão com problemas de novo.

— Não! Quer dizer... Não é nada demais. Sabe como é, ele está longe trabalhando...

— Devia estar com ele.

— Não vou discutir isto com você! — Respondo e pego minha mala, subindo pro meu quarto.

Volto para cozinha e começo a fazer o jantar.

— Por que Joshua está na casa dos pais e você aqui? — Ben pergunta astutamente.

— Porque ele está com saudade de casa — dou de ombros. — Como eu!

— Sei...

— Que diferença faz, amanhã estaremos todos juntos para o almoço de Natal, não?

— Sim, mas...

— Chega, pai. Não seja intrometido!

— Ai, ai, ai. Só estou com um pressentimento... — ele resmunga, saindo pra limpar o quintal cheio de neve.

Eu termino o jantar e nós comemos, enquanto ele me conta as novidades da cidade.

Quando vou para cama, fico olhando meu celular, ansiosa. Será que Gabriel viajou? Talvez ele esteja com sua esposa, ou até mesmo toda sua família em algum lugar da Europa e nem se lembre da minha existência.

Me deixa um tanto triste, embora saiba que é descabido. Então ouço o barulho de mensagem e pego o celular com o coração aos pulos e sorrio ao ler.

“Feliz natal!”

Olho o relógio, passa da meia noite.

“Feliz natal!”

Apenas isso.

Serve para me deixar feliz e eu dormir tranquila.

Quando acordo, estou tensa e preocupada. Eu me arrumo e sigo no carro do meu pai para a casa dos pais de Josh.

Realmente eu não deveria ter deixado para encontrar Joshua aqui, no meio de tanta gente numa festa de Natal, penso, ao descer do carro e ser cumprimentada por todos.

Então eu o vejo. Ele está conversando com Tom, o namorado de Rita, sua irmã mais velha. Eu mordo os lábios, acenando hesitante.

São vários sentimentos dentro de mim.

Há saudade. Há também ressentimento. E isso me surpreende.

Eu achei que apenas Josh estava com raiva. Agora percebo que há alguma raiva em mim também.

Ele troca algumas palavras com Tom e se aproxima de mim.

E, por um momento, não sei como me comportar. Em qualquer circunstância, eu o abraçaria.

Estaria louca para abraçá-lo. Até quando éramos apenas amigos, eu gostava de sentir a força e o calor de Josh a minha volta. Me sentia protegida e em casa.

Agora, enquanto ele se aproxima e depois de semanas sem nos vermos, não sei o que fazer. Não sei o que desejo.

Quero que ele me abrace e acabe com aquela estranheza fora do comum. Também há um desejo estranho de que ele não coloque as mãos em mim.

Quando finalmente se aproxima, ele o faz. Ele me abraça.

Eu o abraço de volta. Por um momento, é quase como sempre foi. É Joshua, meu porto seguro. Minha constante.

Sempre tive essa certeza. Tudo podia mudar. Menos Joshua. Ele sempre estaria ali por mim.

Tudo é diferente agora. Ainda são os mesmos braços. Ainda é o mesmo Joshua.

Mas sinto que não sou a mesma Milly.

Essa constatação me varre como um tornado e me deixa tonta.

Eu o afasto.

— Milly, me desculpe, eu...

Eu o encaro, respirando rápido.

Que diabos aconteceu comigo?

Sinto vontade de correr. De fugir. Olho em volta e nada daquilo parece fazer sentido.

— Milly, tudo bem...? Está pálida?

— Não, eu... — sinto a ânsia subindo em minha garganta e corro.

Escuto Joshua chamando meu nome, porém continuo a correr até estar bem longe, então me dobro e vomito.

Joshua me encontra um tempo depois.

Eu enxugo o suor frio da minha garganta e me viro para olhá-lo.

— Você está enjoada.

— Não é óbvio?

— Está assim por causa da gravidez, não é? — Pergunta friamente e eu percebo que não digeriu nada ainda.

O que me deixa com raiva.

— Sim, estou grávida. De gêmeos.

Ele arregala os olhos.

— Não está certo. Este bebê deveria ser nosso.

Eu respiro fundo tentando me manter sã.

— A vida não é perfeita, Josh. A nossa nunca foi, não é? Estou fazendo isso justamente porque quero ter um bebê um dia. Eu fiz para arrumar nossa vida. Para nos dar um rumo. Fiz pra ter você de volta, tirá-lo daquele emprego horrível. No entanto você não está nem aí...

— Ei, não é...

— E eu estou tão cansada. Cansada de te dar espaço, de te dar tempo, de ficar implorando pra você voltar...

— Milly...

— Cansada de tudo Josh, demais! — Desabafo. — Eu vou embora. Não tenho clima pra Natal, festa, família. Vou pra minha casa.

— Milly...

Sigo sem olhar para trás. Entro no carro do meu pai, que ainda está com a chave na ignição e dirijo até em casa. Faço minha mala e chamo um táxi para me levar até a rodoviária.

Deixo um recado para o meu pai e ligo para Joshua. Como eu imagino, o celular dá caixa postal.

— Joshua estou voltando para Seattle. Este é o endereço novo — digo o endereço. — Se quiser conversar, se... Enfim, estou indo pra casa. Sabe onde me encontrar.

O táxi chega e eu pego minha mala.

Quando chego a Seattle, está nevando. É bonito de se ver.

Ao entrar em casa, está tudo silencioso.

E vazio.

Suspiro cansadamente, estou triste.

Também estou feliz de estar ali, na minha casa.

Agora eu iria me dedicar a ela, talvez fazer minha biblioteca. Passo a mão na minha barriga. Em breve começará a crescer. Parece que o tempo corre mais rápido agora.

De repente escuto o celular e o pego. Será Joshua?

Não é Joshua. É uma ligação de Gabriel.

— Alô — atendo hesitante. Faz duas semanas que não nos falamos realmente.

— Oi, Milly.

— Oi, Gabriel... que estranho me ligar.

— Queria te desejar um feliz Natal.

— Não desejou ontem?

— Queria falar com você.

— Gostei de ter ligado.

— Sua voz está estranha, você está bem?

Eu mordo os lábios, pra conter a vontade de chorar.

— Claro — minto. — E você, onde está? Não me disse pra onde ia viajar.

— Estou em Seattle.

— Não ia viajar?

— Não pude ir, afinal — diz simplesmente sem maiores explicações.
— E como está aí em Olympia?

— Não estou em Olympia — confesso.

— Não estava ontem?

— Estava. Apenas... voltei mais cedo pra casa.

— Sozinha? E Joshua?

— Sim, sozinha. Josh ficou com a família, sabe como é. Eu quis voltar mais cedo.

— Milly, eu vou até aí.

— Não... Não precisa...

— Precisa sim... tenho um presente pra você.

— Presente? Ah Gabriel, não faça isto...

Ele ri.

— Eu ia te dar depois, já que está em Seattle...

— Eu realmente acho que não devia...

— Até mais, Milly! — Desliga e eu fico olhando para o aparelho por um momento.

Gabriel Collins está a caminho.

De repente o dia que parecia sem sentido, se transforma.

Eu corro para cima e tomo um banho rápido para tirar todo aquele cansaço de viagem. Olho-me no espelho depois de me vestir e pentear meus cabelos e estou um pouco pálida.

Será que devo passar alguma maquiagem?

Antes que me decida, escuto um som de carro estacionando e uma buzina.

Olho pela janela, não é o carro de Gabriel e sim um diferente.

Franzo a testa ao descer. Quantos carros Gabriel têm? Bom, do jeito que é rico, deve ter vários.

Eu abro a porta e ele está em frente ao carro com um sorriso.

Eu tenho vontade de correr pra ele e abraçá-lo, obviamente eu não faço isso.

De repente me dou conta de que senti muita falta dele.

— Olá! Carro novo?

— Sim, carro novo, mas não é meu.

— Não?

Ele vem em minha direção e sacode as chaves na minha frente.

— Feliz Natal.

Eu arregalo os olhos ao entender.

— O quê? Está brincando!

— Não, é seu presente.

— Você me comprou um carro?!

— Sim, eu disse que você precisava.

— Gabriel, é absurdo!

— Não é não. É um presente.

— Não vou aceitar!

— Claro que vai. Agora vamos entrar, vai congelar aqui fora.

Nós entramos em casa eu o encaro ainda pasma com o presente. Um carro! Ele devia estar maluco.

— Gabriel, fala sério, um carro é demais, não acha?

— Não é demais. É necessário.

— Para dar de presente?

— Eu te dou o que quiser Milly.

— Não posso...

— Chega de reclamar. Está me magoando. As pessoas agradecem presentes — ele faz uma cara de falsa tristeza.

Eu rolo os olhos rindo.

— Bom, acho que não tem jeito mesmo, não é? Ok, obrigada!

Ele sorri satisfeito andando pela minha sala e olhando em volta.

— Ficou bonito.

— É bem simples...

— Está parecida com você, é o que importa. Está linda.

Eu sorrio meio orgulhosa.

— Não tive tempo de decorar tudo. Apenas a sala, a cozinha e o meu quarto. Ainda estou pensando na biblioteca.

— Ah, claro. A Biblioteca!

Eu me sento no sofá.

— Estou ansiosa pra fazer tudo. Acho que terei tempo, não?

— Achei que ia ficar alguns dias em Olympia... — ele me encara e eu desvio os olhos.

— Quero ficar aqui. Casa nova, sabe como é... E você, pensei que fosse viajar...

— Tive alguns contratempos... — ele passa os dedos pela testa, como se um pensamento ruim tivesse lhe acometido, então se aproxima e senta ao meu lado. — E como estão... Os bebês?

Eu sorrio colocando a mão na barriga automaticamente.

— Estão muito bem... Crescendo.

Ele sorri.

— Ainda não tem nenhuma barriga.

— Ah, tem sim, é quase imperceptível para as outras pessoas, mas eu sinto a diferença — e, sem pensar, pego sua mão e a coloco sobre minha

barriga quase plana. — Vê?

Nossos olhares se encontram e ele parece surpreso com meu gesto. Então eu percebo o que estou fazendo e solto sua mão.

— Oh, desculpe-me.

— Não, eu... — ele coloca a mão de novo na minha barriga. — Eu quero...

Nós nos olhamos e rimos.

— Milly, não tem nada aqui.

— Tem sim, é que você não sabe como era antes. Sou muito magra — seguro sua mão. — Sente? Está mais duro e tem quase um formato... Não vai demorar a crescer.

Por um momento ele apenas mantém a mão ali, olhando para minha barriga, e então suspira lentamente e me encara.

— Eu não vejo a hora de vê-la grávida. De saber que meus bebês estão crescendo dentro de você — ele diz baixinho e acaricia minha barriga lentamente. Os olhos presos nos meus.

Verdes. Profundos.

E algo muda.

Tão sutil como o vento muda de rumo, sinto a mudança no ar a nossa volta.

A mudança de ar entre nós.

Eu simplesmente não consigo desgrudar os olhos. A respiração fica presa na minha garganta e meu coração parece parar de bater por um momento infinito.

E sinto seu toque.

É quente. É íntimo.

É... necessário.

Atravessa a fina camada de tecido da minha blusa e penetra em minha pele. Penetra em minha alma e deixa uma marca nela.

Deixa uma marca em mim.

E então, o tempo que tinha parado, volta a correr.

Está tudo mudado agora.

É como se tudo estivesse mais vivo. Mais colorido.

Mais sensível.

Meu coração volta a bater, está acelerado, vertiginoso, bombeando o sangue mais rápido em minhas veias, que circulam como brasa, aquecendo minha pele, que cora.

E volto a respirar. O ar sai rápido de meus pulmões. Ofego.

E sinto a proximidade de Gabriel.

Sinto o calor do seu corpo perto do meu. Sinto seu cheiro único e delicioso em minhas narinas. Como é que nunca percebi como ele cheira bem?

Quero me aproximar e inalá-lo inteiro.

Sua mão não mais acaricia minha barriga, embora ainda esteja em mim.

Minha própria mão está em cima da sua.

E nós continuamos nos encarando.

E eu quero que sua mão continue em mim. Quero que ela se mova em mim.

Quero que ela tome tudo em mim.

E num átimo de segundo me dou conta do que está acontecendo e, quase num pulo, retiro sua mão e me afasto, dando vários passos trôpegos até as grandes janelas.

Fico de costas pra Gabriel respirando rápido, assustada, vendo a neve cair.

Sinto sua presença atrás de mim. Fecho os olhos.

Sabendo que devo me afastar. Ou afastá-lo.

Tudo grita em mim que não está certo.

Mas há uma pequena parte do meu coração que está batendo como nunca bateu antes. Uma emoção desconhecida que quer continuar ali, que deseja ser libertada.

Uma emoção que, me dou conta neste momento, mais assustada do que nunca, está ali faz tempo.

Tanto tempo que nem sei desde quando. Apenas escondida.

— Milly... — sua voz toca os recantos mais escondidos do meu ser. Vai quebrando todas as barreiras que eu nem sabia que tinha construído ao longo de nosso estranho relacionamento.

Eu não tenho mais forças para lutar...

Eu me viro cegamente e no segundo seguinte, minha boca está na sua.

Estou perdida.

Capítulo 12

Milly

É como se jogar de um precipício. E não se importar em morrer no final.

Fecho os olhos e deixo de pensar.

Não há certo. Ou errado. Não há nada.

Quero me desligar do mundo. Naquele momento meu mundo é aquele homem me beijando.

Seus lábios queimando nos meus. Nossas línguas se unindo buscando atrito.

Há pressão. Há gemidos.

Meus? Dele?

Não sei dizer.

Estou caindo.

Não há ar suficiente em meus pulmões, não há mais espaço entre nós, não consigo me importar, desejo apenas que aquela sensação não acabe nunca.

Estou me afogando em seu beijo.

Não sei há quanto tempo estamos ali. O tempo parou de existir.

Eu ainda existo?

Sei que estou viva porque meu coração bate desenfreado no peito.

E ah, eu sinto.

Eu me rendo. Eu derreto. Eu desejo.

Minha mente gira desnorteada. Não importa.

Quero morrer naquele momento.

Com a língua de Gabriel Collins em minha boca.

Com suas mãos em meu corpo.

Seu coração sob minhas mãos.

— Milly... — escuto meu nome em seus lábios, num tom de dor, de

desejo e bebo sua voz. Calafrios subindo por minha espinha. Respiro rápido em sua boca. Meus dedos castigam sua blusa. Seus dedos puxam meu cabelo.

Não consigo parar.

— Sim... — é minha resposta ofegante e ele geme, enviando um milhão de arrepios por minha pele, viajando por meu corpo e começando um incêndio.

Então ele me beija de novo. Com força. Com fome. Quase machuca meus lábios. E eu deixo. Eu aprecio.

Enfraqueço inteira com aquela força e grudo nele pra não desabar.

Sei que se cair, cairemos juntos.

Quase anseio por isso.

Mas Gabriel me segura. Como poderia ser diferente?

Há uma confiança intrínseca em nossos corpos. Somos como dois náufragos em busca de terra firme. E ele é minha terra firme agora.

Suas mãos em mim iniciam uma busca, como numa missão de reconhecimento. Deslizam em meus braços, minhas costas e descem... Nós dois gememos alto quando nossos quadris se encontram.

Sua ereção é bem-vinda.

A excitação se intensifica. Pulsa. Vibra.

Não há mais hesitação em meu desejo.

Me esfrego nele sem pudor e ele me aperta mais em resposta. Sua boca se aparta da minha e eu respiro uma longa golfada de ar que vem junto com seu nome, enquanto sinto o toque úmido e quente de sua língua em meu queixo, fazendo um caminho até minha garganta.

Jogo a cabeça para trás para receber melhor seus beijos sem me importar que venham acompanhados de dentes. Migro minhas mãos para seus cabelos perfeitos, puxando-os, e deixando as ondas de prazer lamberem meu corpo, aumentando minha sofreguidão.

A ansiedade só aumenta. Me consome.

E o desespero me domina, quando sinto sua voz dentro do meu ouvido sussurrando meu nome como um chamado.

E eu vou.

— Sim... Sim... — respondo, o beijando de novo. E de novo. E de novo. Enchendo minha boca com seu gosto.

Não sei dizer quando ou como ele tira minha blusa.

E depois a dele. Ou talvez eu tenha tirado. Não importa. Deslizo numa doce inconsciência enquanto as roupas vão sendo retiradas do caminho, com rapidez surpreendente.

É quase uma necessidade vital senti-lo. O desejo vai aumentando conforme as barreiras entre nós são jogadas ao chão.

E é quase divino sentir sua pele quente finalmente em contato com a minha. Suas mãos me tatuando. E tudo passa como névoa sob meus olhos fechados. Eu apenas sinto e deliro.

Seu hálito morno em meus seios. Seus dentes em meu mamilo. Seus dedos dentro de mim.

E o desejo explode como fogo de artifício sob meus poros.

Gemendo, eu o trago pra mim, minhas unhas arranhando suas costas, seus ombros, e ele me empurra contra o vidro, me erguendo facilmente, respirando pesado em meus lábios, sinto sua ereção abrindo espaço e me penetrando com força.

Grito e arquejo, puxando seus cabelos, o prazer se espalhando como droga em minhas veias, aquecendo tudo por onde passa e fazendo um espiral de sensações explodirem em meu ventre. Sinto meu tremor aumentando e ele aumenta mais o ritmo.

E minha existência naquele momento é medida conforme as estocadas fortes de Gabriel dentro de mim, para mim. Seus gemidos roucos em meu ouvido, seus dedos apertando meus quadris, cada vez mais rápido, mais forte.

É tão perfeito que me faz gritar do começo ao fim.

E seu nome dança em meus lábios, quando gozo profundamente em volta dele, finalmente caindo do precipício.

E me estatelando no chão quando, quase imediatamente. A realidade do que acabei de fazer bate em mim junto com o frio de inverno que invade meu corpo quando tudo termina.

E minha alma congela.

O que foi que eu fiz?

Abro meus olhos e Gabriel está me fitando.

Ofegante. Suado.

Ainda grudado em mim. Ainda dentro de mim.

E vejo em seus olhos o mesmo horror que há em mim.

Nós acabamos de cometer um erro terrível.

— Oh meu Deus... — sussurro, e com um gemido agoniado, o empurro.

Gabriel não me impede.

Eu tremo inteira enquanto procuro minhas roupas vestindo-as de qualquer jeito.

Embora não consiga encará-lo, eu sinto os movimentos de Gabriel fazendo o mesmo, o que me faz ter ainda mais consciência da gravidade da situação.

E, à medida que visto minhas roupas, minha consciência vai voltando.

Eu tinha beijado Gabriel.

Tinha transado com Gabriel.

Sinto meu estômago embrulhando e minha garganta se apertando.

Que merda eu estava pensando? Como... Como posso ter deixado acontecer?

De onde aquilo tinha surgido?

Sinto vontade de gritar. De bater a cabeça contra a parede.

Estou chocada. Horrorizada.

Obrigo-me a respirar tentando acalmar os tremores de pavor quando estou devidamente vestida. Abraço a mim mesma, olhando de novo para a neve lá fora. Não consigo parar de tremer.

— Milly... — Gabriel começa a dizer e eu me viro.

Ele está vestido agora. Como deveria ter estado o tempo inteiro. Como sempre estive.

Apenas... Gabriel Collins. O cara gentil que me ajudou há mais de um ano.

O cara que me pediu para ser a barriga de aluguel do filho dele.

O cara com quem eu criei uma estranha conexão que achava ser totalmente normal e aceitável.

O cara casado com quem acabei de transar.

— Foi um erro — consigo murmurar com os lábios trêmulos. — Cometemos um erro terrível...

— Eu sei — ele concorda, passando os dedos pelos cabelos num gesto nervoso. — Inferno, eu sei, porém...

— Não existe *porém*... eu não consigo... estou chocada, simplesmente... Não sei o que aconteceu... nunca deveria ter acontecido...

— Milly, vamos conversar, nós... — ele dá um passo em minha direção e eu me afasto rapidamente.

Ele não pode chegar perto de mim. Nunca mais.

— Vá embora, Gabriel.

— Milly...

— Não! Não... você tem que ir. — Começo a chorar, enquanto deslizo no sofá, ainda abraçando meu corpo, com a cabeça mirando o chão. — Por favor, vá embora...

Por um momento acho que ele vai insistir. E não sei o que fazer.

Eu já não tenho forças para nada. Quero apenas que ele saia da minha frente.

— Eu sinto muito — sua voz chega até mim cheia de arrependimento. — Eu sinto muito...

Eu apenas escuto seus passos se afastando e a porta se fechando.

E caio no choro mais sofrido da minha vida.

Me encolho sobre mim e deixo os soluços me dominarem, enquanto permito que tudo volte a mente.

Eu preciso entender. Preciso encontrar alguma lógica.

Onde foi que eu cometi o primeiro erro que levou aos acontecimentos daquela tarde, àquela confusão que criei?

Sei que não começou simplesmente agora. Não foi aquele estalo que me bateu quando ele tocou minha barriga. Aquilo foi apenas o estopim. O pavio já estava queimando há tempos.

Oh Deus, como pude ser tão cega?

Estava ali. Mascarado sob a forma de admiração, amizade, consideração.

Pois eu jamais me permitiria ter qualquer sentimento inadequado por ele ou qualquer pessoa. Não seria correto de maneira nenhuma.

Talvez não tenha começado naquele primeiro dia, quando eu estava totalmente envolvida pela espera ansiosa do meu bebê e toda minha felicidade e atenção era para o meu filho na barriga. Naquele dia eu o admirei. Cheguei quase a adorá-lo, pela forma gentil e delicada que me tratou, tão preocupado com meu bem-estar sem nem me conhecer.

Um herói. Um anjo.

E deixou uma marca em mim.

E então, um ano depois, lá estava ele novamente.

Tão bonito com seu cabelo incrível e seus ternos caros. Ainda gentil, ainda preocupado. Ainda me amparando, ainda vindo em meu socorro. Desta vez acenando com um trabalho para mim. Trabalho este, que se transformou em um pedido para carregar seu bebê.

E eu aceitei. Aceitei pelo dinheiro sim, porém, bem lá no fundo, havia o desejo indelével de realizar o sonho dele.

Queria vê-lo feliz.

E, sem perceber, comecei a me tornar dependente de sua presença, sua gentileza e preocupação.

De seu sorriso perfeito.

Sua presença me fazia feliz.

Eu acreditava que era só amizade. Que era só aquela conexão estranha que surgiu entre nós e se fortaleceu com acordo sobre o bebê.

Nessa tarde se tornou mais.

Hoje eu permiti que os muros construídos cuidadosamente em volta de meus mais secretos desejos, caíssem.

Eu havia escondido de mim mesma aquela atração proibida. Porque era errado. Muito errado.

Simplesmente não podia existir. De maneira alguma. Eu não podia desejar beijá-lo, tocá-lo. Fazer amor com ele.

Ele não me pertencia. Pertencia à outra mulher.

E eu pertencia a outro homem.

Josh.

Pensar em Josh faz outra onda de choro me dominar.

Traição. Traição pura e simples. Era o que eu tinha cometido.

E Gabriel também.

Como foi que chegamos àquela situação? E como é que eu ia sair dela?

Só conseguia sentir culpa.

E, bem lá no fundo, eu sentia mais que culpa.

Eu sentia pesar.

Porque, contrariando tudo o que eu acreditei, eu havia me apaixonado por Gabriel.

Não sei quanto tempo passo chorando, até que, como vindo de muito longe, escuto uma batida na porta.

Eu me levanto tropegamente e caminho até lá, abrindo-a.

E Joshua está parado na minha frente.

Capítulo 13

Gabriel

Eu dirijo sem rumo por um tempo interminável. Sequer noto a neve que cai sobre a cidade, tornando as ruas quase intransitáveis. Não me importo.

O tempo ruim faz eco com a confusão que se transformou minha vida.

E o negror dos meus sentimentos é tão doído quanto aquele em que me encontrava no dia em que encontrei Amelia pela primeira vez.

É irônico que tudo tenha a ver com ela.

Naquele dia, ela era a visão da felicidade. E eu desejei aquela felicidade pra mim.

E corri atrás dela.

Só não percebi que não estava correndo atrás somente da felicidade. Eu estava correndo atrás de Amelia Edwards.

E agora tudo estava uma confusão.

E só podia culpar a mim mesmo.

De novo.

Quantos erros uma pessoa pode cometer e ainda almejar perdão?

Haveria perdão?

Escuto, como vindo de muito longe, meu celular tocando e, por um momento, penso em não atender.

Mas sei que não posso.

Atendo e escuto a voz irada do outro lado.

— Não precisa ficar nervosa... estou voltando.

Com um suspiro cansado e vencido, eu tomo o caminho conhecido de minha casa. O prédio de apartamentos em que vivo há sete anos me recebe com seu cinza chumbo inoxidável. Tão frio.

Tão diferente da casa da qual acabei de sair.

Jogo esses pensamentos para longe quando subo no elevador.

A porta se abre quando eu saio e Lucy me recebe com um sorriso, me

levando para dentro.

— Onde se meteu? — pergunta com sua voz estridente — Eva está brava com você! Quer fazer a troca de presentes!

— Eu estou aqui, não estou?

Max está perto da árvore de Natal, tomando algo que parece ser uísque. Eu precisava de um também.

Ele me lança um olhar frio e sei o que está pensando.

Ele sabe.

Sabe onde eu estava. E me condena.

E quem pode culpá-lo?

Eva e Henry saem da cozinha e parecem aliviados ao me verem.

— Finalmente, filho, estava preocupada, o tempo está terrível. — Eva fala com seu olhar maternal. Me dando vontade de me aproximar e deitar a cabeça em seu colo.

E contar todos meus problemas. Desta vez de nada iria adiantar.

Ela não teria como resolvê-los.

— Samuel ligou! — Lucy diz, indo para o lado de Max, seu marido. Eles eram tão diferentes, Max todo introspectivo e calado e Lucy falante e expansiva com seus cabelos ruivos e armados. Mas mesmo assim, formavam um casal perfeito, penso com certa inveja — queria falar com você também, desejar feliz Natal.

— Eu ligo pra ele mais tarde — comento evasivo. Samuel sempre está longe ultimamente. Participando de vários campeonatos.

— Cadê a Laura? — pergunto.

— Está com a Fran, vou chamá-las — Lucy diz, mas não é preciso. Escuto os saltos altos batendo contra o chão e as duas mulheres loiras se aproximam.

Sinto um mal-estar repentino. Sinto-me terrivelmente errado.

Terrivelmente culpado.

A força do que eu tinha feito me atinge como uma chicotada em meu peito.

Quase sufocando.

— Olá, Gabriel — Franchesca sorri pra mim, porém não é pra ela que eu olho.

Meu olhar fixa em Laura enquanto ela caminha na minha direção e

coloca a mão em meu rosto.

— Oi, estávamos te esperando — então ela beija meus lábios frios.
E minha alma está fria.

Por um momento, Laura prende seus olhos em mim. Como sempre, tenho a nítida impressão que ela consegue perceber o que se passa em meu íntimo.

E ela sabe que não é nada agradável.

— Está gelado — murmura e eu afasto suas mãos.

— Está nevando, Laura.

Me afasto.

Posso sentir seu olhar me seguindo, não consigo encará-la.

Não no momento.

— Vamos logo abrir os presentes. — Lucy pede ansiosa.

— Sim, melhor acabarmos logo com isto — Henry concorda. — Sua mãe e eu estamos de plantão esta noite.

— E Franchesca tem um voo para Miami — Eva acrescenta.

— Sim, meus pais vão me matar se eu não for embora logo. Eles já acham um absurdo eu ter passado o Natal aqui e não com eles.

— Eu disse que eles seriam bem-vindos. — Laura senta ao seu lado.

— Ah, mas eles não queriam atrapalhar, sabe... neste momento... — Franchesca para sem saber como continuar e Eva quebra o embaraço.

— Vamos, Lucy, comece logo a distribuição destes seus presentes!

Esse momento é sempre um show particular de Lucy, que adora fazer compras e presentear a todos. E é sempre divertido vê-la em ação com sua energia e bom humor contagiante. Hoje, eu me sinto à parte de toda aquela alegria. Eu simplesmente não consigo me conectar com nada.

— Ei — sinto um toque em minha mão e levanto o olhar para encontrar Eva me encarando com uma expressão preocupada. — Tudo bem?

Eu me obrigo a sorrir e aperto seus dedos.

— Claro.

Eva não parece convencida.

— Você parece preocupado desde que chegou. Onde esteve?

— Henry não disse? Tive que resolver uma questão urgente na empresa. — Eu não sei como as mentiras tinham começado a ser tão fáceis

pra mim.

Poderia ser da experiência. Eu já as vinha cultivando há alguns meses. A culpa afunda um pouco mais meu humor.

— Então é algum problema na empresa? — ela insiste.

— Nada grave apenas alguns assuntos... complicados — respondo, pensando na verdadeira natureza de meus assuntos complicados. Eva não fazia ideia. Ninguém fazia. Talvez Max apenas.

— Oh, Lucy, que lindo! — eu volto à realidade com a voz de Laura e a vejo com roupas de bebês nas mãos. — Não são lindos Gabriel? — ela sorri pra mim e eu me obrigo a sorrir de volta.

— Sim, são lindas.

— Eu sei que ainda está cedo — Lucy sorri animada — só quero ser a primeira a dar presentes pra eles.

— Ou elas — Eva sorri. — Podem ser meninas.

— Eu ainda não acredito que serão gêmeos — Franchesca comenta. — Não sei como não estão assustados! Porque, vamos convir, duas crianças de uma vez deve ser bem difícil. Eu já estaria enlouquecendo!

— Ainda bem que não são seus filhos e sim meus não é, Franchesca — rebato com ironia.

— Os pais sempre têm menos problemas, claro. Quem fica com todo o trabalho são as mulheres — ela continua em tom mordaz.

— Neste caso a Laura pelo menos vai pular a parte chata de ficar com barrigão e ter aquelas dores horríveis de parto! — Lucy ri.

— Lucy — Henry a repreende quando Laura fecha a cara.

— Oh, me desculpe, foi só uma brincadeira.

— A Laura devia ficar feliz de verdade. Pelo menos essa coisa de barriga de aluguel vai te poupar de ter um monte de problemas, amiga! Nada de engordar, ter estrias. — Franchesca continua.

— Eu não me importaria com nada disso — Laura murmura.

— Até parece — Lucy fala com descaso.

— Lucy e Franchesca, parem de falar sobre isso. Estão deixando Laura nervosa — Eva pede.

— Acho que já devemos ir. — Henry se levanta. — Está ficando tarde.

— Sim, tem razão — Eva concorda e todos começam a se despedir.

Franchesca se aproxima com um sorriso.

— Espero que não esteja bravo comigo.

— Por que estaria?

— Por meus comentários sobre os bebês, a barriga de aluguel... Não fiz por mal.

— Eu não me importo com nada do que você diz.

— Acho que ainda temos algumas questões mal resolvidas, não é verdade? — sua voz adquire um tom meloso que me deixa com náusea.

— Não tenho nada mal resolvido, Franchesca. Só espero que não perturbe a Laura desnecessariamente. Tudo já está sendo bem difícil para ela.

— Eu não quero magoar Laura de maneira alguma, sabe muito bem.

— Espero mesmo que não.

— Vamos, Franchesca? — Lucy chama e ela se afasta, dando um abraço em Lucy e em Laura.

— Eu estarei de volta no começo de janeiro então marcaremos um encontro para começar a fazer o quarto dos bebês, tudo bem?

— Claro. Ligue-me quando voltar.

— Por favor, espero que me incluam nestes planos também — Lucy reclama. — Pensei que seria eu a fazer a decoração do quarto dos bebês!

— Franchesca é decoradora profissional, Lucy — Laura explica.

— Eu sei, mas eu tenho muito bom gosto.

— Vamos, chega de reclamar, amor. — Max puxa Lucy pela mão.

Quando todos se vão, eu ajudo Laura a recolher os papéis de presente espalhados pelo chão.

— Não me falou que Franchesca ia fazer a decoração do quarto dos bebês.

Laura me lança um olhar um tanto exasperado.

— Precisa parar de implicar com a Franchesca. Ela se ofereceu, vai ser um presente.

— Às vezes eu acho que ela te aborrece.

— Claro que não! Lucy me irrita mais, se quer saber. Sabia que ela chegou hoje aqui com uma lista de nomes de crianças?

Eu rio levando os papéis para o lixo da cozinha.

— Diga a ela para ter os próprios filhos e deixar os meus em paz —

resmungo.

— Por que você não fala nossos filhos?

Eu paro encarando Laura, que me seguiu.

— O quê?

— Você sempre fala meus filhos, ou meus bebês.

— Bobagem, Laura — desvio o olhar, fechando o lixo.

— Até parece que está fazendo tudo sozinho — ela reclama num tom queixoso que me era muito familiar. E irritante.

Preocupante.

Toco seu braço.

— Ei, pare com isso.

— Às vezes eu ainda me sinto culpada por não poder engravidar — diz, examinando as unhas pintadas a francesa.

E lá vamos nós.

— Achei que já tivéssemos superado, Laura.

— Sabe como é difícil para mim — ela me encara. — Saber que esses bebês no fundo não são meus de verdade. Eu me sinto... meio supérflua.

— Não pense assim.

— Acho que vai passar quando eles nascerem. Quando estiverem aqui com a gente. Acho que só assim vou conseguir me convencer de fato que são meus filhos. Nós estamos fazendo a coisa certa, não é?

Eu tenho a impressão que essa é a questão que permeia a minha vida desde sempre. Especificamente quando decidi envolver Amelia Edwards nesse processo.

Em outro momento, eu teria sorrido e segurado a mão de Laura e a acalmado, dizendo que sim, tudo ia ficar bem, que estávamos sim fazendo a coisa certa.

Hoje eu não consigo responder.

Porque não tenho certeza da resposta.

— Estou cansada.

Eu estudo seu rosto.

— Está bem?

— Sim, apenas cansada de toda essa coisa natalina! — ela revira os olhos. — Vou dormir.

— Claro. Vá descansar — eu toco seus cabelos e beijo sua testa.

— Precisa descansar também. Passou uma boa parte do dia no escritório, não é? Algum problema sério?

Eu desvio o olhar.

— Nada demais. Não se preocupe.

Ela sorri e se afasta sem mais perguntas.

Eu volto pra sala e sirvo uma dose de uísque. A vontade que tenho é de tomar uma garrafa inteira. Ou duas. Mas já descobri, da pior maneira possível, que encher a cara só traz mais problemas. Eu ainda tinha péssimas lembranças para me enojar.

Não, dessa vez eu não ia beber para esquecer. Largo o copo semivazio e apago as luzes.

Laura já está dormindo quando entro no quarto. Ela apenas resmunga algo, se virando quando sento na beira da cama. Dormindo assim, sem qualquer maquiagem, ela quase parece aquela garota que entrou em minha vida há quinze anos.

Eu vivia com Henry e Eva desde os dez anos, quando meus pais morreram em um acidente de carro. Eles eram amigos dos meus pais e não hesitaram em tomar pra si a responsabilidade de cuidar de um órfão. Naquela época, Max já era um adolescente de quinze anos. E minha presença acho que despertou neles a vontade de cuidar de mais crianças. Assim, cinco anos depois, quando Max já estava na faculdade, estudando para ser médico como os pais, eles me comunicaram que iam adotar de novo.

— Acho que está muito solitário — Eva disse com seu sorriso maternal.

Eu poderia discordar dela, não o fiz. Eu sempre seria grato a Eva e Henry por cuidarem de mim e me salvarem de viver em algum orfanato ou lares adotivos. A morte dos meus pais não foi fácil para mim, talvez tenha sido por isso que me tornei um tanto introspectivo, sempre mais interessado em estudar muito, ou tocar piano sozinho em casa, do que ter muitos amigos ou ser sociável.

Então eu aceitei, apenas com certa curiosidade, a ideia de que teria uma irmã. Mas Laura foi uma surpresa. Quando eles me disseram que trariam uma garota para casa, eu imaginei alguém muito mais jovem, uma criança ainda. Em vez disso, eles apareceram com aquela garota alta e loira, quase uma mulher feita. E ora, eu era apenas um garoto cheio de hormônios. Claro

que eu me senti um pouco atraído por ela.

Até aquele momento, eu nunca havia namorado e, embora percebesse os olhares interessados de algumas garotas, não fazia nada para encorajá-las a se aproximarem. Acho que nem sabia como se fazê-lo ainda.

E de um dia para o outro eu teria que conviver com uma garota o tempo inteiro. No começo houve um estranhamento natural. Eu ficava na minha, sem saber o quanto eu poderia me aproximar. Henry me contou que ela mal conheceu o pai, um cara que cometeu alguns crimes até ser preso e morrer na cadeia anos depois. E a mãe era uma mulher fraca que se envolveu com vários homens, não muito melhores que o pai de Laura, por anos a fio até morrer espancada por um deles. Laura havia tentado defender a mãe e apanhou também, felizmente um vizinho ouviu os gritos e chamou a polícia. Laura foi salva a tempo, sua mãe não. Eva cuidou dela no hospital e se comoveu com sua situação e resolveu adotá-la.

— Ela está muito sensível e talvez leve um tempo para confiar em nós, então seja gentil com ela. — Henry me pediu como um aviso.

Eu apenas a observava de longe nos primeiros dias. Sendo educado e gentil, como Eva me ensinou a ser com as garotas, mas também um tanto distante, respeitando seu espaço. Até que, numa noite, acordei com um choro. O quarto de Laura era ao lado do meu e me perguntei se ela precisava de ajuda ou se eu deveria ignorar e deixá-la sozinha. Como o choro persistiu me levantei e bati na sua porta, abrindo-a em seguida. Laura estava toda encolhida soluçando.

— Laura?

Ela abriu os olhos percebendo minha presença então se sentou rapidamente, enxugando o rosto.

— Eu te acordei? Me desculpe...

— Você está bem?

— Claro — respondeu rápido. — Eu não queria te acordar, sinto muito.

— Não peça desculpas. Eu apenas fiquei preocupado quando te ouvi chorando.

— Estou bem, só... — ela respirou fundo. — Às vezes eu acho que ainda estou naquela casa, com aquele cara batendo na minha mãe e não posso fazer nada... — ela recomeçou a chorar e, sem pensar me aproximei da cama, me sentando e a abracei.

Ela ainda chorou por um tempo até adormecer. Eu a cobri, apaguei o abajur e saí do quarto.

Foi a primeira noite de muitas. Laura continuou tendo pesadelos ou apenas se sentindo triste e eu sempre ia até seu quarto consolá-la. Começamos a conversar e ela me contava sobre sua vida antes. De como sofria com a mãe que se deixava envolver por homens abusivos e de como era difícil se defender deles, principalmente quando começou a crescer. Ela invariavelmente chorava e eu a abraçava. Por mais incrível que possa parecer, não havia nada de sexual naqueles nossos contatos. Por mais que eu tivesse sentido certa atração natural no começo, quanto mais nos aproximávamos, mais eu sentia apenas vontade de proteger e cuidar dela.

E nosso relacionamento evoluiu para quase uma relação de irmã e irmão nos tornamos muito próximos nos meses que se seguiram. Até que a família Evans se mudou para o lado da nossa casa. E nós conhecemos Franchesca. Tão loira e linda quanto Laura, ela logo demonstrou interesse por mim.

Eu ainda era muito tímido com garotas e totalmente inexperiente. Não foi difícil para Franchesca, depois de conseguir um convite para se juntar a nós na piscina da minha casa numa tarde de verão, se aproveitar do momento em que Laura se afastou para que eu a beijasse.

O episódio não foi muito longe, pois Laura voltou em seguida e nos interrompeu.

Franchesca foi embora naquela tarde, pedindo para que eu ligasse pra ela e a convidasse para sair. E eu estava bem inclinado a fazer isso, claro.

Porém, naquela mesma noite, estávamos assistindo filme no quarto de Laura, como sempre fazíamos, quando pausou o filme e me encarou.

— Você gosta da Franchesca?

Eu a encarei sem entender a pergunta.

— Claro que sim.

— Eu quero saber se está apaixonado por ela — insistiu.

— Eu não sei. Mal a conheço.

— Ela quer roubar você de mim.

Eu ri.

— Que conversa é essa? O que tem a ver... — antes que eu terminasse a frase, Laura puxou minha cabeça e me beijou.

Eu a afastei, assustado.

— Laura, o que está fazendo?

Ela me encarou com o semblante sério.

— Não quero que fique com a Franchesca.

— Laura...

Ela me segurou com mais força.

— A Franchesca não é como nós. Não percebe? — ela abaixou a voz. Era um tom sedutor. E inferno, eu era só um garoto cheio de hormônios e ela estava praticamente em meu colo. — Acho que nós devíamos ficar juntos.

Eu tentei resistir ainda. Não estava certo. Éramos irmãos, não éramos?

— Laura, acho que está confundindo as coisas...

— Você não gosta de mim? Não me acha bonita?

— Eu acho você linda.

— Então me beije.

E foi assim que tudo começou.

Eu quase não saberia dizer como tínhamos chegado ali. Simplesmente aconteceu.

Éramos apenas irmãos adotivos, vivendo amigavelmente na mesma casa. E de uma hora pra outra nos tornamos namorados.

Henry e Eva reagiram melhor do que eu esperava. Tão bem que eu quase desconfiei que desejavam que acontecesse desde que trouxeram Laura para casa. Já Franchesca não ficou muito satisfeita quando eu lhe falei que nada mais iria rolar entre nós, porque eu estava envolvido com a minha irmã adotiva. Depois de um tempo afastada, ela voltou a ser nossa amiga, como se nada tivesse acontecido.

E vivemos naquela quase normalidade por mais alguns meses, até que Eva e Henry anunciaram que adotariam novamente.

Samuel era o oposto de mim em tudo. Criado nas ruas, ele aprendeu a se defender sozinho muito cedo de toda maneira que podia. Até ser preso por pequenos furtos e mandado a uma instituição para menores. Lá se meteu em uma briga se machucando gravemente. Obviamente Henry e Eva entraram em seu caminho e, assim como aconteceu com Laura, resolveram colocá-lo debaixo de suas asas.

Como era de se prever, a chegada de Samuel foi tumultuada. Ele não estava disposto a facilitar para Henry e muito menos a se adaptar à vida

familiar. Era claro que ele não conhecia nada além da dureza das ruas e com certeza achava que merecia voltar pra lá. Só não estava preparado para a perseverança de Henry e o amor de Eva.

Se ele pouco a pouco se deixava derreter pelos pais adotivos, o mesmo não podia dizer sobre mim e Laura. Nós entrávamos constantemente em conflitos e tudo era motivo para briga. Principalmente da parte de Samuel, que adorava provocar Laura, e ela não deixava as provocações passarem em branco e respondia igualmente. Eu tentava apaziguar as brigas, estava realmente disposto a ser amigo de Samuel, porém ele não pensava assim. Até que uma noite fui acordado por gritos e saí do quarto apressadamente. Laura e Samuel estavam envolvidos em uma discussão verbal cheias de palavrões e ofensas na sala e eu ainda estava descendo as escadas, quando Samuel agrediu Laura com um tapa.

Sem pensar duas vezes, eu o ataquei para defendê-la, o que culminou com uma briga feia que só terminou com Henry e Eva nos separando.

Eu realmente achava que depois daquilo, Henry finalmente desistiria de Samuel e o mandaria embora, em vez disto, fomos surpreendidos por um castigo severo, todos os três, inclusive Laura. E Samuel sendo matriculado numa aula de boxe.

E o mais surpreendente foi que, dias depois, um Samuel muito humilde me pediu desculpas.

— Você deve pedir desculpas a Laura. Eu sou um cara também, ela é uma garota, não deveria ter batido nela.

— Ela é uma vaca...

— Ei, não fale assim dela. Sei que não se dão bem, mas...

— Tudo bem, tudo bem. Eu vou tentar maneirar com a loira! Afinal, ela é sua namorada, não é? Acho que eu faria a mesma coisa se visse minha namorada levando um tabefe.

— Ela é sua irmã, devia pensar nisso também.

— Bom, ela também é sua irmã. Droga, cara, isso é esquisito!

— Eu sei — concordo. Se eu estivesse de fora daquela situação também acharia estranho.

— Eu ainda não sei como é que tudo começou. Não que eu não entenda, ela é gostosa. Enquanto você é... todo... certinho! Não entendo vocês dois juntos, me desculpe, cara.

Eu poderia ter ficado irritado com os comentários de Samuel, mas não

fiquei. Droga, às vezes eu mesmo não entendia o motivo de Laura e eu estarmos juntos.

Era quase como se... seguíssemos o fluxo. Era... natural. Gostávamos um do outro. Estávamos bem juntos. E Henry e Eva estavam felizes.

Por que mudar? Por que fazer diferente?

— Me desculpe, porra — Samuel passou a mão pelos cabelos pretos muito curtos. — Acho que falei demais, eu sempre falo...

— Não, tudo bem. Só... acho que não deveríamos mais brigar. Henry e Eva se esforçam demais para que fiquemos bem.

— É eles são legais. Eu achei que iam chutar meu traseiro sujo depois da merda da briga, mas eles ainda me querem. Então eu decidi que vou ser certinho, tipo você.

Eu ri. Claro que Samuel nunca seria certinho.

Ele encontrou seu caminho. Nós nos tornamos amigos. E o boxe realmente lhe fez bem. Era um bom meio de ele canalizar suas energias.

E ele nunca mais agrediu Laura. Eu também tive uma longa conversa com ela e pedi que engolisse a raiva que sentia por Samuel e tentasse ser amiga dele. No fundo eu entendia o que ela não gostava nele. Samuel se parecia demais com os caras que ela teve que conviver na infância. E Laura os abominava. Mesmo assim, ela me prometeu que iria se esforçar ao menos pra ser civilizada com ele.

Samuel, contrariando a vontade de Eva e de Henry de que ele fizesse uma faculdade, decidiu ser lutador profissional.

Eu estudei economia e assumi a empresa do meu falecido pai assim que me formei. No mesmo dia, pedi Laura em casamento.

Era o fechamento natural das coisas. Estávamos juntos há anos e ela parecia esperar por isto. Todos pareciam esperar.

E eu realmente achava que estava fazendo a coisa certa. Que eu e Laura éramos certos um para o outro. Então, quando foi que eu me dei conta de que a felicidade que eu almejei com Laura não estava ao meu alcance?

Em que ponto eu descobri que havia me enganado?

Bem, eu sabia quando.

Foi exatamente na manhã em que conheci Amelia Edwards.

Quando acrescentei mais um erro na lista. Se eu soubesse que não seria o último...

Mas naquela manhã eu estava perdido.

Ainda me lembro da desolação que eu sentia ao dirigir pelas ruas molhadas de Seattle, sentindo que minha vida era um lixo. Sentindo-me um lixo.

Então ela surgiu.

E eu senti inveja de sua felicidade radiante. E pensei que poderia ter aquela felicidade se eu tivesse um filho. Sim, eu ainda poderia salvar meu casamento. Talvez fosse o que estivesse faltando na minha vida. Uma criança. Alguém para eu amar incondicionalmente.

E por um tempo eu achei que tudo poderia dar certo para mim. Obviamente eu não contava que o destino iria me pregar mais algumas peças.

Que me levariam diretamente a Amelia Edwards outra vez.

E nem fazia ideia de que a presença dela na minha vida, colocaria tudo de ponta cabeça. Que me levaria a uma sucessão de erros que culminariam com os acontecimentos desta tarde.

Fecho os olhos com força, passando os dedos pelo cabelo, tentando não pensar no que aconteceu.

Laura resmunga em seu sono e, de repente não me parece certo continuar ali. Eu a cubro direito e apago a luz do abajur, saindo do quarto.

Eu deveria ir dormir também. Quem sabe o sono me traria alguma paz.

Em vez disto, me vejo pegando as chaves do carro de Amelia, e saio do apartamento fechando a porta com cuidado.

E estou dirigindo para a casa dela sem ao menos saber o que estou indo fazer lá. Ou talvez saiba. No fundo eu sei exatamente o que quero.

E também sei o que devo.

Eu deveria bater na sua porta e fazê-la me ouvir.

Deveria despejar toda a verdade em cima dela. Só não sei até que ponto a verdade inteira será um bem.

Inferno, eu não sei mais o que fazer. Não sei mais como sair desta confusão.

Uma voz sensata sussurra em meu ouvido. *“Volte para casa. Para Laura. Para a esperança de uma vida melhor com ela. Não foi por este motivo que quis ter um filho? Não foi por isto que contratou uma barriga de aluguel? Apenas siga o plano original”*.

Porém eu já não seguia o plano original faz tempo. A quem estou querendo enganar?

Eu paro o carro em frente a casa dela e desligo os faróis.

Há outro carro ali. Um carro antigo. E um cara salta. Joshua Davies. O marido de Milly.

Ele caminha até a porta e bate. Eu espero. Ela abre. De onde estou apenas vejo parte de seus cabelos. A conversa na porta dura alguns segundos, até que Joshua Davies a abraça e a leva pra dentro. A porta se fecha.

Fecha-se para mim.

Eu não percebo que não estou respirando até que solto uma longa golfada de ar.

O que vai acontecer? Ela irá contar tudo a ele?

Não, claro que não.

Do mesmo jeito que não contarei a Laura.

Nada será dito sobre a traição.

Uma palavra tão forte para algo que no fundo do meu coração sinto de outra maneira.

Mesmo assim, não tem outra palavra para denominar o que fizemos. Traição pura e simples.

Traímos Joshua. Traímos Laura.

E não importa se no momento em que estive com ela eu senti que foi a coisa mais certa do mundo. Que estar dentro dela, foi como estar em casa pela primeira na minha vida.

Se neste exato momento, ainda almejo me sentir daquele jeito de novo.

Isto nunca mais vai acontecer. Nunca deveria ter acontecido.

Milly tinha Joshua.

E eu tinha Laura.

E havia um abismo entre nós.

Saio do carro e chamo um táxi, o que era o que deveria ter feito antes.

Não quero mais pensar em Milly. Em tudo que vem acontecendo desde que a conheci. De como me vi envolvido cada vez mais por ela a ponto de esquecer toda a sensatez.

De cometer mais erros que não poderiam ser consertados em uma vida inteira.

Agora, não tem mais volta. Eu apenas tenho que aprender a conviver com eles. E talvez esquecê-los. Ou trancá-los no fundo da memória.

Assim como tenho que aprender a conviver com o que sinto por Milly.

Ou esquecer. Ou trancar bem fundo na minha mente também.

Capítulo 14

Milly

Estar frente a frente com Joshua é mil vezes pior do que imaginei. Vê-lo diante de mim é uma tortura e um alívio.

Por quanto tempo eu almejei a sua volta? Desejei que ele estivesse comigo, que tudo fosse como sempre foi, fácil e simples.

Nada mais seria fácil e simples, porque há algumas horas, transei com outro homem. Estava apaixonada por outro homem.

Aquele na minha frente era Josh. Meu marido. Que eu traí.

Meu amigo, que eu também amo.

Há tanta coisa borbulhando dentro de mim que me deixa tonta.

— Milly, me perdoe. Eu venho sendo um babaca, por favor, vamos resolver tudo...

— Josh... — um soluço escapa da minha garganta e então ele me abraça forte.

Eu suspiro, entregue àquele abraço. Sempre tão necessário, tão certo.

E, enquanto ele me leva pra dentro, fechando a porta atrás de nós e me sentando num sofá, sussurrando em meus cabelos que tudo vai ficar bem, eu tenho uma vontade imensa de contar tudo.

De revelar todos meus segredos. Minhas mentiras.

Meus sentimentos.

E chego a me afastar e respirar fundo, me preparando.

— Josh, eu...

Ele me interrompe.

— Milly, estou tão arrependido de ter deixado você sozinha... fui um idiota. Orgulhoso! Eu estava morrendo por não poder sustentar você, por saber que nosso casamento estava se arruinando, quis acreditar que este emprego seria a solução pra tudo! E só piorou! Você se viu obrigada aceitar esta gravidez...

À menção da gravidez levanto-me, angustiada.

— Eu sei, também fui um cretino em relação a isto, mas... — ele passa a mão pelos cabelos. — Eu sinto muito, Milly, tenho ciúmes. É horrível ver você grávida de um bebê que não é meu!

— O bebê não é meu também.

— Eu sei. Mesmo assim... é difícil.

— Acho que te entendo. Mas já tivemos esta discussão e você deixou bem claro o que pensa Josh.

Ele se levanta e toca meu rosto.

— Eu sei. Não posso negar que é um assunto difícil pra mim. Por outro lado, não quero que isso fique entre nós, não quero mais ficar afastado de você.

— Quanto a seu trabalho em Tacoma?

— Eu vou desistir. Você tem razão. É errado e eu já devia ter saído faz tempo. Vai ficar tudo bem, Milly. Eu te amo, por favor, diga que me perdoa. — Ele me abraça.

Perdão?

Será que é mesmo Joshua que tem que pedir perdão?

Meus olhos se abrem e olham através dele. Para a janela de vidro, onde a neve cai lá fora.

A janela em que Gabriel me encostou quando...

Eu solto um ronco angustiado me afastando de Joshua e começando a chorar.

Sou uma farsa. Uma pessoa horrível.

— Ei, Milly, não chore! — Joshua se aproxima de novo, me segurando. — Eu sei que eu errei, vou consertar tudo, por favor, me deixe consertar tudo com você... Vamos ficar juntos.

Eu choro ainda mais quando ele me leva pra cama e apenas me abraça, deixando que eu chore.

Por ele. Por mim. Por nós.

Por toda a confusão que eu tinha criado.

Como é que eu poderia contar a verdade? De que ia adiantar a verdade? Apenas faria Joshua sofrer. E por mais que ele tenha errado e muito, eu também tinha.

Havia concordado em ser barriga de aluguel sem o seu consentimento. E pior, me envolvi com outro homem em suas costas. Um homem que era

inatingível para mim. Que pertencia a outra mulher.

Com quem ia ter um filho.

Eu choro ainda mais.

Quando acordo, estou sozinha. E um sol pálido entra pela janela.

Levanto-me e encontro Joshua na cozinha. Ele sorri para mim.

— Gostei da casa. Você fez um bom trabalho.

— Você vai... ficar? — pergunto ainda meio tonta com todos os acontecimentos.

Ele dá de ombros, um tanto inseguro.

— Se você quiser.

Eu hesito.

E isso me assusta.

— Claro — digo por fim.

Ele sorri e me abraça, beijando minha boca. Parece esquisito.

Inadequado.

Eu me afasto indo me servir de café.

— Só preciso ficar mais uns dias em Tacoma.

Eu o encaro.

— Você disse que ia largar tudo.

— Sim, tenho um trabalho para terminar antes. São só mais alguns dias. E tudo estará acabado.

Eu assinto.

— Tudo bem. Eu vou para casa de minha mãe hoje. — Na verdade, não dei certeza a Stephanie que conseguiria ir passar o réveillon em Vanvouver, agora me parecia a coisa certa a fazer.

Eu e Joshua almoçamos juntos e, por alguns instantes, tudo é como antes. Ou a gente fingia que era. Eu quero me sentir feliz por estar com ele. Obviamente, há uma parte de mim que está.

O problema é lidar com aquela outra parte. A que está apaixonada por Gabriel.

— Milly, que carro é aquele parado aí na porta? — Joshua pergunta quando estou acabando de descer as escadas com minha mala naquela tarde.

— Carro? — saio e vejo o carro novinho que Gabriel me deu na tarde anterior. Ele tinha ido embora dirigindo aquele carro, como é que veio parar

aqui?

— Você comprou um carro? — Joshua insiste.

— É... sim... comprei — minto.

Joshua abre a porta do carro.

— Ele estava aqui ontem? Eu não notei... E as chaves estão na ignição.

— Eu devo ter esquecido...

— Teve sorte que não terem roubado.

— É... Bom, eu tenho que ir para o aeroporto.

— Tudo bem, eu te levo. E de lá eu já vou para Tacoma.

Por um momento tenho vontade de pedir que vá comigo. Sei que não devo. Além de Joshua precisar mesmo se livrar de vez de Abranello, eu também preciso de uns dias sozinha.

Minha mãe abre a porta para mim e solta um pequeno grito de satisfação quando me vê.

Tudo o que eu faço é começar a chorar.

— Ei, amor, o que foi? — Ela me segura, com um olhar cheio de preocupação.

— Mãe, eu preciso te contar uma coisa...

— Ei, calma... entre e me conte tudo. — Deixo que ela me leve até a sala e nos acomodamos em um sofá. — Meu bem, o que aconteceu? É o Joshua? Ai meu Deus, eu sabia que estavam com problemas! Vocês se separaram? Vão se divorciar?

Eu a interrompo.

— Mãe... Eu estou grávida.

— Como é? Pensei que você e Joshua iam esperar e...

— Não é do Joshua.

Stephanie arregala os olhos e me apresso em explicar.

— Não é o que está pensando...

— Como não? Que história é essa, Milly?

— Eu sou uma barriga de aluguel.

— O quê?

— Sim, eu... emprestei minha barriga para gerar um bebê de outro casal.

— Milly... Por quê?

— É complicado, mas eu estou ganhando muito dinheiro.

— Oh meu Deus, eu estou... chocada.

— Eu sei. É difícil de entender. Mas está feito.

— Você e Joshua são malucos, sinceramente! Eu sei que tinham problemas com dinheiro, mas isso?

— É mais complicado do que imagina na verdade.

— Como assim?

— O Joshua não sabia de nada no começo.

— Não sabia?

— Eu fiz sem ele saber. Por esse motivo nós brigamos, ele não estava aceitando...

— O que deu em você? Claro que ele não ia aceitar! Eu posso ter meus problemas com esse seu casamento com o Joshua, mas ele é seu marido! Como pôde fazer algo assim sem que ele soubesse?

— Eu sei que errei, mas...

— Milly, por que sinto que tem mais nessa história do que está me contando?

Eu hesito, indecisa sobre até onde contar a minha mãe. E opto por uma parte da verdade.

— Você se lembra de Gabriel Collins?

— O seu chefe?

— Sim, só que ele não é meu chefe.

— Não? Como assim? Você falou que estava fazendo um trabalho pra ele... — ela então entende. — Você está grávida de Gabriel Collins? — indaga, chocada.

— Não diria isso, mas sim, basicamente estou. Tirando que o filho não é meu. Sou apenas a barriga, o óvulo não é meu.

— Deixa ver se entendi: você está grávida, mas o bebê não é seu?

— Sim, eu fui fecundada com o óvulo de outra mulher.

— A esposa do Gabriel?

— Não, ela não pode. É uma doadora anônima.

— Eu pensei... Eu achei que a mãe de aluguel também fosse anônima, o Gabriel estava na sua casa... Como é que se meteu nisso, Milly?

Eu conto a ela sobre meu primeiro encontro com Gabriel e o reencontro depois de um ano, sobre como ele me pediu para ser a barriga de aluguel.

— E você simplesmente aceitou?

— Não, eu hesitei, mas...

— Mas?

— Mãe, sabe o trabalho do Josh em Tacoma?

— Sei...

Então eu conto a ela sobre a natureza do emprego de Josh e Stephanie fica possessa.

— Que idiota! Como ele pôde meter você em algo assim? Vou matar aquele imbecil!

— Ele achou estar fazendo o certo, mas eu tinha que fazer alguma coisa pra ele poder sair dessa. E nós precisávamos de dinheiro.

— E aí ele largou o emprego? Achei que ele ainda estivesse em Tacoma.

— Ele precisa apenas concluir alguns serviços pra poder sair de vez.
— Decido não contar a minha mãe sobre Joshua não ter desejado sair do emprego antes. Só ia piorar as coisas.

— Então está tudo bem agora? Por que está chorando, parece deprimida.

— O Joshua não aceitou muito bem essa história, nós brigamos...

— Não posso dizer que não o entendo. E aí? Ele aceitou agora, porque disse que ele ia largar o emprego.

— Nós conversamos ontem e acho que fizemos as pazes.

— E está tudo bem? Por que estava chorando ainda?

Eu abaixo o olhar.

Existe uma parte de mim que quer contar tudo a minha mãe, mas eu ainda hesito.

— É tudo tão complicado... Quando entrei nessa confusão, queria resolver todos os meus problemas, temo que tenha apenas piorado tudo.

— Sim, é uma situação delicada. Estar grávida não é fácil, tudo vai

mudar, pelo menos por alguns meses.

— Eu sei.

— E está preparada?

— Eu tenho que estar.

— E o Gabriel? Ainda acho esquisito ele ter insistido tanto em querer você...

— Isto não tem importância agora — eu a corto. — É apenas um acordo.

— Vocês pareceram tão próximos, até amigos, eu diria...

— Nós temos uma boa relação. — Dou de ombros, tentando aparentar naturalidade. — Nada mais.

— E a esposa dele?

— Eu não a conheço.

— Mas eu achei...

— Eu não sei quais são os motivos deles, parecem preferir assim. Na verdade não me interessa. Nós temos um contrato. E, qualquer relação que eu tenha com os Collins, acaba quando a criança nascer.

— Seu pai sabe que está grávida?

— Não. E eu nem sei como vou contar a ele.

Stephanie pega o telefone.

— Então, acho que vou convidá-lo para vir para Vancouver.

— Mãe...

— É melhor ter a minha ajuda para contar a ele, conhecendo Ben, ele vai ficar uma fera.

— Eu bem sei... posso te pedir uma coisa?

— O quê?

— Não conte sobre Gabriel Collins.

— Por que não?

— Mãe, preciso que seja discreta quanto ao fato de eu conhecer o pai do bebê, não só pra Ben, pra Joshua também.

— Joshua não sabe do Gabriel?

— Não. Eu preferi dizer que não conheço os pais do bebê. Fiquei com medo que Joshua quisesse tirar alguma satisfação ou algo assim, já que escondi dele antes...

— Acho que entendo.
— Então vai guardar pra você?
— Claro. — Ela segura minha mão e sorri. — Estou do seu lado querida. Tudo vai dar certo.

Dias depois, estou de volta a Seattle me sentindo um pouco melhor.

Como minha mãe previu, não foi fácil contar as novidades para Ben e ele ficou mesmo com muita raiva. No fim não teve outro jeito a não ser aceitar.

E agora, voltando para Seattle, tenho uma frágil impressão que tudo realmente ficará bem. Meus pais já sabem sobre a gravidez, Joshua finalmente vai largar aquele trabalho horrível e nós teremos a chance de recomeçar.

Eu só preciso achar um jeito de esquecer Gabriel Collins.

Agora que estou sozinha na casa em que ele esteve comigo. Onde há mais lembranças dele do que qualquer outra pessoa, eu me pergunto como conseguirei esquecer?

Mas eu preciso. Eu necessito.

Quero recomeçar com Joshua. Quero fazer exatamente como planejei quando aceitei o dinheiro daquela proposta. Acertar nossa vida e então ter nosso próprio filho.

Passo a mão distraidamente pela minha barriga que começa a despontar. É para isso que estou grávida, carregando o bebê de Gabriel. Eu tenho que manter em mente.

Gabriel me procurou porque queria um bebê. Um bebê para ele e sua esposa perfeita.

Ele deveria ter um casamento perfeito.

Então por que transou comigo?

— Não — murmuro pra mim mesma, tentando mudar os rumos dos meus pensamentos. Ficar imaginando os motivos de Gabriel não me levaria a lugar nenhum.

Não interessam os motivos. Foi errado.

E o melhor que eu podia fazer era fingir que nada aconteceu e seguir com a minha vida.

Eu devia prever que não seria tão fácil assim, quando chego à clínica para fazer um ultrassom dos bebês e o encontro lá.

Fico paralisada no lugar, vendo-o conversar com Max a alguns metros de distância.

E inferno, ele era mesmo tão lindo assim antes?

Por que eu nunca reparei como ele era alto e em como aqueles ternos escuros e caros lhe caem tão bem? Ou como seu cabelo parecia ainda mais brilhante sob a luz?

— Veja quem chegou — Max diz, levanto o olhar e Gabriel faz o mesmo.

Eu mordo os lábios com força quando nossos olhares se cruzam.

E tudo mais desaparece. Acho que Max está dizendo algo e se afastando no corredor, eu não me mexo. Meus pés estão grudados no chão e meu coração disparado no peito.

Então Gabriel está se movendo em minha direção e dois sentimentos distintos digladiam dentro de mim. A vontade de sair correndo e fugir para o mais longe possível e a de ir em sua direção e me colar nele.

Estou tão, tão encrencada!

— Milly — meu nome em seus lábios parece perfeito. Seu tom está cheio de angústia. Assim como seus olhos.

— Oi. Não sabia que estaria aqui.

Com algum custo, desvio o olhar, não quero encará-lo.

— Max me contou sobre o exame e eu gostaria de estar presente.

— Entendo.

Caímos num silêncio constrangido. Eu olho para qualquer lado, menos pra ele.

— Eu entenderei se quiser que eu não participe. Quer que eu saia?
Eu finalmente o encaro.

— Não, é um direito seu. Não posso privá-lo dele.

Ele passa os dedos pelos cabelos, atormentado.

Até seus olhos são pura tormenta quando se inclina para mim.

— Milly, eu... Eu acho que precisamos conversar sobre o Natal...

— Ei, vamos começar? — Max nos chama na porta da sala e Gabriel

se afasta antes de concluir.

— Sim, vamos — eu digo me apressando em ir para a sala.

Gabriel entra com Max quando estou pronta para o exame.

Eu mantenho meu foco na tela e escuto as coisas que Max diz sobre os bebês, sem olhar pra Gabriel, até que escutamos um som.

Eu sei o que é. Já ouvi antes. São os batimentos cardíacos dos bebês.

— O que é isso? — Gabriel indaga curioso.

— Os batimentos dos bebês — respondo baixinho, o fitando com um sorriso.

Eu sei que aqueles bebês não são meus, mesmo assim, não deixa de ser emocionante ouvi-los.

— Parece perfeito. — Gabriel murmura maravilhado e eu tenho uma vontade imensa de segurar sua mão. Meus dedos chegam a coçar, mas eu fecho o punho, respirando fundo e desviando o olhar para a tela de novo.

Max conclui o exame e ele e Gabriel se afastam.

Eu me arrumo e sigo para a sala de Max. Para meu alívio, Gabriel não está lá. Também sinto certo desapontamento por ele ter ido embora sem se despedir.

— Como está se sentindo, Milly? — Max pergunta.

— Estou bem.

— Está tomando as vitaminas?

— Sim, claro.

— Está tudo bem com a gravidez. Tudo tranquilo até agora. Vamos marcar outro exame para o próximo mês, tudo bem?

— Certo.

Eu me despeço de Max ao sair da sala, sinto um súbito enjoo.

— Droga...

Eu corro para o toalete e, estou vomitando todo meu café da manhã, quando sinto mãos em meus cabelos.

Eu não preciso olhar para saber quem é. E por mais que eu esteja naquela situação horrível, eu me sinto confortada por ele estar comigo.

Gabriel me ajuda a levantar e me leva até a pia, onde eu lavo a boca e o rosto.

— Sente-se melhor?

— Sim — respondo, olhando-o através do espelho.

Suas mãos ainda estão no meu ombro e ele me encara com preocupação.

De repente tenho vontade de prolongar aquele momento. E meu coração se afunda no peito por eu saber que é impossível.

Nós dois juntos é impossível.

Nossos olhares se encontram no espelho e percebo que Gabriel está pensando exatamente o mesmo e desvio o rosto para o chão, fechando os olhos com força.

Então sinto que ele está mais próximo, os lábios em meus cabelos, a respiração em meu ouvido.

Ah, quanta falta senti daquele contato. Falta de suas mãos em mim.

Falta dele.

Seus braços me envolvem delicadamente, quase temerosos e, por um momento, deixo de lutar e me permito ser envolvida por eles, minhas próprias mãos sobem para encontrar as suas, nossos dedos se entrelaçando. E, por instantes roubados, ficamos apenas assim, juntos, em silêncio.

E nada parece mais perfeito. Ou mais certo.

Se ao menos houvesse apenas nós dois...

Infelizmente há mais.

Então luto contra aquele desejo insidioso que tenho de me virar e deixar nossas bocas se encontrarem e nossos corpos se entrelaçarem novamente.

— Gabriel, isto está tão errado... — Abro os olhos e o sinto respirar fundo atrás de mim, antes de me soltar Estou incompleta de novo.

— Eu sei. — Ele dá um passo atrás.

— Acho que não devemos nos ver mais.

— Milly, eu...

Eu me viro o encarando.

— Você sabe que temos que nos afastar. Eu sei que gostaria de acompanhar a gravidez, porém...

— Eu não devo mais me aproximar de você — ele completa. — Sinto muito, Milly, cometi tantos erros... Fomos longe demais. Eu não queria... Se ao menos eu pudesse te explicar...

— Não! Não precisa me explicar nada — completo. — Nós dois

erramos, Gabriel. Podemos consertar nos mantendo longe a partir de agora.

— Então é um adeus?

Eu luto contra a vontade de chorar.

— Sim.

Nos encaramos por um momento. Nos despedindo em silêncio. Nossos olhares dizendo tantas coisas que não podem ser ditas em voz alta.

Que nunca poderão ser ditas.

Até que eu lhe dou as costas e saio do banheiro.

Sem olhar para trás.

Eu só paro quando estou na segurança do meu carro, dando partida rapidamente, com medo de desistir e simplesmente voltar à clínica e dizer a Gabriel que não precisamos nos afastar. Que podemos continuar sendo amigos, como antes.

A quem eu queria enganar? Nós nunca fomos amigos. Nós fingíamos, porque era o que nos fora permitido ser.

Na tarde de Natal, a farsa terminou.

Eu o queria como uma mulher quer um homem. Em todos os sentidos.

Só que não podia querer, pois já tinha um homem na minha vida.

Um homem que merecia minha consideração e lealdade, porque nós assim escolhemos quando nos casamos.

Um homem que foi meu amigo a vida inteira e que me amava.

E que eu amava também. Mesmo eu tendo descoberto que havia outras maneiras de amar.

Eu não queria mais pensar nisso. Não queria pensar que eu nunca saberia como era amar Gabriel completamente. Ter Gabriel completamente.

Porque alguém já o tinha.

E eles iam ter dois bebês Eu era apenas a guardiã deles. Nada mais.

Capítulo 15

Milly

— Você prometeu.

— Eu sei. E falei sério. Preciso terminar o que comecei Milly, apenas isso.

Respiro fundo, tentando controlar minha decepção com as palavras de Joshua. Consigo apenas que meu coração se aperte um pouco mais.

O que é mais uma decepção para quem já está com o coração partido?

Fazia uma semana que eu havia me encontrado com Gabriel pela última vez. Desde então vinha lutando contra o vazio no meu peito que, em vez de melhorar, só piorava com o passar do tempo.

Eu dizia a mim mesma, dia após dia, que tudo ia melhorar quando Joshua voltasse. Eu não estaria mais sozinha e nós voltaríamos a ser como antes.

Antes de Gabriel e toda a confusão que eu tinha criado com meus sentimentos impróprios por ele.

— E quanto tempo vai demorar? — questiono.

— Algumas semanas.

— Josh, estou tentando acreditar em você...

— E pode acreditar! Eu prometi que pediria demissão e já pedi! Mas assumi um compromisso, tenho que terminar os carros que comecei. Assim que eu terminar, estará acabado de vez, Milly. E vou voltar pra casa.

— Tudo bem, acho que não há nada a fazer, não é? Eu vou ter que esperar.

— Eu podia pedir que você viesse ficar aqui comigo, mas sei que vai se recusar.

Eu mordo os lábios, pensativamente. Eu abominava a ideia de voltar a Tacoma, porém ficar sozinha mais algumas semanas naquela casa vazia, sofrendo, também era abominável. Então hesito por um instante, no fim, acabo optando por ficar.

A questão era que, no estado em que me encontrava, tinha medo de revelar a Joshua mais do que seria seguro sobre minha dor.

Joshua me conhecia muito bem e talvez ele intuísse que eu sofria por algo mais que nossas discussões. E não estou pronta para lidar com Josh descobrindo a verdade neste momento.

A verdade para nós agora só ia acrescentar mais dor. Desta vez pra nós dois.

Não, eu ficaria em Seattle. Sozinha.

Eu me despeço de Joshua e caminho pela casa vazia. Entro no cômodo que eu havia reservado para fazer a biblioteca. Como é possível que até ali, todos os cantos estivessem repletos da presença de Gabriel?

Será pela caixa que ainda está jogada pelo chão, contendo os livros raros que ele me deu de presente de aniversário?

Ou o fato de que foi com ele que eu dividi aquela vontade? Meus lábios se distendem num sorriso triste.

Eu preciso parar com a mania de colocar Gabriel em cada pedacinho de pensamento. Tenho que começar a tirá-lo da mente. Assim como o tirei da minha vida.

Suspirando, volto para sala e pego o telefone. Vou começar fazendo algo útil com meu tempo disponível.

Depois de algumas chamadas, o corretor atende.

— Olá, é Amelia Edwards.

— Claro Amelia. Como vai? Algum problema com a casa?

— Não, está tudo bem. O senhor havia me dito que tinha uma decoradora para me indicar...

— Sim, sim! Ela é fantástica. Eu já a indiquei a vários clientes e eles sempre ficam satisfeitos com o trabalho dela.

— Ótimo, quero fazer minha biblioteca para começar, pode me passar o número dela?

— Claro, anote aí, por favor.

Alguns dias depois desço as escadas ao ouvir a campainha tocando e olho minha imagem no espelho rapidamente, respirando aliviada por estar apresentável para receber a tal decoradora.

Uma moça loira e bonita sorri pra mim quando abro a porta.

— Olá, você deve ser Amelia Edwards.

— Milly, por favor... E você é Franchesca Evans.

— Sim, muito prazer — ela estende a mão para um cumprimento simpático e eu a convido para entrar.

— Uau, sua casa é bonita. Quem decorou, eu conheço? — pergunta, olhando ao redor.

— Não, eu mesma fiz — dou de ombros meio sem graça.

Ela parece apreciar.

— Ficou muito bom.

— É bem simples...

— Imagine, simples combina com a casa. Fica aconchegante. Vejo que talvez nem precise do meu trabalho.

— Na verdade preciso do seu trabalho na biblioteca. — Eu a levo até o cômodo vazio.

— É um ótimo espaço e posso fazer maravilhas aqui, Milly.

Ela pega um bloco e fica dando voltas pela sala, anotando rapidamente e me fazendo perguntas.

— E o que temos aqui? — Ela olha a caixa de livros.

— Ah, são alguns livros raros que ganhei de um amigo — engulo em seco e ela franze os olhos.

— Hum... Um amigo especial adivinhei? — Pisca maliciosamente e eu fico vermelha.

— Não, só um amigo mesmo.

— Ah, você é casada, só agora vi sua aliança.

— Sim, eu sou.

— Eu irei conhecer seu marido? É interessante conhecer todas as pessoas que moram na casa e ver o gosto de todo mundo.

— Joshua está viajando a trabalho no momento.

— Ah, entendi — ela guarda o bloco na bolsa elegante. — Vou elaborar um projeto e nos encontraremos daqui a alguns dias para você aprovar, tudo bem?

— Claro — eu a acompanho até a porta e nos despedimos.

Apesar de ser bem mais jovem do que eu imaginava, Franchesca Evans parece ser bem competente.

Conforme os dias passam, continuo me sentindo muito desocupada e sozinha. Ben me liga e pede que eu vá ficar com ele em Olympia, eu hesito.

Ele ainda está meio frio comigo por toda a questão da barriga de aluguel e tenho certeza que ficaria me questionando todo o tempo que permanecesse lá. Era melhor evitar sua companhia.

Sua ligação me faz lembrar que ele fará aniversário dentro de poucos dias, então saio a procura de um presente e acabo parando em uma loja de bebidas. Meu pai tinha uma adega incrível em casa e adorava achar vinhos diferentes.

— Olá, em que posso ajudá-la? — Um rapaz sorridente me saúda.— Procura alguma bebida? — pergunta curioso.

— Não! É um presente para meu pai. Não faço ideia de qual é o melhor.

— Entendi — ele sorri. — Nesse caso eu indico este daqui. É de uma vinícola na França. Acabou de chegar.

— Certo. Aceitarei sua sugestão.

Ele embrulha pra mim e, enquanto espero, vejo uma placa onde está escrito que precisam de uma vendedora.

— Ei, estão procurando uma vendedora?

— Estamos. Está interessada?

— Bem, eu nunca pensei em trabalhar como vendedora e nem tenho experiência. Mas sim, estou desesperada por um trabalho.

— Aqui a gente pode te ensinar, não é difícil. Por que não fica com nosso cartão e nos liga pra marcar uma entrevista?

— Sim, estou muito interessada, porém... preciso dizer que eu estou grávida.

Ele arregala os olhos.

— Wow... Isto é...

— Eu sei. Muda tudo, não é?

— Bom, sim...

— Eu sei, é esquisito. Estou tão cansada de ficar em casa sem fazer nada. Preciso de uma distração, senão ficarei louca.

— Hum... Eu gostei de você. Vamos marcar para conversar e vejo se será interessante para nós dois que trabalhe aqui, que tal?

— Tudo bem.

Ele me dá seu cartão e eu olho o nome.

— Certo... Sam Smith.

— E qual seu nome?

— Milly. Milly Edwards.

— Eu vou esperar sua ligação.

E assim, alguns dias depois, estou trabalhando na loja de Sam Smith. Nós combinamos que eu faria apenas trabalho burocrático em meio período e que estaria dispensada assim que a gravidez começasse a incomodar.

Pelo menos não passo mais meus dias trancada em casa pensando em coisas que não podem ser mudadas.

Joshua volta mais ou menos um mês depois.

Eu o abraço, saudosa, porém cautelosa.

Por fora, parece tudo bem. Somos nós dois juntos de novo. Por dentro, eu sei que o que foi modificado não voltará a ser o que era antes tão facilmente.

E o primeiro obstáculo é o próprio Joshua que coloca quando me solta, olhando incomodado para a minha barriga que começa a despontar.

Eu sorrio, tentando aliviar a tensão.

— Bom, acho que a partir de agora ficará cada vez maior.

Ele desvia o olhar.

— Sim, eu sei. — Sua voz contém certa amargura, porém ele não tece mais nenhum comentário.

Também não me toca mais.

Quando vamos dormir, ele apenas beija meu rosto e se mantém do seu lado da cama sem nenhuma aproximação.

Eu poderia me sentir mal com isso, no fundo, sinto é alívio. Eu também não estou pronta para sentir qualquer toque íntimo de Joshua.

Eu só me pergunto quando é que um de nós estará preparado.

E assim os dias passam, a neve para de cair e o inverno começa a dar lugar à primavera.

Eu passo os dias na loja e Joshua, como combinamos, se ocupa em abrir uma oficina.

E os bebês de Gabriel crescem dentro de mim, na mesma medida da minha saudade por ele. Eu gostaria de dizer que era diferente. Que já havia superado aquela paixão proibida, porém, por mais que eu tentasse e o tempo passasse, só sentia mais pesar.

Talvez fosse justamente pelos bebês dentro mim. Não podia negar que

eles me faziam lembrar de Gabriel todos os dias. A cada vez que eu via minhas formas mudando no espelho. Ou quando eles se mexiam dentro de mim.

E era por causa deles que Joshua se mantinha distante.

Era uma lembrança constante do que eu tinha feito sem sequer consultá-lo. Eu estava grávida de outro homem, de bebês que não pertenciam a nenhum de nós.

E eu dizia a mim mesma que tudo mudaria quando eles nascessem. Eles iriam embora, para serem criados por Gabriel e sua esposa perfeita. E eu finalmente voltaria para Joshua. De corpo, alma e coração. Como deveria ser.

Toda noite eu ia dormir rezando para que o tempo passasse logo. Para que os bebês que eu carregava dentro de mim, crescessem saudáveis e nascessem logo para eu prosseguir com a minha vida.

Para que eu tivesse meu corpo de volta. Meu coração de volta.

Porque também era doloroso demais me pegar pensando, quando menos esperava, no que Gabriel estaria fazendo. Se ele pensava em mim. Se também sentia falta do estranho relacionamento que tínhamos forjado sem nem perceber que estávamos nos apegando mais do que era aceitável. Mais do que era permitido.

— Milly, você não irá comigo hoje? — Joshua me pergunta na mesa de café da manhã naquele sábado ensolarado.

— Não, não posso — eu tinha me esquecido que Joshua iria visitar os pais em Olympia neste fim de semana.

— Não vai trabalhar, não?

— Não, tenho um compromisso com Franchesca.

— Que Franchesca?

— A decoradora, Josh! — respondo impaciente.

— Ainda não acabou essa reforma?

Eu rio, levando os pratos para a pia.

— Está acabando. Ela quer me levar a uma galeria. Diz que faltam uns quadros para dar um toque... essas frescuras de decorador.

Joshua ri também.

— Então mande-a escolher sozinha!

— Não, a casa é minha e quero escolher.

— Meus pais iam gostar de ver você.

— Irei em outro fim de semana.

— Tudo bem, sei que não vai adiantar insistir.

Ele beija meus cabelos ao se despedir.

Eu fico vendo-o se afastar e sinto uma pontadinha no peito.

Uma saudade do que éramos antes. De como todo o contato era fácil entre nós. Não que fôssemos aquele tipo de casal que vivia transando em qualquer lugar todo o tempo. Aliás, eu nunca entendi esse tipo de compulsão que provavelmente só devia existir em livros de romance. Mas sempre fomos carinhosos um com o outro, mesmo quando éramos apenas amigos. E eu sentia falta. Agora tudo parecia meio fora do lugar, como se fosse inadequado que nos tocássemos.

Franchesca toca a campainha me tirando daqueles devaneios e eu me apresso em pegar a bolsa e ir encontrá-la.

Como sempre, ela está bem vestida e linda, quando eu entro em seu carro e ela arregala os olhos ao ver minha barriga.

— Nossa, sempre que eu te vejo está cada vez maior!

— Estou de cinco meses. — Eu havia contado a Franchesca sobre a gravidez quando ficou óbvio pela minha barriga, só não disse nada sobre eu ser apenas uma barriga de aluguel. Afinal, não era da conta de ninguém.

— Uau! Achei que era mais. Se quiser posso ajudá-la com a decoração do quarto do bebê.

Eu engulo em seco, incomodada.

— Eu ainda não pensei nisto... — Desconverso.

— Já pode começar a pensar! Posso te mostrar uns esboços em cores neutras se não souber o sexo! Eu estou fazendo a decoração do quarto dos bebês de uma amiga, vai ficar lindo...

— Sei... ainda é cedo — corto o assunto. — É longe esta galeria que vamos?

— Não, é na próxima rua! Você vai adorar. É um artista novo, mas é ótimo.

Ela não fala mais nada sobre gravidez e me sinto aliviada. Nós entramos na galeria e eu realmente gosto dos quadros, escolho dois, para o deleite de Franchesca.

Ela está combinando a entrega dos quadros na minha casa e eu a aguardo na recepção, quando escuto a porta se abrir e, ao levantar o olhar,

meu coração para ao reconhecer Gabriel Collins.

Ele para ao me ver e, por um momento, o tempo congela também.

Nós não nos mexemos por segundos que parecem se arrastar, enquanto tento respirar.

Tento conter a onda de furor proibido que invade meu peito.

Como vindo de muito longe, escuto passos se aproximando e a voz de Franchesca do meu lado.

— Gabriel! Que surpresa vê-lo aqui!

Então, de repente, tudo fica mais estranho ainda.

Franchesca conhece Gabriel? Como assim?

Os olhos de Gabriel desviam de mim para Franchesca.

— Franchesca? — Ele parece surpreso de vê-la ali, mas sim, ele também a conhece!

— Oi! — ela sorri. — Eu vim comprar uns quadros com a minha cliente... — ela toca meu braço. — Milly, esse é Gabriel Collins. Somo velhos amigos. Gabriel, esta é Milly Edwards, minha mais nova cliente. Estou fazendo uma biblioteca fabulosa pra ela.

E agora? O que eu devo dizer? *“Franchesca, eu e Gabriel já nos conhecemos, aliás, ele é o pai dos bebês que eu espero. Acho que esqueci de comentar que sou barriga de aluguel”*.

Não, não posso fazer isso.

— Muito prazer — digo por fim, fingindo que não o conheço e esperando que ele faça o mesmo.

Gabriel não diz nada, apenas assente com a cabeça educadamente, mas vejo seus olhos presos em minha barriga.

E por um momento sinto um enorme pesar. Não só por nós e por tudo o que nunca vai ser possível, também por ele estar longe de seus bebês.

Por causa da confusão que tínhamos criado com nossos sentimentos, ele precisava se manter afastado. Não era justo. Eu sabia o quanto ele queria aquelas crianças.

— Franchesca, precisamos ir...

— Claro! Vamos! — ela olha pra Gabriel. — Gabriel, nós já estamos de saída. Veio comprar o quadro da Laura?

— Laura? — ele finalmente desvia o olhar da minha barriga e Franchesca parece perceber.

— Gabriel, está estupefato com a barriga da Milly? — ela ri. — Eu também fico! O Gabriel vai ser pai, Milly. De gêmeos!

Oh Deus, eu preciso sair daqui.

— Franchesca, estou realmente com pressa.

— Tudo bem, vamos! Dê um abraço em Laura, Gabriel! — Franchesca diz quando passamos por ele.

Então eu percebo. O sorriso dela.

Não é um sorriso de amiga.

É um sorriso de interesse.

Sinto meu estômago dar voltas quando entramos no carro.

Bom, como eu poderia culpar Franchesca? Gabriel era o homem mais perfeito que eu conhecia. Era difícil não ter nenhum interesse.

Porém ele era um cara casado e pelo o que eu tinha percebido, Franchesca conhecia a esposa de Gabriel.

E até sabia que eles iam ter filhos.

— O Gabriel vai ter gêmeos, acredita? — Franchesca comenta. — Acho que por isso ficou fascinado pela sua barriga!

— Sei... Você o conhece há muito tempo? — Não contenho a curiosidade.

— Desde que éramos adolescentes.

Eu mordo os lábios lutando contra a vontade de perguntar tudo sobre Gabriel.

— E sabe de uma coisa? Por pouco não sou eu a esposa dele hoje.

Eu arregalo os olhos.

— Como é?

Ela ri.

— Ah, nós tivemos um rolo quando éramos adolescentes. Eu fiquei com ele primeiro e Laura me roubou.

— Sério? E... mesmo assim ainda continuaram amigas? — Pergunto curiosa com aquela história.

— Pois é... O que eu podia fazer? Na verdade, eu achei que não ia dar em nada, no entanto eles se casaram depois da faculdade e eu... — ela dá de ombros com um olhar perdido.

Eu me sinto gelar por dentro. Está claro para quem quiser ver os sentimentos de Franchesca.

— Você é apaixonada por ele ainda. — Não é uma pergunta.

— Eu não diria isso... também não posso negar que ainda sinto uma atração. Pelo visto sempre vou sentir.

— Ele é casado com sua amiga.

Ela para o carro em frente a minha casa e me encara com um sorriso malicioso.

— Eu sei, posso te contar um segredinho?

Eu quero dizer que não. Que aquela conversa já foi longe demais. Franchesca continua.

— Teve um episódio... um tempo atrás...

— Episódio?

— Faz mais de um ano. Ele estava... com problemas com a Laura e nós saímos pra jantar e conversar, acabamos bebendo além da conta... — Começo a sentir medo do que vou ouvir. — Nós nos beijamos e...

— Franchesca, não quero ouvir. — Eu a paro, sentindo realmente vontade de vomitar. — Não precisa me contar detalhes...

Ela recua.

— Claro, claro! Me desculpe. Acho que precisava desabafar com alguém.

— Eu preciso ir.

Abro a porta e saio do carro quase correndo. E só paro quando entro em casa, me encostando à porta e ofegando como se tivesse corrido milhas. Minha mente dá voltas.

Gabriel e Franchesca?

Gabriel beijando Franchesca? Se é que foi apenas um beijo...

Fecho meus olhos com força, lutando contra a náusea.

E também contra os sentimentos ruins que crescem dentro de mim.

Então Gabriel já traiu a esposa antes.

Antes de mim, *uma vizinha insidiosa sussurra.*

Porque, de alguma maneira, eu tinha imaginado nosso “*deslize*” como algo diferente. Não que não fosse traição. Como nós havíamos nos envolvido sem saber no que ia dar, sem ter noção do que estávamos fazendo acabamos caindo em tentação.

Ou pelo menos foi assim comigo.

E para Gabriel? O que foi?

Quantas traições mais, além das que tinha cometido comigo e Franchesca, ele tinha feito?

Tenho vontade de gritar!

De repente a campainha toca, me assusto, abrindo a porta sem pensar, e dou de cara com Gabriel.

— O que faz aqui? — pergunto friamente, me lembrando das coisas que Franchesca me contou.

— Sei que não deveria estar aqui, porém depois de ver como sua gravidez está adiantada... precisava conversar com você. Saber se está tudo bem...

— Não deveria estar aqui mesmo — eu lhe dou as costas indo pra sala e Gabriel me segue. — Já que está, poderia me esclarecer uma história interessante que Franchesca me contou hoje.

— O quê? Franchesca? Do que está falando?

— Franchesca me contou que... — paro sem saber como continuar. Sem saber se quero realmente continuar.

— Espere... Franchesca lhe contou o quê? Ela sabe quem você é?

— Não, não sabe. Ela é apenas minha decoradora, eu nem sabia que se conheciam... ou que tinham sido namorados.

— Eu nunca fui namorado da Franchesca, ela disse que fui?

— Ela disse que se conhecem desde a adolescência, que tiveram alguma coisa antes de você ficar com... sua esposa.

Eu não vou dizer que Franchesca contou que a esposa de Gabriel o roubou dela.

— Sim, é verdade. Embora não tenha sido quase nada. Nem sei por que ela diria a você.

— Ela me disse que ficaram juntos há pouco mais de um ano.

Ele me encara surpreso.

Culpado.

— É verdade, não é?

— Milly...

— Eu acho que no fundo estava duvidando... agora eu vejo na sua cara que é verdade!

— Eu não sei que tipo de coisas Franchesca te contou e nem sei por que ela te diria qualquer coisa...

— Ela estava só comentando “*um segredinho*” — falo com nojo.

— Foi um erro — ele diz por fim, passando a mão pelos cabelos nervosamente.

— Assim como nós fomos um erro? Quantos erros mais você cometeu, Gabriel? Eu tenho nojo de pensar que faço parte da lista de mulheres com quem você traiu sua esposa...

— Não foi assim! O que aconteceu entre nós não tem nada a ver com o que aconteceu com Franchesca!

— Como posso saber? Sei que eu também traí! Só achei que, assim como eu, você nunca tinha feito isso antes! Que nosso envolvimento tinha sido... — eu queria dizer “*especial*”, mas me calo.

O que eu sei sobre o que nosso envolvimento significou para Gabriel?

— Eu nunca traí Laura antes!

— E Franchesca foi o quê?

— Foi um erro idiota! Eu e Laura estávamos... passando por problemas. Franchesca era nossa amiga e se mostrou disposta a ser minha confidente. Nós bebemos demais e fomos para o apartamento dela...

— Deus, eu acho que nem quero ouvir!

— Milly, se me deixasse explicar... Nada é como está pensando. Eu não sou o canalha que está imaginando...

— Eu não sei quem você é, Gabriel.

Ele dá alguns passos em minha direção — Você é a única que sabe quem eu sou, Milly, ainda não percebeu?

Eu fecho os olhos, sentindo vontade de chorar.

— Eu nunca dormi com Franchesca.

Eu abro os olhos.

— Mas você quis, não é? Por que teria ido para o apartamento dela?

Gabriel suspira pesadamente.

— Sim, se quer saber. Sim, eu quis transar com Franchesca. Eu estava tão... Perdido naquele momento, me sentindo tão mal que pensei que faria algum sentido! Percebi a tempo que se eu prosseguisse com aquilo, estaria me perdendo ainda mais... Percebi a tempo que Franchesca não era o que eu estava procurando.

— Você é casado, como pode procurar alguma coisa que já não tenha? E o que você estava procurando, Gabriel?

— Acha que não falei a mesma coisa para mim mesmo muitas vezes? Eu não sabia o que estava procurando, Milly. Eu não sabia o que eu queria até sair da casa de Franchesca naquela madrugada e dirigir por horas a fio, totalmente sem rumo. Sentindo-me miserável, até encontrar uma moça na rua. Que parecia tão feliz, como nunca fui. Como eu queria ser — ele para na minha frente. — Eu encontrei você.

Eu não sei o que dizer. Eu me lembro daquela manhã chuvosa quando caí na frente dele.

De como ele me pareceu tão perfeito e ao mesmo tempo tão triste.

Aquele dia parecia anos luz de distância.

Será que eu tinha alguma ideia de como ele ia mudar minha vida?

— Eu não sei o que dizer — murmuro, me afastando.

— Eu sinto muito...

— Acho que... Eu nem deveria estar zangada com você, não é? — De repente eu vejo como aquela minha fúria era totalmente descabida.

Não sou esposa de Gabriel. Ele não me deve satisfação.

— Eu não quero deixar você irritada de maneira alguma, Milly. — Ele me encara muito sério. — Eu sei que combinamos não nos aproximar mais. Mas eu acho que devemos conversar. Não quero que você pense que eu te enganei ou a usei de alguma maneira. Não quero que diminua o que aconteceu entre nós.

— Talvez eu devesse fazer isso — sorrio tristemente. — Talvez seja mais fácil lidar com tudo se não significar nada. Se for apenas... um caso...

— Foi o que eu fui pra você, Milly? Um caso?

Eu tenho vontade de dizer a ele que sim, mas não consigo.

Então apenas meneio a cabeça negando.

— Eu queria te dizer tantas coisas. Se me deixasse... — seus olhos pedem mais do que eu posso dar.

Do que eu tenho medo de dar.

— Não acho que vá fazer alguma diferença, Gabriel.

— Eu sei. Só preciso que entenda. Por favor...

Eu hesito.

Eu quero tanto que ele permaneça ali. Que continue falando comigo. Que me conte todos os seus segredos. Também sei o quão perigoso seria.

— Eu juro que vou embora depois, Milly. Você nunca mais vai me

ver.

— Ok. Eu vou fazer um chá. Nós vamos conversar. E depois...

— Eu vou embora. Prometo.

Eu vou para a cozinha, tentando conter a euforia boba que me invade apenas pela simples possibilidade de conversar com Gabriel.

Era somente uma conversa. A última.

E nada mais.

Gabriel Eu a vejo ir para a cozinha e respiro fundo com certo alívio.

Ela vai me ouvir. Ao menos isto.

Sei que não deveria estar ali. Venho lutando contra a vontade de procurá-la nesses últimos meses. Apenas contando com as informações médicas de Max sobre a gravidez.

Max sabia que eu não tinha mais contato com Milly e falou, na sua maneira sucinta, que eu estava fazendo a coisa certa. Não sei o quanto ele sabia sobre meus sentimentos, com certeza ele desconfiava. E não estava longe da verdade.

E por mais que eu sentisse uma falta quase desesperadora de Milly, sabia que Max tinha razão. Eu estava fazendo a coisa certa.

Havia tanto em jogo. Tanto que não poderia ser mudado que, insistir na minha atração por Milly, seria mais um erro terrível na minha vida.

Mais um para a minha vasta coleção.

E qual não foi minha surpresa ao encontrar Milly justamente com Franchesca naquela manhã? O destino estava brincando comigo de novo, jogando Milly no meu caminho quando eu menos esperava.

E como sempre, foi impossível resistir à vontade de me aproximar dela. Meu corpo se lembrava de como fora estar dentro do dela. E o desejo que eu vinha tentando sublinhar voltou com força total. Sem contar a ânsia que eu tinha de estar perto dos bebês ao vê-la tão grávida. Eu simplesmente precisava estar perto de novo. Sentir seu cheiro, ouvir sua voz, beber seus sorrisos... Mesmo sabendo que nada mais ia acontecer.

Eu não sabia o que eu ia dizer enquanto dirigia para sua casa, ou o que faria se Joshua estivesse lá. Eu apenas segui em frente para encontrá-la furiosa comigo depois das pequenas revelações de Franchesca.

A história com Franchesca ficou enterrada na minha memória como um deslize vergonhoso. Algo que nós dois concordamos em fingir que não havia acontecido.

E estava assim até Franchesca revelar para uma desconhecida e sabe Deus por que, afinal, ela não fazia ideia de quem Milly era realmente.

E agora Milly achava que eu era um canalha. E talvez eu fosse mesmo.

De maneira alguma eu permitiria que ela achasse que o que nós

tivemos foi a mesma coisa que aconteceu com Franchesca.

Não poderia estar mais longe da verdade.

Talvez a verdade fosse o que eu estivesse devendo a Milly. Ou pelo menos parte dela.

De repente meu celular toca e eu o pego no bolso, vendo que é uma ligação de Laura. Eu a ignoro com certa culpa. Não quero atendê-la agora e lembrar de que eu não deveria estar ali.

Afinal, eu conversaria com Milly e voltaria pra casa, não é?

— Gabriel? — Milly me chama e eu guardo o celular, indo atrás dela na cozinha.

— Milly?

— Gabriel... — ela me encara com o rosto transfigurado de dor eu corro até ela, conseguindo segurá-la antes de ir ao chão.

— Milly, o que foi? Está se sentindo mal?

— Eu estou sangrando — então eu olho para baixo e vejo sua roupa manchada de vermelho e congelo de pavor. — Gabriel... Acho que estou perdendo os bebês...

As horas que se seguem são as mais horríveis e tensas da minha vida.

Eu mal conseguia pensar direito. Carreguei Milly para o carro e liguei para Max, enquanto dirigia feito louco para o hospital.

— Estou indo para o hospital, Gabriel. — Max disse e eu rezei todo o percurso para que Milly estivesse errada. Ela não poderia estar perdendo os bebês!

E agora estou esperando, andando de um lado para o outro, alguma notícia, sem saber o que fazer.

Até que uma enfermeira diz que posso entrar no quarto.

Milly está muito pálida contra os lençóis brancos quando entro e me aproximo, tocando sua mão.

Max está lá.

— Como ela está? Os bebês?

Max me encara com pesar.

— Gabriel, Milly perdeu um dos bebês.

Capítulo 16

Milly

Eu acordo devagar, sentindo minha cabeça pesada e, ao abrir os olhos, uma luz forte me cega por um instante. Atordoada, sinto o cheiro inconfundível de hospital e de repente me lembro.

A dor. O sangue. O horror no olhar de Gabriel quando consegui externar meu medo de perder os bebês.

Abro os olhos ignorando a dor e coloco a mão na minha barriga, alarmada.

— Milly, você acordou! — Gabriel se materializa ao meu lado com seu rosto preocupado.

— Gabriel, os bebês...

Sua mão toca a minha e eu sei que me dará más notícias antes mesmo de ele falar.

— Um deles...

— E perdi um dos bebês? — pergunto sentindo meu coração afundar.

— Sim...

— Oh, Gabriel, eu sinto muito — começo a chorar sem conseguir me conter.

Eu já perdi um bebê antes. Um bebê que era meu.

Aquele bebê que se foi não era meu filho de verdade. Mas eu o carregava dentro de mim. Protegido. Para cuidar dele até que chegasse a hora de entregá-los a Gabriel.

E agora ele se foi.

Eu sentia um vazio horrível por dentro.

— Está tudo bem... — seus dedos apertam os meus e ele parece desolado, o que me deixa ainda mais triste. Gabriel queria demais aqueles bebês. — Você ficará bem. E o outro bebê vai sobreviver.

— Tem certeza? Eu tenho medo, porque... já perdi um bebê antes... Talvez... talvez eu não consiga mantê-los...

— Não é verdade — Gabriel toca meus cabelos.

— E se a culpa for minha? Você nunca deveria ter confiado em mim para... Pode ter cometido um erro terrível...

— Não! Você sempre foi a pessoa certa — Gabriel me encara quase feroz. — Foi apenas uma fatalidade, a culpa não é sua. E o importante é que ainda temos um bebê. Vai ficar tudo bem.

Por mais que Gabriel me garanta que tudo ficará bem, eu tenho grandes dúvidas e medos. E culpa.

— Eu realmente sinto muito, Gabriel — lágrimas quentes caem no meu rosto. — Deve ser horrível para você. Eu não queria perder seu bebê...

— Shiii, eu já falei que vai ficar tudo bem — ele se inclina e seus lábios tocam minha testa. Seus dedos enxugam meu rosto. — Por favor, não se aflija tanto. Preciso que fique bem.

A porta se abre neste momento e Gabriel se afasta quando Max se coloca no meu canto de visão.

— Que bom que acordou, Milly, como se sente?

— Atordoadada.

— Pelo visto Gabriel já te contou o que aconteceu. Você perdeu muito sangue, um dos bebês sofreu complicações. A garotinha vai ficar bem...

— Garotinha?

— Sim, é uma menina. Era um casal.

Eu passo minhas mãos pelo meu ventre. Uma menina.

Uma menina para Gabriel.

Eu olho pra ele, que sorri.

— Você gostou, não?

— Na verdade não importa. Quero apenas que fique bem e saudável.

— Sim, por enquanto está tudo bem — Max continua. — Você ficará em observação hoje, amanhã já poderá ter alta. Precisarás ficar de repouso em casa por alguns dias. E também fará um acompanhamento mais frequente, de quinze em quinze dias para ver como está seguindo a gestação, se não houver nenhum problema.

Max sai do quarto e eu encaro Gabriel.

— Sua esposa... Já sabe?

Gabriel passa a mão pelos cabelos.

— Ainda não. Eu estou com você desde que chegamos.

— Não precisa. Acho que estou bem agora.

— Não quero deixá-la sozinha.

— Não tem problema... Hum, na verdade eu preciso avisar o Joshua.

Gabriel desvia o rosto.

— Claro, o Joshua — Gabriel me ajuda a sentar e me passa o telefone do lado da cama.

— Eu vou ficar bem, Gabriel. Pode ir. De verdade.

Eu liguei para Joshua que precisará voltar de Olympia e me buscar no hospital. E não quero que ele encontre Gabriel.

— Sim, tem razão — ele diz por fim. — Por favor. Tem meu número e pode me ligar se precisar de algo.

— Claro.

Ele hesita por um instante e é estranho.

— Tchau, Milly — ele acena e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

Sinto uma vontade imensa de chamá-lo de volta. Mas sei que não devo.

Ligo para o celular de Joshua, ele não atende, então ligo para a casa dos pais dele e sua irmã Rita atende.

— Oi, Rita, é a Milly, o Josh está aí?

— Não, ele foi acampar com meu pai e o Ben, ele não te falou?

— Não...

— Eles devem voltar amanhã à noite.

— Tudo bem... Falo com ele depois. Tchau.

Eu desligo e fecho os olhos. Teria que me virar sozinha então. Não iria chamar Gabriel de volta. Não seria justo.

Ele deveria estar com sua esposa agora.

Gabriel

— Devo me preocupar? — Max me alcança no corredor e eu o encaro.

— Com o que exatamente? — pergunto, como se já não soubesse de suas preocupações.

— Você está apaixonado por Amelia Edwards.

— Max, não...

— Não tente negar, Gabriel. Eu já desconfiava faz tempo e você sabe por quê.

— Está tudo sobre controle.

— Está? — seu olhar é irônico.

— Está — insisto, embora saiba que é uma tremenda mentira.

As coisas fugiram do controle há muito tempo.

E Max também sabe.

— Eu deveria ter me mantido firme e não concordado em deixar você envolver Amelia Edwards. Agora... me pergunto como tudo vai acabar.

— Vai acabar exatamente como deveria. Milly terá os bebês... bebê — respiro fundo, sentindo uma dor ao me corrigir. — E Laura ficará feliz.

— E você deixará Milly partir.

— Sempre foi esse o plano, não? — digo friamente. Embora, apenas a menção da possibilidade de nunca mais ver Milly, ser como punhos gigantes apertando meu peito, me impedindo de respirar.

— Espero que se lembre disso. — Max diz e se afasta.

Quando entro em casa, me pergunto como contarei a Laura sobre a perda de um dos bebês e se isso a afetará.

Talvez eu deva ligar para Henry e Eva e pedir que venham me ajudar com ela. Mas quando eu entro na sala, Laura não está sozinha.

Samuel está ali. E pela tensão no ar, percebo que eles brigaram.

— Ei, olha quem finalmente apareceu. — Samuel sorri e se levanta do sofá me dando um abraço apertado.

Laura, que estava de costas, olhando a janela, se vira.

— Onde estava? Tentei te ligar o dia inteiro.

— Hum... Eu estava com Max.

Ela franze a testa.

— Max? Mas ele não está trabalhando hoje.

— Ei, para de ser chata e deixe-o. — Samuel diz. — Não sei como você aguenta, Gabriel!

— Eu não sei é como aguentei você aqui até agora. — Laura rebate irritada e eu lanço um olhar de advertência a Samuel.

— Por favor, eu gostaria muito que vocês não comessem com as briguinhas infantis — peço, cansado daquela briga eterna.

— Para mim já deu, vou par o quarto! — Laura se afasta e Samuel ri.

— Continua insuportável — resmunga.

— Não fale assim, Samuel, por favor.

— Claro, sempre a defendendo...

— Eu não entendo por que não pode fazer um esforço para se dar bem com Laura.

— O problema não sou eu — Samuel diz subitamente sério. — Me irrita o jeito que ela vive sem querer aceitar a realidade. Sempre me irritou.

Sua voz é um tanto sombria e eu franzo a testa.

— Do que está falando? Sabe dos problemas de Laura...

Ele sorri de repente.

— Claro, claro... Vamos mudar de assunto! Não tem cerveja nesta casa, não? Laura não me serviu nem água! Também estou morrendo de fome.

Eu rio e o levo pra cozinha, onde ele me conta sobre suas lutas na Europa.

— E como está o tal bebê? — ele pergunta depois bater um prato de massa. — Quer dizer, acho que a tagarela da Lucy me disse que eram gêmeos? Quero só ver a fresca da sua mulher cuidando de gêmeos...

Eu conto a Samuel sobre a perda de um dos bebês.

— Nossa, cara, sinto muito. Laura já sabe?

— Não. Ainda não contei a ela.

Ele coça a nuca, pensativo.

— Ela vai ficar mal... Está projetando toda sua salvação nessa tal gravidez... como se fosse a solução de todos os problemas...

Antes que eu tenha chance de entender suas palavras, ele se levanta.

— Eu já vou indo! Vou jantar com Lucy e Max.

— Achei que já tivesse jantado.

Ele ri.

— Ah, irmãozinho, foi só um aperitivo!

Depois que Samuel vai embora, Laura volta para sala.

— Ainda bem que ele já foi! Eu te liguei para voltar para casa várias vezes, sabe que não gosto de ficar sozinha com o Samuel.

— Laura, fala como se ele fosse te fazer algum mal, pelo amor de Deus!

— Existem muitas maneiras de fazer mal, Gabriel — ela diz sombriamente. — Enfim, onde se meteu? Lucy me disse que Max não estaria trabalhando!

— Ele estava — seguro sua mão. — Laura, sente aqui, precisamos conversar.

Ela me olha com a testa franzida.

— O que foi?

— Aconteceu um problema com a gravidez dos gêmeos.

— Problema? O que aconteceu?

— Perdemos um deles.

Laura arregala os olhos, chocada.

— Como assim? Já está no quinto mês de gestação, não é? Como é mesmo o nome da moça? Amelia?

— Sim, Milly, quer dizer, Amelia, passou mal hoje e foi para o hospital, um dos bebês não resistiu.

Laura leva a mão à boca.

— E agora? E o outro bebê? Será que não vai perdê-lo também?

— Max disse que está tudo bem.

— Por que não me avisou? Max ligou só pra você?

— Ele não queria preocupá-la.

— Isto é horrível. Claro que estou preocupada!

— Vai ficar tudo bem. Max garantiu que esse tipo de coisa acontece.

Laura aperta minha mão com os olhos angustiados.

— Será que estamos fazendo a coisa certa?

— Laura...

— É sério, Gabriel, não pensa nisso? Primeiro eu não podia e agora um dos bebês morreu... Talvez não seja nosso destino... Eu fico pensando às vezes...

— Ei, não fale assim — eu toco seus cabelos. — Vai dar tudo certo.

— Samuel disse que... — ela engasga e eu me sinto irritado com Samuel.

— O que ele disse?

— Nada... Deixa pra lá. Samuel é um idiota, apenas! Você tem razão. Vai dar tudo certo. Ainda tem um bebê, não é?

— Sim, é uma menina.

— Jura? Lucy ficará feliz de poder começar a comprar roupinhas rosa. Vou ligar pra ela e contar. Infelizmente terei que contar sobre a perda do bebê também.

Laura se afasta e eu pego meu celular e ligo para o Max.

— Max, como Milly está?

— Está bem.

— E o... marido dela está aí?

— Não. Ela me disse que ele está viajando e que só chegará amanhã à noite. Eu disse a ela que poderia ficar no hospital até ele voltar, para não ficar sozinha.

— Entendi... — respondo pensativo. Por que Milly não me contou que Joshua estava viajando?

— Já contou a Laura?

— Sim, contei.

— Ela está bem?

— Sim, ela reagiu bem.

— Certo. Eu preciso desligar.

Max desliga e eu fico olhando a noite escura por um tempo.

Sinto-me triste pela perda do bebê. Sinto-me preocupado por Milly estar sozinha.

Sinto-me estranhamente incomodado com as palavras de Laura e seus medos.

E no fundo sei que são meus medos também. Mais do que ninguém eu sei e Laura não faz ideia.

— Gabriel? — Laura me chama e eu me viro.

Ela usa uma longa e cara camisola preta e parece tão perfeita como sempre. Eu deveria me sentir muito sortudo por tê-la. Houve um tempo em que me sentia assim. Em que eu achava que o amor que eu sentia por ela era suficiente.

Não era.

Nunca foi.

— Você está bem? — pergunto ao ver seu olhar.

Ainda parece angustiada e me pergunto se é pela perda do bebê.

Ela estende a mão.

— Pode me abraçar para eu dormir?

Eu seguro sua mão, sentindo um aperto no peito e a levo para cama.

E, como ela pediu, eu a abraço enquanto ela fecha os olhos.

Eu permaneço acordado, até ouvi-la rressonar.

Então, me levanto devagar para não a acordar e a cubro, saindo do quarto.

Quando eu chego ao hospital, já é quase madrugada, não me importo. Eu só sei que preciso estar perto de Milly, me certificar que está tudo bem. Ela dorme tranquilamente, ainda muito pálida contra os lençóis frios.

Eu sento numa poltrona e espero.

— Quando as enfermeiras me contaram eu não acreditei! — Max diz ao entrar no quarto pela manhã.

Eu faço sinal para ele falar baixo e o chamo para o corredor.

— Não comece Max. Ela estava sozinha.

— E perfeitamente bem.

— Eu queria apenas me certificar que ia continuar assim.

— Eu darei alta agora cedo. Como eu disse, ela pode permanecer aqui.

— Eu cuidarei de tudo.

— Gabriel...

— Eu vou cuidar dela, está fora de discussão.

— Certo. Sei que não vou conseguir fazer você mudar de ideia. O que vai dizer a Laura?

— De Laura cuido eu.

— Espero que saiba o que está fazendo — diz entrando no quarto.

Eu volto para casa e digo a Laura que irei sair para resolver alguns problemas na empresa e ela não contesta.

— Vou passar o dia com a Lucy, já que ela está sozinha com Max de plantão.

— Sim, faça isto.

Há alguma culpa em mim por estar mentindo. Eu justifico que é necessário. Milly precisa de mim nesse momento.

Quando chego ao hospital, Milly me encara surpresa. Ela já está pronta para ir embora.

— Por favor, não venha dizer que eu terei que ficar o dia inteiro aqui. Max disse que eu tive alta, porém insiste que eu fique aqui pra não ficar sozinha.

— Sim, ele me disse que Joshua está viajando. Por que não me contou ontem?

— Porque eu ia pedir pra ele voltar. Ele está em Olympia. Quando eu liguei, descobri que ele está acampando e que só voltará hoje a noite.

— Entendi... Eu vou levá-la pra casa.

— Não! Não precisa...

— Eu insisto. Sua outra opção é ficar aqui e você disse que não quer.

— Eu posso ir sozinha.

— Nem pensar! Precisa fazer repouso e que alguém cuide de você.

— Gabriel... Realmente, não quero incomodá-lo...

— Não estará incomodando. Está tudo certo.

A enfermeira entra no quarto com uma cadeira de rodas e Milly faz uma careta.

— É realmente necessário?

Sorrio me aproximando.

— Não seja por isto — e a pego no colo.

— Gabriel!

— É colo ou a cadeira.

Ela suspira, passando os braços ao redor do meu pescoço.

— Que seja.

Enquanto a carrego até o carro, tento não pensar em como é bom tê-la tão perto. Ou em como seu cheiro é delicioso e me traz tantas lembranças boas.

E proibidas.

Não estou com Milly por qualquer razão romântica.

Estou porque ela está carregando um bebê que é meu e precisa de cuidados.

Apenas isso.

Milly

Tento conter aquela onda de felicidade ridícula apenas por saber que Gabriel passará o dia comigo, enquanto ele dirige até minha casa.

Gabriel está ali somente porque eu preciso de ajuda. Porque acabei de perder um bebê.

Sinto de novo um aperto no peito e passo a mão pelo ventre dilatado. Preciso tomar todo o cuidado necessário para manter essa criança comigo.

Gabriel confia em mim para fazê-lo.

Ao parar o carro em frente a minha casa, Gabriel abre a porta e me pega no colo. E de novo, como na hora de sair do hospital, me sinto tentada a encostar minha cabeça em seu ombro e suspirar, aspirando seu cheiro único e inconfundível. Me contenho.

Preciso manter o foco. Este é Gabriel, o pai do bebê que eu carrego. E não Gabriel, meu amante.

— Quer que eu te leve para o quarto?

Ah, Gabriel... Em outro tempo... Outra vida... Eu amaria ouvir essa pergunta.

— Não! Coloque-me na sala, por favor — respondo, ignorando meus devaneios.

Ele me põe no sofá e eu quase lamento quando me solta.

— Gabriel, eu realmente não quero te atrapalhar... Se quiser ir embora...

— Não vou embora. Acostume-se com minha presença.

— Sua esposa... — murmuro.

— Está tudo bem, realmente.

— Ela já sabe sobre o bebê?

— Sim, contei a ela ontem.

— Deve ter ficado triste.

— Sim, ficou. Mas estamos confiantes que tudo ficará bem.

— Espero que fique mesmo — murmuro incerta.

— Eu sei. Está com fome?

— Acho que sim. Comida de hospital é sempre horrível.

Ele sorri.

— Eu vou preparar alguma coisa pra você comer.

Eu fico sozinha e escuto Gabriel se movimentando pela minha cozinha.

Aproveito para ligar para minha mãe e conto a ela o que aconteceu.

— Oh querida, você está bem?

— Sim, estou. Apenas tenho que fazer repouso.

— E Josh está aí?

— Não, ele foi acampar, deve voltar hoje à noite, ou amanhã de manhã.

— Está sozinha?

— É... Estou — minto.

Sei que minha mãe fará perguntas bobas se eu disser que Gabriel está aqui.

— Milly, vou ficar com você.

— Mãe, não! Até você chegar o Joshua também já terá chegado, não precisa!

— Tem certeza? Eu fico preocupada com você.

— Tenho sim. Eu vou ficar bem!

Eu me despeço e desligo, quando Gabriel aparece com uma bandeja e põe na minha frente.

Eu aspiro o cheiro bom de tomate.

— Uau, parece ótimo!

— Espero que goste de massa.

— Claro que sim! — Eu começo a comer com vontade e está mesmo uma delícia. — Está muito bom.

— Que bom que gostou.

— Não sabia que era ótimo cozinheiro.

Ele ri.

— Laura não gosta de cozinhar, então era aprender ou morrer de fome — comenta naturalmente e eu mordo os lábios desviando o olhar.

Um silêncio tenso se instala entre nós. Quando éramos amigos, ou sei lá como se intitulava nossa relação antes, Gabriel nunca comentava nada

sobre Laura. Era esquisito ouvi-lo falar agora.

De certa forma eu preferia quando não comentava.

Não queria conhecer a esposa de Gabriel. Serviria apenas para me fazer sentir mais culpa.

— Não vai comer? — Pergunto para mudar o assunto e Gabriel diz que não tem fome, levantando e se afastando.

Eu suspiro e acabo de comer.

Gabriel retorna e pergunta se quero mais alguma coisa.

— Não, estava ótimo, muito obrigada. Acho que vou dormir, se quiser ir embora...

— Não, eu ficarei com você — ele insiste e eu quase respiro aliviada e, sem que eu peça, me pega no colo e leva para o quarto.

E não posso dizer o quão estranho é ter Gabriel no quarto que eu divido com Joshua.

Gabriel também parece sentir estranheza, pois me põe na cama e se afasta, fechando a porta atrás de si.

Bem que eu tento dormir, porém o fato de saber que Gabriel está em algum lugar da casa, me deixa completamente desperta.

Depois de algumas horas eu desisto e saio da cama indo até o banheiro, depois caminho devagar à procura de Gabriel.

A casa está silenciosa quando desço as escadas. Será que Gabriel foi embora?

— Gabriel? — chamo e escuto um barulho vindo da biblioteca e vou até lá.

Gabriel me encara preocupado quando eu entro.

— Milly, por que saiu da cama? Não deveria estar andando.

Eu reviro os olhos.

— Eu precisava ir ao banheiro e seria um tanto constrangedor tendo você como enfermeiro.

Ele se aproxima e segura meu braço.

— Podia ter me chamado para descer as escadas.

— Eu estou bem. Sério! Não faria nada perigoso, não se preocupe.

— Impossível não me preocupar — ele me pega no colo de novo.

Bom, eu não ia reclamar.

— E aí, gostou da minha biblioteca? — pergunto, enquanto saímos do cômodo.

— Ficou perfeita.

— Franchesca fez um bom trabalho...

Gabriel faz uma carranca e eu lamento ter falado dela.

Franchesca. A loira perfeita que tinha beijado Gabriel.

— Eu acho que ela ainda gosta de você — falo baixinho, enquanto ele volta comigo para a sala.

Gabriel me encara e eu sinto um frio no estômago. Tão próximo. E tão inatingível.

Eu sei como Franchesca deve se sentir tendo Gabriel sempre por perto sem poder tê-lo realmente.

— Às vezes a gente gosta de quem não deveria — ele diz por fim.

— Eu sei — afirmo, sentindo meu peito se apertando.

Por um momento, nós nos encaramos, mil coisas sendo ditas apenas com o olhar.

E eu quero que ele não me solte nunca. Jamais. E meus braços chegam a apertá-lo um pouco mais.

— Milly, eu... — de repente escuto o barulho de um carro estacionando e o feitiço se quebra.

Gabriel me coloca no sofá.

— Acho que alguém estacionou aqui na frente — ele diz.

Eu olho pela janela. É o carro de Joshua.

— É Joshua — murmuro com medo.

E leva apenas alguns segundos para a porta se abrir e Joshua aparecer na sala.

Ele olha de mim pra Gabriel com um olhar surpreso.

— Ei, o que aconteceu? E quem é você?

— Josh, este é Gabriel Collins — digo, tentando manter a calma.

Joshua me encara com um olhar desconfiado.

— Milly, o que aconteceu com você? Sua mãe deixou um recado meio histérico com a Rita, alguma coisa sobre você ter passado mal...

— Sim, Milly passou mal ontem e perdeu um dos bebês — Gabriel explica e Joshua o encara.

— E eu ainda não entendi quem é você... tenho a impressão que já te vi antes...

— Gabriel é o pai do bebê — esclareço e Joshua me encara chocado.

— Como é?

— Foi ele quem... alugou minha barriga. Ele e sua esposa — me apresso a dizer.

Joshua olha pra Gabriel, que estende a mão.

— Sim, sou Gabriel Collins.

Joshua hesita, mas acaba pegando a mão de Gabriel. Ainda tem um olhar desconfiado.

— Gabriel está aqui porque eu perdi um dos bebês. Eu preciso ficar de repouso.

Joshua me lança um olhar preocupado.

— Você está bem?

— Vou ficar.

— Por que não me ligou?

— Eu tentei, Rita disse que estava acampando.

— Sim, eu fui... Ainda bem que resolvi vir mais cedo... — ele encara Gabriel. — Obrigado por cuidar de Milly, vou assumir agora.

Gabriel parece frustrado.

— Josh, por que não vai levar sua mala lá pra cima? Eu preciso dar uma palavra com Gabriel... sobre o bebê.

Joshua hesita, mas acaba se afastando, mesmo contrariado.

Eu encaro Gabriel.

— Bem, acho que é isto. Obrigada por ter ficado comigo hoje.

— Eu nunca a deixaria sozinha, você precisava de mim.

Tenho vontade de dizer que precisava mais dele do que era possível.

— Josh vai cuidar de mim. E você deve voltar para sua casa. Para Laura.

— Eu sei — diz baixinho e tenho vontade de chorar. — Milly, eu...

— Por favor, Gabriel, vá... — engulo o nó na minha garganta e passo a mão pela barriga. — Prometo que vou cuidar da sua filhinha. Ela vai ficar bem.

Ele sorri tristemente.

— E você ficará?

— Vou ficar.

Escuto os passos de Josh voltando e Gabriel me lança um último olhar antes de se afastar, indo embora.

Eu sinto como uma parte de mim tivesse ido junto.

— Vai me explicar o que estava acontecendo aqui?

— O que eu falei! Gabriel ficou preocupado porque perdi o bebê! E ele foi gentil em se oferecer para tomar conta de mim.

— Achei que nem conhecia os pais dos bebês.

— Sim, é verdade. Como passei mal, acabei conhecendo... — minto.
—Estou cansada, tá? Acho que você lembra como é ruim perder uma criança, então não estou a fim de brigar!

— Ruim? Essa criança nem era sua!

— Não fale assim! Eu era responsável por ela! Estava dentro de mim! E meu corpo a rejeitou! Como acha que me sinto?

— Pelo menos ainda tem um bebê vivo...

— Sim, pelo menos isso! E eu agora preciso cuidar muito bem do resto desta gravidez. Então, não venha discutir comigo! Se não quer me ajudar, melhor ficar longe!

Joshua respira fundo.

— Me desculpe, eu só fiquei meio que com ciúmes de ver aquele cara perto de você.

— Isso é absurdo — desvio o olhar, com medo que Joshua veja a verdade neles.

— Ele parecia tão... Possessivo.

— Ele é apenas o cara que me contratou pra carregar seu bebê — explico, ansiando que ele entenda. — Obviamente ficou um pouco preocupado. Apenas isto. Ele e a esposa querem demais um filho.

— Certo, acho que exagerei. Desculpe-me.

— Tudo bem. Vá tomar um banho e depois coma alguma coisa.

— Você precisa de algo?

— Não. Pode ir.

Ele me deixa sozinha com meus pensamentos sombrios.

Me sinto tão culpada que de repente tenho vontade de contar tudo a Joshua.

Eu não posso.

Que bem traria a verdade?

Nenhum. Apenas o faria sofrer.

Alguns dias se passam e eu vou me recuperando aos poucos. Estou sozinha em casa numa tarde, quando escuto a campainha tocar.

E ao atender arregalo os olhos surpresa ao ver a moça loira na minha frente.

— Amelia Edwards?

— Sim? — Digo estupefata.

— Olá. Você não me conhece... sou Laura Collins.

Capítulo 17

Milly

Eu perco a fala por um momento, enquanto a esposa de Gabriel sorri para mim, tão perfeita como me lembro do dia que a vi passando no saguão do Edifício Collins.

— Me desculpe, parece que está em choque — ela diz quando meu silêncio persiste. — Eu não queria...

— Nossa... estou surpresa — balbucio.

— Me desculpe aparecer assim. Eu só... fiquei sabendo sobre a perda do bebê e... precisava vê-la. Talvez eu devesse ter ido à clínica ou pedido para Max.

— Não, perdão... Está tudo bem — respiro fundo. — É um direito seu estar preocupada. Por favor, entre — peço e ela passa por mim.

Fecho a porta e a acompanho até a sala.

— Hum... — ela olha em volta — acho que conheço esta casa.

— Conhece?

— Sim, eu estive aqui com Gabriel uma vez. Estávamos procurando uma casa... descartamos essa. — Ela se senta no sofá me encarando com um sorriso. — Quer dizer, eu descartei. Lembro-me que Gabriel adorou, porém não faz meu estilo. Você fez um bom trabalho, é um lugar bonito.

Eu me sento no sofá diante dela, ainda sem saber o que dizer. É esquisito demais ter a esposa de Gabriel na minha frente. Ela é muito bonita, embora seu semblante pareça cansado, o rosto pálido e olheiras pronunciadas. Me pergunto se está assim por causa da perda de um dos bebês e me solidarizo.

Eu estive a ponto de morrer quando perdi meu próprio filho, para dizer a verdade, fiquei bastante triste com aquela perda, apesar de o bebê não ser meu.

Então podia bem imaginar a decepção de Laura Collins.

— Enfim, não foi para elogiar sua casa que vim aqui — ela diz. —

Fiquei consternada com a perda do bebê.

— Claro, eu entendo. Imagino como deve estar se sentindo.

— Minha amiga Franchesca disse que não entende. Já que não sou eu que estou grávida — ela sorri ironicamente. — E nem sou a mãe biológica.

— Não concordo — digo meio irritada com os comentários de Franchesca. Será que ela não tinha nenhuma sensibilidade?

Claro, não deveria ter mesmo, já que cobiçava o marido da amiga. De repente me dá uma vontade imensa de contar a Laura exatamente do que sua amiga querida é capaz.

Mas com que moral eu poderia acusar Franchesca se eu mesma tinha feito pior? Se transei com o marido de Laura naquela mesma sala? Sinto meu rosto esquentar de vergonha e culpa. E o pior talvez nem fosse exatamente o sexo. Eu não podia negar que estava apaixonada por Gabriel, embora soubesse o quanto era errado. E tivesse um marido também.

Não, o erro de Franchesca não foi nada perto do meu.

— Quer dizer, claro que você deve se sentir como mãe. Você será a mãe.

E o aperto no meu coração que se segue a essa afirmação me deixa quase sem ar. Luto para respirar, surpresa com aquela dor.

Era totalmente descabido aquele sentimento. A criança não era minha. Nunca foi.

No entanto era de Gabriel, uma vozinha sussurra dentro de mim e trato de sufocá-la.

É pior ainda pensar assim, Gabriel também não é meu. Nunca será.

— Claro que serei — Laura concorda. — Por um lado Franchesca tem razão. Não engravidar e não ter nem mesmo meus óvulos usados no processo, me dá certo distanciamento. De certa forma, estou vivendo tudo isso como se fosse com outra pessoa e, às vezes, acho até surreal que ao final de alguns meses terei um bebê pra cuidar. Entende?

— Sim, eu entendo. Deve ser difícil.

— Sim... — ela fica pensativa. — Sabe que todo esse tempo... Desde que soube da sua gravidez, sempre me senti assim... Distante. Mesmo começando todos os preparativos e toda a ansiedade da minha família. Por isso pedi a Max para acompanhar de perto, para parecer mais real.

— Você queria... me conhecer? — Indago surpresa.

— Sim, eu queria. Gabriel e Max disseram que não era nada aconselhável. Que eu podia me sentir mal. Acho que entendo o que eles pensam. Eu não sou exatamente uma pessoa acostumada com... como posso dizer? Com alguém se sobressaindo a mim.

— Se sobressaindo a você?

— Exatamente. Não posso dar um bebê ao Gabriel. Porém, outra mulher pode. Sabe o quanto é ruim?

Eu me sinto mal por ela.

— Imagino.

— Você é casada? — ela parece surpresa ao reparar na minha aliança.

— Sim, eu sou. Achei que já sabia.

— Eu não li o seu perfil. Deixei que Gabriel lesse todos eles, porque sabia que ia ficar colocando defeitos em todas as candidatas. Então um dia ele chegou com o seu. Disse que seria perfeita e me contou sobre você. Que, de todos os perfis pesquisados, você melhor se encaixaria. Eu acreditei. Sempre acredito no que o Gabriel escolhe. Ele tem um dom para essas coisas — ela sorri. — Gabriel sempre parece saber o melhor para mim.

Não digo nada. O que eu poderia dizer?

— Foi assim quando ele disse que queria ter um bebê — ela continua. — Eu nem tinha pensado na possibilidade. Nós nos casamos muitos jovens e... — Ela dá de ombros. — Talvez pensasse, num futuro distante — ela sorri num tom conspiratório — Na verdade nunca me achei muito maternal. Imagino que seja normal quando não se tem filhos, não é?

— Claro — concordo aleatoriamente.

— Então um dia o Gabriel chegou em casa e disse que queria muito ter um bebê. Eu fiquei surpresa. Nós... estávamos com alguns problemas... — ela hesita e então sorri, percebo que ela está camuflando o que realmente foram os tais problemas. — Problemas que qualquer casal poderia ter, sabe? Você deve saber claro, também é casada.

— Sim, eu sei. — Eu também tinha meus problemas conjugais. Embora desconfiasse que os meus não eram nem um pouco parecidos com os de Laura e Gabriel.

— Hesitei por algum tempo, no fim eu vi que era o que estava faltando para sermos completos. Um filho — ela sorri. — E nós começamos a tentar e algo aconteceu. Eu comecei a passar mal. Dores de garganta. Suores noturnos. Achei que fosse ansiedade, fiz uma bateria de exames. E

descobrimos que tinha um linfoma.

— Linfoma? — engulo em seco, surpresa. Obviamente eu sabia que Laura tinha algum problema que a impedia de engravidar, linfoma era algo totalmente diferente.

Ela sorri tristemente.

— Sim, foi... um choque para todos nós. Eu comecei o tratamento imediatamente.

— E como você está agora? Você se curou?

— Não recebemos alta até cinco anos depois do tratamento. Porque pode voltar. Eu tenho que fazer todos os exames duas vezes por ano. E depois de cinco anos, se não voltar. Só então posso me considerar curada.

— Eu sinto muito, Laura — eu tentava entender todas aquelas informações. E de repente pelo menos uma parte do quebra-cabeça ia se juntando na minha mente.

Por que Gabriel não me contou nada daquilo?

“Porque não é da sua conta” uma voz sussurra dentro de mim.

— E mesmo enquanto estive em tratamento, insisti com Gabriel que deveríamos ter um filho.

— Por quê? Se estava doente poderia ter esperado...

— Eu não sabia se ia poder esperar, entende? O tratamento poderia não dar certo. Eu poderia... morrer.

— Não sei o que dizer — falo ainda em choque.

— Eu compreendo que ache estranho. Mas, entenda. Gabriel é tudo pra mim — desvio o olhar, com um nó na garganta. Há uma parte de mim que quer saber tudo sobre Gabriel e aquela garota bonita. Quer saber o que teria dado errado para que ele, em algum momento, pousasse seus olhos em mim. Também há uma parte que não quer saber de nada. Que é difícil ouvir a história de Gabriel com outra mulher, acabo deixando Laura continuar. — Nós nos conhecemos quando éramos adolescentes. Somos irmãos adotivos, sabia?

— Irmãos? — arregalo os olhos. Lembro-me de algum comentário de Gabriel dizendo que conhecia sua esposa a vida inteira. Então era isso?

— Sim, todo mundo acha esquisito. Fui para casa dos Goldman quando era adolescente. Eu não tive uma infância muito fácil. Sofri muitos abusos antes de ser resgata por eles e estava muito sensível. Quando cheguei

a casa deles, só chorava. E Gabriel era... tão perfeito. Tão gentil e protetor. Ele cuidava de mim.

Sim, eu era capaz de imaginar Gabriel cuidando de Laura. Era exatamente como ele era.

— E foi natural que eu o quisesse pra mim — ela sorri, piscando. — Quem não iria querer?

Eu não sorrio de volta. Inferno, eu entendia Laura totalmente. Quem não iria querer Gabriel?

— Nós ficamos juntos desde então. Pareceu natural e certo. Nos casamos depois da faculdade e... — Ela dá de ombros. — Eu tinha certeza que seríamos felizes pra sempre.

Ela parece triste e com o pensamento muito longe quando fala. E eu tenho a nítida impressão que há mais naquela história que ela está deixando de fora.

— Então fiquei doente — ela diz por fim.

— Ainda podem ser felizes pra sempre. Você está melhor. Vai ter um bebê.

— Sim, tem razão. Acho que eu sou uma pessoa de sorte, não é? — ela pergunta como se não tivesse certeza.

Como ela pode não saber que é a pessoa mais sortuda do mundo por ter Gabriel?

— Eu acho que você é — respondo, engolindo minha inveja.

O que faz eu me sentir uma pessoa horrível.

Aquela mulher estava doente. Não podia ter seu próprio bebê.

“Ela tem Gabriel” a voz sussurra dentro de mim.

Pois no fundo sabia que era tudo o que eu gostaria de ter e nunca poderia.

Eu tinha outra vida. E havia Joshua. Deveria ser o bastante. Então, por que eu queria chorar?

— Acho que falei demais e estou te cansando com essa história — ela sorri. — Você deve estar em recuperação ainda.

— Estou bem melhor. Aliás, que falta de educação a minha, nem te ofereci nada, quer um chá, um café...

— Um chá seria ótimo.

Eu vou para a cozinha e ela me acompanha. Quão estranho poderia

ser?

Eu começo a fazer o chá.

— Você tem... filhos? — Laura pergunta de repente.

— Não, não tenho.

— Ah, achei que tivesse. Ouvi dizer que a maioria das mulheres que se candidatam para ser barriga de aluguel, já tem filhos.

— Eu quero muito ter um dia — respondo simplesmente.

Ela sorri.

— Claro que sim, acho... que estou curiosa. Por que quis ser uma barriga de aluguel?

— Eu... — penso no que responder e opto por meia verdade. — Eu precisava de dinheiro.

— Ah, entendo. É uma boa razão — ela sorri e eu lhe dou uma xícara. — Ótimo chá.

— Obrigada.

Nós tomamos em silêncio por um momento.

— Eu deveria ir embora — ela diz.

— Gabriel, que dizer... seu marido. Ele sabe que está aqui?

— Não, ele não sabe. E acho que vai ficar irritado quando souber. Eu precisava vir. De alguma maneira era como se a gravidez não fosse real, sabe? Agora... — ela aspira fortemente — sei que realmente dentro de alguns meses terei um bebê pra cuidar. Acredito que estou com medo.

— Não fique.

— Eu posso... tocar sua barriga?

— Claro — respondo meio indecisa e Laura se aproxima, tocando meu ventre dilatado.

— Nossa, deve pesar.

— Um pouco.

— Espero que tudo fique bem com o bebê.

— Vai ficar. Eu tomarei conta dele.

Ela sorri tirando as mãos de mim.

— Obrigada por fazer isso.

— Não precisa agradecer.

— Você não tem ideia de como está fazendo Gabriel feliz.

Eu mordo os lábios com força.

— Imagino.

— Eu vou embora. Não quero incomodá-la mais, não se preocupe.

Eu a acompanho até a porta e Laura me dá um cartão.

— Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, pode me ligar.

Eu não falo nada e apenas fico vendo Laura Collins entrar em seu carro e desaparecer.

Capítulo 18

Milly

Sinto-me tonta com a quantidade de informações que Laura Collins jogou em cima de mim. É estranho pensar que passei algumas horas conversando calmamente com a esposa de Gabriel. Que até ontem era uma estranha. Alguém de quem ele quase não falava e que eu só podia imaginar como seria.

Agora eu a conhecia. E sabia muito mais do que deveria sobre o casamento dele. E tinha uma vontade imensa de lhe perguntar por que não me contou que Laura estava doente.

Ele deveria ter me informado, não é? Será que se soubesse eu teria agido de maneira diferente? Eu teria mantido uma distância segura de Gabriel e nunca me sentido atraída por ele?

Talvez eu devesse encarar aquela visita de Laura como um aviso claro para que eu ficasse longe de Gabriel. Não só fisicamente, como já estávamos há meses.

Quanto a tirá-lo de vez do meu coração...

— Ei, Milly?

Eu levanto o olhar e percebo que estava completamente distraída ao ver Joshua na minha frente.

— Josh... Já está em casa.

— Já anoiteceu Milly... — ele me olha esquisito. — Está se sentindo bem? Está estranha.

— Nada, estou bem — respondo me levantando. — Apenas distraída. E então, como foi seu dia?

— Tudo bem...

Eu volto ao trabalho duas semanas depois. Era ótimo voltar a exercer uma atividade, não ficar trancafiada dentro de casa fazendo absolutamente nada.

— Milly, por favor, não pegue nenhum peso! — Sam retira uma caixa da minha mão que estava muito leve e eu reviro os olhos.

— Não está pesada!

— Eu concordei em te aceitar de volta contanto que não fizesse nenhum esforço!

Eu sorrio. Sam estava superprotetor desde que eu voltei da licença depois de perder um dos bebês. E demonstrou preocupação com minha volta ao trabalho, eu lhe garanti que estava tudo bem e que não faria nenhum esforço.

— Não estou fazendo esforço — digo e escuto a porta se abrir. — Acho que chegou um cliente, por que não vai atendê-lo enquanto eu termino de arrumar o material que chegou?

— Não, vá você. E eu arrumo — ele retira outra caixa da minha mão e não me resta alternativa a não ser ir atender o cliente.

Ao seguir para a frente da loja paro estarrecida ao ver Gabriel Collins diante de mim.

— Gabriel! O que faz aqui? — Meu coração bate descompassado. É sempre assim agora. Um misto de alegria e dor ao vê-lo.

Gabriel parece irritado ao vir em minha direção.

— Eu que faço esta pergunta, por que diabos está trabalhando, Milly?

— Estou trabalhando aqui há meses!

— Por quê? — pergunta quase horrorizado. — Está grávida, não deveria trabalhar! Você não precisa trabalhar!

— Eu não gosto de ficar sem fazer nada! Precisava de uma atividade!

— Trabalhando em uma loja de bebida?

— Ah, não fale como se fosse um emprego horrível! Eu gosto de trabalhar e é temporário!

— Não deveria! Deve estar se esforçando e...

— Não faço esforços desnecessários, eu juro!

— Ei Milly, algum problema? — Sam aparece do meu lado e encara Gabriel.

— Não, problema algum, Gabriel já está indo embora.

— Eu só vou embora quando vier comigo.

— Gabriel, fala sério! Este é meu trabalho!

— Ei, o que está acontecendo? — Sam insiste olhando de mim pra Gabriel. — Quem é você? Está importunando a Milly e deixando-a nervosa!

— Não a estou importunando. Sou o pai do bebê...

Ah não!

— Oh, agora entendo. — Sam muda na hora, estendendo a mão para ele amigavelmente. — Sou Sam Smith, o dono da loja.

— Gabriel Collins — Gabriel diz ainda sério.

— Então é o marido da Milly? Sinto muito pela perda do bebê. Eu disse a ela que não precisava vir trabalhar se fosse um problema...

— Sam, não! ele não... — tento desfazer o mal-entendido. — Gabriel não é meu marido, Sam.

— Ah, me desculpe! — ele ri. — Achei que fosse casada, se bem que, é normal hoje em dia, não é?

— Sam, por favor — toco seu braço, tentando fazê-lo parar. E por que Gabriel não me ajuda a desfazer o mal-entendido?

— Fique tranquilo, eu não deixo Milly fazer nenhum esforço... Eu até disse que a dispensaria do trabalho...

— Que bom que pense assim, pois a Milly não virá mais trabalhar.

— Gabriel, o que está dizendo? — Eu o encaro indignada, ele continua.

— Acho que entende, não? Milly está sendo teimosa, porém não deve mais fazer esforços desnecessários. Ela tem ordens médicas de ficar em repouso.

— Claro que eu entendo! — Sam concorda. — Claro, ela pode voltar depois se quiser, é uma ótima funcionária, nos damos muito bem e...

— Certo, se puder dispensá-la...

— Sem problemas! Eu vou pegar a bolsa dela.

Sam se afasta e eu fito Gabriel enfurecida.

— Não pode fazer isso!

— Já fiz.

— Está sendo ridículo! Não...

— Sua bolsa, Milly! — Sam retorna com minha bolsa — Não se preocupe com as questões burocráticas, cuidarei de tudo e deposito seu

salário.

— A Milly agradece, Sam — Gabriel diz segurando meu braço e praticamente me arrastando para fora da loja.

— Gabriel, me solte! — peço entredentes no estacionamento e ele faz o que eu peço.

Nós nos encaramos como num ringue.

— Não devia ter feito isso!

— Você não deveria estar trabalhando. Acabou de perder um bebê. Trabalhar, mesmo tentando não fazer esforço, está exposta a um acidente e... — Ele respira fundo e vejo o terror no seu olhar o que me faz sentir um tanto culpada. — Não quero que perca o bebê.

Eu mordo os lábios, recuando em minha revolta.

— Também não quero. Acha que eu faria algo que pudesse colocá-la em risco?

— Eu sei que não faria, porém, todo cuidado agora é pouco. Por favor, não seja teimosa. Volte para casa e fique lá.

Suspiro pesadamente, vencida.

— Tudo bem. São apenas mais alguns meses, não? Acho que consigo aguentar.

Gabriel parece aliviado.

— Onde está seu carro?

— Eu vim de táxi. Meu carro estava com um barulho estranho e Josh ia dar uma olhada.

— Então venha, eu te levo pra casa.

Eu o sigo até o carro sabendo que deveria declinar daquele convite, como sempre, quando estou perto de Gabriel, a cautela e a autopreservação desaparecem e só penso que poderei roubar mais uns momentos com ele.

Posso ficar olhando seu perfil perfeito enquanto ele dirige concentrado na estrada, desejando, mais que nunca, que as coisas fossem diferentes.

Que fosse permitido eu me aproximar e encostar minha cabeça em seu ombro e ficasse feliz por poder ir a qualquer lugar em que ele iria ficar comigo.

E, quando ele para o carro em frente a minha casa e me olha com seriedade, vejo o mesmo anseio em seu olhar e sinto como se meu coração

fosse apertado ao extremo.

— Entre comigo — minha voz não passa de um sussurro culpado e o vejo lutando consigo mesmo. — Só um pouquinho.

Ela assente por fim e saímos do carro.

A tarde finda e num momento de sanidade, me pergunto onde Joshua estaria, se poderia aparecer, então me lembro que hoje ele ficaria até mais tarde na oficina.

Eu abro a porta e entro na minha casa, com Gabriel me seguindo, pisando na minha culpa a cada passo.

São apenas alguns minutos de sua presença. Não seria nada para quem teria a eternidade para se acostumar com sua falta.

Eu paro na sala, retirando o casaco e o encaro.

Ele parece indeciso e frustrado, parado ali.

Tão lindo e tão fora do meu alcance.

— Me desculpe por ter agido daquele jeito no seu trabalho. — Fiquei muito assustado quando Max me contou que estava trabalhando. Depois do que aconteceu...

— Eu entendo. Juro que não colocaria o bebê em risco, você tem razão, acho. Alguma coisa sempre pode acontecer.

— Sam Smith achou que eu fosse seu namorado — é uma afirmação que eu não contesto. — Devo presumir que não contou a ele que era uma barriga de aluguel, não é?

— Não, eu não contei — eu me sento no sofá. — Achei que seria melhor assim. Tento ser discreta e evitar perguntas... embaraçosas.

— Claro. Eu entendo. Ele me pareceu... — Gabriel passa os dedos pelos cabelos. — Muito interessado em você.

— O quê? — eu rio. — Que absurdo! Ele é só um cara muito legal.

— Acho que está subestimando o interesse óbvio dele em você.

— Gabriel, estou grávida! — aponto para mim mesma. — Não estou exatamente atraente!

— Você continua linda — diz, me encarando de um jeito que não deixaria dúvidas sobre suas palavras e eu ofego, desviando o olhar.

— Não devia falar essas coisas.

— Eu sei, me desculpe — ele diz cansadamente, andando pela sala como um tigre enjaulado. — Eu não deveria estar aqui.

— Não, não deveria. — Embora não faça nenhum comentário para mandá-lo embora em contrapartida.

Por um momento ficamos em silêncio. Não sei quanto tempo ficamos assim. Gabriel está parado perto das grandes janelas de vidro, de costas pra mim, o sol se põe sobre sua imagem deixando-a cada vez mais indistinta.

Nosso tempo está acabando.

— Laura esteve aqui — digo por fim.

Não fazia ideia se Gabriel sabia sobre a visita que sua esposa me fez.

Ele se vira e seu olhar é surpreso, a resposta se sabia ou não, é respondida.

— Laura esteve aqui?

— Sim. Depois que voltei do hospital.

Gabriel se senta no sofá, chocado.

— O que ela veio fazer aqui?

— Não sei como ela descobriu, se bem que não deve ser difícil, não? Ela me disse que queria me ver, saber se estava tudo bem.

— Eu não fazia ideia. Não sabia de nada!

— Não fique zangado com ela.

— Não estou irritado, estou... chocado. Sempre mantive Laura...

— Protegida — eu completo. — É o que sempre faz, não é? Você a protege.

— O que está querendo dizer? O que foi que Laura te falou?

— Ela me disse que estava doente. Gabriel, por que não me contou?

Ele dá um sorriso nervoso, os dedos castigando os cabelos.

— Não achei... necessário, dadas as circunstâncias.

— Eu entendo que não quisesse me contar nada sobre seu casamento, ou sobre sua esposa, sua vida... realmente não era da minha conta. Eu era só a barriga de aluguel, não? Apenas um contrato.

— Não fale assim...

— É a verdade! O problema foi... — eu mordo os lábios, incerta sobre abordar o assunto, também não querendo recuar. — Depois — completo e ele entende do que estou querendo dizer.

Depois que ficamos juntos. Depois de constatarmos que estávamos mais envolvidos do que seria correto.

— Acho que seria um clichê, não? Muitos caras que têm um caso usam esse papo de “*minha esposa é doente*” — Gabriel refuta com ironia.

— Eu não teria pensado assim, porque é verdade.

— Milly, — ele se inclina em minha direção, os olhos cheios de angústia. — Laura não tem nada a ver com a gente.

— Não? — sorrio com tristeza — Ela tem tudo a ver! É sua esposa! É a mãe deste bebê na minha barriga! Sabe como eu me senti todo o tempo que ela permaneceu aqui? Uma farsa! Uma mentirosa!

— As coisas não são assim...

— E como são? Eu transei com você! Um cara casado com uma mulher que não faz ideia do que está acontecendo...

— Claro que ela não faz ideia! Eu jamais deixaria Laura saber!

— Sim, tem razão. É nosso segredo, não é? Nosso pequeno segredinho sujo — digo, cheia de ironia. — Você não sente culpa? Não se sente horrível quando deita na mesma cama que ela noite após noite? Quando transa com ela...

— Eu não transo com a Laura!

— Como assim?

— Desde que ela piorou... Ela não me permite chegar perto dela dessa maneira. Ela sempre foi muito... vaidosa.

— Ela melhorou, não?

— Faz apenas dois meses que terminou o tratamento. Ainda há os efeitos colaterais.

— Ela me pareceu bem. Apenas um tanto pálida.

— Eu sei. Para Laura, que sempre foi mais linda do que as outras pessoas, estar apenas bem não é o suficiente.

Eu não digo nada. Me parece um tanto impróprio eu saber da intimidade de Gabriel e Laura. Ao mesmo tempo não consigo conter minha dolorosa curiosidade.

— Eu sinto muito — digo por fim. — Deve ter sido horrível a doença dela, sendo tão jovem e depois não podendo ter um bebê. Acho que entendo a situação um pouco melhor.

— Eu disse a Laura que podíamos esperar. Ela disse que queria tentar agora, mesmo com uma barriga de aluguel. Que seria uma garantia que eu teria um filho.

— Ela me falou a mesma coisa.

— E eu encontrei você.

— Você devia ter escolhido uma das mulheres da agência. Não teríamos tantos problemas.

— Talvez tenha razão. Porém eu não me arrependo. — Eu encaro minhas próprias mãos e quase dou um pulo quando Gabriel as toca. Eu encaro seu rosto tão próximo. — Eu quis você. Quis que fosse a... — Ele respira fundo — que fosse a pessoa que teria meu bebê. Não podia ser outra, Milly.

— Eu era a pessoa errada em todos os sentidos e o tempo apenas provou — digo incapaz de soltar sua mão.

— Você não é errada. Você é perfeita. — Sua outra mão toca minha barriga. — Não importa a quantidade de erros que tenham acontecido no nosso caminho. Tinha que ser você.

O bebê se mexe na minha barriga e Gabriel sorri. Eu tenho vontade de chorar, quando ele se inclina e toca meu ventre com os lábios. E, por um momento, desejo que aquele bebê seja realmente meu. Nosso. Meu e de Gabriel.

Que Gabriel seja meu também.

Engulo o nó na minha garganta, quando ele me encara.

— Eu queria tanto que as coisas fossem diferentes, queria... — ele encosta a testa na minha e sinto seu hálito delicioso. Quero tanto beijá-lo que até dói. Se eu deixar que ele me beije, será o meu fim. O nosso fim. Então, com um som estrangulado, eu o empurro.

— Não, Gabriel. Precisa ir embora.

Ele respira fundo e se afasta, se levantando. E acho que ele vai realmente desaparecer.

Ele se volta, me fitando muito sério.

— Eu amo a Laura. Não quero que pense que sou um canalha. Eu realmente a amo.

— Eu sei — afirmo com uma lágrima silenciosa caindo em meu rosto.

— Então por que sinto como se um pedaço da minha alma estivesse sendo arrancado quando penso em nunca mais te ver?

Eu mordo os lábios com força para não romper em soluços.

É horrível ouvi-lo, pois é exatamente como me sinto.

— Vá pra casa, Gabriel. Cuide de Laura. Se você a ama, vai se esquecer de mim. Eu sou apenas a mulher que está gerando seu bebê. Seu e de Laura. Nós nunca devíamos ter deixado nosso... sentimento... ou sei lá o que é isso, crescer tanto. Está errado. Nada mais pode acontecer entre nós.

— Você vai se esquecer de mim?

— Eu vou ter que encontrar um jeito de esquecer.

— Apenas me responda uma coisa então.

Eu espero.

— Você ama o Joshua?

Eu fecho os olhos com força e a resposta que vem na ponta da minha língua me assusta.

Porque eu queria dizer em alto e bom som “*não amo o Joshua como amo você*”.

Me calo em meio ao meu horror.

— Eu também amo o Joshua — respondo por fim. — E é por isso que deve ir e se manter longe de mim.

Gabriel assente e me dá as costas, saindo da casa.

Saindo da minha vida.

Eu não sei quanto tempo passo chorando, me sentindo miserável. Toda a conversa com Gabriel repassando como um filme na minha cabeça e terminando com sua pergunta sobre meu amor por Joshua.

E meu horror por, bem no fundo, saber a resposta.

Embora tivesse respondido que amava Joshua eu sabia que era mentira.

Ou meia verdade.

Eu sempre amei Joshua. E sempre amaria. Mas comparando com meu amor por Gabriel, por mais errado e proibido que fosse, não era nada.

Meu amor por Joshua era apenas uma sombra pálida perante meu amor por Gabriel.

Só que eu nunca teria Gabriel.

Ele pertencia a outra pessoa. Ele tinha outra vida.

E eu tinha Joshua. Sempre tive.

Sempre teria se quisesse.

Teria que ser suficiente, não é?

Pra mim. Para ele.

Para nossa vida.

Não sei quanto tempo depois escuto a porta abrir e os passos de Joshua se aproximando. Tão familiares. Tão seguros.

Ele acende a luz do abajur e a sala se ilumina parcialmente. Ele está sorrindo.

— Oi Milly. — Seu sorriso se desfaz ao ver a marca de lágrimas em meu rosto. — O que aconteceu? Algum problema?

Eu respiro fundo e o encaro.

— Josh, eu quero o divorcio.

Capítulo 19

Milly

— Milly...? O que está dizendo? — Joshua se aproxima e eu vejo a incredulidade e o choque na sua expressão e, por um momento, penso em começar a rir e dizer que tudo não passa de uma brincadeira.

Porém eu havia passado todas as horas desde que Gabriel foi embora pensando em como nossa vida não tinha mais o menor sentido.

Eu havia me apaixonado por outro homem. E só aconteceu apenas por um motivo: eu não era apaixonada por Joshua.

Então como nós poderíamos continuar com aquele casamento? Como podia ser justo para qualquer um de nós?

Já não estava sendo justo pra ele de qualquer forma. E ele nem fazia ideia.

Então eu respiro fundo e tento não chorar enquanto o encaro com seriedade.

— Eu sinto muito, Josh. Você ouviu o que eu disse. Acho que devemos acabar com o nosso casamento.

Ele franze a testa, ainda incrédulo.

— Ainda não entendo o porquê! Ainda está zangada? Por eu ter ido trabalhar com o Abranello? Achei que tivesse me perdoado, já admiti que foi um erro, eu voltei...

— Não é por causa disso...

— Então é a gravidez? Por eu não ter concordado? Estou do seu lado agora, ainda que não concorde...

— Josh, me escute — eu me levanto e me posto na sua frente. — Tudo que falou, tudo o que passamos... é apenas uma parte diante do que realmente estamos enfrentando. O que quero dizer é que... nosso casamento... foi um erro. — Era horrível pronunciar aquelas palavras em voz alta. Admitir que havia errado ao me casar com Joshua.

Era a verdade. Eu ter aceitado a barriga de aluguel sem falar com ele. Joshua ter ido trabalhar com Abranello sem que eu estivesse de acordo. E até meu envolvimento com Gabriel.

Tudo tinha acontecido porque cometi um erro ao casar com Joshua.

Minha mãe sempre teve razão, afinal.

E era duro admitir.

— Você está errada! — Joshua exclama. — Não sei o que está acontecendo com você, porque está dizendo essas coisas, mas está errada! Nosso casamento não foi um erro!

— Josh... — tento tocar seu rosto, ele se afasta.

— Não! Eu sei que a gente passou por problemas, tudo vai ficar bem. A gente está bem, estou arrumando a oficina...

— Sabe que não é verdade. Nós não estamos bem...

— Porque você está grávida de um filho que nem é nosso! Depois que ele nascer, a gente vai seguir com nossos planos! Vamos ter nosso bebê e tudo vai voltar ao normal!

— Está enganado. No fundo você sabe que estou com a razão. Não podemos mais ficar casados. Eu sinto muito...

— Não posso acreditar que queira realmente acabar com nosso casamento! — Sua voz é tão cheia de angústia que me deixa dilacerada. — Eu amo você e você me ama...

— Amo, só não é o suficiente para ficar casada com você. Este amor nunca foi o bastante.

— Foi suficiente para você ficar comigo! Para que engravidasse...

— Nós éramos amigos e sempre gostei de você. Eu acreditei que ia dar certo, que a gente podia ficar juntos e seria perfeito! Porém nós devemos admitir nosso erro e tentar voltar ao que sempre deveríamos ter sido. Amigos.

— Não somos amigos! Somos casados!

— Eu só me casei com você porque estava grávida!

— Foi apenas adiantado! Nós íamos nos casar em algum momento...

— Quem garante? Éramos tão jovens, ainda somos tão jovens... Você poderia conhecer alguém...

— Está falando bobagens!

— E eu também poderia conhecer e me apaixonar por outra pessoa...

— Sempre fui apaixonado por você! Sempre soube que ficaríamos

juntos pra sempre!

— Eu nunca tive esta certeza, Josh — murmuro devagar incapaz de segurar as lágrimas e é aí que Joshua começa a perceber quão sério estou falando.

— Não, está confusa, não pode estar falando sério!

— Eu sinto tanto, mas é sério. Eu devia ter enxergado há tempos, só agora...

— Por que justo agora, Milly? — Ele me encara com o rosto cheio de dor. — O que foi que aconteceu que fez você querer me dar um fora?

Eu desvio o olhar.

— Nada. Só percebi...

— Não, não vou aceitar! — Quando eu o encaro há uma nova resolução ali que ultrapassa a dor. — É essa gravidez. Está toda confusa... Só pode ser! Eu te deixei sozinha, mas vamos dar um jeito. Vou ficar com você e consertar seja lá o que tenha te deixado insegura sobre nós...

— Você não pode consertar, Josh...

— Por que não?

— Porque estou apaixonada por outra pessoa! — A confissão sai dos meus lábios sem que eu consiga deter.

E, por um momento fico tão atordoada quanto Joshua, que me encara com os olhos cheios de horror.

— Oh Deus! — cubro a boca com a mão.

— O que você falou? — Joshua pergunta devagar, como se tivesse ouvido errado.

Por um momento quero realmente rir e dizer que é mentira.

Não posso. Na minha frente está o cara que sempre esteve comigo. Que sempre me apoiou e tentou cuidar de mim do jeito que sabia.

Que confiou em mim sempre.

Eu não podia mais mentir pra ele.

Respiro fundo quando o encaro.

— Eu gostaria de nunca precisar contar a você. Porém, não posso mais mentir.

— Está me dizendo que conheceu alguém? Que tem outro cara que...
— sua voz vai aumentando de tom e tento contê-lo.

— Não é como imagina...

— E como é? Está me dizendo que está querendo me expulsar de sua vida porque está apaixonada por outro cara?

— Sim... — sussurro.

— Você está me traindo?

— Não é bem assim...

— E seria como? Desde quando vem acontecendo? Eu não posso acreditar! Inferno, Milly, olhe pra você? Está grávida... — de repente ele para, me encarando com desconfiança. — Espere... esta gravidez... Meu Deus Milly, diz que não mentiu pra mim sobre a barriga de aluguel... Aquele cara, o tal Gabriel estava aqui... — Joshua parece estar conectando tudo o que sabe em sua mente e entendendo tudo errado. Ou mais ou menos errado.

— Não! Claro que não menti! Este bebê não é meu! É do Gabriel e da sua esposa!

— Então como é que você pode estar tendo um caso? Como pode ser possível? Eu não entendo!

— Ah, Josh... nem eu sei como... não era para ter acontecido! Eu nunca tive a intenção. Era pra ser somente um acordo... — começo a chorar.

— Acordo? O acordo da barriga de aluguel? O que tem a ver...

Eu enxugo o rosto com a mão e o encaro.

— Eu me apaixonei por Gabriel Collins, Josh. — enfim confesso meu maior pecado. — Eu me apaixonei pelo homem que me contratou para ser apenas a mãe de aluguel do seu filho.

Joshua me olha chocado.

— O quê? Deus do céu, Milly! Está tendo um... caso com aquele cara?

— Não, não estou...

— Agora eu entendo! Entendo porque ele estava aqui... Aquela possessividade... Este bebê...

— Não! Eu já disse, este bebê não é meu! Foi uma fertilização! Com óvulos de outra mulher.

— Então você nunca transou com Gabriel Collins?

Eu desvio o olhar e Joshua solta um palavrão cheio de raiva e dor.

— Eu lamento, Josh...

— Como pôde? Aquele cara... Ele é casado! Aquele filho da puta casado está pegando a minha mulher!

— Não fale assim! Você não sabe como as coisas são!

— E como são? Você me traiu com esse cara! Que também é casado!

Eu engulo os soluços e me sento com a mão sobre a barriga para tentar me acalmar.

— Eu preciso te contar tudo desde o começo e gostaria que me escutasse, por favor, Joshua. Acho que você não se lembra, conhecemos o Gabriel quando eu estava grávida.

— O quê?

— Lembra que eu caí e você foi me buscar no hospital? Um homem me ajudou.

— Sim... Era Gabriel Collins? Eu não me lembrava mais, agora...

— Sim, era ele. Não o vi por um longo tempo. Há alguns meses eu o encontrei por acaso na rua e nós tomamos um café.

— E começaram um caso? — Joshua pergunta friamente.

— Não! Não... Enfim, contei a ele que tínhamos problemas financeiros e precisava de um trabalho e ele me confidenciou que estava tentando ter um bebê sem sucesso, que usaria uma barriga de aluguel. Ele não me ofereceu o acordo naquele momento. Apenas disse que poderia me arranjar um emprego.

— Emprego! — Joshua resmunga, cheio de ironia.

— Liguei pra ele e marquei uma hora. Fiquei surpresa ao descobrir que ele era muito rico. Realmente acreditei que ia apenas arranjar alguma colocação pra mim, só que ele tinha outros planos.

— Ele já devia estar com segundas intenções com você...

— Não, Joshua. Não foi assim! — insisto. — Ele me propôs o acordo de barriga de aluguel que na hora achei absurdo.

— E o que fez você voltar atrás e aceitar? Já estava apaixonada por ele? — Joshua não consegue conter a acidez e eu me encolho.

— Sabe o que fez me fez mudar de ideia? Você.

— Eu?

— Sim. Queria que largasse aquele emprego horrível com Abranello! Então aceitei. Pensei que poderia fazer você desistir dele, pois não teríamos mais problema de dinheiro — sorrio tristemente. — E também poderia resolver nossa vida. Poderíamos comprar uma casa, eu voltaria à faculdade e depois teríamos um filho.

— Se era tudo o que queria, por que se envolveu com Gabriel Collins?

— As coisas saíram do controle. Eu nem percebi... Durante todo o processo nos tornamos... próximos. — Eu abaixo o olhar para minhas próprias mãos sem conseguir encarar Joshua. Eu mal conseguia encarar a mim mesma. — Ele sempre estava por perto, em todos os exames, até depois de eu engravidar, ele se preocupava e me ajudava...

— E a esposa dele participava?

— Eu nunca tive contato com ela. Gabriel dizia que era normal.

— Ele deveria estar escondendo você dela porque queria...

— Não coloque a culpa somente no Gabriel. Nós dois erramos.

— Então vocês... se envolveram e começaram um caso?

— Não foi assim. Estava tudo perfeitamente normal e adequado. Éramos... amigos. Toda aquela situação foi nos aproximando e passávamos muito tempo juntos. Ele me ajudou a encontrar esta casa... E então voltei pra cá no Natal depois que nos desentendemos.

Eu mordo os lábios sem saber como contar o mais difícil.

— E ele veio até aqui... — continuo num fim de voz. — E as coisas... aconteceram.

— Vocês transaram.

Não era uma pergunta.

— Sim. Eu juro, Josh, até aquele momento, eu não tinha sequer me dado conta de que estava em perigo. Que eu e Gabriel poderíamos ter alguma atração, que aquilo podia acontecer entre nós, fiquei... chocada...

— Não quero ouvir mais! — Joshua se levanta, andando como um animal enjaulado pela sala e quebra meu coração vê-lo tão ferido. Sei que estou quebrando o dele também.

— Eu pedi para Gabriel ir embora, me senti tão mal. Tão... Arrependida...

— Então está me dizendo que foi algo de momento? Um descontrole momentâneo?

— Sim, mas também foi... como abrir uma cortina dentro de mim. Mesmo estando arrependida de ter traído, por ter feito algo tão errado, percebi que estava apaixonada por ele, senão não teria acontecido. Por causa disto fiz algo que jamais faria.

— E Gabriel Collins também está apaixonado por você? — indaga descrente. Joshua já tinha pintado Gabriel em sua mente como um cara sacana que queria se aproveitar de mim desde o começo.

— Não importa. Ele é casado. Vai ter um bebê. E tudo o que aconteceu entre nós foi um erro. E nós tratamos como tal. Combinamos de nunca mais nos encontrarmos e esquecermos o que aconteceu.

— Ele estava aqui. Nesta casa com você!

— Eu perdi um bebê! Foi esse o motivo de encontrá-lo aqui. Nada mais aconteceu! — Eu não precisava contar mais detalhes dolorosos a Joshua. Ele já sabia o suficiente.

— E agora você resolveu me contar tudo. Para quê, Milly? Para conseguir o meu perdão?

— Não. Sei que não mereço. Eu não tinha a intenção de te contar. Somente decidi que não podemos mais ficar juntos. Que tudo que aconteceu foi reflexo de nossas escolhas erradas. Deste casamento errado.

— Está dizendo que a culpa da sua traição é o nosso casamento não funcionar?

— Sei que é difícil admitir, mas sim. Eu mesma custei a entender! Se fôssemos felizes de verdade, nunca teria me apaixonado por outra pessoa.

— E qual a desculpa do tal Collins? Ele veio com este papo de que não é feliz pra te comer? É por isso que está me dando um fora? O que vai acontecer, Milly? Vai se tornar a amante dele, ou ele prometeu largar a esposa também?

— Gabriel não tem nada a ver com esta conversa! Não me interessam os motivos dele. Ou como ele resolve com ele mesmo ou com sua esposa — corto. — Estamos falando de nós dois. Eu e você.

— Então você não está correndo para o Gabriel?

— Não Joshua, não estou! Eu já disse, ele é casado. Ele terá um bebê! Nós cometemos um erro e estamos trabalhando para esquecer e seguir em frente.

— E ele vai continuar com a esposa dele, não é?

Eu não sabia que doeria tanto ouvir isso, porém doeu.

Sim. Gabriel estava seguindo em frente com Laura.

E eu ficaria sozinha.

— É assim que será.

Joshua fica em silêncio por um longo tempo.

E quando ele me encara, eu vejo desolação e revolta.

— É difícil acreditar que tenha me traído. Que está apaixonada por outro cara. Não sei se consigo perdoar, Milly. É como se você fosse outra pessoa.

— Sei que errei. Mais do que ninguém eu sei. E acho que é justo que saiba a verdade, mesmo que me odeie. Nunca quis te magoar.

— Mas magoou.

— Eu sinto muito.

— Então é assim? É o fim? Você escolheu jogar tudo fora, tudo o que tínhamos, uma vida inteira juntos, por um cara que nunca vai ficar com você? Que a usou para depois jogar para escanteio como um segredinho sujo? O que você vai ter no final de tudo, Milly? Nem o bebê é seu!

As palavras de Joshua doem como um soco na cara.

— Não seja cruel, Joshua. Mais do que ninguém, sei as consequências dos meus erros. Se escolhi te contar a verdade e acabar com nosso casamento é porque quero que você encontre alguém que o ame de verdade. Não quero ficar com você porque é minha única opção, pois o cara que eu amo nunca vai ficar comigo. Somos jovens demais para aceitar algo desse tipo. Já perdemos muito tempo.

Eu me levanto.

— Eu vou ficar sozinha sim. Mas terei a minha consciência limpa. Sou jovem demais pra viver uma vida de mentiras. Vou ter este bebê. Vou entregá-lo aos pais, como deve ser e vou recomeçar a minha vida. Espero que você faça o mesmo e seja feliz.

Eu me afasto e me refugio na biblioteca.

Escuto Joshua se movimentar, subindo as escadas, um tempo depois ele bate na porta, abrindo-a.

— Estou indo embora. É o que queria, não é?

— Será melhor assim.

Ele não diz nada. Sinto que ainda está cheio de raiva.

E nada do que eu disser vai melhorar as coisas. Só o tempo pode curar a mágoa.

Se é que tem cura. Ou perdão.

Eu o vejo se afastar e depois o carro acelerando, levando-o embora

pra sempre e sinto uma dor horrível.

Estou sozinha. Meu relacionamento com Joshua não existe mais. Nem a amizade sobrou.

Pego o telefone com as mãos trêmulas e disco os números conhecidos. Stephanie atende depois de alguns toques.

— Mãe... Pode vir ficar comigo?

Capítulo 20

Milly

Acordo um pouco melhor no dia seguinte, apesar de ter demorado bastante para dormir. Toda a conversa com Joshua sendo repassada mil vezes na minha memória, o tempo inteiro me perguntava se tinha tomado a decisão certa contando tudo a ele.

O que eu poderia ter feito? Joshua não ia aceitar nossa separação se eu não contasse exatamente em que pé estávamos. Foi difícil magoá-lo. E mais ainda saber que provavelmente ele nunca iria me perdoar. Como seria nunca mais ter Joshua na minha vida? Eu o conhecia desde sempre. Éramos amigos inseparáveis desde crianças e não podia deixar de me perguntar se ainda seríamos se nunca tivesse aceitado namorar com ele.

As coisas seriam como sempre deveriam ter sido. Apenas amigos. Joshua provavelmente conheceria outras garotas, talvez se apaixonasse por alguma delas.

E eu?

Será que conheceria outros caras? Me apaixonaria por algum deles? Por mais que eu me esforçasse para imaginar, só conseguia me ver com uma pessoa. Eu só queria uma pessoa.

Só de pensar nele, sinto meu coração se apertar dolorosamente, enquanto me arrasto pela cozinha pensando no que comer. O bebê se mexe inquieto e acaricio a barriga com um sorriso triste.

— Está inquieta hoje, não é? — murmuro pegando um prato e colocando cereal e leite. Eu precisava me alimentar pela criança na minha barriga. A filhinha de Gabriel.

O que ele estaria fazendo nesse momento?

Eu sacudo a cabeça, irritada comigo mesma. Tinha que parar de pensar em Gabriel.

De repente a campainha toca e eu me levanto empolgada. Minha mãe disse que viajaria o mais rápido possível, será que tinha conseguido um voo

durante a noite? Ainda era muito cedo, porém só podia ser ela.

Ao abrir a porta, meu sorriso esmorece ao ver Franchesca Evans na minha frente.

— Franchesca?

— Olá Milly, posso entrar?

Eu hesito me perguntando o que Franchesca poderia querer comigo. Ela já havia terminado o trabalho na biblioteca.

— É... claro. — Faço sinal para ela entrar. — Estou surpresa com sua visita, não me lembro de termos marcado nada...

Ela se vira para mim e seu sorriso cordial desapareceu.

— Eu vi Gabriel sair de sua casa ontem.

— Como é? — pergunto confusa.

Como assim ela viu Gabriel aqui ontem?

— Sim, eu vi. E queria saber o que ele estava fazendo aqui. Achei que nem se conheciam naquele dia em que o encontramos na galeria. Fiquei confusa.

— Espere, Franchesca, confusa estou eu. Como assim você viu o Gabriel aqui?

— Bom, eu vim te visitar e reconheci o carro dele — ela dá de ombros e eu percebo que está mentindo.

Essa é apenas uma das questões.

— E por que veio me interrogar? — pergunto friamente.

— Porque você não me disse que o conhecia quando nos encontramos na galeria. Achei bem esquisito vê-lo entrando na sua casa e permanecendo por horas... — agora ela já não disfarça o veneno na voz.

— E isso te interessa por quê... — deixo a frase cheia de ironia no ar. Franchesca que se danasse.

Quem ela pensava que era vindo na minha casa tirar satisfação? Ela não era nada do Gabriel!

— Porque a esposa dele é minha amiga!

— Ah, e você se esqueceu disto no dia em que o levou pra sua casa e o beijou, não é?

Ela se enfurece.

— Oras, eu...

— Oras nada! Quem pensa que é pra vir na minha casa me interrogar?

— Eu já falei! Sou amiga da Laura! Sei que tem alguma coisa estranha acontecendo! Naquele dia em que o encontramos, eu senti que havia alguma coisa no ar, na hora não me toquei o que era, depois, pensando bem, desconfiei que aquela não era a primeira vez que se viam! O jeito que Gabriel ficou olhando pra você, como olhou pra sua barriga... Foi tudo tão estranho! Então eu não sabia o que fazer pra tirar minha dúvida e resolvi fazer perguntas para o Harrison. — Reviro os olhos sem acreditar que ela tinha feito perguntas sobre mim e Gabriel para o corretor que me vendeu a casa! — Claro que ele não deveria saber de muita coisa, só queria saber como ele tinha chegado a você e qual não foi a minha surpresa ao saber que esta casa era do Gabriel!

— Não, está enganada. Gabriel me disse que quis comprar a casa, mas que Laura não tinha gostado. E a própria Laura me confirmou.

— Vai dizer que não sabia? Gabriel comprou esta casa, disse ao corretor que, como Laura não havia gostado, não iriam se mudar. E então, um belo dia ele liga dizendo que tem alguém que gostaria que visse a casa e ele poderia vender! E vendeu, não é? Por uma ninharia, nem um terço de seu valor real.

Estou abismada com o que ela está dizendo. Por que Gabriel não me contou que a casa era dele?

— E por que ele faria isso?

— Foi o que Harrison perguntou e Gabriel respondeu que era uma amiga muito especial, que sua ideia era lhe dar a casa, mas ela não aceitaria!

— Eu não sabia de nada...

— Hum, até parece que não! Então me veio a pergunta: Gabriel tem essa amiga especial a quem quer dar uma casa, por que seria?

— Franchesca, sei o que está querendo insinuar, está muito enganada! Sim, eu conheço Gabriel há meses e, sabe por quê? Eu sou a barriga de aluguel dele.

Franchesca arregala os olhos.

— Mentira!

— Por que eu mentiria? Eu fui contratada por Gabriel, por isso nos conhecemos e você o viu saindo daqui ontem.

— Quer mesmo que eu acredite?

— Olha pra mim, estou grávida!

— Pensei que fosse do seu marido!

— Eu não devia satisfação a você! É um assunto particular.

— Quer dizer então que tem convivido com Gabriel durante todo esse tempo? Que ele te contratou pra ter os bebês dele e de Laura, quer dizer, não são bem dela, não é? Laura nem tem óvulos que prestem.

— Não fale assim!

— É verdade! O que acho estranho é que Laura me disse que nenhum dos dois tinha contato com a barriga de aluguel, pelo que você está me dizendo era bem íntima do Gabriel... E pelo visto a Laura não faz ideia...

— Continua falando bobagens...

— Ah é? — ela se aproxima de mim com os olhos cheios de malícia. — Sabe o que eu acho? Que teve um caso com o Gabriel! — Eu gelo, as palavras seguintes de Franchesca são piores ainda. — Que este papo de barriga de aluguel é tudo invenção para esconder que engravidou dele!

— Você está louca?

— Eu posso contar a Laura...

— Você pode tentar e só vai ser tachada como louca! — Não posso crer que aquela mulher acredite no enorme absurdo que está dizendo. — Laura esteve aqui. Nós nos conhecemos.

— Não conhece, não...

— Nós realmente não nos conhecíamos antes, depois que eu perdi um dos bebês, ela esteve aqui!

— Ainda temos essa questão do Gabriel te conhecer e esconder da Laura...

— Você é muito venenosa, não é? O que pensa que irá ganhar com toda essa maluquice que está inventando? Será que não tem nenhuma compaixão por sua amiga que acabou de se recuperar de um câncer? Vai mesmo perturbá-la em sua recuperação com o intuito de estragar o casamento dela? Acha que vai ganhar pontos com Gabriel? Ele vai ficar furioso com você e sabe muito bem!

— Você não sabe...

— Sei sim! E sei também que você é uma vaca invejosa e Laura deveria ficar sabendo!

— Ah, sua...

— Chega! Saia daqui — vou até a porta e abro. — Saia da minha casa

e não volte nunca mais!

Ela para na minha frente antes de sair.

— Isto não vai ficar assim...

Eu a empurro e fecho a porta na sua cara.

Meu Deus, como Franchesca Evans pode ser tão louca?

Será mesmo que ela seria capaz de ir até Laura e contar aquele monte de asneiras? Talvez eu devesse ligar pra Gabriel e contar que Franchesca esteve aqui, não seria nada bom que ela tivesse a oportunidade de contar aquela história absurda a Laura.

Estou ainda debatendo sobre o que devo fazer, quando minha mãe chega.

E assim que ela olha pra mim, me faz despejar tudo o que está acontecendo.

E eu conto toda a minha história com Gabriel desde o começo, sem esconder nada.

— Meu Deus, Milly, como foi se meter nesta confusão? — Indaga chocada, quando termino de contar.

— Eu não fazia ideia que ia me apaixonar por ele, mãe. Eu só queria ajudá-lo a ter o bebê que sonhava tanto.

— Ah, será que é realmente tão tola? Você já gostava dele, filha! Se passou por cima de tudo o que acreditava, por cima do Joshua pra engravidar de um filho dele, foi porque queria vê-lo feliz. Era importante pra você vê-lo feliz.

— Eu fiz pelo dinheiro também. E porque queria arrumar minha vida com Joshua para depois ter meu próprio filho.

— Claro. Foi por tudo junto. Se fosse outro homem com esse pedido absurdo, alguém que não conhecesse, um estranho, nunca teria concordado. Por mais tentadora que a proposta parecesse.

Será que ela tinha razão? Será que desde o começo eu já estava envolvida com Gabriel sem nem sequer perceber?

— Não faz diferença agora. Eu cometi um grande erro.

— Sim, ele é um homem casado. E vai ter um filho — ela adota uma expressão pensativa. — Ao mesmo tempo... você não errou sozinha. Ele estava com você. Ele também se envolveu.

— Nós dois erramos. Por isso decidimos não nos ver mais e esquecer

o que aconteceu.

— Claro que seria o certo a fazer. Só que você contou tudo ao Joshua e terminou seu casamento.

— Não podia mais enganá-lo e a verdade é que a senhora tinha razão. Éramos jovens demais e nos casamos pelas razões erradas. Pelo menos tudo isso serviu pra eu enxergar a verdade.

— Sim, concordo com você. Não era saudável ficar num casamento que não estava dando certo. Fico feliz que tenha tomado esta decisão. Foi muito corajosa.

— Foi horrível contar tudo ao Josh. Saber que o fiz sofrer.

— Você está sofrendo também. É melhor ele sofrer agora e depois seguir com a sua vida. E quanto a você, filha?

— Eu vou seguir a minha vida também — digo tristemente e Stephanie me abraça.

— Eu sinto muito, querida. Vai ficar tudo bem. Eu vou ficar com você. Não está sozinha.

Gabriel

Eu acreditava que já tinha sofrido tudo que poderia sofrer em se tratando de Amelia Edwards, estava tão errado.

Toda vez que me despedia dela, era um pouco pior que a anterior.

E em todas elas eu me perguntava se seria realmente a última vez. Ansiava e temia por isto. Eu sabia que seria melhor assim. Nunca mais vê-la. Poder finalmente esquecer...

Ela sempre voltava, de uma forma ou de outra.

O destino sempre conspirava para nos colocar frente a frente de novo.

E toda vez era um inferno e um paraíso.

Tê-la tão perto. Mergulhar em seus olhos castanhos instigantes, sentir o cheiro de seus cabelos escuros e ansiar por senti-lo em minhas mãos, assim como sua pele branca e perfeita, de cuja textura ainda me lembrava sob meus dedos e meus lábios.

Nunca mais a sentiria de perto. A não ser em meus sonhos.

Dirijo sem rumo até a noite cair e, quando volto pra casa, Laura está dormindo.

Eu entro no quarto e a vejo dormir e, como sempre, me sinto aliviado por ela estar bem. Pela doença ter recuado.

Foi um período de dor e incerteza desde que descobrimos o linfoma. Laura era muito importante pra mim, por mais que eu sentisse todos os dias que nosso casamento não era como deveria ser. Como eu ansiava que fosse.

E por que não? Naquela época eu não fazia ideia.

Não sabia que o amor que sentia por Laura não era o suficiente até sentir outro tipo de amor por Milly.

A constatação desse amor veio tarde demais.

Num momento em que nada mais entre nós seria possível. Num momento em que qualquer coisa que acontecesse entre nós seria errada.

Seria traição.

Foi traição.

E desde então eu me sentia num inferno particular.

Eu não podia me separar de Laura. Não agora.

Não quando ela precisava de mim como nunca. Quando aceitou, por mim, ser mãe de um filho que biologicamente não seria seu.

Nós tínhamos um compromisso com nosso casamento. Com a nossa vida dali pra frente.

O tempo inteiro eu me perguntava se seria suficiente.

Ansiava pela chegada da criança que completaria tudo para finalmente ter a vida que planejei lá trás, quando vi Milly Edwards feliz com seu bebê na barriga e almejei aquela felicidade pra mim.

Quando eu finalmente tivesse o filho tão sonhado, estaria perdendo Milly para sempre.

Ela iria embora de vez da minha vida. Seguiria sua própria vida com Joshua Davies. O cara que ela amava. Teria filhos com ele.

Não foi esse o motivo de ela concordar em ter o meu filho?

Eu não deveria sentir uma dor tão grande em minha alma ao imaginar isso. Milly feliz com sua família, com Joshua.

Porque eu queria que ela fosse feliz.

Sim, eu fui bastante egoísta em muitas das minhas escolhas.

Porém sempre quis que ela fosse feliz também. Mesmo antes de descobrir a verdadeira natureza de meus sentimentos por ela.

Ora, eu lhe dei mais dinheiro naquele acordo do que qualquer outra mãe de aluguel receberia. Porque eu sabia que ela precisava, que queria voltar a estudar e ter sua própria casa. Até mesmo lhe vendi a casa que sonhava um dia morar, se é que conseguiria convencer Laura. Eu sabia que Milly ia gostar dela. Éramos tão parecidos de tantas maneiras...

Sim, eu gostava de saber que ela seria feliz depois que nossos caminhos se separassem, pois ela não fazia ideia do que realmente estava me dando.

Tinha que ser ela.

E agora, eu teria que esquecer. E não fazia ideia de como iria conseguir.

Na manhã seguinte, encontro Laura na cozinha à mesa do café da manhã.

— Bom dia. Chegou tarde ontem...

— Sim... Laura, precisamos conversar.

— O que foi?

— Por que não me disse que foi ver Amelia Edwards?

— Como sabe...

— Você esteve na clínica perguntando.

— Eu queria vê-la. Acho que é normal, não é?

— Poderia ter me dito.

— Me desculpe, não falei porque sabia que seria contra! Insiste em me manter afastada!

— Nós conversamos e decidimos que era melhor assim.

— As coisas mudaram! Um dos bebês morreu e eu queria muito ver se estava tudo bem.

— Eu te disse que estava tudo bem.

— Mesmo assim. Acho que está exagerando. Não tem mal nenhum no fato de eu conhecer a Milly. Ela me pareceu muito doce. E fiquei bem mais tranquila.

— Tudo bem. Entendo sua preocupação. Daqui por diante não vai mais manter contato.

— Mas, Gabriel...

— É sério, Laura. Se tiver alguma dúvida, vamos resolver com Max.

— Está certo... Falta pouco tempo, não é?

— Sim, falta pouco tempo...

Minha família aparece naquela tarde e, para nossa surpresa, Samuel vem junto.

Laura muda de humor na hora e eu tento amenizar as coisas entre eles. Como sempre, a tensão está no ar.

Hoje o assunto é a perda de um dos bebês e desfaço a preocupação de todos dizendo que o bebê que restou está bem.

— Ah e nós sabemos o sexo agora. É uma menina — Laura diz e Lucy bate palmas.

— Que bom! Já posso começar a comprar roupinhas cor de rosa!

— E eu poderia pedir a Franchesca para começar a projetar o quarto.
— Laura completa.

— Ainda acho que eu poderia cuidar deste assunto...

— Já conversamos sobre isto, Lucy! — Laura corta.

— E já escolheram o nome? — Henry pergunta.

— Eu pensei em Penélope. — Laura responde o que é uma surpresa pra mim já sequer tínhamos conversado sobre o assunto.

— Não me falou nada — digo e Samuel ri do canto onde está tomando uma cerveja.

— Típico, não é?

— Ninguém pediu sua opinião — Laura resmunga.

— Ei, chega vocês dois. — Henry pede com firmeza.

— Não gosta de Penelope, Gabriel? — Laura pergunta.

— Não disse que não gostava. Sinceramente pensei em fazer uma homenagem a nossa mãe e colocar o nome dela, mesmo que fosse o segundo nome. E não sei se combinaria com Penelope.

Eva cora de prazer.

— Ah, Gabriel, querido.

— Realmente não teria nada a ver — Lucy diz. — Pense em outro nome Laura!

— Sim, vamos ver, temos tempo.

— Pois é, ainda bem que tem tempo para assimilar que ter filhos é mais do que escolher nomes e decorar o quarto, não é Laura? — Samuel diz e Laura lhe lança um olhar mortal.

— Ei, Samuel, não comece — peço e ele resmunga algo e se cala.

Na manhã seguinte, recebo uma visita inesperada em meu escritório.

— Franchesca, o que veio fazer aqui? — Indago com frieza quando ela entra sorrindo em minha sala.

Quando minha secretária anunciou que Franchesca estava à minha espera, tive vontade de pedir para que fosse embora. Conhecendo Franchesca, era melhor ver o que ela queria e despachá-la rapidamente.

— Olá, Gabriel.

— Estou ocupado, então, se não tiver nada de útil pra me dizer, melhor ir embora.

— Laura me ligou ontem. Disse que podemos começar a planejar o

quarto do bebê. Quer dizer, ela me contou que é uma menina.

— Isto é assunto seu e de Laura.

— Ah é? É sempre tão interessado em tudo o que diz respeito a essa gravidez... ou seria na mulher que o carrega?

— O que está querendo insinuar, Franchesca? — Eu me pergunto aonde ela está querendo chegar.

Não me agrada em nada saber que Franchesca tem contato com Milly.

— Eu sei do seu segredinho.

— Que segredo? Do que está falando?

— Bom, já sei que a Milly é a barriga de aluguel, claro.

— Ela te contou?

— Sim, ela mesma me contou.

Eu não podia acreditar que Milly tivesse contado a Franchesca, a não ser que Franchesca a tenha pressionado de alguma maneira.

— Por que ela iria te dizer?

— Fui até a casa dela confrontá-la depois que o vi saindo de lá muito suspeitamente.

— O quê? Como...

— Calma, não te segui nem nada. Mas eu desconfiei de vocês quando nos encontramos na galeria. Fiquei cismada, era como se já se conhecessem... Você ficou todo estranho e interessado nela. Então claro que eu tive que investigar!

— Não acredito que foi capaz!

— Claro que fui! A Laura é minha amiga e se você estava envolvido com outra pessoa...

— Duvido muito que estivesse pensando na Laura!

— Não vou negar que fiquei com ciúmes também — ela confirma, me encarando intensamente. — Você sabe dos meus sentimentos, não é Gabriel? Gosta de fingir que não, mas sabe muito bem!

— Eu sei é que você está se intrometendo em algo que não lhe diz respeito...

— Pode não ser da minha conta mesmo, só acho que a Laura ficaria muito surpresa ao saber que seu marido está apaixonado pela mulher que deveria ser apenas a barriga de aluguel...

— Do que está falando? Não ouse inventar mentiras para Laura...

— Mentiras? Tem certeza que são mentiras? Eu vi o seu olhar! Na hora não entendi, depois juntei todas as peças! E o Harrison me disse coisas muito interessantes... Sobre a casa, por exemplo! Acredito que você não faria o que fez apenas por uma simples mulher contratada!

— Já chega! Você vai parar com essa merda agora! Tudo o que está dizendo são absurdos!

— Não são absurdos e sabe muito bem! Eu ainda não entendi tudo o que anda rolando, existe muito mais do que um simples contrato entre vocês, tenho certeza! E ela também mal consegue disfarçar! Eu vi a paixão no seu olhar naquele dia! Eu vi o olhar assustado dela quando falei sobre vocês e estou vendo seu olhar agora! Sei quando as pessoas estão apaixonadas e querem esconder. É muito óbvio! Tentam disfarçar, mesmo estando ali pra quem quiser ver...

— Você está errada. — digo, me segurando para não gritar que sim, estou apaixonado por Milly e não é da conta de ninguém. Franchesca está ali para me acuar. E com certeza quer algo. Infelizmente não tinha percebido o tamanho do perigo que ela representava até agora. Também já estava farto de sua presença. — Eu não quero mais ouvir o que tem a dizer.

— Ainda não terminei!

Eu me levanto.

— Terminou sim! Você vai sair daqui e nem ouse ir até minha casa perturbar Laura! Se disser qualquer coisa para perturbá-la, acabo com você. E você deve saber que nada vai fazer com que algo volte a acontecer entre nós. Então nem tente jogar sua sujeira em cima de Milly. E uma última coisa. Se você se aproximar dela de novo, vai se arrepender de ter nascido, entendeu?

Eu me inclino e chamo minha secretária por telefone.

— Alba, a senhorita Evans e eu já terminamos, pode acompanhá-la até a saída, por favor?

— Gabriel, eu... por favor... eu não deveria... — Franchesca balbucia percebendo novamente que errou feio vindo me ameaçar.

Eu a ignoro, enquanto Alba entra na sala e ela não tem alternativa a não ser acompanhá-la.

Eu tentei me manter afastado. Juro que tentei.

Prometo a mim mesmo que será a última vez, quando estaciono em frente a casa de Milly naquela tarde.

Preciso vê-la. Saber se está bem depois das ameaças de Franchesca.

Apenas isso.

Saio do carro e toco a campainha. Quem atende é sua mãe, Stephanie.

Ela fica surpresa ao me ver.

— Gabriel Collins.

— Olá, senhora...

— Stephanie, me chame de Stephanie... o que veio fazer aqui? — parece meio fria e eu me pergunto o quanto ela sabe.

— Preciso... ver a Milly.

— Milly não está.

— Não?

— Não. Ela saiu com o Joshua.

— Entendo. — Eu tento esconder a decepção. E o ciúme que nem posso sentir.

— Gabriel, eu não deveria falar nada, afinal não é da minha conta. Mas Milly é minha filha. E eu preciso dizer mesmo assim. Você sabe que não deveria estar aqui, não é? Tem uma esposa e em breve terá um filho, então o que pode querer com a minha filha?

— Eu apenas queria saber se ela está bem — Ela está bem. Estou cuidando dela. Não se preocupe. Se sua dúvida é quanto ao bebê, aquele médico bonitinho, seu irmão, não é? Eu o conheci hoje de manhã quando levei Milly a uma consulta, então, ele pode te confirmar que a gravidez está bem.

— Eu preciso conversar com a Milly.

— Para quê? Para perturbá-la ainda mais? Você sabe que ela está sofrendo. Acha que é justo?

— Eu não quero que ela sofra...

— Eu sei. Então faça o que combinaram e se afaste de vez. Será melhor para todos.

— Sim, tem razão. Eu não deveria ter vindo...

— Veja bem, Gabriel. Eu gosto de você. Acho que desconfiei que alguma coisa podia acontecer entre vocês quando o vi no apartamento dela

naquele dia. Eu disse a mim mesma que estava imaginando coisas! Talvez vindas do meu desejo sincero de que Milly merecesse alguém como você em vez do... Enfim, acho que nada disso interessa. Porque em algum universo paralelo, você seria perfeito para minha filha. No mundo em que vivemos não é possível. Acho que sabe do que estou falando, não é?

— Sim, mais do que você imagina.

— Eu sinto muito por vocês dois, sinceramente. Porém, preciso pedir que vá embora e não volte a perturbar minha filha. Se tiver alguma consideração por ela e, principalmente se tem alguma consideração por sua esposa, fique longe.

— Certo. Tem razão.

Eu me viro e me afasto, sentindo o peso do mundo nas minhas costas. Stephanie tem razão.

Não posso correr para Milly a cada vez que o destino quiser nos juntar.

Se quero seguir em frente, devo deixá-la em paz.

Por Milly. Por Laura. E pelo bebê que iria nascer e que devia ser a razão de tudo.

Vou direto para casa naquele fim de tarde e fico surpreso ao abrir a porta e ouvir vozes acaloradas de Samuel e Laura.

— Você nem deveria estar aqui!

— Eu vou esperar o Gabriel!

— Não vai! Ele está trabalhando e você só está aqui para me irritar!

— O mundo não gira em torno de você! Acha que viria aqui pra ver você?

— Você veio para falar o monte de merda que gosta de dizer quando Gabriel não está por perto!

— Eu digo as verdades que não quer ouvir!

Eu respiro fundo e entro na sala, acabando com a discussão.

— Por que não fico surpreso de estarem discutindo? — digo cansadamente, retirando meu casaco.

— Ainda bem que chegou Gabriel. — Laura quase corre até mim e para minha surpresa, segura meu rosto e me beija na boca.

Escuto Samuel bufar.

— Ei, tudo bem? — encaro Laura quando ela se afasta. Seu olhar está cheio de um receio que eu não compreendo.

— Estaria melhor se o mandasse embora — pede.

— Laura, por favor, não comece. — Me desvencilho dela e vou até o bar.

Como se não bastasse tudo o que aconteceu hoje, lidar com as briguinhas de Samuel e Laura neste momento era demais pra mim. Eu precisava de uma bebida.

— Sam, queria falar comigo? — pergunto, enquanto me sirvo de uma dose de uísque.

— Ele não quer falar nada! Quer apenas irritar como sempre. — Laura corta e Samuel ri.

— Por que não posso conversar com o Gabriel? Talvez eu devesse colocá-lo a par do assunto que estávamos tratando antes de ele chegar? — Sua voz está cheia de provocação.

— Cale a boca! — Laura grita.

— Que assunto? — olho de um pra outro sem entender nada.

Eles estão em silêncio, trocando um olhar cheio de tensão.

E não é surpresa pra mim, porque se olham assim... desde sempre.

De repente algo estala na minha cabeça.

Uma fração de pensamento que dura apenas alguns segundos, apesar de fazer mais sentido do que eu gostaria de admitir.

Eu coloco o copo devagar sobre a bancada e insisto.

— Que assunto?

— Nada — Samuel é o primeiro a relaxar e desviar o olhar.

Eu mantenho o meu olhar preso neles.

Com uma nova e assustadora ótica.

Samuel anda até a porta, passando a mão pelos cabelos e parece um tigre enjaulado.

— Acho que fiquei tempo demais aqui... Eu não sei por que eu ainda insisto... Inferno! — ele para perto da porta, respirando fundo, como se lutasse consigo mesmo.

Eu desvio minha atenção para Laura.

Ela parece aliviada, enquanto solta a respiração e mexe nervosamente em seus cabelos. Suas mãos estão trêmulas e seus ombros ainda tensos. E ela prende o olhar em Samuel quando ele abre a porta pronto para partir.

E então as engrenagens na minha mente param quando reconheço aquele olhar.

Já vi muitas vezes o sentimento exposto naquele olhar.

Em mim mesmo.

Quando olhava para Milly Edwards.

E então entendo o que estava na minha frente o tempo inteiro e me negava a enxergar.

A porta se fecha atrás de Samuel e caminho até Laura encarando-a com um olhar assombrado quando pergunto por fim: — Há quanto tempo está apaixonada por Samuel?

Capítulo 21

Gabriel

De repente eu estou em outro mundo.

Um mundo totalmente diferente daquele em que vivi a minha vida inteira.

Minha vida com Laura.

É como se eu usasse um filtro em meus olhos e, subitamente, ele tivesse sido retirado e tudo a meu redor começasse a fazer mais sentido.

Um sentido assustador e inesperado.

Mesmo assim, um sentido.

Laura me encara com os olhos arregalados por um instante, muito pálida, até que se afasta.

— Não! — Sua voz nega com fervor.

É muito tarde.

Eu estou enxergando.

— De onde tirou esta maluquice? Enlouqueceu? — Ela continua voltando a me encarar. Chega a sorrir. — Sério? Que absurdo Gabriel! Eu e... Meu Deus! É alguma piada? Está sendo irônico?

Permaneço sério enquanto vou em sua direção e seguro suas mãos nas minhas.

— Não, Laura. Eu estou falando muito sério. E preciso que você seja sincera comigo.

— Pare Gabriel, o que deu em você? — Suas mãos nas minhas estão frias e trêmulas e ela tenta se soltar, eu não deixo.

Eu continuo segurando-a e buscando seu olhar, que assustado olha em todas as direções, enquanto balbucia negativas inúteis.

— Laura — digo bem devagar. Quando vencida, ela me olha finalmente. — Você é apaixonada pelo Samuel — repito. E não é mais uma pergunta.

Então Laura desaba.

— Eu não queria... nunca quis...

Perco o ar. Sua confissão velada batendo em mim como um soco no estômago e confirmando minhas recentes suspeitas.

— Ah Deus, Gabriel... — Laura soluça escondendo o rosto entre as mãos, que eu soltei de tão chocada. — Eu sinto muito...

Passo os dedos pelos cabelos com uma súbita vontade de chorar também.

Tantas coisas... tanto tempo... tanta vida.

Tudo errado.

— Shi, está tudo bem — passo os braços a sua volta trazendo-a pra mim, levando-a até o sofá e esperando que se acalme.

Demora algum tempo até que ela me encara, ainda vermelha e arrasada.

Está tudo se desmoronando a nossa volta.

Ela percebe, mesmo sem eu pedir, que preciso saber.

— Você sabe do meu passado, não é? Sabe dos homens da minha mãe... das surras... das agressões... Quando minha mãe morreu e eu fui morar com vocês, jurei que jamais deixaria um homem parecido com eles se aproximar de mim. Até me custou acreditar que existiam homens decentes no mundo. Mas havia Henry Goldman. E você — ela dá um pequeno sorriso triste. — Com você me senti segura pela primeira vez na vida. Não pensava em você como um possível namorado, nem se passava pela minha cabeça. Nem você e nem ninguém. Então a Franchesca apareceu e tudo mudou. Ver você cobiçando-a, dando atenção a ela... Me deixou tão enciumada. Você era meu! Não podia permitir que ela o levasse embora. Então eu comecei a imaginar que se não fosse ela, seria outra. Você ia amar outra pessoa e me abandonar.

— Laura, eu nunca...

— Não... Deixe-me continuar. Eu sei o quão louco parece. Éramos irmãos, se não de sangue, de coração. Mesmo assim, naquela época, até mesmo hoje... eu achava que éramos perfeitos juntos. Você era o tipo de homem que eu ia querer pra sempre na minha vida. Você era perfeito, Gabriel. Então eu te seduzi. — Ela sorri de novo. — E foi realmente perfeito por um tempo. Eu acreditava que seria sempre assim.

— E Samuel chegou. — Completo e, mesmo sem Laura dizer, posso imaginar o que aconteceu.

— Sim, Samuel chegou — Laura confirma. — Eu juro que não esperava aquilo. Inferno, eu nem sabia que... — ela para, ficando vermelha e eu entendo o que ela quer dizer. — É horrível dizer essas coisas pra você... eu me senti atraída por ele. No começo, não entendi direito. Droga, eu nem gostava dele! Samuel me lembrava tanto aqueles homens... Toda aquela agressividade, eu odiava. Suas brincadeiras, suas ironias com meu jeito de ser... Ele me irritava demais! Então, numa noite, desci para tomar água e ele estava na sala assistindo um ridículo filme de ação. Quando passei, ele mexeu comigo, fez alguma piadinha e eu respondi. Ele foi atrás de mim começamos a discutir, como sempre fazíamos, de repente, algo mudou. Foi tão... estranho, do nada estávamos nos beijando. — Ela diz a última frase baixinho e cheia de culpa.

Eu sei de qual noite ela está falando. Da noite em que eu desci e eles estavam discutindo alto. A noite em que Samuel bateu nela.

— Ah, Gabriel, eu sinto muito... — ela respira fundo e está chorando quando me encara. — Nós transamos no sofá da sala dos Goldman. Eu não sei como pôde acontecer... Só sei que me senti tão mal depois e tão culpada! Eu não queria magoar você. Não queria ter transado com o Samuel, sequer sei como chegamos àquele momento. Eu fiquei muito brava depois, mas Samuel parecia... feliz. Ele me segurou e disse que tudo ia ficar bem. Que íamos conversar com você. Iríamos contar a verdade, que estávamos apaixonados e íamos ficar juntos.

Eu escuto toda aquela história com o coração despedaçando.

Tantas coisas aconteceram sem que eu sequer percebesse... Samuel e Laura...

Toda aquela animosidade. Todas aquelas brigas...

Não era nada, senão paixão.

Só que eles não podiam ficar juntos, porque Laura estava comigo.

Alguém que nunca a amou como deveria.

E que também a traiu, no final das contas. Com quantos equívocos tínhamos construído nosso “*castelo*” de mentiras?

Uma revolta fria começa a se apossar de mim.

— E por que não aconteceu, Laura? Por que não me disseram a verdade naquela época? Tem noção de como nossa vida poderia ter sido diferente?

— Por isto mesmo! Eu não queria uma vida diferente! Eu queria

minha vida com você! Samuel era tudo que eu abominava! E, quando ele me bateu naquela noite, tive certeza. Tive certeza que havia tomado a decisão certa ao escolher você.

— Por isto estavam discutindo?

— Sim, eu ri na cara dele. Disse que o que aconteceu foi um erro. Que era pra esquecer e que nunca iríamos te contar nada. Samuel ficou furioso e começamos a discutir, foi quando você apareceu. E você viu o que aconteceu... Por um tempo fiquei com medo que ele resolvesse te contar tudo, então ele recuou. E nós começamos a agir como se aquela noite nunca tivesse acontecido.

— Mas aconteceu, Laura.

— Eu sei, mais do que ninguém, eu sei. Eu sinto muito que tenha descoberto... Eu juro que nunca quis magoá-lo e acho que Samuel também não. Nós cometemos um erro terrível e resolvemos seguir em frente.

— E nós nos casamos — completo.

— Sim, nos casamos — ela sorri por entre as lágrimas.

— Acha que seu maior erro foi ter transado com o Samuel? — pergunto.

— Sim, foi...

— Não, Laura. Se tivesse sido apenas um erro... Você teria esquecido. E nós teríamos sido felizes.

— Nós somos felizes.

— Somos? — Questiono tristemente. — Acredita realmente nisso?

— Todos os casais têm problemas, Gabriel! Eu sempre quis ficar com você!

— Mas é apaixonada pelo Samuel.

— Não, eu...

— Sim, você é. É o motivo das brigas, das desavenças... E ele também ainda é apaixonado por você, não é?

— Gabriel, não faça isto... Essa... coisa com o Samuel não tem a menor importância! Nós, eu e você somos importantes! Nós fazemos sentido!

— Qual o assunto que Samuel falou com você hoje?

Ela respira fundo.

— Ele me disse que você e eu nunca seríamos felizes, que estávamos cometendo um erro tendo um filho, que ele não ia consertar nosso casamento,

porquê... eu não era apaixonada por você.

— E você acha que ele está errado?

— Ele só falou isto para eu te largar! Para... Ficar com ele! É o que ele quer, o que sempre quis, por isso fica me atormentando!

— E você nunca quis ficar com ele, Laura?

— Não! Como poderia? Ele é tudo o que eu odeio!

— No entanto você o ama.

— Para! Eu amo você!

— Não, Laura — finalmente eu entendo. — Você ama o que acredita que precisa. O que acha que posso te oferecer. Nunca fui este cara pra você. Eu nunca fiz você feliz.

— Não! A culpa não é sua! Você sempre cuidou de mim, sempre tentou fazer o melhor, é disto que eu preciso... — ela segura minhas mãos. — Gabriel, sei que não tenho sido a melhor das esposas, que não sou perfeita e talvez seja este o motivo de você ter beijado Franchesca algum tempo atrás, porém...

— Ei, o quê? Como sabe de Franchesca?

— Ela me contou. Acha que ela iria perder a oportunidade? Eu sempre soube que ela queria você. Como também sempre soube que era mais o fato de ganhar de mim do que outra coisa. Ela não tem nenhum sentimento verdadeiro. E foi o que eu disse a ela quando veio me confessar o que tinha acontecido.

— Por que nunca me contou?

— Não adivinha? Como posso ficar ferida com uma traição sua se fiz a mesma coisa?

— Não ficou com ódio dela? Não ficou com ciúmes? Com raiva de mim?

— Não.

Eu sorrio sem humor.

— Não percebe o quão errado é, Laura?

— Não, eu confio em você e sei que pode até se sentir tentado e Franchesca, por não valer nada deve ter provocado, mas você tem um compromisso comigo e com nosso casamento. E é o motivo de eu amá-lo, você é leal a nós. Não importa todos os problemas que passamos.

Eu aperto suas mãos nas minhas.

— Laura, quero que seja feliz. Tudo o que fiz, tudo o que sempre fiz, foi com o intuito vê-la feliz. Percebo agora que não sou eu que tenho o poder de fazê-la feliz.

— Não! Sei que eu e Samuel não fomos leais, mas nunca mais rolou nada entre nós, eu juro! Sempre o mantive longe. Fiquei apenas meio... confusa com as palavras dele hoje. Quero ficar com você!

— Você acha que quer. Mas precisa seguir seu coração. E se permitir ser feliz.

— O que está querendo dizer?

— Você sabe — murmuro, me sentindo triste e aliviado ao mesmo tempo.

Porque tudo, finalmente, faz sentido. O motivo de eu e Laura nunca termos sido felizes.

Jamais seríamos.

Nós nunca fomos apaixonados.

Eu já havia percebido meses antes, mesmo sem admitir totalmente.

Conheci Milly e um mundo diferente se abriu para mim. Uma felicidade real e verdadeira. Porém, eu tinha Laura e meu compromisso com ela.

Um compromisso forjado sobre mentiras. Mentiras de sentimentos.

Laura também amava outra pessoa.

— O erro que você e Samuel cometeram não foi me trair. Foi trair a vocês mesmos ficando separados.

— Não, Gabriel, não... Não pode acabar com nosso casamento... Não posso viver sem você... — Laura começa a soluçar e eu a abraço.

E choro também.

Não sei quanto tempo ficamos ali, até que ela vai se acalmando e adormece.

Eu a coloco na cama e a cubro.

Foi o dia mais longo da minha vida e ainda não acabou.

Eu pego o telefone e ligo para Samuel pedindo que venha para conversarmos.

A conversa com Samuel não é fácil, assim como Laura, ele nega quando eu lhe faço a mesma pergunta, depois que digo que Laura já me

contou tudo, ele acaba confessando.

— Eu juro que nunca planejei nada, cara... quando eu a vi, sabia que sentia algo por ela, depois descobri que estavam juntos. Eu não podia acreditar, não parecia que combinavam, entende? Acho que até cheguei a te dizer na época.

— Sim, acho que eu lembro. Também acho que deveria ter me contado a verdade. Que gostava da Laura.

— Como poderia dizer? Ela era sua garota! E eu sabia que seria confusão tentar roubá-la de você. E achava que ela me odiava. Então, depois daquela noite, vi quão sério era o que sentíamos e quis realmente te contar tudo. Ela não queria. E fiquei puto, começamos a discutir e perdi a cabeça! Sei que não deveria ter batido nela, até aquele momento eu só havia conhecido vadias, se é que me entende. Ao ver Laura negando o que aconteceu, ainda querendo ficar com você, acreditei que ela fosse uma vaca mesmo. E foi assim que quis continuar pensando. Só assim conseguiria me manter afastado. E deixei que ficassem juntos, se casassem. Segui minha vida. Depois que ela ficou doente, fiquei meio... abalado. Não pensei que ainda sentisse alguma coisa, porém fiquei realmente preocupado. Só não voltei porque sabia que Laura não ia me querer aqui e minha presença só traria mais confusão. E depois veio esta história de bebê... Eu não queria que mexesse tanto comigo, quis ver com meus próprios olhos se realmente eram felizes. Se o que tinha acontecido com a gente não foi nada, a não ser um tesão sem sentido. Mas cara... estava tudo errado. E descobri que meus sentimentos continuavam os mesmos e os de Laura também, embora ela tentasse negar. Provocá-la era só para chamar sua atenção... Então hoje falei o que realmente pensava... — ele parece envergonhado. — Me desculpe cara, esse casamento de vocês...

— Não funciona — completo.

E ele me olha surpreso.

— Você sempre soube, não é? — digo. — Sempre soube que eu e Laura não fomos feitos pra ficar juntos, não como um casal.

— Não, eu...

— Acho que no fundo eu também sempre soube, Sam. Nós erramos, eu e Laura. E vocês erraram em não contar a verdade naquela época, muita coisa poderia ter sido evitada. Vocês poderiam estar juntos hoje.

— E quanto a você? Não está puto com a gente? Eu achei que iria

levar umas boas porradas.

Eu sorrio tristemente.

— Estou mais triste por saber que fui eu que fiquei no meio de vocês.

— Cara...

— Eu amo a Laura. Eu quis que fôssemos felizes. Eu me esforcei, infelizmente nosso casamento nunca foi perfeito. Sempre pareceu que faltava algo. Eu acreditava que fosse só comigo, agora, sabendo de vocês... vejo que o erro foi nosso. Eu e Laura não somos apaixonados. Apenas forçamos uma situação.

— Inferno, Gabriel! Por que ficou com ela se era assim? Eu nunca teria permitido, jurava que eram um tipo de casal perfeito!

— Olha como você está sendo incoerente, Sam! Você acabou de dizer que sempre achou que não combinávamos!

— Laura sempre disse que queria ficar com você e passei a acreditar que alguma coisa de bom havia na relação de vocês.

— Nós gostamos um do outro e realmente tentamos, no fim, foi um erro.

— O que está querendo dizer? — Samuel pergunta com cuidado. — O que vai acontecer agora?

— Sou eu que tenho que responder esta pergunta, Sam? Acho que a decisão não é minha. E sim de vocês.

Eu não dormi naquela noite.

Eu me perguntava em que momento a minha vida tinha virado uma comédia de erros.

Laura e Samuel apaixonados. Há anos. Bem debaixo do meu nariz.

O que teria acontecido se eu descobrisse a verdade naquela época? Eu teria ficado com raiva, magoado? Teria lutado por Laura e pelo que acreditava que tínhamos?

Não. É a resposta que me vem.

Eu teria aberto mão dela para Samuel. Eu teria sofrido um pouco sim. No fim, eu veria a verdade. E teria percebido a tempo que eu não era o

homem que a faria feliz.

E nem ela a mulher que me faria feliz.

E o que teria acontecido? Eu teria voltado pra Franchesca, que ficou todos aqueles anos à espreita? Provavelmente não.

Teria ido pra faculdade e conhecido outras garotas, certamente. Poderia me apaixonar por algumas. Ou teria encontrado uma que me fizesse querer algo mais. Que me fizesse querer ficar com ela para sempre.

Ter filhos com ela.

Como seria possível se a única mulher que eu conseguia visualizar era uma que tinha outro cara em sua vida?

— Gabriel?

Eu levanto o olhar e vejo Laura na minha frente. Ainda está linda, embora muito pálida.

Eu sinto um aperto no peito por saber o que acontecerá em breve. Não é fácil nos livrar de certos hábitos.

— Está se sentindo bem? — Pergunto me levantando do sofá, que foi meu abrigo essa noite.

— O que significa isso? — ela indaga num fio de voz vendo as malas na porta.

— São minhas coisas.

Ela engole em seco, sem chorar. Talvez não tenha mais lágrimas para derramar.

Talvez ela já esperasse.

— Tem certeza? Porque eu não quero que se vá...

Eu me aproximo e toco seu rosto.

— É preciso.

— Sei que te magoei, mas...

— Shi, já chega Laura. Não podemos mais cometer tantos erros.

— E nossa filha?

Eu sinto um mal-estar por dentro.

— Vai continuar sendo nossa se assim quiser.

— Por que fala assim?

— Nós dois sabemos que fui eu que insisti nisso. Fui eu que acreditei que um bebê salvaria nosso casamento.

— Você está indo embora.

— Você sabe o motivo. E não adianta a gente achar que uma criança será a solução.

— Se você vai embora, o que vai acontecer? Não temos como desfazer o acordo, Gabriel!

— Claro que não! Daqui alguns meses uma criança vai nascer.

— É sua filha, não é? É o que quer dizer. Não é minha. Nunca foi.

— Não fale assim.

— É o que você está dando a entender!

— Laura, eu acho que nós temos que pensar no que vamos fazer de agora em diante. No que realmente queremos. As prioridades de sua vida vão mudar.

— Mas...

De repente somos interrompidos pelo som da campainha e me afasto de Laura para abrir a porta.

Ela arregala os olhos ao ver Samuel.

— O que está fazendo aqui? Veio jogar na minha cara que Gabriel está me deixando?

— Laura não — eu a impeço de continuar. — Ontem eu e Samuel tivemos uma longa conversa. E acho que agora vocês também precisam conversar.

— E nem adianta me mandar embora porque não irei. — Samuel diz e Laura prende a atenção em mim quando pego minhas malas.

— Não pode me deixar sozinha... — ela choraminga e eu a encaro.

— Não está sozinha — respondo e saio pela porta da minha casa pela última vez.

Agora quem está sozinho sou eu.

Capítulo 22

Gabriel

Dois meses depois A vida às vezes segue um rumo inesperado e se torna algo que nunca imaginamos.

Eu saí da casa que dividi durante anos com Laura naquela manhã me sentindo aliviado e triste.

No fundo, eu sempre intuí que havia algo errado. Mesmo antes de conhecer Milly e me apaixonar por ela.

Eu e Laura lutamos por algo errado. Nós dois juntos não fazia o menor sentido. E saber que ela amava outra pessoa todos esses anos, era muito triste.

Ela teria que assumir seus sentimentos por Samuel, assim como enfrentar seus demônios. Laura lutou contra ele porque achava que Samuel era igual aos homens que fizeram de sua infância um inferno. E foi isso que eu disse a ele naquela noite, quando ele falou que queria ficar com Laura de verdade.

— Você terá que mostrar a ela que não é o cara que ela pensa. Que pode cuidar dela e fazê-la feliz.

— Eu nunca a maltrataria, Gabriel. Tem que acreditar em mim. Naquela época eu estava perdido...

— Eu sei. Laura precisa saber também.

— Eu não sei se ela vai querer ficar comigo...

— Você terá que lutar por ela se a quiser.

Samuel me olhou pensativo.

— Eu ainda não te entendo... Como pode não amá-la? Como pode não estar puto por perdê-la? Eu morria um pouco cada vez que via vocês dois juntos...

Eu tenho vontade de contar a ele sobre Milly. Escolho me calar. Milly não tinha nada a ver com aquele triângulo entre Laura, Samuel e eu. Essa

história começou muito antes de Milly existir na minha vida.

E eu entendia o sentimento de Samuel quando via Laura e eu juntos. Era a mesma coisa que eu sentia ao ver Milly com Joshua.

— Laura é maravilhosa sim. E existe uma parte de mim que vai sentir falta dela. Do mesmo jeito que ela errou, também errei ao acreditar que meus sentimentos por ela eram suficientes. Éramos jovens demais quando ficamos juntos e nos acomodamos. É tempo de fazer o que é certo. Laura ainda pode ser feliz. Ela merece ser feliz.

— Então vai realmente embora.

— Sim.

— E o bebê de vocês?

— É um assunto que teremos três meses pra decidir.

E agora dois meses se passaram e eu estava esperando Laura naquele restaurante.

Nós nos falamos muito pouco nesses dois meses. Eu queria que ela se sentisse livre de qualquer compromisso comigo para poder, enfim, ser ela mesma e fiel ao que realmente queria.

Eu senti mais falta dela do que imaginei. Foram quinze anos de nossas vidas juntos, primeiro como irmãos, depois como namorados e enfim, como marido e mulher.

E eu achei que passaria minha vida inteira com ela, não seria mais assim.

Todavia, ao mesmo tempo, sentia alívio. Não precisava mais sentir aquela angústia de saber que não conseguia lidar com nossa relação como deveria. Era bom finalmente admitir que foi um erro e podermos corrigi-lo.

Agora eu poderia amar Laura como sempre deveria ter sido: como uma irmã.

Lidar com a minha família também não foi fácil. Eu tomei pra mim a responsabilidade de contar a eles tudo o que aconteceu. Obviamente eles ficaram chocados. Pedi que dessem espaço para Laura e Samuel, eles precisavam resolver a vida deles.

Então, todos nós esperamos. Eu ligava pra Laura algumas vezes apenas para saber se ela estava bem. Velhos hábitos.

No começo, ela parecia apreensiva e me deixava antever através de alguns comentários como ia com Samuel.

Parece que eles discutiam muito, se acontecia é porque estavam juntos. Eu não perguntava e nem queria saber de detalhes, era certo que Samuel estava com Laura.

Depois de algumas semanas, ela pareceu mais calma e, da última vez que conversamos, poderia dizer que estava feliz e pediu para nos encontrarmos.

Eu a vejo entrar no restaurante e me levanto. Ambos sorrimos quando ela se aproxima e me abraça por algum tempo.

— Estava com saudade.

— Eu também — respondo simplesmente.

Nós nos sentamos, fazemos nosso pedido e ela me encara quando o garçom se afasta.

— Como você está? Onde está morando?

— Em um flat perto do escritório.

— Oh, Gabriel, tem que resolver as coisas. Não é justo que eu tenha ficado com o apartamento, na verdade Samuel acha... — ela para ficando vermelha, eu levanto uma sobrancelha, mas a encorajo a continuar. — Não sei se devemos ficar falando disso...

— Bom, achei que estivéssemos aqui justamente pra falarmos, não?

— Falarmos sobre...

— Nossa separação — confirmo e ela assente.

— Claro. É só... Ainda é estranha a nova ordem das coisas.

— Achei que estivesse decidida, já que pediu o encontro.

— Eu estava... estou — ela sorri meio trêmula e seguro sua mão.

— Laura, sou eu, lembra? — ela me encara insegura. — Nada mudou. Só não somos mais casados.

— Todo esse tempo... desde que você foi embora... Tive tanto medo que me odiasse. Que um dia acordasse e percebesse que fui muito sacana e nunca mais quisesse falar comigo.

— Nunca vou te odiar.

— Por que você é tão bom comigo?

— Porque quero que seja feliz. Você está feliz?

— Estou — ela sorri e suspira.

E, nesse momento, me sinto feliz também.

— Então tudo ficará bem.

Nossa comida chega e eu a fito por cima do prato.

— Então, qual o plano de vocês?

— Samuel tem muitas lutas na Europa, começarão daqui a um mês.

— E como você se sente em relação a isso?

— Eu não gosto — diz sem rodeios. — Mas não posso pedir que pare de lutar.

— Conversaram sobre o assunto?

— Sim... quer dizer, talvez tenha havido alguns gritos.

Eu rio.

— Algumas coisas não mudam.

— Não...

— Depois fica tudo bem? Com essas brigas e tudo mais? — pergunto com cuidado.

— Eu sei o que quer dizer. Era meu medo também. Mas Samuel não é assim. Agora eu sei. Ele pode parecer bruto às vezes, porém nunca me trata mal, muito pelo contrário. Nós discutimos como iguais. Eu meio que gosto disso.

Eu esboço um sorriso para minha comida e depois a encaro.

— Então, o que vai acontecer? Vai para a Europa com ele?

— Sim, eu vou. Nós combinamos que vou acompanhá-lo até que o circuito termine.

— Parece divertido.

Ela revira os olhos sorrindo. Na verdade, parece mais animada do que quer admitir.

— Veremos. E você, o que pretende fazer? Precisamos decidir, bem... As questões legais.

— Eu já contatei um advogado. Você pode ficar com o apartamento, claro e mais qualquer coisa que queira.

— Eu não quero nada.

— Não, você tem direitos.

— Samuel prefere assim. Ele vai cuidar de mim agora, Gabriel.

— Eu ainda acho...

— Não. Nós já decidimos. Samuel precisa ficar a maior parte do tempo em Los Angeles, então estarei me mudando pra lá, em breve. — Ela

fica reticente de repente. — O que nos leva a outra questão... sobre a gravidez.

Eu respiro fundo.

A gravidez de Milly.

Pensar em Milly como sempre me deixava com um aperto no peito.

O pior de tudo naqueles dois solitários meses foi conter a vontade de ir atrás dela. De contar tudo sobre mim e Laura, confessar que não estávamos mais juntos. Que eu era um cara livre afinal, mas para quê?

Milly não era uma mulher livre. Ela tinha Joshua.

E eu também me perguntava como Laura iria se posicionar sobre o bebê depois que acertasse sua vida.

— Você está indo pra Los Angeles — repito com cuidado.

— Sim... — ela hesita. — Gabriel, eu realmente quis ser mãe do seu bebê. Eu realmente achei que podia ser o que estava faltando no nosso casamento. Que podíamos ser felizes criando essa criança, agora...

— Não faz mais sentido — completo.

— Não é assim! Parece insensível de minha parte dizer, mas...

Eu seguro suas mãos.

— Laura, eu entendo. Como eu disse, foi algo que eu quis mais que você.

— Não quero que pense que eu não queria. Me corta o coração pensar que estou te deixando sozinho...

— Não pense assim.

— Como vai ser?

Sim, como vai ser? Não faço a menor ideia.

Eu queria um filho por várias razões.

Eu desejei a felicidade de Milly e quis completar meu casamento.

E no meio daquela história toda quis muito mais...

Eu jogo aqueles pensamentos para o fundo da mente, sem conseguir lidar com eles ainda.

A questão é que estava tudo mudado e eu não sabia mais como seria o futuro.

— Não deve se preocupar — digo a Laura por fim.

— Mas...

— Laura, por favor. Eu quero que se concentre em sua vida.

— Difícil não me preocupar com você, Gabriel. Pensei até em, sei lá, pedir ao Samuel pra gente ficar com a criança...

— Não! — de jeito nenhum.

— É, imaginei que não ia querer que eu a levasse embora. E nem sei se daria certo comigo e Samuel, afinal, a gente ainda está resolvendo esta coisa de ficar juntos...

— Sim, como eu disse. Tudo vai ficar bem e se resolver com o tempo. Não deve se preocupar.

— Certo. Eu vou esperar que tudo fique bem então.

Nós terminamos o almoço e Laura diz que ela e Samuel irão almoçar com meus pais, Lucy e Max no próximo fim de semana.

— Você irá?

— Não. Acho que é melhor esperar um tempo.

— Sim, talvez tem razão.

Nós nos levantamos e eu a abraço na porta do restaurante.

— Ah, Franchesca descobriu ontem que nos separamos.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Só ontem?

— Eu a evitei todo este tempo, ontem ela bateu lá em casa e eu acabei contando. Sinceramente, acho que faltou pouco pra ela soltar fogos.

— Ela nunca foi sua amiga de verdade, sinto lhe dizer.

— Eu sei agora. E quero distância. E eu aconselho você a ficar longe dela também. — Ela segura minha gravata, muito séria. — Vou ficar muito irritada se namorar com a Franchesca, sabe disto, não é? Por favor, acho que aguento qualquer uma com você, embora saiba que sempre sentirei um pouco de ciúmes, menos a Franchesca. Nunca!

— Quanto a isso pode ficar tranquila.

Ela sorri.

— Vai ser estranho.

— O quê?

— Vê-lo com outra mulher...

— Acho que não terá que se preocupar com isso tão cedo — digo de modo sombrio.

Nenhuma mulher me interessava. A única que eu queria estava fora do meu alcance.

De repente tenho vontade de contar tudo a Laura. De alguma forma, ela merece saber.

Recuo.

Ainda não. Talvez um dia.

Nós nos despedimos com um último aceno e volto para o escritório.

Qual não é minha surpresa ao encontrar Franchesca Evans me esperando na minha sala.

— O que está fazendo aqui?

— Nossa, esse lá é jeito de receber uma amiga?

— Neste momento estou pensando seriamente em demitir minha secretária.

— Ah, ela não tem culpa! Eu estava esperando aí fora, quando ela saiu para o almoço, aproveitei e entrei.

— Não devia ter feito isso.

— Me desculpe, posso ter exagerado, estava cansada de esperar lá fora e aqui é mais confortável — ela sorri.

— O que deseja Franchesca?

— Por que só hoje fiquei sabendo que você e Laura se separaram?

— Talvez porque não seja da sua conta.

— Ah, como não? Sou amiga de vocês há anos! E Laura tem me evitado nestes dois meses, devia ter imaginado que havia algo errado...

— Então veio aqui para confirmar? Sim, eu e Laura nos separamos.

— E ela te trocou pelo Samuel, não é? Quem diria...

— Franchesca, realmente não quero conversar sobre esse assunto com você, acho melhor ir embora.

— Tudo bem, tudo bem! Desculpe-me se fui insensível. Enfim seu casamento agora é coisa do passado, então vim te convidar para jantar comigo hoje.

— Não, obrigado.

Ela se levanta e vem deslizando em minha direção.

Lá vamos nós...

— Gabriel, não vê que agora nós estamos livres? — Suas mãos

grudam em minha camisa.

— Não vai rolar nada entre nós — eu retiro suas mãos de mim, ela continua a se insinuar.

— Por que não? Está solteiro, podemos sair e nos divertir. Sem nenhuma pressão, prometo...

— Franchesca, por favor, pare de se humilhar — eu seguro seus braços e a afasto. — Eu disse não, que inferno! Não quero nada com você! Não pense que porque me separei da Laura, iremos ficar juntos!

Ela finalmente para e me encara com raiva.

— Então é assim?

— Sim, acho melhor ir embora.

— É a barriga de aluguel?

— Do que está falando?

— Da tal Milly Edwards, claro! É por causa dela?

— Isto não tem nada a ver com Milly.

— Tem sim! Você estava louco por ela! E que coincidência, justamente quando ela se separou, você também...

— O quê? — balbucio surpreso.

Como assim Milly se separou?

— Milly se separou?

— Sim, ela deu o pé na bunda do marido dela. Vai dizer que não sabia, fala sério, Gabriel!

— Gabriel... — Alba entra na sala nos interrompendo e então vê Franchesca. — Oh, me desculpe... A senhora continua aqui! Pensei que tivesse ido embora...

— Na verdade Franchesca está de saída. Acompanhe-a até a saída.

— Mas, Gabriel... — Franchesca me encara confusa, eu não lhe dou atenção.

Escuto os passos se afastando com minha mente dando voltas.

Milly se separou de Joshua? Há quanto tempo?

E como é que eu não fiquei sabendo se até Franchesca sabia?

Eu mal consigo pensar direito. Talvez seja um engano.

Sim, Franchesca estava louca e realmente não tinha como ela saber...

E se fosse verdade?

Com a mente a mil, pego a chave do carro e saio da sala. Ao passar por Alba, peço para ela desmarcar todos meus compromissos do dia.

Eu adiei aquele momento durante os últimos dois meses. Me preocupei em ajeitar a minha vida sem Laura, tentando não pensar em Milly.

Do que adiantaria?

Eu não estava mais casado, mas ela ainda estava.

Continuava proibida pra mim.

Agora...

Eu saio do carro em frente a sua casa e caminho até sua porta, tocando a campainha.

Não sei o que esperar e me pergunto se Franchesca disse a verdade.

E o que vai acontecer se for realmente verdade?

Alguns segundos se passam até que a porta se abre então eu a vejo.

Milly

Penso que estou tendo algum tipo de alucinação causada pelos hormônios, quando vejo Gabriel na minha porta.

Ele parece bem real quando sorri pra mim. Aquele sorriso lindo que assombra meus sonhos.

E eu me seguro na porta para não me transformar numa poça no chão. Meus joelhos estão trêmulos e meu coração batendo loucamente no peito.

— Gabriel! — digo, ainda pensando que ele vai se desfazer na minha frente.

— Oi, Milly.

— O que... O que faz aqui?

Sei que pareço incoerente, inferno, faz dois meses que não o vejo.

Dois meses que ele saiu da minha casa levando um pedaço do meu coração.

Me deixando arrasada e sabendo que eu não podia mais continuar casada, pois estava apaixonada por ele.

E, mesmo depois que Josh fora embora, eu não fiz nada além de tentar me conformar com o fato de que estava sozinha. Que a mim só restava cuidar daquela criança na barriga para depois entregá-la a Gabriel. Para que fosse finalmente feliz com outra pessoa.

E eu seguiria minha vida.

Minha mãe dizia que, em algum momento eu iria esquecer, eu voltaria para a faculdade e conheceria outra pessoa. Que iria me apaixonar de novo.

Por enquanto, eu apenas sofria em silêncio e esperava os meses passarem. Minha barriga cada vez maior. Encontrando Max toda semana para os exames, mordendo os lábios para não perguntar sobre Gabriel.

Ansiando que ele estivesse em alguns daqueles exames, para que eu pudesse pelo menos vê-lo de longe...

Não. Ele sumiu. Desapareceu da minha vida. Deixando-me somente com as lembranças. E eu quase podia pensar que ele nunca existiu, não fosse o bebê na minha barriga.

— Posso entrar? — ele pergunta depois de um momento de silêncio constrangedor.

Eu deveria pedir que ele fosse embora, não pedi.

A quem eu queria enganar? Eu estava exultando por dentro.

E que mal podia haver?

Provavelmente ele estava ali para saber da gravidez. Era seu direito.

— Claro. — Faço sinal para ele entrar e vamos para a cozinha. Me sinto mais segura lá.

Nada de lembranças naquele cômodo...

— Quer um chá? — pergunto, me virando pra ele. A mesa entre nós.

— Laura me deixou.

Suas palavras ficam suspensas no ar por alguns segundos e eu realmente acho que não ouvi direito.

Ou tudo aquilo faz parte de um sonho louco e irei acordar a qualquer momento.

— O quê?

— Para ficar com meu irmão.

Eu mal respiro, absorvendo a notícia.

Gabriel se separou.

Gabriel não está mais casado.

Ah. Meu. Deus!

Que eu não acorde nunca mais se for um sonho...

— Há quanto tempo? — pergunto ainda atordoada.

— Uns dois meses.

Puta merda, Gabriel tinha se separado há dois meses?

Como não fiquei sabendo?

Eu não sei o que fazer. Não sei o que falar.

Na verdade, se eu não estivesse grávida, sairia fazendo piruetas pelo chão.

No entanto eu precisava manter minha mente no lugar.

— Você disse... Pelo seu irmão? — finalmente processo o resto da informação.

— Aparentemente eles sempre foram apaixonados, não queriam magoar meus sentimentos.

Eu fico chocada. Laura deixou Gabriel pra ficar com o irmão dele?

Como ela podia trocar Gabriel por outra pessoa, ela era louca?

— Sinto muito. Você está triste? — pergunto, preocupada com ele.

Querendo saber mais, não ousando perguntar.

— Sim... não tanto quanto deveria estar. Acho que no fundo fiquei... aliviado.

— Não ficou com raiva deles?

— Um pouco. Acho que fiquei irritado comigo mesmo por não ter percebido. Os sinais estavam todos lá.

— Sinto muito — e realmente sinto. Gabriel era devotado a Laura.

E ela o tempo inteiro gostava de outra pessoa.

Quão triste era?

— Além do mais, acho que entendo um pouco sobre esconder sentimentos — ele diz.

— Eu também.

Então ele está se aproximando de mim.

— Fiquei sabendo que não está mais com Joshua.

De repente, entendo por que ele está ali.

E meu coração começa a disparar de novo.

Oh Deus, como o mundo pode ter mudado tanto em tão pouco tempo?

Há alguns minutos eu estava infeliz e sozinha.

E agora Gabriel está aqui.

E livre.

E eu também.

Sinto dificuldade de respirar.

— Sim, nós nos separamos. Há quanto tempo sabe...?

— Soube hoje.

— Ah... — eu lamento.

— Quando foi, Milly?

— Desde a última vez que você esteve aqui. Eu simplesmente não podia mais...

— Você disse que o amava — ele está tão próximo agora.

— Sempre vou amar o Joshua — fecho os olhos e sinto seus dedos no meu rosto. — Só não como eu amo você.

Então ele me beija.
E nada mais importa.

Capítulo 23

Milly

É como voltar para casa.

As mãos de Gabriel acariciam meu rosto suavemente, enquanto ele me beija devagar.

Não há pressa. Não há temor.

Pela primeira vez, nós dois juntos é muito certo.

Esboço um sorriso em seus lábios e ele se afasta, suas mãos permanecendo em meu rosto.

— Está mesmo acontecendo? Estamos juntos e não é mais errado?

— Sim, está — ele sorri lindamente e sinto meu coração dando um salto mortal no peito. — E amaldiçoo os dois meses que passou sozinha sem que eu soubesse.

— Eu também não fazia ideia que tinha se separado.

— Você podia ter me dito o tempo todo eu achei...

— Por que eu te diria? Resolvi me separar do Joshua porque não podia mais ficar com ele estando apaixonada por outra pessoa, então decidi contar a verdade.

Ele fica sério, tirando as mãos de mim.

— Você contou tudo ao Joshua?

— Sim — dou um passo para trás. — Você não contou nada a Laura, não é? — pergunto, mesmo já sabendo a resposta.

— Não, não contei. Como eu te falei, nossa separação foi porque ela e Samuel estavam apaixonados.

— Oh... — eu mordo os lábios, incerta sobre como me sinto. Gabriel não se separou por mim.

Será que faz mesmo diferença? Ele está aqui, não está?

De repente algo me ocorre.

— Como soube sobre mim e Josh?

— Franchesca me contou.

— Franchesca? — sinto um mal-estar só de ouvir aquele nome. — Como diabos ela sabia? E por que ela te contaria?

— Não faço ideia. Ela parece ter desenvolvido uma curiosidade exacerbada sobre nosso relacionamento.

— Posso imaginar o motivo... — resmungo com certa irritação crescendo em mim.

Gabriel estava separado há dois meses.

E o que teria acontecido nestes dois meses? Por que Franchesca ainda o rondava?

Ou havia algo mais?

— Aparentemente você e Franchesca continuam muito próximos.

— Ah, Milly, por favor, não coloque ideias na sua cabeça — agora ele parece irritado.

— Quer que eu pense o quê? Aquela mulher corre atrás de você há anos! Ela esteve aqui me ameaçando, inclusive!

— Eu sei.

— Sabe?

— Sim, ela esteve no meu escritório na mesma época. Eu vim na sua casa saber se estava tudo bem, mas sua mãe...

— Espera... esteve aqui? Quando?

— Não sei bem quando foi... Sua mãe estava sozinha na sua casa e me disse que tinha saído com o Joshua.

Eu finalmente me lembro quando foi.

E minha mãe não havia mentido, eu realmente saí com Josh naquela tarde. Ele apareceu pedindo para conversar. Eu fiquei apreensiva no começo, mas ele insistiu, afinal, tínhamos assuntos práticos para resolver.

Para evitar a curiosidade de Stephanie, eu insisti para que fôssemos conversar em outro lugar.

No final, ele me disse que iria vender a oficina e voltar para Olympia.

— Josh, não deve fazer isto! A oficina é sua!

— Não Milly. O dinheiro investido lá é seu.

— Não. É nosso!

— Nunca pensei assim. Eu quis aquele negócio porque você queria! E sabe que acabei vindo para Seattle porque você insistiu! Minha vida não é aqui. Vou voltar pra Olympia. Lá eu tenho meus amigos, posso arranjar algo.

Vou recomeçar minha vida.

Ele pareceu muito triste naquele momento e fiquei triste também. Ainda era difícil imaginar minha vida sem ele. Eu teria que me acostumar. Para o bem de nós dois.

Foi a última vez que o vi.

Eu ficava sabendo como ele estava por meu pai, que não sabia detalhes da separação e não emitia opinião. Acho que no fundo ele sempre desconfiou que fôssemos terminar assim.

Ben só ficou preocupado por minha permanência, agora sozinha, em Seattle, acabou se tranquilizando quando Stephanie garantiu que ficaria comigo até o bebê nascer.

É estranho agora imaginar que eu esperava e temia o dia da chegada do bebê de Gabriel. Porque significava cortar o último vínculo com ele e eu teria que seguir minha vida.

Agora ele estava aqui. Comigo.

E havia infinitas possibilidades a minha frente.

— Sim, eu saí com Joshua — confirmo — Tínhamos assuntos sobre a separação para tratar. Minha mãe nunca me disse que estive aqui.

— Eu posso entender o porquê. Ela não gostou muito de eu ter vindo.

— Eu sei, ela queria que eu te esquecesse.

— Ela queria te proteger.

— E eu ainda não entendi como a Franchesca se encaixa nessa história. Imagino que ela deve ter dado pulos de felicidade com sua separação — digo, cheia de ironia.

— Ela não ficou sabendo na época.

— Como não?

— Depois que eu a enxotei do meu escritório, ela não me procurou mais. Sabia que eu estava com raiva por ela ter feito aquelas insinuações sobre nós. E a Laura a estava evitando. Acho que a Laura sacou há muito tempo a espécie de amiga que Franchesca era. Afinal, ela contou a Laura sobre o beijo que trocamos.

— O quê?

— Pois é. E Laura não me falou nada.

— Que estranho. No lugar dela eu teria cometido um assassinato — rosno, imaginando Gabriel beijando Franchesca novamente. Eu mataria

aquela loira falsa com minhas próprias mãos e depois ele teria que se ver comigo também.

— Sim, muitas coisas eram estranhas entre mim e Laura — ele passa os dedos pelos cabelos pensativamente.

— Você não precisa me dizer...

Ele esboça um sorriso triste e segura minha mão.

— Quero te contar. Eu preciso.

— Tudo bem.

Eu o levo até a sala e me sento no sofá. Gabriel senta do meu lado e começa a narrar sua história com Laura.

E em alguns momentos tudo me parece muito familiar. Digo a ele, que me encara confuso.

— Eu também fui amiga de Josh por muito tempo, antes de sermos namorados. Assim como você e Laura, acho que nunca deveríamos ter mudado o nosso relacionamento. Se bem que acredito que nunca teria chegado ao casamento se eu não tivesse engravidado sem querer.

Gabriel aperta minha mão.

— Pode parecer estranho o que vou dizer, mas eu sinto muito por você e Joshua. Mesmo estando feliz por não estarem mais juntos, sei que você gostava dele.

— Claro que sim. Porém eu errei achando que podíamos ser mais que amigos. Eu tentei porque o amava, porque o queria na minha vida. E depois fiquei grávida e tudo aconteceu muito rápido. Mesmo assim tive medo e dúvidas, só que havia meu bebê. E acreditei que compensava tudo, afinal. E, quando o perdi, tudo ficou estranho. Acredito que, mesmo antes de eu te conhecer, as coisas já estavam perdidas. Eu só não tinha coragem de admitir.

— Deve ter sido difícil contar tudo a ele...

— Foi horrível. Embora tenha me sentido aliviada depois. Joshua não iria querer ir embora se não soubesse que eu gostava de outra pessoa.

— Ele amava você.

— Na verdade ele acha que ama, vai acabar percebendo que nunca foi suficiente. E eu espero que conheça alguém que o complete de verdade. — Toco seu rosto. — Assim como eu tenho você.

Ele sorri e beija minha mão.

— Eu te amo, Milly. Tanto que nem sei como é possível.

— Vamos ficar juntos, não é? — pergunto querendo ouvir da boca dele que era realmente possível depois de tanta adversidade.

Ele toca meu cabelo e me puxa para mais perto, encostando a testa na minha.

— Eu quis você desde aquele dia em que caiu na frente do meu carro. Só não tinha me dado conta. Naquele dia achei que queria apenas aquela sua felicidade incrível. No fundo, eu queria você. E saber que agora é possível... Sim, vamos ficar juntos, Milly Edwards.

Suspiro e enrosco meus dedos em seus cabelos macios, apenas respirando no mesmo ritmo que ele, deixando que todo o amor guardado dentro de mim, num lugar bem escondido do meu coração, finalmente fosse libertado.

Então sinto uma pontada na minha barriga e me afasto, finalmente me lembrando de um detalhe muito importante.

— Gabriel... E o bebê? Como vai ser? Oh meu Deus! — Coloco a mão na boca me dando conta de que Gabriel e Laura iam ter uma filha, afinal de contas. — O que vai acontecer? O que Laura...

Ele respira fundo e se afasta, se levantando e passando os dedos pelos cabelos nervosamente.

— Gabriel, é sério! Você e Laura vão ter um bebê! E ela está indo embora com seu irmão!

Ele não diz nada e fico tensa.

— Gabriel...? — eu o chamo, me movendo para levantar, ele se vira e se aproxima, ajoelhando na minha frente. — O que foi? Você e Laura fizeram algum acordo...?

— Milly... Como você se sentiria se tivesse que criar o bebê comigo? Eu abro a boca surpresa.

— Eu? Mas...

— Laura está indo embora para Los Angeles com Samuel.

— O bebê é dela também.

— Ela nunca o quis como eu. Nós já conversamos sobre isto.

— Ela não quer mais...? — Coloco a mão sobre a barriga protetoramente.

— Ela tem outra vida para construir.

— Bom... Acho que posso entender... Então... você vai ficar sozinho

com sua filha?

Ele toca minha barriga.

— Milly, preciso te confessar uma coisa.

De repente sinto um calafrio de medo. O olhar de Gabriel é assustado.

— Gabriel, o que foi? Pensou que eu não ia querer o bebê? Claro que eu quero! Acho que já a amo de certa forma, pois é sua, com certeza quero criá-la com você! Mesmo não sendo minha...

— Milly, ela é sua.

Por um momento penso não ter ouvido direito.

Gabriel me encara com um olhar não só assustado agora.

Existe culpa também.

— O que disse?

— Esta criança que espera é sua, Milly.

— O quê? Como... Não! Estou só gerando este bebê, o óvulo é de uma desconhecida...

— Não. O óvulo utilizado é seu.

Olho Gabriel com horror, ainda acreditando que não pode ser verdade...

— Eu menti pra você. Pedi que usassem seus óvulos. Queria gerar esta criança com você. Queria ter um filho com você. A criança que espera é nossa, Milly.

Eu paro de respirar quando finalmente compreendo.

Capítulo 24

Milly

Escuto um zumbido no meu ouvido e as palavras de Gabriel se repetindo em minha mente.

“Eu menti... seus óvulos...a criança que espera é nossa...”

— Não pode ser... não é possível... Eu estive na clínica, fiz a fertilização... — ainda procuro algum sentido... O que Gabriel está me dizendo é simplesmente impossível...

— Não foi uma fertilização. Foi uma inseminação.

Eu luto para organizar os pensamentos.

— Com meus óvulos?

— Sim. Seus óvulos. Meu sêmen.

Fecho os olhos quando não posso mais ver a verdade crua nos olhos de Gabriel.

Ele está dizendo a verdade.

Não houve fertilização com o óvulo de uma estranha. Por algum motivo que foge a minha compreensão, mentiram para mim.

Aquele bebê crescendo em meu útero era biologicamente meu.

A realidade bate em mim como um soco no estômago e sinto minha mente girando.

— Oh Meu Deus...

— Milly, acalme-se. — Gabriel toca minhas mãos geladas e abro os olhos para vê-lo me fitando angustiado.

— Calma? Você está dizendo que mentiu pra mim! Está dizendo que fui enganada, que utilizou meus óvulos sem meu consentimento... Oh meu Deus... Todo este tempo eu não fazia ideia...

— Milly, por favor, eu sinto muito, sei que errei...

— Errou? — De repente o choque dá lugar a uma revolta extrema dentro de mim. — Você tem noção do que fez, Gabriel?

— Eu sei que não devia, por favor, precisa me ouvir. Eu não

conseguia aceitar nenhuma daquelas mulheres. Todas pareciam inapropriadas e erradas. Enquanto você... queria que meu bebê fosse feito por você...

— Oh Meu Deus, você está louco? — Começo a chorar sem conseguir me conter e afasto suas mãos, me levantando do sofá. — Eu nunca quis! Eu te disse que nunca iria permitir! — grito e vejo dor nos olhos de Gabriel.

— Eu sei que nunca quis ter um filho comigo, acho que fiz em segredo por quê?

— Eu concordei em ser apenas a barriga, Gabriel! Nós tínhamos um acordo! Por que me enganou deste jeito?

— Eu estava perdido! Eu queria tanto esse bebê que, quando estava tudo pronto, simplesmente não fazia sentido! E quanto mais eu te conhecia, mais queria que fosse você. Eu te pedi, não lembra? Eu te perguntei se aceitaria...

— Eu disse não!

— Eu sei. Eu até tentei seguir adiante, não consegui. Eu pensei que se você nunca soubesse... não faria diferença.

— Ah Deus, Gabriel! — cubro minha boca com as mãos, com vontade de gritar.

Aquilo não podia estar acontecendo...

— Como pôde ser tão egoísta? Tão vil, tão monstruoso? — eu o encaro como se não o conhecesse.

Aquele homem que surgiu na minha vida como um anjo. Que foi meu amigo e por quem eu senti uma conexão inexplicável a ponto de concordar em ser a barriga de aluguel do seu filho...

Aquele homem foi capaz de me enganar da forma mais cruel possível.

O homem pelo qual eu estava apaixonada.

Eu não o conhecia. Eu não fazia ideia do que ele era capaz.

Sinto toda a felicidade conquistada nas últimas horas depois que ele apareceu e que eu julgava ser eterna, se esvaindo pouco a pouco, no seu lugar ficando apenas uma decepção e um vazio terrível.

Ele vem em minha direção com os olhos atormentados e cheios de culpa.

— Milly, por favor. Me escute. Quando eu fiz, não sabia que iria me apaixonar por você, que teríamos alguma chance de ficarmos juntos de

verdade... só queria salvar meu casamento e fazer Laura feliz.

— Claro, você achou que estava tudo bem me enganar e dar meu filho para Laura! E eu nunca ficaria sabendo!

— Não foi assim! Inferno, eu não estava pensando direito. Eu sentia essa vontade insana de ter um filho com você, como se nada mais fizesse sentido e acreditei que era o único jeito. Você nunca saberia, então não sofreria.

— É algo tão cruel, Gabriel...

— Max me disse que eu estava louco. Eu insisti e usei a doença de Laura para convencê-lo. E mesmo achando errado, ele fez.

— Max é tão desumano quanto você! Talvez até pior, ele é médico e concordou com essa barbaridade!

— Ele me atormentou todo este tempo, me dizendo que eu tinha que contar a verdade a você e Laura... Eu juro que em alguns momentos quis fazer isso. Quando mais próximo eu ficava de você mais eu queria contar, mas sabia que iria mudar tudo. Que você me odiaria.

— Sim, eu te odeio agora. Eu tenho nojo de pensar no que você fez...

— Eu sinto muito...

— O que fez não tem perdão, Gabriel...

— Milly, por favor. — Ele tenta me tocar, eu me afasto.

— Saia daqui! Vá embora!

— Milly.

— Vá embora! — grito e neste momento a porta se abre e Stephanie aparece.

— Ei, o que está acontecendo? — ela olha de mim para Gabriel com um olhar surpreso que se transforma em preocupação quando me vê chorando. — O que aconteceu? Milly, filha... — ela me segura e encara Gabriel. — O que você fez com ela?

— Eu...

— Saia daqui, Gabriel, apenas... Desapareça da minha frente — soluço e minha mãe me aperta mais.

— É melhor ir embora, seja lá o que tenha aprontado!

Eu apenas escuto os passos de Gabriel se afastando e sinto mais dor.

Estava tudo acabado.

Gabriel

Era incrível como num momento eu parecia ter o mundo e no outro, não tinha absolutamente nada.

Eu dirijo sem rumo, sentindo lágrimas de frustração e dor, rolarem por meu rosto, só queria poder voltar no tempo e fazer tudo diferente.

As palavras de Max, ditas há tantos meses, me assombram, fazendo eco em minha culpa.

— Você não pode brincar de Deus.

— Não é minha pretensão. Quero apenas ter um filho.

— Não, você quer ter um filho com uma mulher que não quer a mesma coisa! — suas palavras doem em mim.

Eu estivera na casa de Milly no dia anterior disposto a implorar para ela ser a mãe do bebe. A mãe de verdade.

Depois de dias tentando encontrar uma doadora, eu simplesmente não conseguia aceitar nenhuma. Nenhuma fazia sentido.

Milly havia dito, outra vez, que não estava disposta. Ela amava seu marido e queria ter um filho com ele.

Eu era só o cara que estava lhe pagando para ser barriga de aluguel.

Mesmo assim, eu continuava com aquela ideia fixa. Pensei em recuar e desistir de vez. Nada mais de bebê pra mim.

Isto implicava em nada mais de bebê para Laura também. E ela estava tão doente...

Como eu podia voltar atrás agora? Então me veio aquela ideia.

E se Milly nunca soubesse? Ela teria o dinheiro que precisava pra seguir sua vida. Poderia ter seu filho tão aguardado com Joshua.

E eu ficaria com um pequeno pedaço dela.

Um filho nosso.

Ninguém saberia, somente eu. Era o bastante.

Sabia que era errado. Claro que sabia. Mas era tão sedutor...

Na minha mente eu já imaginava um bebê de cabelos castanhos e olhos da cor dos dela.

Então falei com Max, que, como eu imaginava, foi totalmente contra.

— Preciso ter este bebê! Se não quiser fazer por mim, faça por Laura!

— Acredita realmente que está pensando em Laura insistindo tanto para ter um bebê com essa moça?

— Esse bebê será de Laura. Você sabe dos nossos problemas. Por favor, me ajude...

Demorou um tempo para finalmente convencer Max, mesmo assim, ele continuou a me pressionar. Ainda mais depois que Milly perdeu um dos bebês.

— Precisa contar a ela!

— Eu não posso! — Como poderia? Se viesse à tona o que tínhamos feito, iria destruir muitas vidas.

Comecei a sentir o peso da minha obsessão. Mas era muito tarde.

Eu só precisaria manter aquele segredo para mim, afinal, Milly nunca seria minha. Ela seguiria sua vida com Joshua. E eu a minha com Laura.

Então tudo mudou. Laura me deixou e eu fiquei pensando no que fazer naqueles dois meses. Max me procurou dizendo que talvez fosse o momento de eu contar a verdade, eu relutei.

De que a verdade serviria para Milly?

Eu destruiria seu mundo. A vida que ela escolheu viver com Joshua.

Mas Franchesca veio com a notícia de que Milly estava separada também. E um mundo de possibilidades, antes totalmente impossíveis, se abriu. Eu não estava pensando em nada concreto quando bati na sua porta essa tarde. Eu queria vê-la. Queria saber se era realmente verdade que ela estava livre assim como eu.

Queria saber se ainda existia uma chance para nós.

E estava tudo lá. Os mesmos sentimentos.

E todos eram possíveis.

Infelizmente ainda havia um ponto. Havia o segredo que eu acreditava que fosse morrer comigo e Max.

Eu jamais poderia começar uma vida com Milly mentindo.

E agora ela me odiava.

E eu começava a me odiar também.

Eu queria tudo, agora não tinha mais nada.

Tudo me foi tirado.

Paro o carro e caminho tropegamente ignorando o porteiro que me cumprimenta quando entro no elevador.

Laura abre a porta e me encara surpresa.

— Gabriel? O que aconteceu?

— Laura... Eu fiz algo terrível...

Capítulo 2 5

Milly

Nem sei há quantos dias estou chorando.

É uma dor imensurável. Incontrolável.

Eu contei entre soluços o que Gabriel me confessou, minha mãe ficou tão chocada e revoltada quanto eu. Então me levou para cama e pediu que eu me acalmasse depois pensaríamos no que fazer.

Fazer o quê? Eu não conseguia pensar em meio a minha desolação.

Minha mente ia e voltava ao mesmo ponto: Gabriel me enganou. Meses de mentira. Sobre algo que eu nunca ficaria sabendo se nossa vida não tivesse seguido aquele rumo inesperado com nossas respectivas separações.

Eu ia passar a vida sem saber...

Outro soluço corta meu peito, quando minha mãe entra no quarto e senta ao meu lado.

— Querida, precisa reagir. — Sinto seus dedos nos meus cabelos. — Por favor, eu tenho trazido comida e você mal se alimenta. Precisa sair deste sofrimento...

Finalmente me sento encarando-a.

— Eu não consigo...

— Meu amor, sei que está assustada, mas precisa reagir! Vai ficar sofrendo e chorando até quando? E de que vai adiantar se esconder? Precisa seguir em frente.

— Como? O que o Gabriel fez...

— Sim, Gabriel foi cruel com sua atitude, porém o que está feito, está feito! Você está grávida e a pouco tempo de ter um bebê é algo que não vai mudar.

— É exatamente o que vai mudar. — Digo com meu coração se apertando.

— Milly, eu sei que o que o Gabriel fez foi horrível. Eu mesma tenho uma boa parcela de fúria guardada pra ele e aquele médico bonitinho pelo que fizeram com você. Sei que está sofrendo porque estava apaixonada e

sente-se traída. Mas agora tem que pensar nessa criança.

Eu engulo em seco.

Sim, a criança.

A criança que eu não fazia ideia de que era biologicamente minha. Que crescia dentro de mim sem eu sequer imaginar...

Que seria tirada de mim para sempre sem que eu soubesse a verdade...

Sinto novamente a revolta crescendo.

— Ei, sei que a dor é grande. — Stephanie insiste. — Mas precisa sair da cama. Precisa se alimentar e se preparar para o seu parto. A criança não tem culpa de nada, Milly. Você cuidou bem dela até agora e vai continuar cuidando.

Sim, minha mãe tinha razão. Ainda me sentia atordoada com aquela nova realidade.

Mas precisava reagir.

— Tudo bem. Vou tomar um banho.

— Certo. Depois desça e vamos conversar — ela segura minha mão.

— Tudo vai dar certo, filha.

Consigo esboçar um sorriso triste para deixá-la mais tranquila.

Eu me arrumo e consigo comer o que Stephanie me serve.

— Querida, Gabriel tem ligado o tempo todo.

Empurro o prato, irritada.

— Não quero falar com ele. Nunca mais.

— Terá que falar. Vocês precisarão decidir o que fazer.

Eu mordo os lábios com força.

— Não consigo pensar... Eu só tenho raiva!

— Eu sei. Não tiro sua razão. Também terá que decidir o que vai fazer. O que Gabriel e Max fizeram é crime. E você pode denunciá-los.

— Denunciá-los?

— Sim. É uma escolha sua obviamente. Deus sabe que eles merecem isto e muito mais! Eu disse muitas verdades a ele quando ligou.

— E o que ele disse?

— Ele queria falar com você. Queria conversar. Ele se diz arrependido, pediu desculpas a mim, falei que teria que pedir desculpas a você, embora eu duvide que você o perdoe. Eu deveria contar tudo a Ben!

Ben iria acabar com eles e...

— Mãe, não pode contar ao papai! — Eu podia imaginar a reação do meu pai se ficasse sabendo o que Gabriel fez. Eu não queria mais confusão.

— Não, claro que não. Mas em algum momento ele terá que saber.

— Eu não consigo pensar em nada agora.

— Eu sei. Só que o tempo está passando, Milly...

De repente somos interrompidas pelo som da campainha e sinto um calafrio.

— Se for o Gabriel...

— Não acho que ele viria. — Stephanie tenta me tranquilizar, indo abrir a porta.

Ela troca algumas palavras com a pessoa e então volta.

— Quem é?

— Laura Collins.

Arregalo os olhos.

— O que ela veio fazer aqui? — Levo a mão à barriga automaticamente.

— Eu disse que não quer receber ninguém, ela insistiu.

— Tudo bem. Vou ver o que ela quer.

Vou para sala e lá está Laura Collins. Ainda me parece muito bonita e elegante quando me encara.

— Oi Milly.

— Laura — eu limpo a garganta. — Acho que já sabe...?

— Sim, eu sei.

— E o que quer?

Ela me encara muito séria.

— Eu vim te pedir desculpas.

— Desculpas? Você?

— Eu sinto que de alguma forma eu tenho culpa das péssimas decisões do Gabriel. Eu não podia dar o bebê que ele queria. E ele achava que nossa felicidade dependia de um bebê.

— Gabriel não precisava dos meus óvulos para dar um filho a você — despejo — Podia ser os óvulos de qualquer uma. Ele me usou! Eu disse que nunca daria um filho meu e ele roubou a decisão de mim! Eu nunca ia saber

que tinha um filho. O bebê nasceria, eu o entregaria a você e nunca ficaria sabendo... — paro incapaz continuar. A revolta quase me sufocando.

Saber que Gabriel passou por cima dos meus sentimentos por Laura, doía. Ele teria dado este bebê a ela. O meu filho.

Como eu podia acreditar no amor que ele dizia ter por mim?

— Eu te entendo. Eu... Não fazia ideia do que estava acontecendo a minha volta. Não fazia ideia do que Gabriel estava fazendo. Achava que ele tinha escolhido uma doadora e também uma mulher qualquer para ser a barriga de aluguel. Eu não sabia...

— Pelo visto Gabriel nos enganou — digo com frieza, me perguntando se Gabriel contou a ela o que tinha realmente acontecido entre nós.

— Sim, agora eu sei o que aconteceu entre vocês. — Laura adivinha meus pensamentos — Gabriel me confessou tudo.

— Sinto muito — eu me vejo na obrigação de dizer. Afinal, eu dormi com o marido dela.

— Fiquei chocada... na verdade nem foi pelo caso de vocês. Acho que... fiquei de certa forma aliviada, sabe? Por Gabriel amar alguém. Eu me senti muito culpada por amar Samuel. Eu teria achado até muito bom que ele encontrasse alguém. Então ele me contou o que fez. Como mentiu sobre a fertilização. Fiquei horrorizada.

— Acho que define como eu me senti também.

— Eu imagino.

— E por acaso ele te pediu pra vir aqui?

— Não. Fiquei muito zangada com ele, não tem ideia. E pensei em você também, em como deveria estar se sentindo, se eu, que não fui a mais lesada na situação, me sentia assim...

— Estou péssima. Sinto-me enganada. Perdida, sem saber o que fazer. Eu acho que odeio o Gabriel.

— Não posso tirar sua razão.

— Então o que veio fazer aqui? Você não tem que me pedir desculpas, a culpa é toda de Gabriel.

— Sim, ele errou feio. Mas Milly... Gabriel não é uma pessoa ruim.

— Defendê-lo não vai mudar o que sinto.

— Eu só queria que entendesse um pouco sobre ele. Gabriel sempre

me protegeu. E depois que fiquei doente... Ficou mais intenso. Nós tínhamos problemas no casamento. E de repente ele queria um bebê e eu concordei, mesmo nem tendo tanta certeza. E então nós descobrimos que eu estava doente e comecei a querer um bebê também. Tanto que insisti que fosse feita a inseminação com outro óvulo.

— E por que ele não usou qualquer óvulo? Por que me usou desse jeito? Ele sabia como eu me sentia a respeito!

Laura sorri tristemente.

— Porque ele amava você.

— Eu não entendo esse amor! Ele daria o bebê a você!

— Não acho que o que ele fez foi certo. E tem razão de ter ódio dele neste momento. Eu mesma fiquei chocada e sem acreditar que ele fosse capaz de algo assim. Mas não foi por maldade.

— Foi egoísmo...

— Foi desespero! Ele queria que o bebê fosse seu. Também sabia que você nunca iria concordar. Na mente dele achou que se ninguém nunca soubesse, ele poderia ter tudo. Um bebê seu e salvar nosso casamento. De uma forma distorcida e errada, foi o único jeito. Você tinha o seu marido. E ele tinha a mim. Só não bastaria se não tivesse nada seu.

Ela faz uma pausa e não consigo dizer nada. Eu só choro silenciosamente.

— O maior erro foi não perceber que ele queria você também. E, quando percebeu, o erro já estava feito. O bebê já estava sendo gerado e você não fazia ideia de nada...

— Nada justifica, Laura.

— Talvez não. Só acho que você deve pensar nesse bebê. É filha de vocês dois. Embora você não esperasse, eu me pergunto se não há nem um pouquinho de alegria.

Ela se levanta.

— Eu vou embora. Eu já te disse o que queria dizer. Realmente sinto muito por tudo o que está passando. Adeus, Milly.

Eu apenas a escuto se afastando e minha mãe aparece na minha frente.

— Você está bem?

Nem preciso lhe perguntar se escutou tudo, está escrito na cara dela, não me importo.

— Pareço estar bem? — Levanto-me e vou em direção às escadas. — Quero ficar sozinha.

Ela respeita minha vontade e não me segue.

Eu simplesmente me deixo levar pelo sono. É mais fácil dormir e esquecer.

Eu não quero pensar. Não quero sofrer.

Sinto-me imensamente cansada de tudo.

Acordo no dia seguinte, com barulhos no corredor e vozes desconhecidas. Me levanto e, ao abrir a porta, deparo com alguns homens carregando um móvel e levando para o último quarto do corredor.

— Ei, o que está acontecendo aqui? — pergunto seguindo-os e, ao entrar no quarto, paro chocada.

O lugar antes vazio está cheio de móveis sendo arrastados por homens com uniformes. Dois deles estão colocando uma cortina cor de rosa na janela e uma moça ruiva, com voz estridente, grita ordens para os que acabaram de entrar com o que parece ser uma cômoda.

— Coloquem aqui, perto da janela, por favor! E cadê o berço? O berço deveria ter sido trazido antes de tudo! Como posso saber como ficou...? — de repente ela para ao me ver e abre um grande sorriso. — Oi. Deve ser Milly... pela barriga.

Eu não retribuo seu sorriso e ela fica séria, pigarreando.

— Quem diabos você é e o que significa isso?

Ela vem em minha direção.

— Ah, me desculpe. Não nos conhecemos. Sou Lucy, esposa do Max.

— Oh... — vejo-a sob uma nova ótica. — E quanto a minha pergunta?

— Espero que não fique com raiva — ela sorri meio nervosamente.

— Pelo menos achei que não ficaria brava comigo! Eva me disse que eu deveria ter pedido permissão antes...

— Quem é Eva?

— Minha sogra.

— Sei...

— Eu sei que deveria ter pedido permissão para trazer as coisas da neném... Eu te liguei ontem e sua mãe disse que não iria atender ninguém da família do Gabriel. Bom, eu entendo, não é? Depois de toda a confusão que ele aprontou...

— Por que veio? — eu a corto.

— Não é óbvio? Você precisa das coisas da bebê! Bom, eu estava de olho em tudo para Laura e Gabriel, apesar de ela dizer que iria pedir a Franchesca, depois que eles se separaram, ficou tudo suspenso. Ninguém sabia onde e com quem a bebê ia ficar... a briga andou feia lá em casa. Eu mesma fiquei bem brava com o Max, afinal, ele podia ter me contado, jurava que não tínhamos segredos um para o outro! Acabei tendo que entender, não é? Mesmo assim fui comprando tudo, sabe como é, se eu não pensasse nas coisas práticas, quem pensaria? Então, quando o Gabriel me disse que a criança ficaria com você...

— Espere... O Gabriel disse o quê?

— Ah, olha só, o berço! — Lucy dispara mudando a atenção para os homens que entram no quarto carregando um berço branco.

Eu mordo os lábios com força, olhando em volta.

Lucy lhes dita ordens e rapidamente o berço está posicionado em um canto do quarto e ela começa a retirar várias coisas de tecido na cor rosa e branco de caixas e eu não consigo me mover. Apenas fico ali, vendo tudo se transformar num lindo quarto cor de rosa e branco de menina.

É tão surreal... tão... lindo.

A bebê se mexe na minha barriga e coloco a mão sobre ela protetoramente.

Minha filha. Meu coração se expande com algo novo e extraordinário.

Sinto os dedos de Stephanie em meu ombro e a encaro. Ela está sorrindo.

— Há algo bom nisso tudo, Milly e está na hora de você encarar.

— Eu vou ter mesmo uma filha...

— Sim, vai. — Ela aperta meus ombros. — Essa maluca praticamente implorou para vir trazer as coisas do quarto de bebê e achei que não haveria mal algum. E você vai mesmo precisar de tudo.

— Eu e Gabriel não chegamos a nenhum acordo... — Sinto a velha dor no peito ao pensar nele.

— Acho que é óbvio o que ele quer dizer. Senão não teria pedido para a fada ruiva ali lhe trazer todas estas coisas. Olha Milly, acho que já está na hora de conversarem seriamente.

— Sim, você tem razão...

Caminho para fora do quarto e entro na silenciosa biblioteca, pegando o telefone.

Sinto meu coração pesando como chumbo enquanto espero a ligação se completar.

— Gabriel Collins.

— Gabriel, é Milly.

Gabriel — Milly — mal consigo acreditar que estou ouvindo sua voz.

Alba está parada na minha frente, despachando alguns documentos a dispenso com um aceno e ela desaparece porta afora.

Há dias que tento falar com Milly. E todos os dias sua mãe diz que nunca mais vai querer falar comigo.

E como posso culpá-la?

Minha própria família diz que eu não mereço nada depois do que fiz.

Ainda me lembro do horror de Laura. De como ela gritou que eu estava louco por ter mentido para todos. O que fez com que eu me sentisse ainda mais miserável.

Eu voltei para o hotel que era minha casa nos últimos dois meses me sentindo mais sozinho do que nunca.

E seria assim. Eu estaria sozinho de agora em diante.

Quando me casei com Laura achava que seríamos felizes. E não fomos.

Eu não sabia qual era o problema e então eu conheci Milly. E acreditei que o que eu precisava para ser feliz era um filho.

E corri atrás deste sonho, até encontrar Milly de novo e descobrir que a única coisa que faria sentido era ter um filho com ela. E passei por cima de tudo por causa desta vontade, achando que sairia impune. Acreditando que o universo me devia.

Infelizmente para cada ação existe uma consequência.

E eu estava pagando.

Milly nunca me perdoaria. Jamais.

E pensar em tê-la me odiando para sempre, era o pior castigo que eu poderia ter.

Não havia felicidade sem Milly.

— E o que vai acontecer agora? — Max perguntou depois que eu lhe disse que Milly sabia de tudo e obviamente estava furiosa.

— Não sei. Ela nem quer falar comigo.

— Acho melhor eu contratar um advogado, não? Eu nunca deveria ter concordado com sua ideia absurda. Provavelmente serei processado, além

disso, mamãe e papai estão furiosos comigo.

— Estão mais furiosos comigo do que com você, tenha certeza. E não se preocupe. Assumirei toda a culpa. Não permitirei que seja prejudicado, caso a Milly resolva nos processar.

Agora ela estava ao telefone. Depois de dias de silêncio.

— Nós precisamos conversar — sua voz é quase um sussurro inaudível.

— Sim, claro eu... Você está bem? — pergunto preocupado.

— Não, não estou — ela responde, sinto meu coração se esstraçalhando por saber que estava sofrendo por minha causa.

— Milly, eu... sim, precisamos conversar, venho tentando falar com você...

— O fato de sua cunhada estar aqui arrumando um quarto de bebê...

— Me desculpe, Lucy deveria ter esperado eu falar com você. Há tantas coisas para ser dita...

— Lucy me contou que você disse a ela que a bebê ficará comigo.

Eu fecho os olhos com dor.

De que outra maneira podia ser?

Eu havia cometido um erro terrível, roubando a decisão de ter um filho, de Milly.

E mais ainda, escondendo dela.

— Então, o que ela quis dizer? — Milly insiste.

— Que essa criança é sua. Como sempre deveria ter sido. Sei que nunca irá me perdoar. Sei que te enganei e decepcionei. E que você me odeia — respiro fundo para poder continuar falando. Pelo menos ela estava me ouvindo. — Também sei que a única coisa que posso fazer para ao menos tentar consertar as coisas para você, é abrir mão da criança. Ela é sua Milly, como sempre deveria ter sido, desde o começo.

Ela não diz nada do outro lado do telefone e sinto meu coração sendo destruído cada vez mais.

De repente escuto um gemido de dor.

— Milly, o que aconteceu?

— Oh meu Deus, acho que minha bolsa estourou...

Capítulo 26

Milly

Ouvir a voz de Gabriel mexe comigo.

São tantas emoções juntas se acotovelando por um espaço dentro de mim, que me deixam quase sem fôlego.

E fico ali, meus dedos apertando o telefone com força, enquanto ele dardeja desculpas com sua voz sofrida.

Sei que está sofrendo. E ele merece.

A merda toda é que não sou indiferente a seu sofrimento. E me faz sofrer também. Como se eu já não estivesse mal o bastante.

— *Esta criança é sua, Milly, como sempre deveria ter sido* — ele diz e eu fecho os olhos, segurando minha vontade de chorar.

Eu já havia chorado demais em todos aqueles dias. Estava cansada de sofrer e de odiar.

Queria paz.

De repente sinto uma pontada no baixo ventre. Abro os olhos, resfolegando e colocando a mão na barriga.

O que seria aquilo?

— Milly, o que aconteceu? — Gabriel pergunta do outro lado da linha, ao mesmo tempo que, outra dor forte me faz gritar.

Então olho para o chão e vejo todo aquele líquido...

— Oh meu Deus, acho que minha bolsa estourou...

E o telefone escapa de minhas mãos.

Minha mãe aparece na biblioteca alertada por meu grito e fica lívida quando me vê.

— Milly, sua bolsa estourou!

— Acho que sim... não está na hora...

— Ah isto é bobagem, sua filha vai nascer e é hoje! — ela ri e eu me pergunto como ela pode estar rindo naquela situação.

Eu me sentia completamente apavorada enquanto Stephanie pega o

telefone e faz uma cara confusa.

— Gabriel? É você? — ela me olha e me lembro que larguei Gabriel falando sozinho. — Não precisa gritar! Está tudo bem! Sim, ela vai entrar em trabalho de parto hoje ao que parece. Vou precisar desligar e chamar uma ambulância... Ah, já chamou? Que bom... Sim, eu já falei que ela está bem... — Stephanie revira os olhos. — Está duvidando de mim? Ela é minha filha e sei muito bem como estas coisas funcionam.

Começo a sentir dor de repente e solto um gemido alto.

Escuto o som de uma sirene de ambulância lá fora e não sei se sinto alívio ou medo.

Minha mãe volta para meu lado e segura minha mão.

— Fique calma, querida. São contrações.

— O que o Gabriel disse?

— Ele já ligou para o Max. Vamos levá-la ao hospital e vai ficar tudo bem.

Eu mal consigo me manter consciente nas horas que se seguem.

Tudo passa como um borrão de dor e apreensão, quando sou levada para a sala de parto, Max está lá.

— Ei, Milly, parece que vamos ter trabalho antes do que esperávamos — diz com um sorriso meio contido e vagamente me lembro de que devia odiá-lo por algum motivo, porém só consigo sentir alívio ao vê-lo me examinando, enquanto as enfermeiras me preparam.

— Acho que está cedo.

— São apenas duas semanas. Pode acontecer. E vejo que você já está bem dilatada. Não teremos que esperar muito...

Paro de ouvi-lo ao ser atingida por outra dor e grito sem me preocupar com quem pode ouvir. Alguém segura minha mão e a aperto com força, até que a dor diminui.

Surpreendo-me quando volto à realidade depois do tormento e vejo que estou segurando a mão de Gabriel.

Ele está muito pálido e grita algo para Max.

— Vai mesmo me dizer como devo fazer meu trabalho? — Max grita de volta e uma enfermeira abafa o riso enquanto verifica meu soro.

— Você está bem? — Gabriel me encara preocupado.

— O que você acha? — pergunto me recostando cansada nos

travesseiros. Sei que deveria odiá-lo também, porém não consigo sentir nada além de gratidão por ele estar ali comigo.

— Ela precisa realmente sentir essa dor? — Gabriel pergunta a Max que revira os olhos e me encara, ignorando Gabriel.

— As contrações estão mais fortes, na próxima faça força, ok?

— Não sei se consigo...

— Você consegue Milly, garanto — ele sorri, enquanto eu já começo a resfolegar ao sentir outra contração me rasgar.

— Oh Deus, dói muito.

Max se posiciona concentrado.

— Vai Milly, empurra com força — tento fazer o que ele pede, a dor é forte demais e passa antes que eu consiga.

— Eu não posso...

Gabriel passa a mão na minha testa.

— Ei, está tudo bem. Vai conseguir da próxima vez.

Olho pra ele. Realmente olho para ele pela primeira vez desde que percebi sua presença na sala de parto.

E, por alguns instantes me dou conta de como está acontecendo tão diferente do que eu planejei, de como eu pensei que seria.

Eu era apenas a barriga de aluguel. Max disse que o parto seria cesariana, tudo cronometrado e controlado.

Eu não sentiria nada. O bebê nasceria e eu estaria livre para ir para minha casa sozinha, prosseguir com minha vida.

Agora eu estava ali, com Gabriel do meu lado segurando firmemente minha mão e sentindo todas as dores que significavam que o bebê ia nascer.

Minha bebê.

Minha e de Gabriel.

A enormidade daquela verdade me tira o ar.

E me deixa com um medo terrível do futuro. Eu ia ser mãe, afinal.

O que eu mais desejei desde que senti as batidas do coração do meu bebê que não sobreviveu.

Um dos motivos para eu aceitar ser a barriga de aluguel de Gabriel.

O homem que agora está do meu lado. Com quem tive uma conexão quase imediata desde a primeira vez que o vi.

O homem que eu quis ajudar a realizar seu sonho.

O homem por quem eu nutria um amor tão grande quanto impossível.

E que me enganou.

Por causa dele eu estava ali.

De repente sinto que não importa mais.

Não como importou e me atormentou nos últimos dias. Porque eu estava na iminência de algo tão grande e lindo, que não havia mais lugar no meu coração para o ódio.

Precisava me concentrar na minha filha.

Ela precisava da minha força para trazê-la ao mundo.

Precisava do meu amor.

— Eu sinto muito — Gabriel murmura com um olhar perdido e percebo que estou chorando silenciosamente.

E sei que ele está pedindo perdão por tudo, mais uma vez.

— Não importa mais — respondo e outra contração me faz prender a respiração.

— Vamos lá, faça força — Max pede e coloco toda força que consigo para expelir e, finalmente, sinto-a ser tirada de mim. — Pronto você conseguiu.

Eu me recosto nos travesseiros, exausta, escuto o choro de bebê encher o quarto e abro os olhos ansiosamente quando Max pergunta a Gabriel se quer cortar o cordão.

E depois um ser todo sujinho é colocado no meu colo.

Eu a olho maravilhada.

— É tão linda — Gabriel murmura e eu sorrio pra ele.

— É perfeita... — passo os dedos pelos cabelos castanhos em sua cabecinha.

— Ela tem os seus cabelos — Gabriel diz e eu o encaro. — Ela é sua, Milly. — Seu olhar está cheio de pesar. — Sinto muito por não ter te contado. Só não posso dizer que sinto por ter insistido em concebê-la com você. Talvez nunca vá me perdoar, porém não posso mentir. Eu sempre quis esta criança.

Eu sinto uma pontada de dor com suas palavras, a lembrança do que ele tinha feito, de como a neném no meu colo tinha sido concebida.

— Eu te amo. Vou amar você pra sempre. Mesmo que nunca mais

fiquemos juntos por causa do que eu fiz...

— Gabriel — o interrompo. Seria demais para mim ter aquele tipo de conversa no momento. — Eu não...

— Não, eu preciso falar — ele insiste. — Eu quero que saiba que, por mais que eu ame essa criança, ela é sua agora. Errei por querer tirá-la de você, mesmo sem que soubesse. A única maneira de, pelo menos tentar consertar as coisas de alguma maneira, é abrindo mão dela.

— Você é o pai dela.

— Você é a mãe. Finalmente tem a filha que sempre sonhou, Milly.

Eu engulo o nó na minha garganta, voltando a olhar para a criança no meu colo.

Sim, eu tinha uma filha.

Era meu sonho realizado.

Era o sonho dele também.

Eu o fito.

— É o seu sonho também.

Ele sorri tristemente.

— É só uma parte dele.

Uma enfermeira se aproxima, estendendo a mão.

— Eu preciso levá-la a para limpá-la. Prometo que a trarei de volta assim que possível. — Passo-a para os braços da enfermeira e minha mãe entra no quarto.

— Querida, você está bem? — Gabriel se afasta, dando espaço a Stephanie e sorrio cansadamente.

— Sim...

— Eu a vi é tão linda...

Outra enfermeira se aproxima pedindo que todos saiam para cuidarem de mim e não consigo reclamar, de tão cansada, física e emocionalmente.

Finalmente poderia descansar e deixar todas as decisões do futuro para depois.

Não sei quanto tempo dormi, acordo com Max no quarto verificando

meu soro.

— Olá, Milly, como se sente?

— Um pouco dolorida.

— Sim, é normal, vai passar. A recuperação do parto normal é muito mais fácil que a do parto cesariana. Amanhã à tarde receberá alta.

— Como está o bebê? — pergunto ansiosa e ele sorri.

— Muito bem. Pedirei para trazê-la ao quarto agora que acordou. Devo dizer que ela já recebeu muitas visitas.

Franzo a testa confusa e Max fica sério.

— Minha família. Todos vieram vê-la.

— Ah, entendo.

De repente ele se aproxima com uma expressão grave.

— Milly, nós não tivemos tempo de conversar sobre... — ele para como se não soubesse como continuar.

— Sobre a mentira que você e Gabriel inventaram — continuo.

— Sim, bem colocado. Não existe desculpa para mim, deixei Gabriel me persuadir, pensei que no final estava fazendo mais bem do que mal.

— Você pensou apenas na sua irmã e no seu irmão.

— Sim. Eu arrisquei minha carreira ajudando Gabriel. Nós brigamos muito e, mesmo sabendo que eu seria prejudicado, quis que ele te contasse, ainda mais depois que percebi como estavam envolvidos. Eu deveria saber que ia acabar mal. Enfim, sei que desculpas nunca vão ser o bastante, mesmo assim devo dizer que sinto muito.

Eu não digo nada. O que eu poderia dizer? Começar a gritar e acusá-lo como fiz com Gabriel? De que ia me servir?

— Enfim, estou à disposição seja qual for sua decisão.

Eu assinto.

— Bom, não precisa contratar um advogado se é o que te preocupa. Eu não pretendo processar você ou a clínica.

— Seria seu direito.

— Eu sei. Estou cansada de brigar. Quero apenas... Seguir em frente.

— Tudo bem. Vou pedir para trazerem a menina.

Ele sai do quarto e minha mãe entra em seguida.

— Sentindo-se melhor?

— Sim. Estou ansiosa para ver minha filha limpinha.

— Ah ela é linda demais! Tem seus olhos e seus cabelos. Não tem como dizer que não é sua filha.

A enfermeira entra no quarto carregando o pequeno embrulho e coloca no meu colo.

E eu me derreto de amor como nunca antes ao fitar seus olhinhos castanhos fixos em mim.

Seguro seus dedinhos branquinhos e sorrio.

— Você é muito linda.

— Parece com você quando bebê. Acho que Ben vai dizer a mesma coisa.

Eu a encaro assustada.

— Sim, eu tive que contar. — Ela confirmar— Ele está com muita raiva, tenho certeza que vai se acalmar com o tempo.

— Oh, Deus, já prevejo como vai ser.

— Eu consegui convencê-lo a não vir pra Seattle hoje mesmo com sua espingarda para matar Gabriel, fique tranquila.

— Fico mais aliviada.

— Se bem que seria bom para o Gabriel levar um susto, não acha?

— Ele... Ainda está aí?

— Sim, ele e toda a família. Vai querer ver algum deles? Eu disse que provavelmente você não estaria a fim de ver ninguém depois do que aprontaram!

— Eles não sabiam de nada, mãe.

— Mesmo assim. Eu já fiquei toda preocupada quando eles apareceram em peso no berçário e começaram a brigar para ver quem ia segurar a bebê primeiro.

Eu sorrio imaginando a cena.

— Max não deixou ninguém chegar perto. Disse que era você que iria decidir e eles tiveram que se contentar em ficar olhando pelo vidro.

— Bom, ela é parte da família deles também, não é? Seria cruel da minha parte não deixar que eles a vejam de perto. Pode pedir para eles entrarem.

— Tem certeza?

— Tenho, mãe.

Stephanie se afasta e minutos depois Laura e Lucy entram no quarto acompanhadas de um casal muito bonito que deve ser os pais adotivos de Gabriel e outro homem moreno, muito alto e forte, provavelmente Samuel.

— Olá, Milly — Lucy sorri animada se aproximando, enquanto os outros estão mais comedidos.

— Oi, Lucy.

— Oh, ela é tão lindinha — Lucy diz se inclinando para ver a neném.

— Lucy, amor, não se aproxime tanto — Max entra no quarto.

— Milly, espero que não fique com raiva por estarmos aqui — Laura diz.

— Não, não estou. Claro que vocês querem conhecer a filha de Gabriel.

— Sim, nós estávamos ansiosos — a mulher mais velha se aproxima.
— Eu sou Eva e este é meu marido Henry.

— É um prazer finalmente conhecê-la, Milly — o homem sorri. — E conhecer sua filha também.

— Querem segurá-la?

— Eu primeiro — Lucy dá pulinhos, mas Eva pega a criança do meu colo.

— Ela já tem nome? — Henry pergunta.

— Não, nem tive tempo de pensar nisto.

— Precisa escolher rápido! — Lucy consegue tirar a criança dos braços de Eva — posso te ajudar se quiser.

— Tenho certeza que Milly não vai precisar de sua ajuda — Laura diz, pegando o bebê de Lucy. — Oh, ela é realmente linda Milly, parabéns.

— Obrigada — respondo meio sem graça. Afinal, aquela é a esposa de Gabriel, que seria a mãe do bebê que segura se não estivessem se separando. Ela parece tranquila enquanto mostra a menina para Samuel.

— Bom, acho que já fizeram barulho demais a Milly deve querer descansar. — Max diz e então eu reparo que Gabriel não está ali. Por quê?

Laura passa a bebê para minha mãe que voltou a entrar no quarto e eles se despedem e partem.

— Sobrevivemos, hein? — Stephanie sorri e suspiro aliviada.

— Sim, Gabriel não estava entre eles.

— Eu estava com ele. E perguntei por que não entrou junto com a

família. Ele me disse que não tinha certeza se você ia querer vê-lo.

Eu mordo os lábios, indecisa.

Sim, aquele dia foi repleto de emoções e sabia que conversar com Gabriel não seria nada fácil.

Também sabia que bem lá no fundo não queria mantê-lo afastado.

— Pode pedir pra ele entrar.

Stephanie me passa a bebê.

— Eu vou ver se ele continua no hospital.

— Tudo bem — eu tento conter minha ansiedade quando Stephanie sai do quarto.

Olho para o bebê quando ela começa a choramingar.

— O que foi, querida? — coloco o dedo em seus lábios que ela chupa com gosto e eu rio.

— Oh, será que está com fome?

Será que eu tinha leite? Só havia um jeito de verificar, abro minha camisola, levando-a ao meu seio, sua boquinha prontamente começa a sugar. Sorrio animada, embora seja um tanto dolorido.

— Milly?

Levanto o olhar e vejo Gabriel. Estava tão entretida que nem ouvi a porta abrir.

Fico vermelha quando ele se aproxima.

— Ela estava com fome — justifico dando de ombros e ele sorri.

— Estou vendo.

Ficamos um instante em silêncio e penso no que dizer.

A única coisa que sei é que estou bem.

Estou realmente bem com sua presença neste momento.

— Lucy me perguntou se já tem um nome para ela — Gabriel diz.

— Não pensei nisto — olho para o rostinho da bebê, passando os dedos por seus cabelos. — Podemos chamá-la de Ella? Sempre gostei deste nome.

Eu olho pra Gabriel ele sorri também.

— Ella é perfeito.

Volto à atenção ao bebê que parou de mamar e a seguro na posição de arrotar contra meu peito, acariciando suas costas e volto a fitar Gabriel.

— Quer segurá-la?

Ele parece indeciso, enquanto passo Ella para seu colo. E mesmo muito inseguro, ele a embala direitinho.

Fico apenas olhando os dois, vendo o amor na expressão de Gabriel e me perguntando o que vai acontecer.

Tenho medo.

Então apenas fecho os olhos e deixo para pensar depois.

Devo ter adormecido, quando acordo, o quarto está numa suave penumbra.

— Gabriel? — eu chamo e ele se aproxima.

— Você dormiu.

— Cadê a Ella?

— As enfermeiras a levaram. Já é tarde.

— Você ainda está aqui.

— Eu queria... falar com você.

Eu me sento, sentindo-me tensa.

— Sim, sei que devemos conversar.

— Primeiramente, quero dizer que estava mesmo falando sério quando disse que Ella vai ficar com você.

— Você é o pai dela. Eu aprecio o fato de que tenha decidido deixá-la comigo. Porém eu nunca o afastaria. Mesmo depois de tudo o que aconteceu entre nós... — quero acrescentar: *“mesmo sem saber o que vai acontecer com a gente de agora em diante”*.

— Eu fiz você sofrer — ele diz atormentado. — Eu nunca poderei esquecer o que eu fiz você passar, Milly. Eu fui... Egoísta e até mesmo imaturo em minhas decisões. E você tem toda a razão de me odiar. — Tenho vontade de interrompê-lo e dizer que eu já não tenho certeza se o odeio realmente. Sim, eu senti muita raiva. Agora, com a Ella... Eu quase posso deixar pra lá a maneira errada que ela foi concebida somente para apreciar o milagre que é tê-la comigo.

Gabriel continua.

— Preciso me afastar de você — sinto meu coração quase parar de bater. O que ele estava dizendo? — Pensei muito nos últimos dias... Eu não fui... bom pra você. Só te causei sofrimento. Fiz você ser minha barriga de aluguel, apesar de você não querer. Depois usei seus óvulos sem seu

consentimento. Quis dar uma filha que era sua para outra mulher criar... Nem sei como posso te encarar depois de todo mal que fiz.

Abaixo o olhar sentindo vontade de chorar.

Sim, Gabriel tinha razão. Ele me fez muito mal, embora não tivesse a intenção de ser cruel.

Por outro lado, também me deu o que eu mais amava na minha vida que era nossa filha.

— Nós temos uma filha — digo e, dentro de mim, uma pergunta ecoa. Seria possível perdoar?

Depois de todo sofrimento, eu conseguiria seguir em frente e esquecer?

Eu não sei.

— Vou deixar você em paz — sua voz se alquebra. — Não sou bom o suficiente pra você.

— Gabriel... — sei que não deveria sentir nada com suas palavras, mas sinto meu coração se afundando no peito.

— Eu não suporto pensar que fiz você sofrer. Espero que um dia possa, pelo menos, me perdoar.

— E Ella? — O nó aperta na minha garganta — Deixarei as decisões legais em suas mãos. Vou esperar seu comunicado.

Ele se aproxima segura minha cabeça e beija minha testa.

Começo a chorar e mal vejo quando se afasta.

— Adeus, Milly.

Quando a porta se fecha, quero chamá-lo de volta.

Mas há uma parte de mim que concorda com Gabriel.

Talvez a nossa história tenha acabado realmente. E agora a única conexão que vai nos restar é nossa filha.

Gabriel

O hospital está silencioso naquela hora da noite, quando saio do quarto de Milly e caminho pelo corredor até o berçário. Meus pés pesam como chumbo, assim como meu coração.

Abrir mão dela estava sendo pior do que eu imaginava, o que eu poderia fazer?

Estava apenas antecipando o que ela me diria depois.

Milly jamais me perdoaria. E nisto estávamos de acordo, nem eu me perdoava.

Pelo menos algo de bom havia ficado nisto tudo.

Entro no berçário e a enfermeira de plantão não me impede de entrar e ir até a criança no último berço.

Ella está dormindo, com os olhinhos tão iguais aos de Milly, serenamente fechados. Passo os dedos por seu rostinho branco que faz um contraste lindo como seu cabelo castanho e sorrio. Milly havia dito que não me afastaria dela, eu esperava que não mudasse de ideia depois que toda a emoção do parto passasse e ela voltasse a se lembrar do crápula que eu fui.

Perder Milly já estava sendo muito difícil, perder minha filha seria pior ainda.

Eu ainda lamentava por não poder tê-la realmente comigo todos os dias, como almejava.

Não podia sequer cogitar tirá-la de Milly. Ela era a mãe e eu pelo menos saberia que Ella ficaria bem.

Eu ficaria sozinho. Era um bom castigo para meus pecados.

Inclino-me, beijo a testa de Ella e me afasto.

Meu calvário estava apenas começando.

Capítulo 27

Milly

— Pai, eu disse que não é necessário! — falo pela terceira vez, quando Ben continua insistindo que deve pedir um afastamento de seus afazeres no trabalho para ficar comigo já que Stephanie havia voltado para Vancouver, depois de passar um mês comigo após o nascimento de Ella.

— Vai ficar aqui sozinha com uma criança? Não está certo.

Reviro os olhos e olho pra Josh buscando ajuda.

Joshua toca os ombros de Ben.

— Ben, Milly tem razão. Ela vai ficar bem — lanço a ele um olhar agradecido.

Ainda era um tanto estranho ter Joshua na minha casa.

Como eu previ, Ben contou pra ele o que aconteceu e ele me ligou bastante furioso com o que Gabriel havia feito e eu lhe disse que o assunto não estava mais em discussão.

— Josh, eu não vou ficar discutindo com você sobre o que o Gabriel fez. Foi um erro terrível, agora só quero esquecer. — Disse a mesma coisa que falei ao meu pai quando ele apareceu em casa depois de alguns dias que eu voltei com Ella do hospital. E, assim como Ben, Josh me fez a fatídica pergunta.

— Então vai perdoá-lo e esquecer?

— Não foi o que falei. Ele não está comigo se é o que deseja saber. Nós não estamos juntos.

— E como vai ser? Vai criar sua filha sozinha? Não está certo Milly.

— Vou sim. Sou muito capaz — disse orgulhosa. — Não diga o contrário, Josh.

Na verdade, enquanto ele me encarava em silêncio, tive medo que ele viesse com alguma ideia de reconciliação ou algo do tipo, o que estaria totalmente fora de cogitação.

Não seria porque minha história com Gabriel tinha acabado que eu ia voltar para Josh.

Minha história com Josh havia terminado também.

— Tudo bem, se é o que deseja... saiba que pode contar comigo com o que precisar. E continuo achando que devia ir atrás daquele canalha e quebrar suas pernas.

— Já falei que não é necessário. Não quero mais ficar brigando por algo que não pode ser mudado. Quero olhar pra frente.

E assim, Josh aceitou minha decisão. E até voltou este fim de semana para me visitar com Ben, que agora insistia com sua ideia absurda.

— Vamos Ben, vamos embora antes que a Milly nos expulse — Josh puxa Ben para fora e os acompanho até o carro.

Ben me faz prometer que vou ligar se precisar de alguma coisa e entra no carro com Joshua. Aceno para os dois com um sorriso e entro na casa silenciosa.

É estranho estar sozinha. Minha mãe foi embora ontem, afinal, ela tinha um namorado e uma vida para cuidar. Mesmo assim ficou insistindo que eu fosse morar com ela em Vancouver, o que jamais passou pela minha cabeça, embora eu estivesse, bem lá no fundo, um tanto quanto insegura de ficar sozinha.

Seria apenas Ella e eu agora.

Subo e entro no quarto tirando-a do berço.

Sento com ela numa poltrona e abro minha blusa, lhe dando de mamar.

Olho para o céu azul pela janela. O verão está quase no fim. Talvez eu devesse aproveitar e levar Ella ao parque. Eu só havia saído de casa com ela para ir às consultas médicas.

O que me fazia lembrar que precisava tomar uma decisão o quanto antes sobre Gabriel e quando deixaria que ele ficasse com Ella.

Naquele mês ele não fez nenhuma tentativa de aproximação. Provavelmente como me prometeu, estava deixando as decisões em minhas mãos. Também ouvi de sua cunhada de língua solta, Lucy, que ele estava viajando bastante a trabalho.

— Ele passou quase o mês todo fora — ela falou quanto embalava Ella. Ela e Eva fizeram duas visitas neste mês para ver Ella. Aparentemente Laura tinha viajado para Los Angeles com Samuel. — Ele anda trabalhando dia e noite. Perguntei quando é que ele ia ver Ella, ele só resmungou e me mandou cuidar da minha vida. Isto quando não desliga o telefone na minha

cara.

— Lucy — Eva a advertiu. — Não ligue para o que ela fala Milly. Gabriel está lhe dando tempo, claro que quer participar da vida de Ella. Só quer lhe dar espaço para decidir.

E entendo pelo tom de voz dela que ela acredita que eu não vou deixá-lo ver a criança.

Eu fui assolada pela culpa. Todo aquele mês foi bastante confuso. Cuidar de uma criança recém-nascida não era nada fácil e estava me adaptando.

Obviamente, pensava nele e me perguntava como seria nosso futuro, convivendo apenas por Ella. A verdade é que eu tinha medo.

Medo de sofrer mais ainda.

Eu sentia saudades dele. Pior, sentia saudade daquilo que a gente nem teve, uma vida juntos. A vida que almejei nos meus sonhos mais secretos e que achei ser possível no dia em que ele me contou que não estava mais com Laura.

Depois veio a verdade sobre a inseminação e tudo desmoronou.

Agora, eu estava sozinha. E teria que aprender a conviver com ele por Ella.

Olho-a no meu colo e acaricio seus cabelos, tomando uma decisão súbita.

Gabriel

Solto um palavrão ao ver a mesma mensagem no celular de Lucy pela terceira vez naquela semana.

— Senhor, me desculpe — o garçom diz meio assustado e eu levanto a cabeça, me lembrando de que estou no restaurante e ele está me devolvendo meu cartão.

— Obrigado — digo, tentando ser mais educado, enquanto o garçom se afasta.

Não posso culpá-lo, meu humor não é dos melhores.

De fato, estava péssimo já há algum tempo e ter minha família me pressionando, não me ajudava em nada. Só piorava tudo.

Lucy estava me dizendo que eu deveria deixar de ser “ridículo” e ir ver Ella antes que a menina se formasse no *high school*. E eu não poderia dizer o quanto eu gostaria de ver minha filha, não só a ela, como também a mãe dela que, como eu previ, tinha voltado a me detestar, afinal, ela não me deu nenhum sinal para que eu pudesse me aproximar durante todo o mês.

Talvez eu devesse me conformar com minha sorte. Ou a falta dela.

A verdade era que minha vida estava uma merda.

Guardo o celular e me levanto da mesa.

Ao sair do restaurante olho o céu e está tudo escuro, alguns pingos de chuva começam a cair. E eu me amaldiçoo por ter estacionado o carro longe.

Passo a mão por meus cabelos molhados, olhando o céu escuro, quando, de repente, uma sombra negra se coloca sobre minha cabeça.

Um guarda-chuva.

Um imediato déjà vu passa por mim, quando me viro e a vejo.

Amelia Edwards.

Como há um ano, ela segura um guarda-chuva sobre nossas cabeças.

Mas desta vez não está sozinha. Ela segura uma bebezinha em seu colo. Ella.

E como da outra vez, ela sorri.

— Sabia que era você.

— Milly — balbucio sem acreditar.

Ela morde os lábios, corando levemente.

Este gesto é tão dela, que me faz ter certeza que não estou num dos meus sonhos.

Ela está realmente aqui. Ao meu alcance.

— Oi.

— Você... O que faz aqui?

— Bom, desta vez não foi um mero acaso nos encontrar como um ano atrás, tenha certeza — ela parece meio insegura enquanto me encara. — Acho que o tempo de contar com o destino já passou, não é?

— Como soube onde eu estava?

Ela dá de ombros.

— Estive no seu escritório. Alba me disse que estava almoçando aqui.

Eu não sei o que dizer. Estou tão surpreso e tão... maravilhado com a presença dela que nem sei como agir.

Eu fito a bebê no seu colo, que parece dormir e então me dou conta que ainda está chovendo e Milly segura o guarda-chuva sobre nós.

— Inferno, Milly, o que está pensando ao ficar na chuva com a Ella? — reclamo, tirando o guarda chuva de sua mão, preocupado.

— Estava um lindo sol quando saí de casa, acredite, você sabe como é Seattle.

— Podia ter me ligado.

Ela franze a testa.

— Não gostou que eu viesse atrás de você.

— Milly... Deus... estou... — passo os dedos pelos cabelos, frustrado.
— Tudo o que eu quis neste último mês foi rever você e Ella, como ousa pensar que não estou feliz em vê-la?

— Parece chocado.

— Porque estou.

Ela dá de ombros.

— Eu só queria conversar com você. Como disse, já se passou um mês e sei que devia ter entrando em contato antes... Você também não fez nenhuma tentativa de contato.

— Eu disse que deixaria em suas mãos.

— Foi um mês confuso. Agora... — ela respira fundo. — Acho que já tomei minha decisão.

Prendo a respiração à espera, ela apenas desvia o olhar para o céu quando a chuva aumenta.

Solto uma imprecação.

— Precisamos sair daqui. Onde está seu carro?

— Logo ali na frente.

Eu a conduzo até lá e ela me passa as chaves. Abro a porta do passageiro e a ajudo a entrar, sentando no banco do motorista.

Eu a encaro.

— Acho que podemos ir pra casa — ela diz e concordo, dando partida.

O silêncio no carro é quase opressor até chegarmos. Felizmente a chuva passou e não há necessidade de guarda-chuva para entrarmos.

Eu me sinto nervoso e ansioso e, por que não dizer, com medo. Afinal, não sei o que Milly vai dizer. Devo acreditar que não deve ser algo que me afastará de vez. Para isto teria bastado um simples telefonema.

— Preciso trocá-la e amamentá-la — ela diz quando entramos. — Quer vir comigo?

— Claro — digo ansioso por participar um pouco da vida de Ella.

Eu a sigo ao andar de cima, até o quarto bem decorado do bebê.

— Lucy fez um bom trabalho — elogio e Milly sorri.

— Realmente. — Ela coloca Ella sobre um aparador e pega algumas coisas.

Eu me aproximo timidamente e fico olhando-a tirar a roupa de Ella e começar a trocar sua fralda.

— Ela parece tão tranquila.

— Sim, ela é muito boazinha, só chora quando está com fome ou precisando ser trocada. Não poderia ser um bebê melhor.

Ela acaba de colocar a fralda e me encara.

— Quer tentar vesti-la?

— Eu?

— Exato.

Minhas mãos estão trêmulas quando visto minha filha pela primeira vez.

— Está vendo? Conseguiu facilmente. — Milly diz sorrindo e eu seguro Ella junto ao meu peito, não querendo me separar dela. Ela é tão pequena e tem um cheiro bom de bebê, me faz sentir um amor imenso e uma dor amarga por não poder fazer sempre isso.

Ela começa a choramingar e Milly a pega de volta.

— Está com fome — e, como se fosse a coisa mais natural do mundo, senta-se numa poltrona e abre a blusa lhe dando o seio.

Fico assistindo aquela cena fascinado.

Milly me encara depois de um tempo e fica vermelha.

— Me desculpe, não queria constrangê-la — falo desviando o olhar.

Ela sorri.

— Tudo bem. É só... Estranho tê-lo aqui.

Ela desvia a atenção para Ella e de novo me pego pensando em quais seriam suas decisões.

Enquanto estou ali, vendo Milly e minha filha tão próximas, me dá uma imensa vontade de me ajoelhar e implorar que me deixe ficar.

Para sempre.

Não tenho este direito.

Atormentado, dou um passo para trás.

— O que foi?

— Eu vou... esperá-la lá embaixo.

E me afasto, sem olhar para trás.

Milly

Eu o vejo se afastar, fechando a porta atrás de si e sinto um vazio horrível.

O tempo em que estive no quarto me ajudando a cuidar de Ella foi como uma revelação pra mim.

Percebi que queria aquilo. Queria Gabriel comigo e Ella. Todo o tempo.

Para sempre.

Quando decidi procurá-lo hoje, não sabia bem o que ia dizer. Apenas queria vê-lo, era quase uma necessidade. E queria que ele visse Ella.

E poderíamos conversar sobre ela e decidir como iríamos partilhar sua guarda.

Fiquei mais decepcionada do que deveria quando sua secretária Alba me disse que ele não estava e, percebendo minha decepção, ela me disse onde ele estava e só pude pensar que era uma coincidência incrível que fosse o mesmo restaurante em que nos encontramos um ano atrás, da segunda vez que nos vimos.

E fui atrás dele.

Meu coração bateu forte quando saí do carro ignorando a chuva, com Ella bem protegida debaixo do guarda-chuva e o vi de costas como daquela vez. O cabelo magnífico era inconfundível.

E me aproximei, como se um ímã nos conectasse e disse as mesmas palavras de um ano atrás. E ele se virou me encarando chocada e eu senti todo meu corpo e minha alma voltando à vida só com sua proximidade.

Tão imensamente lindo.

E tudo o que eu queria naquele momento era pedir para esquecermos tudo.

Que podíamos começar de novo.

O medo e a ansiedade se debatiam dentro de mim.

E me perguntava quem venceria enquanto ele dirigia para casa.

A casa que ele havia escolhido pra mim. Que foi dele. A casa dos seus sonhos.

Ela poderia ser nossa?

Olho pra Ella adormecida no meu colo e a coloco no berço.

Eu saio do quarto e desço as escadas com meu coração batendo forte no peito.

Ele está contra as imensas janelas de vidro o sol da tarde voltou a brilhar.

Por um momento não digo nada, apenas fico ali, admirando-o.

Ele nunca foi meu realmente. Porém, eu o desejava como nunca desejei nada na minha vida.

Ele se vira e seus olhos estão atormentados.

— Preciso ir embora.

— Eu quero que fique.

Ele passa os dedos pelos cabelos, frustrado.

— Então, se puder me dizer o que decidiu quanto a Ella...

— Eu te disse. Quero que fique — falo suavemente, andando em sua direção e ele me encara confuso. Paro na sua frente. — Quero que fique para sempre. Comigo. E com Ella.

Seus olhos verdes parecem mais confusos ainda por um momento e então ele dá um passo atrás.

— Milly, o que está dizendo...?

Esboço um sorriso trêmulo.

— Estou dizendo que amo você. Que o perdoo. Que quero ficar com você pra sempre.

Eu não consigo terminar, pois minhas palavras são engolidas por sua boca.

E eu suspiro me derretendo nele, sentindo seu gosto depois de tanto tempo.

É como o paraíso.

Meu corpo estremece de prazer, enquanto nossas línguas dançam como velhas amantes.

Estou tonta de emoção quando o beijo termina e Gabriel me fita ainda com os olhos incrédulos.

— Está falando sério?

Eu rio, puxando seus cabelos.

— Estou. Eu não quero mais ficar longe de você. Quero você aqui, comigo e Ella.

— Mas... eu te magoei.

— Shi... — encosto meus dedos em seus lábios. — Esqueça o passado. Temos o futuro pela frente. Eu, você e nossa filha.

Finalmente ele começa a acreditar em mim e sorri. O sorriso mais lindo do mundo.

E sorrio de volta e começamos a rir.

Ele me beija de novo, devagar e possessivamente, roubando minha capacidade de raciocínio, até que resta somente o desejo.

— Senti tanto a sua falta, tanto... Milly, tanto... — ele beija meu rosto e tira minhas roupas e faço o mesmo com as dele.

Não há mais medo. Não há mais dúvida.

Apenas nós dois, finalmente.

E então ele me fita com seus olhos verdes maravilhosos que brilham de amor e me deslumbram.

— Eu te amo.

Eu sorrio e o abraço, o trazendo pra mim.

— Então me ame agora... e para sempre.

E ele amou.

Epílogo

Milly

Acordo de repente com um barulho estranho. Não que acordar com qualquer barulho não fosse algo comum naqueles três anos em que eu me tornei mãe. Dormir uma noite inteira ou até a hora que eu quisesse, era praticamente um luxo.

Então, abro os olhos e fico atenta. E de novo o barulho, agora inconfundível, de passos no corredor.

Sorrio sabendo exatamente o que significava.

Antes que eu consiga me mover para levantar, os braços de Gabriel me prendem mais e ele resmunga contra meus cabelos.

— Está cedo.

— Acho que Ella pensa diferente — falo divertida, me virando ainda presa e sendo premiada com um sorriso sonolento de Gabriel, que me dá vontade de continuar na cama. Não mais pra dormir. Principalmente quando sinto seus dedos migrando para meus quadris.

— Ela dormiu tarde ontem, duvido que tenha acordado.

— Pois acabei de ouvir seus passos pelo corredor — suspiro, me aconchegando mais ao seu corpo morno. Gabriel abre os olhos, entendendo o que significa. Seus dedos parando com as carícias agora na minha coxa.

— Aquela espertinha deve estar abrindo os presentes de Natal.

— Exatamente. Então acho melhor você me soltar e ver o que sua filha está aprontando.

— Ano passado não tivemos este problema — Gabriel resmunga, finalmente me soltando e saindo da cama.

Eu me espreguiço rindo.

— Ano passado ela tinha só dois anos.

Gabriel passa os dedos pelos cabelos com uma expressão angustiada.

— Três anos, eu nem acredito. Ela está se tornando independente muito rápido ou é impressão minha?

Eu rio ainda mais me levantando e me aproximando.

— Sim, essa é a ideia, querido! É melhor se acostumar que seu bebê está crescendo. Daqui a pouco será escola, seus próprios amigos...

— Pelo amor de Deus, não diga a palavra namorado.

Passo meus braços por sua nuca, rindo de sua expressão torturada.

— Não exagere, amor! Ainda falta muito pra você ter que se preocupar com namorados.

— Acho que pedirei para seu pai me ensinar a atirar. Pois se ela for tão sedutora quanto você, estou muito ferrado.

— Eu sou sedutora?

Ele sorri de lado, com sua boca a centímetros da minha e eu fico na ponta dos pés para beijá-lo. E, como sempre, beijar Gabriel era tão maravilhoso como da primeira vez e me fazia esquecer o mundo ao redor.

Cedo demais, ele se desvencilha de mim.

— Amor, eu gostaria muito de te levar pra cama de novo, porém uma pessoinha deve estar neste momento destruindo a sala — ele me puxa pela mão para fora do quarto.

— Tudo culpa do pai dela que a mimou demais! — digo, como sempre, Gabriel nem se importou com minha reclamação.

— Ei, sei que é cedo e não ouvimos nada, mas é melhor eu ir ver o... — Paro quando chegamos à sala. Como desconfiávamos, Ella está lá sentada entre pacotes de presentes. Para nossa surpresa, ela não está sozinha.

Em seu colo está seu irmãozinho de quatro meses.

— Ella, o que está fazendo com o Nolan? — Vou em sua direção meio apavorada com aquela cena.

Ella levanta o olhar para nós, sorrindo.

— O Nolan quis vir abrir os presentes, mamãe.

Gabriel se adianta e tirou o bebê do colo de Ella, apesar de suas reclamações.

— Como conseguiu tirar o Nolan do berço, Ella? O que foi que conversamos sobre pegar o bebê? — Gabriel a repreende, Ella simplesmente fica de pé batendo os pezinhos, ainda com meia, no chão.

— Eu falei que ele queria ver os presentes!

— Querida, não pode pegar o Nolan sem estarmos por perto, esqueceu? — eu me abaixo segurando suas mãos entre as minhas. — E não inventa que Nolan queria ver os presentes, ele é só um bebezinho. Sabemos

bem que é você que estava ansiosa para abrir os presentes antes da hora.

— Hoje é Natal. E você falou que na manhã de Natal ia poder abrir os presentes!

— Sim, mas nós vamos esperar a nossa família chegar, para abrimos todos juntos.

— A tia Lucy também vem? — Os olhinhos de Ella brilham. Mesmo sendo tão pequena ela já entendia que Tia Lucy era quem mais gostava de dar presentes.

— Sim, a Tia Lucy virá. Então acho que deve subir com o papai e trocar de roupa.

— E que horas vamos ver o vovô Ben?

— Nós vamos almoçar com o vovô Ben em Olympia mais tarde, querida.

Eu me levanto e olho para Gabriel com Nolan no colo.

— Pode trocá-los enquanto preparo tudo?

— Claro.

Ele puxa Ella para o colo também e abro um sorriso ao vê-los se afastando.

Minha família.

Às vezes ainda era surreal quando via como minha vida tinha tomado um rumo tão diferente. Se me dissessem há quatro anos que eu estaria casada com aquele estranho que me salvou na rua, eu riria e acharia absurdo.

Aqui estávamos nós. Juntos, apesar de tudo o que nos separou um dia.

Primeiro veio Ella. E seu nascimento foi o que eu precisava para perdoar Gabriel das mentiras sobre a sua concepção e finalmente começarmos nossa vida juntos. Depois o casamento, quando ambos terminamos legalmente nossas relações anteriores. E tudo ficou mais perfeito ainda. Viver com Gabriel só fazia meu amor por ele aumentar. Tanto que eu não podia deixar de lamentar ainda mais o tempo que perdi tentando ficar casada com Joshua. Amor de verdade era o que eu tinha com Gabriel, sem a menor dúvida.

Para completar, engravidei de novo assim que terminei a faculdade e tivemos Nolan.

Realmente, minha vida não podia estar melhor.

Com um sorriso, vou para a cozinha preparar o café da manhã para

receber a família.

Gabriel

Vestir Ella era cada dia uma tarefa mais difícil, embora não menos prazerosa. Ela estava a cada dia mais cheia de vontades e insistia em usar um vestido que Milly já havia colocado na mala para nossa viagem. Nós iríamos viajar no dia seguinte para visitar Stephanie.

Pensar nesta viagem me faz sorrir, enquanto calço os sapatos em Ella.

— Por que está rindo, papai?

Eu a pego no colo, colocando-a sobre a penteadeira para poder pentear seus cabelos.

— Se eu te contar um segredo, promete não contar a mamãe?

Ela coloca as mãos sobre a boca, rindo.

— Segredo? Um segredo de verdade?

— Sim, um segredo de verdade. Promete?

— Sim, eu prometo. Conta, conta!

— Você e o Nolan vão passar um tempo com a vovó Stephanie em Vancouver e eu e a mamãe vamos viajar.

Ela fica confusa por um momento.

— Viajar pra onde?

— Para uma praia.

— Nós não iremos?

— Não, meu amor. Só eu e a mamãe.

— Eu quero ir!

— Pensei que gostaria de ficar com a vovó.

— Levaremos a vovó também.

— Querida, os adultos às vezes precisam viajar sozinhos. E você vai gostar de ficar com a vovó Stephanie.

— O Nolan vai ficar? Ele é um bebê e sempre fica com a mamãe.

— Sim, o Nolan vai ficar. E você vai cuidar direitinho dele, não é?

Seus olhos se iluminam.

— Sim, eu que vou cuidar! Eu!

Eu rio, beijando seu rosto e colocando-a no chão.

— Lembre-se que é nosso segredo, hein?

Ela balança a cabeça solenemente.

— Eu prometo papai.

Ela sai do quarto correndo e vou até Nolan para trocá-lo.

Embora seja um bebê, a tarefa era infinitamente mais fácil com ele do que com Ella e suas birras, mesmo tendo que trocar fraldas sujas.

E ele está prontinho quando Milly entra no quarto.

— Uau, que eficiência.

— Sim, agora sou quase um profissional, querida.

Ela pega Nolan do meu colo e se senta, abrindo a blusa para amamentá-lo, quando levanta a cabeça e sorri para mim, tão linda e tão imensamente feliz como da primeira vez que eu a vi, há tanto tempo caída naquela rua, penso que esta é a verdadeira felicidade.

Milly e nossos filhos eram o que faltava para eu ser realmente feliz.

— Eu te amo — murmuro, retribuindo seu sorriso e ela morde os lábios.

— Como estamos românticos hoje...

— Estou sendo romântico e você irônica — respondo, começando a arrumar a bagunça da troca de fraldas e ela ri.

— Estou me perguntando como é que você acredita que pode contar um segredo a Ella e achar que ela vai guardá-lo.

Eu a encaro, arregalando os olhos.

— O que ela te contou?

Milly ri mais ainda.

— Ela desceu as escadas correndo pra me contar que você e eu vamos viajar para alguma praia e deixá-la com a minha mãe.

Eu bufo, coçando os cabelos.

— Que pequena linguaruda!

Milly rola os olhos, colocando Nolan para arrotar.

— Querido, ela tem três anos. Obviamente não iria guardar nenhum segredo.

— Deveria ser uma surpresa pra você.

— Bom, realmente foi uma surpresa — ela coloca o bebê no berço. — Então, já que sei de tudo, pode me contar que viagem misteriosa é essa?

Sorrio e a puxo pela blusa e ela vem toda maleável.

— Achei que estávamos precisando de um momento só pra nós dois, senhora Collins.

— Ah é? — ela faz um cara de dúvida. — Viajar sem as crianças?

— Sim, só nós dois, sem ter que acordar a noite com bebê chorando, ou aguentar birras de garotinhas mimadas.

— Sei... Conte-me mais.

— E como estaremos sozinhos — escorrego minha mão por baixo de sua blusa, subindo até seus seios, adorando vê-la ofegar. — Eu poderei fazer isso a qualquer momento. — Abaixo a cabeça e beijo seu pescoço. — E isso... — abaixo ainda mais a cabeça para beijar seu seio, ouvindo-a gemer. — E isso aqui... — deslizo minha mão por sua barriga até o cós da sua calça de pijama, mas antes que consiga chegar onde queria, Ella grita lá embaixo e eu me afasto ao mesmo tempo em que Milly fica rígida em meus braços. — Enfim, poderemos fazer tudo sem que sejamos interrompidos.

— Hum, acho que está me convencendo. Vamos trabalhar nisto mais tarde — ela pisca, ajeitando a roupa.

Foi o tempo de Ella aparecer correndo.

— Estou com fome, por que não desceram ainda?

Olho para Milly e começamos a rir.

— Pronto, já me convenceu — ela fala me dando um beijo rápido antes de se aproximar de Ella e pegá-la no colo.

— Vamos lá, mocinha, vamos encher esta barriga!

Eu pego Nolan no berço.

— Vamos lá, camarada, vamos ver o que nossas garotas estão aprontando.

E saio do quarto para me juntar a minha família na manhã de Natal.

Fim

Agradecimentos

Duas pessoas ajudaram muito nas dúvidas médicas deste livro: As doutoras Luciana Matoso e Luciana Cavalcante. Vocês sempre estão prontas a me ajudarem nas questões médicas das minhas histórias e mais uma vez eu só tenho a agradecer a ajuda.

Também meu muito obrigada a Mariza Miranda, pela ajuda com o texto. E a Carol Carter, a primeira beta reader dessa história há tanto tempo atrás.

Sobre a autora

Juliana Dantas – Leitora voraz de romances, trabalhou durante anos em uma grande rede de livrarias, onde teve a oportunidade de se dedicar à sua grande paixão: os livros. Envolveu-se com a escrita em 2006, de forma amadora, sempre escrevendo fanfics dos seus seriados e livros preferidos e compartilhando com outros fãs em diversas plataformas online. Hoje se dedica integralmente a escrita enquanto planeja viagens pelo mundo, sua outra grande paixão.

E-books Publicados na Amazon:

O Leão de Wall Street

Série Vendetta (composta de 4 volumes).

A Verdade Oculta Segredos que ferem Linha da Vida Longe do Paraíso Espinhos no Paraíso Juntos no Paraíso Espera – Um conto de O Leão de Wall Street Cinzas do Passado Trilogia Dark Paradise (Box) A Outra Segredos e Mentiras Uma vida extraordinária **Contatos:**

E-mail: julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage: <https://www.facebook.com/JulianaDantasAutora/>

Instagram: [instagram.com/julianadantas_autora](https://www.instagram.com/julianadantas_autora) WebSite: <https://www.julianadantasromances.com/>

Caixa Postal: 76964 CEP 05412-972 São Paulo SP

Table of Contents

[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Epílogo](#)